

Patricia Prata

**O CARÁTER INTERTEXTUAL DOS *TRISTES* DE OVÍDIO:
UMA LEITURA DOS ELEMENTOS ÉPICOS VIRGILIANOS**

Instituto de Estudos da Linguagem
Unicamp - Campinas
Fevereiro/2007

Patricia Prata

**O CARÁTER INTERTEXTUAL DOS *TRISTES* DE OVÍDIO:
UMA LEITURA DOS ELEMENTOS ÉPICOS VIRGILIANOS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
como um dos requisitos para a obtenção do título de
Doutora em Linguística, na Área de Letras Clássicas.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos

Fevereiro/2007

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

P887c	Prata, Patricia. “O caráter intertextual dos <i>Tristes</i> de Ovídio: uma leitura dos elementos épicos virgilianos” / Patricia Prata. -- Campinas, SP : [s.n.], 2007. Orientador : Paulo Sérgio de Vasconcellos. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. 1. Ovídio - Tristes. 2. Virgílio - Eneida. 3. Literatura latina. 4. Intertextualidade. 5. Tradução. I. Vasconcellos, Paulo Sérgio de. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.
-------	--

Título em inglês: “Intertextual study of Ovid’s *Tristia*: reading Virgilian epic elements.”

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Ovid – Tristia; Virgil – Aeneid; Latin literature; Intertextuality; Translation.

Área de concentração: Lingüística.

Titulação: Doutor em Lingüística.

Banca examinadora: Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos (orientador), Prof. Dr. Joaquim Brasil Fontes, Prof. Dr. Matheus Trevisam, Prof. Dr. Francisco de Fátima da Silva; Prof. Dr. Marcos Aurelio Pereira; Profa. Dra. Elaine Cristine Sartorelli (suplente); Prof. Dr. João Ângelo de Oliva Neto (suplente) e Prof. Dr. Flávio Ribeiro de Oliveira (suplente).

Data da defesa: 22/02/2007.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Lingüística.

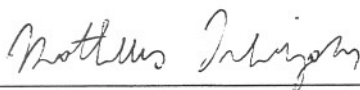
Tese aprovada pela seguinte banca examinadora:



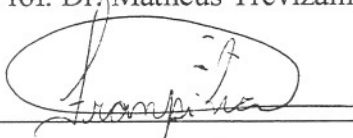
Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos - orientador



Prof. Dr. Joaquim Brasil Fontes



Prof. Dr. Matheus Trevizam



Prof. Dr. Francisco de Fátima da Silva



Prof. Dr. Marcos Aurelio Pereira

Prof^a. Dr^a. Elaine Cristine Sartorelli (suplente)

Prof. Dr. João Ângelo de Oliva Neto (suplente)

Prof. Dr. Flávio Ribeiro de Oliveira (suplente)

Este exemplar e a redação final da tese
defendida por Patricia Peate

e aprovada pela Comissão Julgadora em
03/05/07.

A meus antepassados...

AGRADECIMENTOS

Remeto meu primeiro agradecimento a meus amados pais, pela confiança em mim depositada desde sempre e por terem me apoiado em todos os momentos de minha vida e me sustentado nas situações mais difíceis por que passei. Também quero agradecer a meu orientador, o professor Paulo Sérgio de Vasconcellos, pela orientação, amizade, confiança e sobretudo pela paciência e compreensão. É impossível expressar o quanto ele foi importante para minha formação acadêmica: tive a oportunidade de ser sua aluna na graduação e pós-graduação e, atualmente, sua colega. Também é improvável que consiga exprimir o quanto ele contribuiu, nestes dozes anos de convivência, para a formação de meu caráter, suas qualidades, que não são poucas, sempre inspiraram o meu melhor. Agradeço, ainda, a meu amor Cris, que apareceu em minha vida, em momento tão difícil e descrente, como um facho de luz. Seu companheirismo e cuidado para comigo e com minha vida deram força na reta final da composição desta tese, a ele só posso dizer muito obrigado, com todo meu coração!

Também não posso me esquecer das muitas pessoas que fazem parte da minha vida e que muito me ajudaram:

A meu irmão, simplesmente por sê-lo;

Às minhas afilhadas, simplesmente por existirem;

Às minhas cumadres, Paula e Klara, pelo carinho e cuidado;

À minha caríssima amiga-irmã Renata, pelas conversas, saídas, companheirismo, enfim por tudo que passamos juntas nos momentos finais de nossas pós-graduações;

A minha amiga de sempre, Cris, pelo colo que tem me dado em todos esses muitos anos de convivência e por estar presente em todos os momentos mais importantes de minha vida, seja nos adversos, seja nos de bonança...

À Bibi, pelo rastro de luz que deixa ao passar...;

À Cuca, pela presença de Joana D'Arc... uma guerreira;

À Rosa, pela flor e espinhos,

Ao Chico, pela dádiva e benção de sua amizade;

A meus animais de estimação, pela fiel e constante companhia;

Ao Marco, meu terapeuta, que me ajudou a enxergar além da tese...

Enfim, a todos que de alguma forma estiveram presentes neste momento tão especial de minha vida; ainda que não nomeados, estão em meu coração.

Agradeço também aos professores que aceitaram fazer parte da banca de avaliação de minha tese, principalmente pela compreensão quanto à data de entrega do trabalho. Agradeço ao professor doutor Joaquim Brasil Fontes, por ter composto a banca de meu Mestrado e por aceitar novamente avaliar meu trabalho; aos professores doutores Marcos Aurelio Pereira e Francisco de Fátima da Silva, pelas observações feitas ao meu trabalho na qualificação, que me foram muito valiosas, e ao professor doutor Matheus Trevizam, pela competência, dedicação e sobretudo amizade.

Expresso meus agradecimentos, ainda, a todos os funcionários da biblioteca e da Secretaria de Pós-Graduação do IEL, em especial a Rosemeire Aparecida de Almeida Marcelino e Cláudio Pereira Platero, por terem sido tão prestativos e cordiais e, por fim, à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pelo auxílio financeiro, sem o qual esta pesquisa não teria se desenvolvido a contento.

SUMÁRIO

Resumo.....	xi
Apresentação.....	xiii
PARTE I.....	17
I. A arte intertextual e a literatura latina.....	19
1.1. Um breve panorama teórico dos estudos alusivos clássicos.....	19
1.2. Os atuais desdobramentos da teoria intertextual.....	27
II. Uma leitura das elegias.....	53
2.1. O intertexto épico dos <i>Tristes</i>	53
2.2. O “herói” elegíaco: um protagonista às avessas.....	87
2.3. Elegia vs. Épica.....	100
Considerações finais.....	107
PARTE II.....	113
Sobre a Tradução.....	115
Livro I.....	119
Livro II.....	185
Livro III.....	233
Livro IV.....	297
Livro V.....	353
Referências Bibliográficas.....	415

RESUMO

Esta tese apresenta as discussões atuais sobre intertextualidade no âmbito dos estudos clássicos, mais especificamente, da literatura latina, bem como um estudo intertextual da obra *Tristes* de Ovídio, o qual propõe uma leitura dos elementos épicos desses livros do exílio, baseada no intertexto que divisamos a partir da comparação com a *Eneida* virgiliana e, finalmente, sua tradução anotada, em versão bilíngüe. Tal trabalho, dada a diversidade de seus propósitos, encontra-se dividido em duas partes: a primeira traz a discussão da teoria intertextual e a análise das elegias; a segunda, a tradução dos *Tristes*. A tradução intenta divulgar, além de servir de apoio à leitura intertextual que dela propomos, em língua portuguesa, uma obra muito pouco traduzida e estudada no Brasil. Temos apenas uma tradução completa dos *Tristes* publicada, a de Augusto Velloso, de 1952, que se propõe ser didática, pois é justalinear, seguindo a ordem direta do texto latino, ao passo que em outros países toda a obra de Ovídio vem sendo traduzida e alvo de inúmeros estudos que promovem uma reavaliação crítica de sua poesia.

ABSTRACT

This thesis presents some of the current discussions of intertextuality in the area of classical studies, specifically Latin literature. It also provides a unique reading of the epic elements of Ovid's *Tristia*, based on the intertext furnished by a comparison with Virgil's *Aeneid*, as well as an annotated bilingual translation. The thesis is divided into two parts, the first being the discussion of intertextual theory and the analysis of the elegies, and the second the actual translation. In addition to supporting the intertextual reading proposed, the translation into Portuguese provides access to a literary work which has been little studied and translated in Brazil. There is only one other complete translation of the *Tristia* available: the 1952 translation of Augusto Velloso, which is a line-by-line translation of the original Latin text. In other countries, however, the entire works of Ovid have been translated and have been the focus of numerous studies which have led to a critical revaluation of his poetry.

APRESENTAÇÃO

Gostaríamos de apresentar esta tese de Doutorado, situando-a como uma continuação, e de certa forma um fechamento, do nosso estudo iniciado no Mestrado, intitulado *O caráter alusivo dos “Tristes” de Ovídio: uma leitura intertextual do livro I* (para referência completa, ver bibliografia), o qual discute a teoria intertextual, bem como analisa a composição poética do livro I dos *Tristes* de Ovídio, sob o ponto de vista dessa teoria. Na dissertação, traçamos uma discussão sobre o que vem a ser o jogo intertextual, diferenciando-o do ato de plágio, e sobre as implicações teóricas da intertextualidade, argumentando por que é melhor utilizar tal termo ao invés de *imitatio*, ou mesmo alusão, os quais trazem consigo implicações problemáticas: a presença do autor e, junto com ele, a subjetividade presente em sua intenção; apresentamos, ainda, a questão dos marcadores alusivos, sem muita discussão aprofundada a respeito de seu caráter referencial.

No tocante à análise, tomamos por base a teoria intertextual, proposta sobretudo por estudiosos italianos, como Giorgio Pasquali, Gian Biagio Conte, Alessandro Barchiesi, bem como por estudiosos anglo-americanos, como Stephen Hinds, Jeffrey Wills, entre outros, para examinar o livro I dos *Tristes*, procurando, o que é a meta de estudos que partem de tal teoria, outras leituras e interpretações possíveis, proporcionadas pela percepção da teia alusiva estabelecida no texto. A leitura que entrevemos no livro I dos *Tristes* foi relativa à presença da épica na obra do exílio do autor sulmonense, interpretação esta propiciada pela alusão que o livro I, sobretudo as elegias 2, 3 e 4, faz, em vários momentos, à *Eneida* virgiliana. Na dissertação, por fim, apresentamos a tradução anotada do primeiro livro dos *Tristes* de Ovídio, a qual reapresentamos nesta tese, para que nosso leitor possa ter em mãos toda a obra traduzida.

A presente tese, então, retoma a discussão teórica iniciada na dissertação, tentando questionar e preencher, se isto é possível, as lacunas teóricas deixadas (de fato, normalmente abrem-se novas lacunas ao se fecharem umas), acrescentando os atuais desdobramentos dos estudos intertextuais. Neste sentido, o trabalho aprofunda a discussão dos pressupostos e implicações da intertextualidade, como, por exemplo, o apagamento da intenção do autor e, em consequência disso, o destaque que passa a ser dado ao texto e a

sua relação com o leitor, apresentando as características de cada uma dessas categorias. Também discutimos o caráter nada objetivo, mas sim fluido, dinâmico e desestabilizador, como propõe Barchiesi (1997), da intertextualidade, uma vez que as possibilidades interpretativas de um dado texto são múltiplas e concomitantes.

Neste trabalho, como se verá no primeiro capítulo, também nos baseamos nos estudiosos italianos e anglo-americanos citados anteriormente, bem como em outros, pertencentes ao mesmo grupo de interesse e estudo, que foram acrescentados com a pesquisa bibliográfica, como Philip Hardie e Don Fowler. Recorreremos, ainda, como o fizemos no Mestrado, a outras teorias da linguagem que tocam na questão da intertextualidade: à teoria do dialogismo e polifonia, proposta por Bakhtin, aos estudos semióticos de Kristeva, bem como a outros trabalhos que dizem respeito à estrutura textual e suas implicações, como a discussão de Foucault sobre a questão da autoria, para podermos definir o que vem a ser a teoria intertextual dentro dos estudos clássicos e como essa é utilizada por eles.

A leitura que faremos dos livros II a V que compõem a obra dos *Tristes* segue na mesma direção da que foi sugerida para o livro I no Mestrado: a de procurar semelhanças intertextuais entre essa obra escrita por Ovídio no exílio e a *Eneida* virgiliana, propondo uma reflexão dos elementos épicos presentes naqueles livros. Dessa forma, trazemos novamente à discussão, aprofundando a questão e demonstrando-a nos demais livros que compõem os *Tristes*, a imagem que surgiu da leitura intertextual do livro I: a de um herói à avessas, o elegíaco, mostrando suas diferenças e similaridades com relação ao herói Enéias.. Também retomamos o questionamento que abrimos no final de nossa dissertação sobre o “conflito” genérico que se instaura nos *Tristes*, graças ao intertexto épico que divisamos na personagem ovidiana.

Por fim, apresentamos a tradução anotada dos livros citados, em versão bilíngüe e com notas de rodapé explicativas (ver comentário introdutório à segunda parte, no qual discorreremos um pouco sobre nosso processo tradutório), finalizando, assim, a versão portuguesa dessa obra ovidiana do exílio. Gostaríamos de fazer a ressalva de que não discutiremos, neste trabalho, teoria de tradução, pois sua intenção não é pensar sobre o ato de traduzir, mas sim concretizá-lo, o que não significa, obviamente, que nossa tarefa não se tenha guiado por determinados parâmetros e escolhas conscientes.

Para melhor caracterizar e separar os objetivos desta tese, nós a dividimos em duas partes. A primeira, subdividida em três capítulos, traz a discussão teórica relativa à intertextualidade e arte alusiva, bem como a análise das elegias que compõem os livros II, III, IV e V dos *Tristes* de Ovídio e a conclusão do trabalho; da segunda consta a tradução propriamente dita da obra e a bibliografia utilizada neste trabalho.

PARTE I

I. A ARTE INTERTEXTUAL E A LITERATURA LATINA

*O que foi é o que será.
O que foi feito será feito:
nada de novo sob o sol
(Eccl. I, 9)*

1.1. Um breve panorama teórico dos estudos alusivos clássicos

Os estudos intertextuais vêm ganhando cada vez mais espaço no campo dos estudos clássicos, mais especificamente nos que são relativos à literatura latina, a despeito das controvérsias teóricas que possam surgir. Tais controvérsias dizem respeito ao caráter de tal procedimento literário, o que gera discussões com relação a qual terminologia seria melhor para descrevê-lo.

O termo *imitatio*¹, por exemplo, muito utilizado pelos autores latinos e teóricos da retórica clássica para caracterizar o procedimento literário que está na base da literatura latina, a retomada de modelos que fazem parte de uma mesma tradição literária, pode dar margem a interpretações errôneas por criar uma possível confusão com o ato de plágio ou por ser entendida, num primeiro momento, como uma simples imitação, realizada por falta de “engenho” do escritor, graças ao sentido pejorativo que tomou conta do termo ao longo do tempo. Afora isso, o termo contempla mais o sentido emulativo do que o caráter gerador de sentidos desse recurso, “uma vez que as ‘imitações’ eram vistas como forma de rivalizar com os predecessores, bem como ornamentos que engrandeciam a obra e homenageavam os autores considerados dignos de citação” (Prata, 2002, pp. 31-32).

¹ Em nosso trabalho de Mestrado (mais especificamente no Cap. I – “O jogo alusivo”, para referência completa, ver bibliografia), comparamos o ato de plágio e o processo criativo da *imitatio*, procurando demonstrar suas diferenças e características. Apresentamos, contudo, novamente tal discussão, ainda que de modo abreviado, uma vez que precisamos traçar um panorama da arte intertextual nos estudos da literatura latina antes de discutirmos seus atuais desdobramentos teóricos. Por isso, retomaremos ainda nos parágrafos que seguem a discussão que fizemos, também na referida dissertação, sobre as similaridades e diferenças entre *imitatio*, arte alusiva e intertextualidade, destacando e examinando os pontos mais significativos para nosso trabalho atual.

Pasquali, em seu artigo intitulado “Arte Allusiva”, publicado inicialmente em 1942², considera o termo alusão mais propício à caracterização do processo imitativo, pois não carrega o sentido pejorativo encerrado no termo imitação:

"(...) em poesia culta, dotta, eu procuro o que de uns anos para cá não chamo mais reminiscências, mas alusões, e de bom grado diria evocações e, em certos casos, citações. As reminiscências podem ser involuntárias; as imitações, o poeta pode desejar que passem despercebidas ao público; as alusões não produzem o efeito desejado senão sobre um leitor que se recorda claramente do texto ao qual se refere.” (1968, p. 275)³

Para o autor, o termo alusão, isento de qualquer sentido pejorativo, elimina as possíveis confusões que possa haver com o uso do vocábulo imitação, bem como o caráter involuntário que carrega o termo reminiscências. Tal termo põe em foco o jogo que se estabelece entre o texto alusivo e seus modelos, o qual, segundo o filólogo italiano, é produzido intencional e conscientemente pelo autor e só pode entrar em funcionamento quando as alusões são percebidas pelo leitor capaz de decodificá-las.

As alusões, então, que Pasquali considera um elemento essencial da poesia clássica augustana, mais que da poesia moderna, já que, para ele, o leitor que lê, por exemplo, Virgílio ou Homero deve ter em mente, nos mínimos detalhes, todos ou o maior número possível de textos pertencentes a uma mesma tradição (1968, p. 277), tiram do jogo intertextual o sentido emulativo, o qual dá mais ênfase à intenção do autor de se igualar ou superar um modelo para filiar sua obra a uma tradição do que ao jogo que é posto em funcionamento no momento em que o leitor dele toma consciência. A alusão também dá destaque à figura do autor, o qual também é intencional e consciente; de fato, Pasquali prefere esse termo a reminiscência, que pode dar a entender que tal processo é involuntário e acidental (o que não lhe conferiria *status* de figura de linguagem, já que não poderia ser intencionalmente utilizado pelo escritor, como

² A edição do artigo que tenho em mãos data de 1968 (para referência completa ver bibliografia).

³ “(...) in poesia culta, dotta io cerco quelle che da qualche anno in qua non chiamo più reminiscenze ma allusioni, e volentieri direi evocazioni e in certi casi citazioni. Le reminiscenze possono essere inconsapevoli; le imitazioni, il poeta può desiderare che sfuggano al pubblico; le allusioni non producono l’effetto voluto se non su un lettore che si ricordi chiaramente del testo cui si riferiscono”.

qualquer outro recurso estilístico). Esse autor, porém, mais do que rivalizar com seus predecessores, parece ser o criador de um jogo multiplicador de sentidos, graças às várias leituras e interpretações que se podem entrever no texto alusivo⁴, as quais só são acessadas e acionadas se houver um leitor capaz de percebê-las e decodificá-las.

Como vemos, além do autor intencional e consciente, o termo alusão traz para o centro da cena o leitor, o qual, por ser um leitor-decodificador, segundo comentário de Vasconcellos (2001, p. 28) à definição de alusão do filólogo italiano apresentada acima, tem papel ativo no processo alusivo. Como comentamos em nossa dissertação, “(...) as alusões pressupõem a presença de um leitor que seja capaz de identificá-las para entrarem em funcionamento, pois, somente por intermédio dele, conseguirão produzir o efeito desejado - remeter o leitor ao texto evocado” (Prata, 2002, p. 32).

Esse papel ativo do leitor, bem como do autor, no funcionamento do processo alusivo também fica evidente na caracterização que Pasquali propõe *en passant* dos processos de alusão e de evocação. Como vimos no excerto acima, o filólogo italiano aproxima as alusões das evocações e das citações; não definindo, contudo, cada um desses termos, apenas diz que “a alusão é o meio; a evocação, o fim”⁵ (1968, p. 276). Podemos divisar a definição de ambos os termos pelo comentário feito por Pasquali antes de chegar a tal conclusão, sobre a presença do procedimento alusivo não só na literatura como também em todas as artes.

Para demonstrar tal afirmação, o classicista faz uso de exemplos: um pintor moderno que coloca, por exemplo, numa paisagem que recorda os grandes impressionistas franceses, um personagem moderno, nesse momento, *alude*; um arquiteto, como continua o autor, ao construir um edifício público original *alude*, mas aquele que percebe que se fez alguma alusão ao desenhá-lo, pode-se dizer *evoca* (os grifos são meus). Desse modo, podemos concluir que “a alusão é um processo que resulta na evocação percebida pelo leitor” (Prata, 2002, p. 33), constatando a presença fundamental do leitor, e também do autor, nesse processo, uma vez que a alusão é estabelecida, criada intencionalmente pelo autor.

⁴ E também no(s) modelo(s), como propõe Barchiesi em seu artigo “Otto punti su una mappa dei naufragi” (1997) – para referência completa, ver bibliografia. Para ele, como veremos mais adiante, o diálogo que se estabelece entre um texto alusivo e seu modelo envolve a interpretação de ambos, não de um só (p. 211).

⁵ “(...) l'allusione è il mezzo, l'evocazione il fine”.

Pasquali não salienta em seu artigo, como comenta Vasconcellos, “o aspecto crucial da ‘arte alusiva’ que é a criação de sentido”, mas mostra-se “ciente da importância do intertexto criado pela alusão, que não é mero adorno, mas integra a significação” (2001, pp. 30-31 e 29, respectivamente). Em um breve comentário aos versos 621 e 622 do canto VI da *Eneida*, o autor afirma que tal excerto evoca, entre outros, os versos de Vário, conservados nas *Saturnais* de Macróbio (VI, 1, 39) e que Virgílio *intencionaria* que seu leitor percebesse tal alusão:

“Vário por certo tinha em mente Marco Antônio e nele *Virgílio terá desejado* que pensasse seu leitor...” (1968, p. 278, os grifos são meus)⁶.

Como vemos, o autor italiano mostra-se ciente de que a alusão enriquece, por acrescentar outras leituras possíveis, a interpretação do texto. O filólogo italiano, contudo, não discorreu em seu artigo sobre todas as implicações do que chamou de “arte alusiva”, pois nessas dez páginas não há a intenção, pela sua estrutura breve, de exaurir o assunto, mas sim apresentá-lo e começar a discuti-lo: não podemos nos esquecer de que foi ele quem cunhou a expressão “arte alusiva”, largamente acolhida pelos estudiosos da Antigüidade Clássica para denominar o jogo intertextual.

O termo alusão, contudo, acarreta um problema para os estudiosos da arte intertextual: a intencionalidade do autor (como nos indicam ambos os verbos do excerto de Pasquali acima, *tinha em mente e terá desejado*)⁷. A impossibilidade do acesso direto às intenções de um dado autor⁸, impossível, no caso dos estudos da Antigüidade, pela

⁶ “Vario intendeva certo M. Antonio, e a lui avrà voluto Virgilio che pensasse il suo lettore...”.

⁷ A intencionalidade do autor, tal como sugerida pela formulação de Pasquali do conceito de alusão, acarreta um problema também com relação ao leitor, pois este, para o estudioso italiano, deve ser douto, capacitado para reconhecer a alusão *intencionada* pelo autor. Com isso, poderíamos nos perguntar, sugestionados pela discussão que Fowler apresenta na parte final de seu ensaio “On the shoulders of giants: intertextuality and classical studies” sobre “a questão do direcionamento da referência intertextual” (...*the question of the directionality of intertextual reference*, 2000, p. 129), se o leitor não pode divisar outras alusões, talvez não intencionadas pelo autor, a partir de seu contexto histórico-cultural, de seu conhecimento de mundo, gerado pelas informações a que teve acesso ao longo da vida, entendendo por informações tudo aquilo que faz parte da formação do leitor, incluindo-se aí suas leituras. Sendo assim, podemos ter tantas leituras e interpretações quanto for o número de leitores que têm acesso a uma dada obra, o que tenderia ao infinito. Mais adiante, no item 1.2 deste capítulo, discutiremos tais questionamentos, apresentando suas implicações.

⁸ Podemos, como Foucault, em sua conferência “O que é um autor?”, proferida na *Société Française de Philosophie* em 22 de fevereiro de 1969, (para referência completa, ver bibliografia), pensar o autor como uma função discursiva e não como um ser vivo, cheio de complexidades, as quais não podem ser abarcadas

grande distância de tempo que nos separa dos autores dessa época, leva os classicistas a apresentarem certas ressalvas com relação ao emblema “arte alusiva” para denominar tal processo literário de diálogo entre textos. Para se esquivarem da controversa figura do autor e, principalmente, de sua intenção⁹, os estudiosos recorreram a outro termo, intertextualidade, daí “arte intertextual”, trazendo para o foco o que realmente importa em tal jogo: o texto e o leitor, que, através de suas leituras, multiplica as possibilidades interpretativas de um dado texto, e descartando a subjetividade que carrega o termo alusão, por pressupor a intenção do autor. Como já apresentamos em nosso Mestrado um breve histórico do nascimento da expressão intertextualidade, citamo-lo abaixo (fazendo as devidas modificações no texto da dissertação), para melhor situar o leitor (Prata, 2002, pp. 33-35).

O termo intertextualidade foi utilizado pela primeira vez por Kristeva, em seu ensaio "A palavra, o diálogo e o romance"¹⁰, escrito a partir de *Problemas da poética de Dostoiévski* e *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* de Mikhail Bakhtin, para caracterizar as noções de dialogismo e polifonia formuladas pelo escritor russo. Kristeva afirma que Bakhtin foi o primeiro a introduzir na teoria literária a noção de que

"(...) todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é a absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a de *intertextualidade* e a linguagem poética lê-se pelo menos como *dupla*" (1974, p. 64).

Para que a afirmação da autora fique mais clara, é necessário explicitar, ainda que brevemente, a teoria proposta por Bakhtin. O autor considera, segundo Diana de Barros (1994, p. 2)¹¹, “o dialogismo como o princípio constitutivo da linguagem e a

por nenhum estudo. Adiante, discutiremos tal assunto, adentrando um pouco mais na definição do autor como uma função discursiva.

⁹ Veremos mais adiante que nem por isso o autor é descartado, mas sim sua intencionalidade. Ele passa a ser visto como uma função textual, não como um indivíduo de “carne-e-osso” que faz valer seus desejos e intenções (cf. nota anterior).

¹⁰ In: *Introdução à semântica* (1974) - para referência completa, ver bibliografia.

¹¹ "Dialogismo, polifonia e enunciação", in: BARROS, D. & FIORIN, J. (orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: Edusp, 1994.

condição do sentido do discurso”, pois, para ele, em todo discurso é possível encontrar uma relação dialógica, seja na interação verbal, p. ex., autor/leitor, seja na relação que os textos estabelecem entre si. A interação verbal promove um dialogismo intersubjetivo, uma vez que ela pressupõe uma correlação entre sujeitos: o eu do discurso interage com o outro (o interlocutor), no texto. O sujeito, contudo, em Bakhtin, perde a unicidade, pois esse se encontra multifacetado pelas vozes que o compõem, sejam essas históricas, culturais, ideológicas etc. Dessa forma, concordamos com Graham Allen (2000, p. 24) quando esse autor diz que Bakhtin não anuncia a morte do autor, apenas destitui a autoridade de sua voz, considerada um amálgama de muitas outras.

O outro aspecto do dialogismo discursivo é o diálogo entre os textos de uma mesma cultura, “que se instala no interior de cada texto e o define” (Barros, 1994, p. 4). Para o autor russo, o discurso textual é “um mecanismo dinâmico, do qual vocábulo algum pode ser compreendido em si mesmo, já que todos os termos de um texto vêm inseridos em múltiplas situações, em diferentes contextos lingüísticos, históricos e culturais; assim para Bakhtin, *um texto possui sempre um sentido plural*” (Lopes, 1994, p. 70)¹².

Em seu livro *Problemas da poética de Dostoiévski*, Bakhtin complementa o conceito de dialogismo pela criação da noção de polifonia. O autor russo, em tal livro, distingue dois tipos de romances - os monológicos e os polifônicos -, observando a relação entre o autor e seus personagens (cf. Christofe, 1996, p. 60). Os primeiros são aqueles centrados em um único ponto de vista, pois todos os personagens expressam a mesma ideologia - a do autor. Já o romance polifônico, em que se enquadrariam as obras de Dostoiévski, se constitui pela pluralidade, pela presença de várias vozes que compõem seu discurso, uma vez que cada personagem possui sua visão de mundo e ideologia. A polifonia, então, é uma estratégia discursiva que faz parte da estrutura de certos romances, diferentemente do dialogismo, que é o princípio constitutivo da linguagem e do sujeito. Em outras palavras, “o diálogo é a condição da linguagem e do discurso, mas há textos polifônicos e monofônicos, segundo as estratégias discursivas adotadas” (Barros, 1994, p. 4).

¹² "Discurso literário e dialogismo em Bakhtin", in: BARROS, D. & FIORIN, J. (orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: Edusp, 1994.

Resumindo, para Bakhtin o dialogismo é uma característica essencial de toda linguagem, bem como do sujeito; seria sua condição *sine qua non*. Para o autor, todo texto é dialógico, pois ele pressupõe sua interação com o sistema do qual faz parte, ou seja, com outros textos, para poder significar. O sentido de um texto, portanto, não é unívoco, e sim plural, uma vez que esse é lido a partir de muitos outros¹³. A noção de dialogismo é complementada pela noção de polifonia, a qual, para ele, é somente aplicável aos textos literários, que podem ser monofônicos ou polifônicos. Essa distinção presume que há textos que só trazem um ponto de vista, uma ideologia - a do autor, e outros que se constituem pela pluralidade, advinda da interação de pontos de vista que não sejam necessariamente os do autor.

Achamos discutível, contudo, o fato de somente os textos literários serem monofônicos ou polifônicos, e sobretudo essa distinção proposta pelo autor. Consideramos que todo texto é polifônico, não só o literário, bem como que é pouco provável que haja texto, mesmo literário, monofônico. Partindo do pressuposto de Bakhtin de que o texto monofônico é aquele que traz somente o ponto de vista do autor e de que o autor é multifacetado pelas muitas vozes que o compõem, sejam culturais, históricas etc., nos questionamos, por consequência lógica, se o ponto de vista do próprio autor não é multifacetado por vários outros que o compõem. Se o autor é o eu do discurso que nasce conjuntamente ao texto e se o texto, para ser entendido como tal, está necessariamente numa relação dialógica com outros, o que significa dizer que comporta vários pontos de vista e ideologias, ambas as categorias são polifônicas, pois são compostas de muitas vozes, advindas de lugares diversos e que lhes conferem um caráter plural.¹⁴

Voltando para a discussão do surgimento do termo intertextualidade, é a partir dessas idéias que Kristeva define o texto como um “mosaico de citações”, resultado da absorção e transformação de outros textos. Esse processo de transposição mantém os textos em uma relação intertextual, não intersubjetiva, pois, para a autora, a interação não ocorre pela interlocução autor-leitor, mas sim no espaço criado entre ambos, no

¹³ Veremos adiante quando apresentarmos a discussão de Fowler sobre o caráter múltiplo da intertextualidade

¹⁴ A idéia de dialogismo e polifonia serão de certa forma retomadas mais adiante, quando discutirmos o caráter público e múltiplo da intertextualidade, tomando por base a diferenciação que Fowler faz entre alusão e intertextualidade

texto. Assim, o sujeito (entendido como o autor) deixa de ser o centro da interlocução, que passa a ser mediada pelo próprio texto. Ademais, o autor não cria um texto a partir de suas próprias idéias, mas sim, como comenta Allen (2000, p. 35), compila-os de textos preexistentes, pois “o texto não é um objeto individual, isolado, mas, antes, uma compilação de uma textualidade cultural” (p. 36)¹⁵. Dessa forma, o que importa é a interação textual, a qual se estabelece não pela vontade do autor, mas sim pelo código intertextual, que é constitutivo de toda linguagem literária. A intertextualidade, então, é entendida como a presença em um texto de outros (e vice-versa) e não pressupõe a noção de sujeito, pois o que está em jogo é o diálogo textual.

Como vemos, a noção de intertextualidade¹⁶ resolve o problema presente no termo alusão, pois ela aponta somente para “a presença num texto de outro(s) texto(s) por ele evocado(s) e integrado(s) *para produzir significação*” (Vasconcellos, 2001, p. 33)¹⁷, e não para a figura do autor, que é descartada¹⁸. Dessa forma, ao dar foco sobretudo para o texto, ou melhor, para o diálogo entre textos, privilegiando a relação leitor-texto, a intertextualidade elimina a problemática implicação do termo alusão, a subjetividade presente na figura do autor, pois não é ele quem cria e põe em funcionamento o jogo ao aludir de forma consciente e intencional, mas o leitor no momento da leitura. O vocábulo intertextualidade, assim, parece proporcionar um caráter mais objetivo aos estudos intertextuais¹⁹, uma vez que descarta o que não se pode alcançar: a intenção do autor.

¹⁵ “the text is not an individual, isolated object but, rather, a compilation of cultural textuality.”

¹⁶ Consideraremos em nosso trabalho o termo intertextualidade como um definidor da produção literária em geral, e, principalmente, seu uso específico nos estudos intertextuais da Antigüidade Clássica, sobretudo da literatura latina.

¹⁷ Podemos dizer, seguindo a nomenclatura proposta por Genette, em seu *Palimpsestes: la littérature au second degré*, que do diálogo entre o hipertexto (o texto) e os hipotextos (textos evocados) surge o intertexto - os efeitos de sentido gerados por uma leitura não linear, que pressupõe a comparação entre um texto e outros que ele evoca e que cabe ao leitor perceber e interpretar. O autor considera a intertextualidade como “une relation de coprésence entre deux ou plusieurs texts (...) la présence effective d’un texte dans un autre.” (Genette, 1982, p. 8).

¹⁸ Veremos mais adiante que a intertextualidade não elimina a figura do autor, apenas muda o ponto de vista relativo a ela: o autor deixa de ser considerado um ser intencional e consciente, o único e verdadeiro detentor do significado do texto, mas sim uma construção, uma função que nasce com o próprio texto e que pode ser verificada em seu sistema. Mais adiante aprofundaremos tal discussão, tomando por base o conceito de autor proposto por Foucault (1969) e também o comentário de Barchiesi (1997, pp. 210-211) e de Fowler (2000, pp. 117-119) sobre essa questão.

¹⁹ Como veremos adiante, Barchiesi nos mostra o contrário, que o estudo intertextual não é objetivo, mas “impreciso, conjectural, retórico e subjetivo” (1997, p. 212), o que, como o autor comenta, não deve ser motivo de desespero para os críticos.

1.2 Os atuais desdobramentos da teoria intertextual

Mesmo o termo intertextualidade, independente das mudanças que acarreta em relação ao vocábulo alusão, causa desgostos e discussão sobre sua importância e inovação. Don Fowler (2000) inicia seu texto, “On the shoulders of giants: intertextuality and classical studies”²⁰, apresentando como epígrafe um excerto de David West (1995) que traz uma crítica “melancólica”, utilizando o adjetivo de Fowler para caracterizar o tom de West, à teoria intertextual.

Para West, a intertextualidade não tem uma base teórica que possa nos ajudar a entender os textos, pois, como comenta com relação ao campo dos estudos da literatura latina, ela não produz conhecimento novo, “mas tão somente novos termos para descrever velhas práticas e com eles, obscuridade e banalidade, escrita pretenciosa e leitura penitente”²¹. West chega a fazer um apelo aos jovens estudantes para que relembram, joguem fora (*cast out*) tal teoria. Na verdade, West renega, como vemos em seu comentário, toda teoria utilizada nos trabalhos modernos relativos à Antigüidade Clássica, mais especificamente, à literatura latina. A noção de intertextualidade apenas exemplifica como é vão servir-se de teorias que, para ele, nada acrescentam; em sua opinião, os estudiosos deveriam trabalhar diretamente com os textos, monumentos, objetos que restaram, enfim, com as evidências²².

Fowler comenta que o tom dessa crítica é bem familiar para os estudiosos da Antigüidade Clássica (sobretudo, como ele afirma, para os pesquisadores ingleses), pois, ainda que o termo esteja sendo muito utilizado hoje em dia, tanto no âmbito dos estudos clássicos, como em outras áreas de estudo²³, “nem sempre fica claro que aquilo que ele

²⁰ Esse texto é o capítulo 5 do livro *Roman constructions. Readings in postmodern Latin*, 2000 (para referência completa, ver bibliografia).

²¹ Utilizaremos a tradução, ainda não publicada, que Francisco de Fátima da Silva propôs para esse texto de Fowler.

²² “I am still convinced that a fair amount of modern work with a theoretical basis has not helped us in any way to understand the texts... take intertextuality. In the study of Latin literature this has not produced new knowledge, but new terms to describe old practices, and with these terms nothing except obscurity and banality, pretentious writing and penitential reading. My advice to the young would be to cast out theory, and get down to real work on the texts, the monuments, the surviving objects, the evidence” (WEST, D. *Cast out theory*. Classical Association Presidential Address, 1995, pp. 16-17, apud Fowler, 2000, pp. 115).

²³ Estendendo um pouco mais o conceito de intertextualidade, esta designa não apenas um mecanismo da linguagem literária, mas também da linguagem em geral, como veremos mais abaixo.

traz consigo seja uma novidade em comparação com termos tais como “alusão” e como as práticas de leitura associadas a ele diferem daquelas tradicionais dentro dos estudos clássicos” (2000, pp. 115-116)²⁴. Também considera compreensível que alguém que esteja fora desse campo de estudo se admire com o quanto esse conceito aparece domesticado e cultivado nessa área com relação aos seus usos em outros campos. O estudioso afirma serem ambas as críticas até certo ponto justificáveis, pois não há nada de novo e de excitante nas utilizações que os classicistas fazem da intertextualidade, mas aponta que, de uns anos para cá, tem havido uma mudança expressiva na maneira como os estudiosos da Antigüidade Clássica interpretam as semelhanças entre textos (p. 116).

Como afirma Fowler, os estudiosos da Antigüidade Clássica sempre se preocuparam “com os ‘paralelos’ - com aquilo que está por trás da palavra ‘cf.’” (2000, p. 116)²⁵, uma vez que se privilegia o comentário nessa área de estudo. O problema, segundo ele, é que nunca ficou claro, com os estudos tradicionais, aonde se quer chegar com a constatação de passagens semelhantes, paralelas, uma vez que não se dava foco ao ponto central da atividade: “como os paralelos afetam a interpretação do texto” (p. 116)²⁶. Para Fowler, somente com o estruturalismo e seu *insight* de que o significado é produzido no sistema do texto, e não de forma isolada, é que o foco mudou para o mecanismo de construção do significado do texto (o qual não é estabelecido pela intenção do autor, mas sim pelo/no sistema textual):

“Não se lê um texto de forma isolada, mas dentro de uma matriz de possibilidades, constituída por textos já existentes, que funciona da mesma forma que a *langue* com relação à *parole* na produção textual individual: sem esse pano de fundo, o texto seria literalmente ilegível, assim como também não haveria possibilidades de sentido. Ler um texto, com isso, envolve um processo de estágio duplo: uma reconstrução da matriz que lhe dá significado e a produção do significado pelo ato de relacionar textos de partida e textos de

²⁴ “‘Intertextuality’ is a term much used today, both within classics and more widely, but it is indeed not always clear what it brings with it that is novel in comparison with competing terms such as ‘allusion’, and how the reading practices associated with it differ from those traditional within classical studies”.

²⁵ “Classicists have always been concerned with ‘parallels’ – with what goes after the magic word ‘cf.’”

²⁶ “... how the parallels affect the interpretation of the text.”

chegada. A explicação racional do ‘cf.’ agora está clara: os ‘paralelos’ constituem o sistema no qual o texto é lido.” (p. 117)²⁷

Dessa forma, o autor se propõe, na primeira parte de seu artigo, apresentar a base comum dos trabalhos recentes sobre intertextualidade e suas diferenças com relação às antigas discussões sobre alusão. A alteração dos termos (de alusão, imitação, para intertextualidade) teria provocado mudanças nos pontos de vista dos estudos clássicos no tocante à observação e análise do diálogo que se estabelece entre textos, embora, como comenta Fowler a partir de suas considerações sobre alguns artigos relativos à intertextualidade publicados em um número especial da revista *Materiali e discussioni*²⁸, haja entre os praticantes da intertextualidade tanto desacordo quanto acordo.

No quadro abaixo, o autor resume as mudanças que acarretaram as transformações na forma de ver a relação entre textos:

<i>Alusão</i>	<i>Intertextualidade</i>
Na mente do autor	No (sistema do[s]) texto (s)
Particular	Pública
Singular	Múltipla
Item adicional	Elemento imprescindível
Característica especial da literatura	Característica geral da linguagem e outros sistemas semióticos
Diferença do modelo significativo	Diferença e similaridade (“rastros”) significantes
Ato extratextual (render homenagens, etc.)	Ato intratextual (criar significados) ²⁹

²⁷ “We do not read a text in isolation, but within a matrix of possibilities constituted by earlier texts, which function as *langue* to the *parole* of individual textual production: without this background, the text would be literally unreadable, as there would be no way in which it could have meaning. To read a text thus involves a two-stage process: a reconstruction of the matrix which gives it meaning, and the production of that meaning by the act of relating source- and target-texts. The rationale of ‘cf.’ is now clear: the ‘parallels’ constitute the system within which the text is read.”

²⁸ Entre os quais está o artigo de Barchiesi supracitado em nota.

²⁹ “ <i>Allusion</i>	<i>Intertextuality</i>
In the author’s mind	In the (system of) the text(s)
Private	Public
Single	Multiple
Additional extra	Inescapable element

Como comenta Fowler, as implicações da primeira das mudanças apontadas são controversas entre os estudiosos da Antigüidade Clássica. Tais controvérsias podem ser ocasionadas pelo equívoco de que a intertextualidade desconsidera por completo o autor, quando o que muda é o fato de o jogo alusivo não ser estabelecido pela intenção do sujeito-autor, a qual, sem dúvida, é difícil, ou melhor, impossível de ser apreendida, mas sim pelo/no sistema textual. O autor continua existindo, mas ele não é o sujeito intencional e gerador do processo alusivo, mas sim uma construção, uma função, como diz Foucault (1969), do próprio sistema do texto.

Esse equívoco se confirma pela afirmação de Fowler de que, mesmo os estudiosos que julgam necessário recorrer à figura do autor em suas análises para justificar uma dada referência intertextual (o autor pode, por exemplo, indicar e preservar o direcionamento histórico), não o constroem fora do sistema do texto, como um árbitro externo do significado, mas sim dentro e a partir desse sistema (o que nos indica que eles mesmos querem se esquivar da intenção do autor). Isto então mostra que alguns críticos parecem não ter entendido que o autor não foi descartado pela teoria intertextual, mas sim reavaliado e repensado dentro do sistema textual; em suma, continua existindo, mas não como o criador intencional do significado do texto (que é, na mesma medida, o posicionamento desses mesmos críticos frente ao autor e sua intenção, quando o consideram dentro do sistema textual e não fora dele).

Para demonstrar que os significados não são determinados pela intenção de quem os produziu, Fowler propõe as seguintes situações: se alguém pronuncia uma dada expressão que lhe é peculiar, porque essa alude a uma fala de um parente seu, por exemplo, e deseja, com isso, que seu interlocutor faça a mesma alusão, não quer dizer que ele o fará. O mesmo se dá em uma situação inversa, quando uma pessoa pronuncia algo estruturado na expressão “ser ou não ser” sem ter a intenção, no caso, de aludir a Shakespeare, não quer dizer que o ouvinte não se lembrará do teatrólogo inglês. Em outras palavras, se alguém pronuncia uma frase como “ser professor ou não: eis a questão”, ele pode ou não estar consciente de que essa remete, na tradição ocidental, a

Special feature of ‘literature’	General feature of language and other semiotic systems
Difference from model significant	Difference and similarity (‘traces’) significant
Extratextual act (pays homage etc.)	Intratextual act (creates meaning)” (2000, p. 117)

Shakespeare. Por outro lado, mesmo este alguém estando consciente disso, o destinatário pode não entender a alusão intencional; ou, sem ele estar consciente da alusão, o destinatário pode detectá-la independente do enunciador, porque ela faz parte da memória dos textos citáveis. Como vemos, esses exemplos nos mostram como o controle do que é retomado escapa ao enunciador: o autor de “carne-e-osso” não pode nem determinar (direcionar), nem conter as alusões que o seu texto comporta, pois elas são estabelecidas pelo leitor (ouvinte). Desse modo, podemos dizer que a intertextualidade não leva em consideração o que não pode ser abarcado: a intenção do autor, mas não necessariamente sua figura, pois tal teoria apenas muda a forma de ver o autor.

A questão do autor é também um dos assuntos abordados por Barchiesi em seu artigo intitulado “Otto punti su una mappa dei naufragi” (1997) (o qual foi certamente retomado por Fowler) e que foi inspirado, como ele mesmo comenta, em um catálogo de naufrágios (“A map of shipwrecks”) a que teve acesso em uma viagem feita a Seattle em abril de 1995, onde participou de seminários sobre intertextualidade, e pela metáfora de Jeffrey Wills, em seu livro *Repetition in Latin poetry* - a de que a grande maioria dos teóricos e praticantes dos estudos intertextuais está destinada a se encontrar e desencontrar “como navios na noite”, sem deixar rastro.

Nesse texto, o estudioso italiano propõe oito possíveis pontos de “naufrágio” dos estudos intertextuais, ou, como ele próprio diz, um esboço de um mapa dos freqüentes naufrágios da arte intertextual, ocasionados por diferenças no *modus operandi* dos críticos, isto é, por “problemas” teóricos que se tornam evidentes no momento em que os estudiosos põem em funcionamento o aparato crítico pressuposto pela arte intertextual. Esses naufrágios, estendendo o comentário de Barchiesi sobre os vários modos de se utilizar um mapa desse tipo, podem ser vistos pelos estudiosos da arte intertextual como fracassos e erros, quando, se assim não forem considerados, eles poderiam ser utilizados como um indicador de pontos seguros de navegação ou mesmo como “um precioso rastro de tesouros subaquáticos” (1997, p. 209)³⁰.

³⁰ “...ci sono vari modi di utilizzare una mappa dei naufragi: chi ci vede una memoria di sconfitte o di errori perde l'utilità di usarla come portolano di navigazioni più sicure o il piacere di sognare che sia preziosa traccia di tesori subacquei.”

Na verdade, o que Barchiesi nos apresenta são oito teses sintéticas que ele intenta que sejam entendidas “como antecipações sobre possíveis pontos de consenso operacional entre os estudiosos”, uma vez que muitos deles partem de experiências muito diversas e obtêm resultados apenas parcialmente convergentes, e também “como diferenças com relação ao mais recente passado da filologia clássica” (p. 210)³¹. São uma tentativa de resposta do autor para “uma questão que está implícita em todos os problemas apresentados nesses encontros de estudos: o que está mudando nas pesquisas sobre intertextualidade; quais movimentos críticos estão se firmando em detrimento de outros em um campo de estudo que não foi ‘inventado’ por ninguém em particular e que, pelo contrário, é tão antigo quanto a crítica, mais exatamente, quanto a poesia e sua autoconsciência” (p. 210)³².

Em vários momentos de seu texto, Barchiesi traz a questão do autor à baila, apresentando as preocupações e controvérsias dos classicistas com relação a ele. No segundo ponto de naufrágio, que seria sobre o direcionamento da leitura intertextual, a qual é feita, pelo leitor, do texto alusivo para o modelo e não na ordem (crono)lógica da criação, cujo “percurso é inverso - do modelo para o texto, do antigo para o novo e não do novo para o antigo” (1997, p. 211), o filólogo italiano mostra a importância do autor, pois “cada alusão comporta, se reconhecida, um olhar na direção da produção do texto e da figura do autor” (*id., ibid.*)³³. Esse autor, como diz o classicista, não é um ser intencional, mas sim um construto do próprio texto, pois, em suas palavras, “negar o intencionalismo não significar excluir este olhar na direção da produção do texto”³⁴. Para ele, com relação a esta questão, deve-se insistir que

³¹ “Ecco dunque otto momenti che mi sembrano da indicare, come anticipazioni su possibili punti di consenso operativo, e insieme come differenze rispetto al più recente passato della filologia classica.”

³² “Nei miei appunti di viaggio congressuale si sono depositate otto sintetiche tesi, che vorrei presentare perché spero possano essere accolte come momenti di provvisorio consenso fra studiosi provenienti da esperienze diverse e in cammino verso risultati solo parzialmente concordi. Si tratta della mia risposta a un quesito che è implicito, credo, in tutta l’impostazione di questi incontri di studio: che cosa sta cambiando nelle ricerche sull’intertestualità; quali atteggiamenti critici si stanno affermando a spese di altri in un campo di studio che non è stato ‘inventato’ da nessuno in particolare e che è antico quanto la critica anzi, più esattamente, quanto la poesia e la sua autoscienza.”

³³ “Pertanto ogni allusione comporta, si riconosce, uno sguardo verso la produzione del testo e la figura dell’autore.”

³⁴ “...escludere questo sguardo verso la produzione del testo...” (p. 211).

- “a) a falta de documentos autênticos (material biográfico, autógrafos, epistolários, anotações) enfraquece o papel do autor na filologia clássica;
- b) a intenção do autor é um componente em jogo de força que inclui também a recepção ‘prevista’ pelo autor: ambas são somente estratégias de leitura, não metas finais;
- c) a relação que se estabelece entre um texto e um modelo envolve a interpretação dos dois textos, não de um só.” (*id.*, *ibid.*)³⁵

Como vemos, o autor não determina a alusão que algum texto faça a outro nem seu significado, pois ele não é o criador da teia alusiva, mas sim uma estratégia de leitura, um subterfúgio que ajuda os estudiosos a se localizarem no tempo ou mesmo propor uma unidade significativa para uma dada obra (entenderemos melhor isto ao falarmos sobre o autor foucaultiano mais abaixo). Então, ele é um componente do texto, estabelecido e criado em seu sistema. Ademais, como afirma Barchiesi, não temos documentos suficientes para que possamos ter um vasto conhecimento da vida do autor, o que enfraquece totalmente as análises pautadas em sua intencionalidade.

Por fim, temos a sua observação sobre como os críticos têm se posicionado frente à interpretação intertextual: para eles, somente o texto alusivo é afetado pela relação que estabelece com seu modelo e, por isso, é ele quem deve ser interpretado. Ao dizer que ambos os textos, tanto o modelo quanto o texto alusivo, devem ser interpretados, o filólogo italiano presume que ambas as interpretações estão sempre em aberto e que se influenciam mutuamente: “o novo texto relê o modelo, e o modelo, por sua vez, influencia a leitura do novo texto” (*id.*, *ibid.*)³⁶. Os estudiosos, porém, acabam considerando “o sentido da citação como aberto, problemático, negociável, e o sentido do modelo como racionalmente unívoco e seguro” (*id.*, *ibid.*)³⁷.

³⁵ “(a) la mancanza di documenti autentici (materiale biografico, autografi, epistolari, scartafacci) indebolisce il ruolo dell’autore nella filologia classica (b) l’intenzione dell’autore è una componente in un gioco di forze che include anche la ricezione del testo ‘prevista’ dall’autore: entrambe sono solo strategie di lettura, non traguardi finali (c) il rapporto che lega un testo a un modello coinvolge l’interpretazione di due testi, non di uno solo.”

³⁶ “Il nuovo testo rilegge il suo modello. Il modello a sua volta influenza la lettura del nuovo testo...”

³⁷ “Sappiamo tutti che una procedura diffusa consiste nel considerare il senso della citazione come aperto, problematico, negoziabile, e il senso del modello come ragionevolmente univoco e sicuro.”

Para ele, o perigo que esconde tal necessidade de certezas operativas é o fato de o modelo assumir um caráter positivista, enquanto que às imitações cabem as regras do que ele chama de pós-moderno, que seriam sua estrutura intertextual, sua teia alusiva. Também esconde o perigo de se pensar que “para o intérprete a polissemia do texto imitante encontra um limite na unívoca certeza de saber como o modelo foi recebido pelo imitador” (*id.*, *ibid.*)³⁸. Tal postura acaba por considerar o autor, por definição complexo quando compõe, um simples leitor-imitador: a ele caberia apenas reler e imitar o modelo ao produzir seu texto (o que nos leva a pensar que o texto alusivo seria, por consequência, uma mera imitação). Afora isso, acaba-se levando em conta também a intenção do autor, pois se está interessado em *como* o modelo foi lido pelo imitador.

Sabemos que um texto é algo muito mais complexo do que uma simples releitura proposta intencionalmente por um autor-imitador: ele não pode conter todas as possibilidades interpretativas e alusivas propiciadas por seu texto e ao intérprete cabe ler sua estrutura intertextual (a qual é uma propriedade constitutiva do texto), não as intenções do autor. Uma análise intertextual que leve isso em conta ‘desestabiliza’ não apenas a noção de Verdade do texto imitante, mas a de Verdade latente e unívoca do texto imitado; coloca a ênfase na recepção, com suas complexidades e imponderabilidades.

Em seguida, no que seria o terceiro ponto de naufrágio, Barchiesi discute outro equívoco dos estudiosos da intertextualidade que é a ilusão, promovida pelo desejo do classicista, de que se possa ter acesso direto às informações de um texto. Como comenta Barchiesi, nem o acesso direto aos autores torna “a intertextualidade um laboratório de paredes de vidro” (1997, p. 212)³⁹. Segundo ele, os próprios autores, pela distância de tempo que possa haver entre o momento em que se produziu um determinado texto e a retomada, a releitura do mesmo por outrem, confundem-se quanto à motivação ou à causalidade da semelhança encontrada, por exemplo, entre seu texto, escrito há muito tempo, e algum outro, escrito mais recentemente por um outro autor. Barchiesi nos conta a história de um autor, de poucas publicações, que se encontra na situação acima descrita: ele não sabe dizer se o escritor do texto que tem em mãos, o qual sabidamente

³⁸ “... per l’interprete la polissemia del testo imitante trova un limite nell’univoca certezza di sapere come il modello è stato recepito dall’imitatore...”

³⁹ “... neppure l’accesso diretto agli autori trasforma l’intertestualità in un laboratorio dalle pareti di vetro.”

conhece a produção dele, bem como a si mesmo, imitou intencionalmente (ou mesmo plagiou) um antigo escrito seu ou se a semelhança é devida a uma mera coincidência. E, como completa Barchiesi, por ser o autor desconhecido por ter produzido muito pouco, nenhum crítico se daria conta de tal semelhança (pp. 211-212), mostrando-nos, assim, que as comparações são traçadas pelos leitores a partir de seu conhecimento literário e não pelos autores, que sequer têm domínio sobre elas: eles nem as controlam nem as determinam.

Como vemos, não temos acesso à intenção do autor, nem mesmo o próprio autor sabe dizer se alguma semelhança encontrada entre um texto seu e algum outro de um outro escritor seja motivada ou apenas casual. É difícil considerar sua intenção, pois, se este já morreu, por exemplo, há muito, como é o caso dos autores da Antigüidade Clássica, a grande distância de tempo impossibilita traçar quais seriam suas vontades e desejos; se ele está vivo, também é complicado precisar sua intenção, como vimos pela história narrada por Barchiesi. Saliente-se, ainda, que o texto transcende a vontade de seu escritor, haja vista que mais de um escritor se surpreendeu com o que os críticos acabaram descobrindo em seus textos, coisas que eles próprios não tinham percebido (como, por exemplo, quando perguntaram a Drummond o que significava a “pedra” presente em seu poema *No meio do caminho*, respondeu que nada, para ele era apenas uma pedra que um dia ele topou em seu caminho, as interpretações do valor desse vocábulo ficaram por conta dos leitores e críticos...).

Por fim, Barchiesi apresenta como quarto ponto de naufrágio a necessidade que os críticos têm de justificar a alusão traçada pelos escritores, de certa forma como um modo de perdoá-los por terem imitado e, por isso, modificado o sentido do modelo ao inserir tal referência em um outro contexto. Como vemos, muitos dos estudiosos clássicos ainda colocam o sentido e as alusões de um dado texto na intenção de quem o criou (pois precisam justificá-lo).

Como observamos pelas discussões de Fowler e Barchiesi apresentadas acima, o autor não é um sujeito voluntarioso e consciente, mas sim uma função que nasce com o próprio texto e que lhe dá unidade significativa, um parâmetro para se construir a significação do texto. Para definir melhor o que vem a ser essa função, abriremos pequenos parênteses, retomando, neste momento, parte de nosso artigo “Questões de

autoria na Roma antiga”, em que discutimos o conceito foucaultiano de autor (2005, pp. 223-225)⁴⁰. O texto de Foucault, intitulado “O que é um autor?” (1969), trata não de uma análise histórico-sociológica da noção de autor, mas sim de um problema mais fundamental: “o da construção própria de uma ‘função-autor’, tida como uma função classificadora maior do discurso” (Chartier, 1998, p. 36).

É importante, antes de mais nada, estabelecer o lugar a partir do qual Foucault traça sua discussão. Ele não faz uma análise do tipo histórico-sociológica da personagem do autor, a qual contempla a individualização de tal categoria em nossa sociedade, o *status* que exerce, as pesquisas acerca da autenticidade de uma obra, quando começaram as especulações acerca da vida do autor (as biografias), a importância fundamental para a crítica literária da relação “o-homem-e-a-obra”. Sua preocupação reside na relação texto-autor, em *como* ‘o texto aponta para essa figura que lhe é exterior e anterior, pelo menos na aparência’ (Foucault, 1969, p. 34).

Foucault formula sua discussão apresentando os problemas acarretados pela eliminação da figura do autor. O tão bem planejado, e aparentemente bem concluído, “assassinato do autor” apenas pôs em evidência as lacunas no entendimento de tal categoria. A idéia moderna de que ao autor não cabe senão “representar o papel do morto no jogo da escrita” e que sua marca nada mais é do que “a singularidade de sua ausência” (Foucault, 1969, pp. 36-37) não resolve a dificuldade de lidar com essa “personagem”. Ademais, as noções de obra e escrita, que pretensamente substituem a de autor, além de recorrerem, nem que seja às escondidas, à figura do autor para se definirem, apenas bloqueiam sua aparição, ao ocultarem o que devia ser evidenciado.

A categoria obra é tão difícil de caracterizar quanto a de autor. A crítica moderna, preocupada em avaliar o texto pelo texto, através da observação de sua estruturação lingüístico-discursiva, parte de um pressuposto que se configura como uma poça de areia movediça - a categoria obra. Pois, como questiona Foucault (1969, pp. 37-38): “O que seria uma obra? O que lhe confere unidade? Qual a relação que estabelece com seu autor?” Tais questionamentos carecem de respostas e são os mesmos feitos ao autor. É impossível conceber uma obra sem autor e um autor sem obra, uma vez que tais

⁴⁰ Publicado nos *Cadernos de Qualificações*, do Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp (DL/IEL/UNICAMP) – para referência completa, ver bibliografia.

categorias são complementares e não excludentes. Há uma circularidade na definição do autor e da obra, haja vista a interdependência de ambos.

A escrita, por sua vez, também alude ao autor, por mais que a postura da crítica moderna seja a de desconsiderar o gesto de escrever e qualquer marca que faça referência ao que alguém tenha querido dizer. A escrita é concebida como o lugar de apagamento do sujeito, no qual só cabem questionamentos acerca da inter-relação dos signos e da alusão que estes fazem a diversos outros contextos lingüísticos e culturais, bem como análises da condição espaço-temporal em que as obras foram produzidas. Essa posição, contudo, apenas joga para debaixo do tapete a referência que a escrita faz ao autor, já que ambos são concebidos simultaneamente durante a enunciação. O autor se encontra na origem da escrita, melhor dizendo, em seu processo enunciativo formador.

Desse ponto de vista, a morte do autor é uma forma de torná-lo gigantesco, uma vez que o apagamento de tal categoria só faz trazer à baila o seu funcionamento. O interesse de Foucault reside em “localizar o espaço deixado vazio pelo desaparecimento do autor, seguir de perto a repartição das lacunas e das fissuras e perscrutar os espaços, as funções livres que esse desaparecimento deixa descoberto” (1969, p. 41). Sua proposta, então, é entender o que sobra com a morte do autor, ou seja, o que ela evidencia a respeito de seu caráter, pois é a morte do autor que permite descobrir o jogo de sua função.

A discussão a respeito de qual seria a função autor parte do questionamento acerca das características do nome de autor: “O que é um nome de autor? E como funciona?” (Foucault, 1969, p. 42). Para Foucault, o nome de autor, em princípio, se assemelha a um nome próprio, já que ambos não possuem significação pura e simples, por apresentarem tanto uma função indicadora (designativa) quanto descritiva. O nome próprio e o nome de autor estão situados entre os pólos da descrição e da designação; ambos estabelecem uma ligação com o que nomeiam, mas essa não é totalmente designativa ou descritiva, é antes uma ligação específica.

O nome de autor, contudo, não é um nome próprio como os outros, pois os problemas postos por ele são mais complexos. A ligação entre o nome de autor e o indivíduo nomeado não se dá, como ocorre com o nome próprio, pela relação de

características físico-descritivas, isto é, pela simples nomeação de um indivíduo x, com certas particularidades físicas, a um nome y, mas antes pela conexão que esse possui com a sua obra. Por exemplo, o fato de Homero ter sido uma pessoa ou um grupo de aedos não interfere na sua existência como autor (mas afeta sua existência como pessoa), pois o que importa são os textos reunidos sob seu nome; mas se se descobrisse que não foi Homero que escreveu a *Odisséia*, mas sim Safo, haveria uma alteração no funcionamento de tais nomes de autor, já que seria necessário reavaliar as características sob as quais estão classificadas as suas obras.

O nome de autor, então, não é um simples elemento discursivo muito pelo contrário, é um princípio classificador dos discursos, uma unidade que dá corpo à obra, uma vez que possibilita a reunião, a organização, a seleção, enfim, a delimitação de vários textos sob um único nome, configurando-os em uma obra coesa e coerente. Como diz Foucault (1969, pp. 44-45), “o nome de autor serve para caracterizar um certo modo de ser do discurso”, já que indica que o discurso não é cotidiano ou passageiro, mas sim diferenciado e, por isso, deve ser recebido como tendo outro estatuto. O autor não é visto como um indivíduo que falou ou escreveu algo, mas antes como o “princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como sede de sua coerência” (Foucault, 1970, p. 12).

Sendo a função autor “característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade” (Foucault, 1969, p. 46), resta-nos perguntar como se caracteriza um discurso portador de tal função e em que se opõe a outros. Para tanto, Foucault propõe quatro marcas distintivas da função autor. Primeiro, entre o autor e a obra se estabelece uma relação de propriedade, a partir da qual se reconhece uma relação de risco, já que o autor, sendo o responsável por aquilo que escreve, pode ser punido. Segundo, “a função autor não se exerce de forma universal e constante sobre todos os discursos” (1969, p. 48), pois, de acordo com o momento histórico, vemos discursos serem desprovidos de tal função, ou submetidos a ela. Terceiro, essa função não é estabelecida espontaneamente pela atribuição de um escrito a um autor, mas sim pelo “resultado de uma operação complexa que constrói um certo ser racional a que chamamos autor” (1969, p. 50), ou seja, o autor é construído a partir dos textos que lhe são atribuídos (então, o autor é posterior a sua obra).

Finalmente, a função autor não nos remete a um ser real, mas a posições de sujeito⁴¹ que diferentes indivíduos podem ocupar.⁴²

Como vimos, o autor para Foucault nada mais é do que uma função reguladora do discurso, um princípio organizador que surge a partir de textos já produzidos, que não se exerce igualmente em todos os discursos e épocas e que não faz referência a um ser real”. Partindo dessa definição, a qual se pode entrever tanto na discussão de Fowler quanto na de Barchiesi, observamos que o autor não é descartado pela teoria intertextual, apenas perde sua hegemonia e passa a ser visto como um construto do próprio sistema textual, não como o detentor da chave que abriria as portas para a interpretação única e verdadeira, a supostamente almejada por ele. Por isso, a questão de sua intenção, bem como de seu aniquilamento não devem ser motivo de contendas e controvérsias entre os escritores, pois elas não procedem: o desejo do autor não pode ser alcançado (nem por ele mesmo) e ele se encontra mais vivo que nunca.

Voltando ao quadro de Fowler, vemos que as duas mudanças seguintes de pontos de vista, acarretadas pelo deslocamento de foco da intertextualidade com relação à alusão, dizem respeito ao caráter público e múltiplo daquela, contrário ao caráter particular e singular desta. Afirmar isso significa novamente descartar a constituição da teia alusiva do texto a intenção do autor, pois, no tocante à questão de seu caráter público, sendo a intertextualidade parte essencial do mecanismo da linguagem, ela não é estabelecida pela vontade de alguém em particular, e a percepção de sua existência só se dá no momento da leitura por uma competência própria dos leitores:

“Se a intertextualidade é uma propriedade do sistema literário, então é pública, não privada, e, se percebemos uma determinada semelhança entre dois textos suficientemente marcada como uma alusão, isto se deve a uma competência

⁴¹ Seguindo o raciocínio de Foucault, que toma como base um tratado de matemática, teremos, especificamente, três posições de sujeito: o “eu” do prefácio, o da demonstração, que levanta hipóteses e as conclui, e, finalmente, o “eu” que fala propriamente de seu trabalho, de como foi realizado, de suas dificuldades, de seus resultados e imperfeições (cf. 1969, p. 55-56). Esse desdobramento do autor produz um efeito de apagamento do mesmo, contudo, tal apagamento não significa a morte, o desaparecimento do autor, mas sim demonstra o seu caráter multifacetado, o qual se dilui na obra.

⁴² “Seria tão falso procurar o autor no escritor real como no locutor fictício; a função autor efetua-se na própria cisão – nessa divisão e nessa distância” (*id.*, *ibid.*).

que é comum aos leitores, não ao pensamento particular de um escritor.”
(Fowler, 2000, 118)⁴³

Dessa forma, ver o jogo intertextual como uma característica essencial do sistema literário é deslocar-se da figura do autor para a do leitor. É a este, com seu conhecimento de leituras prévias, que compete visualizar e determinar relações entre textos. Tais relações, por sua vez, são múltiplas, dada a quantidade de textos que fazem parte do sistema literário em que um dado texto alusivo está inserido:

“Da mesma forma, se a intertextualidade implica em reconhecer que interpretar um determinado texto significa lê-lo, tendo como pano de fundo muitos outros textos que constituem o sistema literário, então é um processo inerentemente múltiplo” (*id.*, *ibid.*).⁴⁴

O caráter múltiplo da intertextualidade, que pressupõe que ler um texto é (re)significá-lo a partir de muitos outros que compõem o sistema em que está inserido, aponta para as várias e diversificadas possibilidades de leitura que cabem a um dado texto. A diversidade e a multiplicidade de semelhanças intertextuais que podem ser vislumbradas entre textos são devidas aos leitores: elas serão tantas quantas for a bagagem de leitura do intérprete. Desse modo, como comenta Fowler, falar de uma hierarquia de referência, isto é, que o texto de partida é mais importante que o de chegada (ou vice-versa), não procede, pois cada leitor considerará (ou não), se achar que é relevante, no momento de (e de acordo com) sua leitura, o grau de importância de um texto em relação a outro. Os textos antigos costumam deixar “rastros” (*‘traces’*), usando a metáfora de Fowler, nos recentes e, como esses rastros são múltiplos, a relação entre eles é o que importa para os estudos sobre intertextualidade, não se o texto de partida é mais importante ou não que o de chegada.

⁴³ “If intertextuality is a property of the literary system in this way, then it is public, not private, and whether we count a particular resemblance between two texts as sufficiently marked to count as an allusion is determined by the public competence of readers, not the private thoughts of writers.”

⁴⁴ “Similarly, if intertextuality involves a recognition that interpreting an individual text involves reading it against a background of the many other texts that constitute the literary system, then it is a process that is inherently multiple.”

O caráter público e múltiplo da intertextualidade nos faz voltar à idéia de Barchiesi, discutida anteriormente, de que numa dada relação intertextual tanto o texto quanto o modelo são passíveis de interpretação, pois ambos se influenciam mutuamente (o texto alusivo relê o modelo e este altera, afeta sua interpretação). Nesse jogo, então, não há estabilidade interpretativa, propiciada pela certeza da existência de uma Verdade oculta, única e segura presente no modelo que foi (e deve ser) percebida pelo imitador quando da composição de seu texto e que pode (e também deve) ser alcançada pelo intérprete no momento da leitura. O sentido do texto de partida é tão instável quanto o do texto de chegada, ainda mais quando se centra o foco na recepção do leitor, como o fazem Barchiesi e Fowler: cada leitor valorará ou não um dado texto ou fará uma leitura e/ou não outra de acordo com o seu conhecimento literário. Assim, as interpretações possíveis para os textos que se encontram numa relação intertextual estão sempre em aberto e serão tantas quantas o leitor for capaz de traçá-las.

No terceiro ponto de naufrágio proposto por Barchiesi, também podemos deduzir tais características da intertextualidade, quando ele, a partir de sua discussão sobre o fato de o autor não controlar e determinar as alusões que são percebidas em (ou possibilitadas por) seu texto, como vimos acima, tira duas conclusões importantes sobre o caráter dos estudos intertextuais, as quais parafraseamos aqui:

- a) o estudo intertextual é freqüentemente acusado de exageros: o que é verdadeiro com relação aos textos que temos, mas as novas descobertas de papiros mostram que as alusões e influências a nós visíveis são apenas uma parte da realidade;
- b) como toda atividade humanística, o estudo intertextual não é objetivo, mas impreciso, conjectural, retórico e subjetivo, o que não deve ser motivo de desespero para os críticos (1997, p. 212).⁴⁵

⁴⁵ “(i) lo studio intertestuale è spesso accusato di esagerazione: ciò è vero in proporzione ai testi che abbiamo, ma ogni nuova scoperta di papiri dimostra che la circolazione a noi visibile di allusione è solo una parte della realtà; (ii) non c’è motivo di disperare a proposito dell’oggettività dei nostri strumenti di rilevazione. Il nostro studio è parte di una normale attività umanistica: è impreciso, congetturale, retorico, soggettivo – ma non esiste campo delle scienze umane che sia stato recentemente immune da questo tipo di autocritica.”

As conclusões apresentadas nos mostram que Barchiesi considera o procedimento intertextual público e múltiplo. Ao relatar a acusação de exagero feita aos estudos intertextuais, a qual não procede, como afirma o classicista, uma vez que a descoberta de novos papiros mostram o contrário, ele demonstra as diversificadas leituras e interpretações propostas, as quais só são possíveis porque não encontram um limite na intenção do autor do modelo nem do imitador, mas sim são devidas aos intérpretes, isto é, de domínio público e não privado (da intenção de um único autor). Ademais, as várias possibilidades interpretativas também nos mostram a grande multiplicidade de textos que fazem parte do sistema literário em que o texto alusivo está inserido. As consequências dessas propriedades da intertextualidade a tornam, como nos indica a segunda conclusão de Barchiesi acima, um estudo nada objetivo, mas sim subjetivo, pois a criação de sentido vem da leitura intertextual feita pelo, de acordo com sua competência literária.

De certa forma, Barchiesi também toca na questão da hierarquia referencial discutida por Fowler. Quando o classicista italiano considera que, no momento em que se verifica um diálogo entre textos, tanto o texto quanto o modelo são passíveis de (re)interpretação (não somente o texto alusivo, como supõem muitos estudiosos da área), ele tira a importância do modelo, cujo sentido é considerado tradicionalmente “fechado”, isto é, único e verdadeiro, em oposição ao do texto alusivo que estaria “em aberto”. Para Barchiesi, nenhum texto é fechado interpretativamente, a quantidade de leituras possíveis é imponderável. Como falamos anteriormente, o estudioso italiano considera que as leituras estão sempre em aberto e se influenciam, o novo texto ressignifica o modelo e este influencia a leitura do novo texto. Desse modo, temos apenas interpretações e leituras que cabem a ambos os textos e que variam conforme o leitor que as estabelece, sem haver valorização de uma em detrimento da outra. Concluindo com Fowler, o que temos são rastros que são deixados nos textos e o que interessa à intertextualidade é a relação que se estabelece entre eles, não seu grau de importância (se é que este existe!).

A próxima mudança proposta por Fowler diz respeito ao fato de a intertextualidade ser um elemento imprescindível do sistema literário, uma vez que é uma propriedade dele, e não um elemento *extra* como o é a alusão, dado o seu caráter de

figura de linguagem: como vimos quando da exposição do texto “Arte allusiva”, Pasquali prefere o termo alusão a reminiscência, porque aquele termo sugere que as semelhanças percebidas entre textos são resultado da utilização intencional de um recurso estilístico pelo escritor quando da composição de seu texto, não de um ato involuntário e acidental, pressuposto pelo termo reminiscência. Essa mudança pressupõe a que segue no quadro de Fowler, a de que a intertextualidade é uma característica geral da linguagem literária e não um elemento especial da literatura como o é a alusão:

“A alusão era representada como um “acessório”, adicionado a tipos especiais de textos por um autor que quisesse apontar um ponto especial; a intertextualidade, por outro lado, é simplesmente a forma na qual os textos – todos os textos – significam. O sistema textual existe antes de qualquer texto, e os textos nascem sempre dentro desse sistema, queira ou não. Assim como ninguém escapa de sua situação histórica, nenhum texto pode existir, exceto se estiver de acordo com as matrizes de possibilidades criadas por aqueles textos pré-existentes” (Fowler, 2000, p. 119).⁴⁶

Como vemos, a alusão é tradicionalmente retratada como um recurso de linguagem, um elemento extra, uma propriedade especial da literatura, utilizada pelo autor para chamar a atenção para algum ponto que considera importante, ao passo que a intertextualidade é uma característica geral da linguagem (e também de todos os sistemas semióticos, como afirma Fowler), mais especificamente, como nos interessa aqui, da linguagem literária. Como diz Fowler a intertextualidade é o *como* os textos, todos, significam, nenhum deles sendo gerado fora de seu sistema textual, o qual preexiste a ele. Dessa forma, diferentemente da alusão, que é um elemento extratextual, como nos mostra a última mudança de ponto de vista da intertextualidade indicada por Fowler em seu quadro, atrelado aos desejos do autor, a intertextualidade é um elemento intratextual, constitutivo da linguagem literária (e da linguagem em geral).

⁴⁶ “Allusion was figured as an ‘extra’, a bit added to special types of text by an author who wanted to make a special point: intertextuality, on the other hand, is simply the way in which texts – all texts – mean. The textual system exists before any text, and texts are born always already situated within that system, like it or not. Just as no person can escape her or his historical situatedness, so no text can exist except against the matrix of possibilities created by those pre-existing texts.”

Enquanto o estudo da alusão pauta suas análises na busca de respostas para questões relativas à função de uma dada referência em textos (seria para demonstrar conhecimento? render homenagens? superar um modelo? reconhecer uma dívida com algum autor?), a intertextualidade focaliza a criação de significados. Desse modo, os estudos alusivos se preocupam em desvendar as intenções do autor, em questionar o(s) motivo(s) que o levou(aram) a utilizar tal recurso da linguagem literária (prestar homenagem, superar o modelo etc.), ao passo que os estudos intertextuais se interessam pela produção de significados que se dá no(s) texto(s), através de uma dialética entre semelhança e diferença. Como diz Fowler, embora muitos críticos insistam em questionamentos como os apresentados acima,

“o foco tem sido ultimamente na forma em que a intertextualidade cria significados nos textos através de uma dialética entre semelhança e diferença. Embora a diferença permaneça altamente significativa, houve uma mudança importante na forma em que os textos de partida são vistos, como textos que deixam rastros de si mesmos no texto de chegada” (2000, p. 121).⁴⁷

Gostaríamos de fazer um breve comentário sobre o que entendemos por alusão e como vemos tal conceito em comparação com a intertextualidade. Não consideramos a alusão como um mecanismo de linguagem, seja um recurso estilístico, seja um processo análogo ao da intertextualidade, mas sim como um dos componentes do mecanismo intertextual, no sentido de que é através da alusão percebida pelo leitor que o mecanismo intertextual é acionado. Para nós, o termo alusão é entendido como o denominador da referência que um texto faz a outro(s) e que os coloca em uma relação intertextual. Acreditamos que o ato de aludir gera o intertexto, pois o leitor é levado pela alusão que nele é evocada a comparar textos e a entrever outras leituras em sua teia alusiva - o que entendemos por intertexto. A alusão seria, então, uma das engrenagens do mecanismo

⁴⁷ “... the focus in recent years has been on the way in which intertextuality creates meaning in texts through a dialectic between resemblance and difference. Although difference remains highly significant, there has been a major change in the way that the earlier texts are again now seen to leave ‘traces’ of themselves within the target text.”

intertextual: o processo intertextual é posto em movimento quando o leitor o aciona pelo ato de aludir; a alusão, assim, gera o intertexto.

Quanto à dialética entre semelhança e diferença, podemos dizer que as análises dos paralelos estabelecidos entre textos se baseiam em questionamentos do tipo: qual é a semelhança ou a diferença que há entre eles? ao ser deslocado de seu contexto, que transformação sofreu o texto evocado no texto que o cita? Como observamos na penúltima mudança proposta por Fowler em seu quadro, a alusão pressupõe análises que levam em conta a diferença que o texto alusivo tem em relação ao modelo que o significa, enquanto que a intertextualidade aceita tanto a similaridade quanto a diferença entre textos. Ainda que os estudos intertextuais relativos aos textos clássicos se pautem mais na diferença, como afirma Fowler no excerto citado acima, do que na semelhança, houve uma mudança significativa na forma de ver os paralelos que se estabelecem entre eles. Tradicionalmente, os críticos consideram que o texto alusivo modifica seu modelo, diferenciando-se deste, quando o próprio texto de partida também pode deixar rastros no de chegada, propiciando uma leitura comparativa, e não diferencial, entre fatos e personagens de ambos os textos. Admitindo traços do texto de partida no de chegada, enriquecemos a leitura do texto alusivo: ele é diferente de seu modelo na medida em que traz características semelhantes a ele em um outro contexto. Alteramos, desse modo, nossa percepção do texto de partida: ele não será apenas diferente de seu modelo, mas percebido, contemplado *como* ele, numa sobreposição de semelhanças e diferenças.⁴⁸

Ampliando um pouco a discussão sobre como o processo alusivo afeta a leitura dos textos nele implicados, incluindo-se aí não só o de chegada, como também o de partida, retomamos a discussão de Barchiesi vista anteriormente sobre o equívoco dos estudiosos da arte intertextual de considerarem o sentido do modelo como “fechado” e o do texto alusivo como “aberto”. Ao considerar que “as alusões são combinações entre dois textos, ambos para se interpretar, e que se interpretam alternadamente, não

⁴⁸ Vale a pena aqui citar o comentário de Fowler a respeito da relação entre a intertextualidade e a metáfora dos “rastros”, bem como sua relação com o desconstrutivismo: “This approach to intertextuality, and the metaphor of the trace, has obvious links with the deconstructive approaches, and with the notion that even when explicitly denied or changed, aspects of source-texts may be present under erasure, ready to be ‘flipped’ into prominence by a strong reader. But the notion that the presence of a source-text alters the reading of the target-text is not necessarily tied to deconstruction, and it is a commonplace of modern work on intertextuality, used by critics who are far from deconstructionist in approach.” (2000, p. 121).

combinações entre um texto já ‘fechado’ e um texto ainda ‘aberto’” (1997, p. 213)⁴⁹, Barchiesi nos mostra a expansão dos limites das possibilidades interpretativas propiciada pela intertextualidade: estas não estão limitadas ao texto alusivo, mas cabem também ao modelo, pois ambos os textos estão abertos para serem (re)interpretados.

Os estudiosos do período clássico, contudo, como podemos depreender do comentário de Barchiesi sobre as tentativas dos críticos de resolver o problema do *pathos* do verso VI, 460 da *Eneida* (*inuitus, regina, tuo de litore cessi*)⁵⁰, pois são muitas as soluções possíveis, podem mostrar-se intolerantes quanto às oscilações de sentido que acabam sendo proporcionadas pela aceitação de que tanto o modelo quanto o texto alusivo se influenciam mutuamente (pois, como vimos no parágrafo acima, o processo intertextual afeta a leitura de todos os textos nele implicados) e de que, por isso, a interpretação de ambos está sempre em aberto. Essas oscilações interpretativas são provocadas pelo fato de a intertextualidade deslocar da figura do imitador para o sistema textual e para o leitor o lugar onde se dá a produção do significado do texto. Como comenta o filólogo italiano, graças à preocupação com essas oscilações sempre são colocadas questões do tipo: quais e quantas partes dos textos implicados interagem? há uma relação de similaridade ou de diferença entre eles? a intertextualidade é uma operação ou um resultado, um produto final? (pp. 211 e 213), as quais demonstram a necessidade dos críticos de conterem as alusões e chegarem a um resultado palpável, único e verdadeiro. Todavia,

“A intertextualidade não é um *objeto*, mas um *evento*, é uma relação em movimento, uma dinâmica, uma desestabilização talvez, e não um dado fixo para analisar, uma coisa.” (Barchiesi, 1997, p. 210)⁵¹

⁴⁹ “... le allusioni sono combinazioni fra due testi entrambi da interpretare, e che si interpretano a vicenda, non combinazioni fra un testo già ‘chiuso’ e un testo ancora ‘aperto’.”

⁵⁰ Barchiesi apresenta em seu artigo as soluções que os analistas dão para o “mais escandaloso dos textos alusivos clássicos” (1997, p. 212), nas palavras do próprio autor, as quais se baseiam em uma comparação entre Calímaco, Catulo e Virgílio e levam em consideração os questionamentos que citamos adiante, nesse mesmo parágrafo, bem como as discussões que giram em torno dessas soluções: “(a) Virgílio libera il registro potenzialmente nobile dell’originale dal pathos del suo contesto (b) il pathos dell’originale mina il pathos di Enea, o di Virgilio stesso (c) l’originale è molto più serio e sofferto di quanto si pensi di solito, perché Catullo ci ha messo qualcosa che in Callimaco non c’era (es. La morte del fratello, cf. il carme 65), e Virgilio l’ha riletto in questa chiave...” (pp. 212-213).

⁵¹ “L’intertestualità non è un **oggetto** ma un **evento**; è un rapporto in movimento, una dinamica, una destabilizzazione persino, e non un dato fisso da analizzare, una cosa.”

Como a intertextualidade não é um objeto palpável, mas um evento fluido e instável, não cabe procurar a interpretação única e verdadeira para uma dada alusão textual, pois essa é intangível. Considerando a intertextualidade um objeto, a interpretação de uma referência textual supostamente estaria escondida no modelo imitado (ou mesmo, como para alguns, como vimos em discussão anterior, na intenção do imitador), quando ela está nas relações que os leitores venham a estabelecer entre os textos, as quais são variadas e passíveis de reinterpretação, isto é, dinâmicas e instáveis. Dessa forma, como afirma Barchiesi, “considerando que um texto se refere a outro, nenhuma autoridade crítica pode estabelecer *a priori* a) em que proporção o texto implicado está presente no implicante e o que deve ser descartado da análise; b) se o efeito que prevalece é uma relação de similaridade ou de diferença ou c) se é preferida uma visão “processual” ou “resultativa”, a intertextualidade vista como operação sempre em processo (*in fieri*) ou como produto final” (p. 210)⁵².

Todas essas conclusões a que chega o estudioso italiano nos revelam que uma análise intertextual parte de algumas escolhas (ideológicas, como afirma Fowler) de quem a realiza, isto é, do leitor. Somente ele poderá definir o que deve ser levado em consideração ou não e em que proporção, se vale a pena destacar as semelhança ou as diferenças, ou ambas as coisas, se a relação entre textos é melhor vista como um processo sempre em movimento ou como resultado da operação alusiva, dependendo da leitura que quiser propor para uma dada relação alusiva.⁵³

Como observamos, a intertextualidade é uma propriedade do texto (bem como da linguagem em geral, como temos insistido), faz parte de seu sistema e seu mecanismo só é acionado pelo leitor, no momento da leitura e em conformidade com ela. Desse modo, pela discussão feita até aqui, vemos que a adoção da noção de intertextualidade, diferentemente da objeção feita por West, apresentada no início deste item, acarretou muitas mudanças na forma de ver as relações entre textos, não sendo apenas um mero novo termo utilizado para se descrever velhas práticas, como afirma o estudioso.

⁵² “... dato un testo che si riferisce a un altro testo, non esiste che possa stabilire a priori (a) quanta parte del testo implicato è presente nel testo implicante, e quanta invece ‘deve andarsene’; (b) se l’effetto prevalente debba essere un rapporto di similarità o di differenza (c) se vada preferita una visione ‘processuale’ o ‘risultativa’, l’intertestualità come operazione sempre *in fieri* o come prodotto finale.”

⁵³ Toda escolha, como comenta Fowler, é necessariamente ideológica: nada poderia mais ser construído e ideológico do que o que percebemos e o que dizemos sobre o que percebemos. O fato de uma interpretação ser privilegiada em relação a outra deve-se, primeiramente, à autoridade de quem a propôs.

Dilatando ainda mais os limites do caráter da intertextualidade, podemos levar, como o fez Fowler na parte final de seu artigo, as categorias texto e leitor até as últimas conseqüências. Nesse ponto do texto, Fowler apresenta as implicações mais amplas, e até arrojadas, como ele mesmo afirma, relativas à teoria intertextual, procurando sugerir aos estudiosos do período clássico que as levem em consideração, modificando, assim, sua noção de texto e de suas relações.

Pensando a intertextualidade numa visão estruturalista como o fizemos até aqui, chamamos atenção sobretudo para o sistema textual (literário), pois se entende que é nele que se encerra a matriz das possibilidades na qual e pela qual a literatura funciona. Como argumenta Fowler, com essa visão estruturalista, valoramos muito o sistema literário e acabamos por exagerar o seu grau de unidade e estabilidade, sugerindo, assim, que “haja uma matriz única que contém todas as possibilidades e que podemos dizer que esta ou aquela relação intertextual está ‘lá’ no sistema, esperando ser ativada na leitura” (2000, p. 127)⁵⁴. Quando, na verdade, partindo de uma visão pós-estruturalista, mais pautada na recepção, a intertextualidade está completamente localizada na leitura, não no sistema textual. Nas palavras de Fowler, “o significado é percebido no momento da recepção, e o que vale como um intertexto e o que se faz com este depende do leitor” (*id., ibid.*)⁵⁵.

Com isso, concordamos com Fowler que é difícil considerar que um texto possua todas as informações necessárias para sua compreensão, guardadas em sua estrutura, prontas para serem percebidas por algum intérprete. Vimos até agora que só o leitor pode dar significados a um dado texto, a partir do que é capaz de divisar nele, tendo como pano de fundo suas leituras. Esse leitor não é um detetive que segue os rastros de algo que já está “lá”, escondido no texto (caso contrário, não teríamos outras possibilidades de interpretação e leitura para um dado texto, ou mesmo de reavaliação e reinterpretação de leituras já feitas por outrem), mas sim o criador do sentido do texto, o qual nasce juntamente com sua leitura. Sempre há possibilidade de recontextualização, visto que qualquer correspondência que houver entre textos poderá ser reinterpretada por

⁵⁴ “...it suggests that there is a single matrix which contains all the possibilities, and then we can therefore say that this or that intertextual relation is ‘there’ in the system, waiting to be activated in reading.”

⁵⁵ “...meaning is realized at the point of reception, and what counts as an intertext and what one does with it depends on the reader.”

leitores diferentes, pertencentes ou não ao mesmo momento histórico-cultural. Desse modo, temos que as leituras possíveis para uma dada alusão textual serão proporcionais ao número de leitores que as interpretam, tendendo, assim, para o infinito.

Ao deitar por terra a possibilidade de uma explicação única e verdadeira para uma dada alusão textual, bem como a idéia de que podemos conter todas as possibilidades interpretativas, sendo estas limitadas, Fowler toca na questão do direcionamento da leitura intertextual, demolindo-o por completo. Por mais que (crono)logicamente a leitura seja do texto alusivo para o modelo, quando o leitor se depara com um texto ele pode fazer o movimento inverso: partir do modelo para o texto; no caso de textos antigos, do hodierno para o antigo. Citando exemplo de Fowler, alguém que esteja familiarizado com a teoria lacaniana não “é capaz de ler um texto sobre espelhos ou reflexão, sem ver rastros do estágio do espelho deixados no texto, patente ou latente, sobre ou sob rasura” (2000, p. 129)⁵⁶, mesmo que este texto seja o mito de Narciso, escrito muito antes da existência de Lacan. A ordem lógica dos fatos nos diz que o “certo” é considerar rastros do mito de Narciso em Lacan e não o contrário, pois esta é a cronologia histórica. Mas não é assim que necessariamente acontece quando nos deparamos com uma alusão, podemos partir, e comumente o fazemos, de nosso atual conhecimento para caracterizar o antigo, por mais que relatem nossa leitura de forma inversa, do antigo para o novo. E, conforme exemplo pensado e apresentado por Vasconcellos em seus comentários a esta tese, quem, ao ler em Suetônio que César sonhou que dormia com a própria mãe, não pensará em Freud? Mas, para os antigos, era um sonho de poder (assim o interpretaram os vates): o desejo é de se apoderar da terra-mãe... Mas, depois de Freud, quem lerá a passagem de Suetônio sem pensar em Édipo....

Desse modo, podemos concluir com Fowler que a leitura intertextual pode reverter o direcionamento das referências intertextuais, alternando-se em todos os direcionamentos possíveis: do modelo para o texto ou mesmo do texto para o modelo, o que se configura para os críticos, sobretudo para os filólogos, cujas análises estão eivadas de historicismo, como o pior dos horrores que tal teoria pode suscitar, como comenta Fowler. Ao considerar que uma referência textual pode ser analisada também

⁵⁶ “No one familiar with Lacan, for instance, can read a text about mirrors or reflection (...) without seeing traces of the mirror stage left in the text, patent or latent, over or under erasure.”

como influenciando, modificando o modelo, o que pressupõe uma leitura (crono)logicamente inversa, do presente para o passado, a leitura intertextual se caracteriza por ser atemporal, pois transcende tal limite, e simultânea, por levarmos em conta que ambos os textos são passíveis de interpretação e se interpretam alternadamente, como propõe Barchiesi, e que tanto o texto de partida quanto o de chegada deixam rastros de si um no outro, seguindo a metáfora de Fowler.

Essa falta de direcionamento na leitura pode ser justificada pelo fato de que sempre partimos do que conhecemos, de nosso contexto histórico-cultural quando analisamos qualquer fato, seja ele literário ou não. Enfim, tudo com que entramos em contato é afetado pela nossa percepção de mundo, no caso dos estudos literários, de nosso conhecimento prévio dos textos que compõem tal sistema. Como afirma Fowler,

“Seria melhor admitir que parece óbvio que nossas construções sobre a Antigüidade são afetadas por histórias modernas: e conseqüentemente os rastros destas teorias ficarão impregnados nos textos antigos assim que os lermos e alterarão nossas leituras.” (2000, p. 129)⁵⁷

Desse modo, podemos concluir que o caráter atemporal e simultâneo das relações intertextuais é determinado pelo leitor, pois é ele quem põe em movimento o jogo alusivo. Ao traçar comparações, ele estabelece seu próprio caminho: parte do agora para o que veio antes e/ou vice-versa, por mais que ao caracterizar e apresentar sua(s) leitura(s) aos outros parta do passado para o presente, uma vez que a lógica científica não admite que algo que foi escrito depois deixe marcas, rastros no que foi produzido anteriormente. Assim, podemos dizer que o mecanismo intertextual é ativado de várias formas: do passado para o presente ou mesmo do presente para o passado, por mais que isto seja inconcebível para nosso raciocínio lógico. Entretanto, o hodierno afeta o olhar que o intérprete lança sobre a relação intertextual, pois seu contexto histórico-cultural deixa marcas no texto antigo, alterando sua leitura, como afirma Fowler no excerto acima.

⁵⁷ “It would be better to admit what seems patently obvious, that our constructions of antiquity are affected by modern stories: and therefore that traces of those theories will be left in ancient texts as we read them, and will alter our readings.”

Como vimos, a intertextualidade é condição *sine qua non* da existência textual e o leitor, a condição *sine qua non* da significação de um texto. Um texto só se constitui como tal dentro do sistema de que faz parte, por isso ele é necessariamente alusivo e referencial, e seu significado só é estabelecido neste sistema a partir da interpretação de sua teia alusiva, proposta pelo intérprete no momento de sua leitura. Como a interpretação cabe ao leitor, temos uma grande quantidade de leituras possíveis para um dado texto, pois estas dependerão do conhecimento prévio do leitor do sistema literário em que aquele está inserido.

Insistindo um pouco mais na questão do caráter intertextual ineludível de todo texto, retomamos Kristeva quando ela aponta para o fato de esse se constituir como um “mosaico de citações”. De acordo com a estudiosa, todo texto é uma reelaboração, uma recriação de outro, o que significa dizer que todo texto só é entendido como tal por estar se confrontando com outros: seja com relação ao conteúdo, seja pela sua estruturação que o caracteriza (escrever um poema pressupõe sua composição em versos, pois somente assim ele será visto e entendido como um poema, uma vez que estará de acordo com o sistema em que se insere⁵⁸; o mesmo acontece para outros tipos de textos, como, por exemplo, uma manchete de jornal ou revista: essa deve estar destacada no alto da primeira página de ambos os veículos de informação, aludindo sucintamente à notícia mais importante de uma dada edição, para que possamos considerá-la uma manchete).

O mesmo ocorre com toda linguagem, da qual o texto é um aspecto; de acordo com Fowler, a intertextualidade é uma propriedade dessa e dos sistemas semióticos em geral, não só da literatura. Com isso, concluímos que todo texto, toda linguagem se constitui como a (re)compilação e recontextualização, consciente ou não, de estruturas e conteúdos já existentes; ambos se caracterizam como (e dentro de) um sistema de retomadas e resignificações. Como se lê no versículo do Eclesiastes que é a epígrafe deste capítulo, não há nada de novo sob o sol, tudo é recriação do antigo, tudo é uma reinvenção feita através de alusões ao que já existe.

⁵⁸ Porém, um movimento como o concretismo põe em cheque a noção tradicional de verso; de fato, a distinção entre verso e prosa é muito complexa (embora na Antiguidade, a métrica rígida distinguisse verso e prosa... mas não podemos tratar a questão aqui, nem é nosso propósito).

Como vemos pela discussão traçada neste capítulo, a intertextualidade é a condição de existência de todo texto⁵⁹. Contudo, como o objetivo desta tese é trabalhar com textos da literatura romana antiga, e, tendo em vista que faz parte da tradição greco-latina a retomada de modelos preexistentes pelos escritores e que os latinos tinham consciência de que sua literatura apresentava um caráter “imitativo”, utilizaremos a noção de intertextualidade no âmbito dos estudos clássicos, baseando-nos nas análises intertextuais que são propostas pelos críticos modernos.

Há uma arte alusiva específica na literatura latina, uma espécie de arte da composição, sobretudo a partir da poesia helenística, que sempre foi considerada pelos romanos modelo de (e por) excelência. A literatura latina é vista, desde os romanos, como de “segundo grau”, isto é, uma reelaboração criativa de formas e temas emprestados à cultura grega, considerada exemplar, paradigma de excelência” (Vasconcellos, 1996, p. 1). Tal processo criativo, designado *imitatio*⁶⁰ pelos romanos, está na base da literatura latina e, pode-se dizer, de toda literatura clássica, pois os antigos tinham predileção, principalmente os romanos, pela reelaboração de formas e temas já consagrados.

Assim, considerando a discussão sobre intertextualidade que apresentamos, adequando-a ao tipo de estudo a que nos propomos, passaremos para o próximo capítulo, no qual sugerimos, como já foi dito no texto de apresentação, uma leitura intertextual dos *Tristes* de Ovídio, a qual contempla os elementos épicos presentes nos livros I a V, tomando como modelo a *Eneida* virgiliana.

⁵⁹ E, conforme Fowler, como temos visto, da linguagem em geral.

⁶⁰ O termo *imitatio* foi muito utilizado pelos latinos e teóricos da retórica clássica, como Quintiliano, Horácio e Longino, para caracterizar a produção literária, o processo criativo humano. Também o orador utiliza-se do processo imitativo; Quintiliano comenta na *Institutio oratoria* que a arte retórica é constituída em grande parte da *imitatio* e que o orador *deve*, além de inventar, imitar seus predecessores: *Neque enim dubitari potest, quin artis pars magna contineatur imitatione. Nam ut inuenire primum fuit estque praecipuum, sic ea, quae bene inuenta sunt, utile sequi.* (*Inst. Or.*, X, 2, 1) - “Nem se pode duvidar que grande parte da arte (retórica) consiste na imitação. De fato, assim como ‘inventar’ foi o principal e continua sendo o mais importante, é útil seguir o que foi bem ‘inventado’” (trad. do prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos, retirada de um *handout* distribuído durante curso de pós-graduação em 1999 no IEL/UNICAMP - as aspas apostas aos vocábulos “inventar” e “inventado” são nossas e se destinam a destacar que não se trata, aqui, de “criação” do nada, mas do processo de “encontrar” [*inuentio*, nos tratados de retórica] os pensamentos, as idéias, os lugares-comuns mais eficazes em determinada causa).

II. UMA LEITURA DAS ELEGIAS

2.1 O intertexto épico dos *Tristes*

Considerando a análise intertextual um tipo de estudo que nos possibilita contemplar várias leituras em um mesmo texto, o intertexto que divisamos na obra dos *Tristes* foi o épico, embora estejamos conscientes de que há muitas outras interpretações possíveis. Tal busca interpretativa se deve ao fato de termos analisado, em nosso mestrado, como já se disse na Apresentação, o livro I e encontrado muitos dados lingüísticos e textuais (como a estrutura narrativa dos textos comparados) que confirmam essa leitura de características épicas⁶¹. Os *Tristes* I retomam em vários momentos e de forma contundente a épica virgiliana, sobretudo nas elegias 2, 3 e 4, nas quais fica evidente a forte influência de tal texto nesse livro, a qual sugere a *Eneida* como um dos panos de fundo dos demais livros que compõem essa obra ovidiana. O que sinalizou o contraponto que Ovídio estabelece com a *Eneida* é o símile apresentado na elegia I, 3:

Si licet exemplis in paruo grandibus uti,

Haec facies Troiae, cum caperetur, erat (vv. 25-26).

A comparação estabelecida entre o infortúnio do protagonista dos *Tristes* e a destruição de Tróia nos lançou no universo bélico e funesto do canto II da *Eneida*, sugerindo-nos a presença da épica virgiliana na composição dessa elegia. Tal símile funcionou como um marcador alusivo, pois foi ele quem nos indicou uma relação entre o

⁶¹ Retomaremos aqui nossa análise do livro I dos *Tristes*, mais especificamente das elegias 2, 3 e 4, realizada em nosso mestrado, complementando-a com a inserção da análise dos livros II a V e dando um fechamento às duas hipóteses levantadas na dissertação – a da imagem de um “herói” elegíaco presente na composição do caráter do protagonista dos *Tristes*, o qual seria um *alter Aeneas* às avessas, como propus, bem como o contraste e o acomodamento dos gêneros elegíaco e épico em tal obra (cf. capítulo II, item 2.1, e a conclusão de nossa dissertação – para referência completa, ver bibliografia).

infortúnio de Ovídio e o de Tróia, e, conseqüentemente, entre o personagem elegíaco e o herói virgiliano, sugerindo a *Eneida* como um dos modelos retomados na composição das elegias dos *Tristes* I. Tal sinalizador foi o primeiro passo em busca de mais dados que confirmassem a possibilidade da existência de um intertexto épico⁶² em tal obra.

Nessa busca, percebemos que Ovídio inicia suas peripécias do desterro na elegia I, 2 do mesmo modo que os textos épicos costumam-se iniciar: *in medias res*⁶³. O fato de a “história” do exílio de Nasão começar sem antes ter sido relatado o episódio anterior à viagem propriamente dita e pela narração desse *a posteriori* pelo protagonista⁶⁴, faz com que o procedimento narrativo do livro I de Ovídio se assemelhe ao de textos épicos como a *Eneida* e a *Odisséia*. É, todavia, ao canto I da *Eneida* que essa elegia ovidiana mais se assemelha, pois assim como Enéias se encontra, em tal canto, navegando da Sicília para a Itália após ter deixado Tróia, sem nos ser relatado de antemão por que e como deixou sua pátria, quando uma tempestade, provocada pela ira de Juno, precipita-se sobre sua frota, o protagonista dos *Tristes* nos é apresentado na elegia I, 2 em alto-mar a caminho do exílio, suplicando aos deuses em meio a uma tempestade avassaladora, sem relatar como se deram seus últimos momentos antes de deixar Roma.

Ambos os textos, então, se aproximam tanto estruturalmente – iniciam-se *in medias res* – quanto tematicamente: ambos os protagonistas foram surpreendidos por uma terrível borrasca durante a viagem após o desterro. Tal semelhança na estrutura narrativa, tão comum a textos épicos em geral, não foi o ponto crucial para afirmarmos que o texto dos *Tristes* I retoma a *Eneida*, mas reafirmou a alusão estabelecida pelo símile presente na elegia I, 3 (vv. 25-26); ademais, tal equivalência na estrutura narrativa nos levou a confrontar mais de perto a elegia I, 2 e o canto I para buscar mais sinais que corroborassem nossa leitura.

⁶² Melhor dizendo, épico-elegíaco, pois o que temos, como veremos adiante, é um intertexto que emerge do amálgama que acaba se formando do contraste e da mescla dos gêneros elegíaco e épico no livro dos *Tristes*.

⁶³ E devem se iniciar, como sugere Horácio em sua *Epístola aos Pisões*, quando expõe o procedimento narrativo comum às epopéias: *Nec reditum Diomedis ab interitu Meleagri, / nec gemino bellum Troianum orditur ab ouo; / semper ad euentum festinat et in medias res / non secus ac notas auditorem rapit, (...)* - “Nem o regresso de Diomedes inicia pela morte de Meléagro, / nem a guerra de Tróia pelo par de ovos; / sempre se apressa para o desenlace e **em meio aos fatos**, / como se fossem já conhecidos, lança o ouvinte (...).” (Hor., *Art. poet.*, vv. 146-149; os grifos são meus). Nesse excerto, vemos que Horácio faz uso da locução *in medias res*, a qual passa a caracterizar tal procedimento da epopéia.

⁶⁴ Esse episódio é narrado em *flash-back* na elegia I, 3.

Um outro sinalizador importante presente na elegia I, 2 é a narrativa da tempestade que acomete Ovídio quando de sua viagem para Tomos, embora a aproximação entre os textos seja de cunho sobretudo temático e não lingüístico. A descrição da procela ovidiana é semelhante à do canto I da *Eneida*: ambos os protagonistas são surpreendidos em meio à viagem para o exílio por uma terrível tempestade, provocada pelos ventos e aplacada pelos deuses. Também a súplica do personagem elegíaco, a qual abre tal elegia, faz referência às divindades que se colocam favoráveis e contrárias aos troianos, o que corrobora a alusão, pois essas possuem um papel fundamental na *Eneida*.

A súplica de Ovídio (I, 2, 1-8 e 11-12), proferida no momento em que sobrevém a tormenta marítima, pode ser comparada à invocação de Enéias⁶⁵, pois essa também é incitada pela tempestade que se abateu sobre a frota do herói virgiliano, após a dispersão dos ventos feita por Éolo a pedido de Juno. Além disso, a súplica ovidiana faz referência ao jogo de forças que se instaura entre os deuses na *Eneida*. Essa elegia alude tanto aos deuses que se colocam contra Tróia e perseguem os teucros (Vulcano, Palas e Juno), como aos que auxiliam os troianos e Enéias (Apolo e Vênus) ao longo da épica virgiliana⁶⁶. Ovídio, então, ao invocar os deuses que têm um papel fundamental na *Eneida*, para que o protejam da ira de César, caracterizado aqui como um deus colérico (v. 12, *irato...deo*), roga obter a mesma sorte de Enéias: ser socorrido por algum nume propício.

Ovídio é impedido de continuar sua súplica por causa das ondas que jogam água em sua boca (*graues spargunt ora loquentis aquae*, I, 2, 14) e pelo terrível Noto, vento quente e tempestuoso, também chamado Austro, que espalha suas preces (*Terribilisque Notus iactat mea dicta precesque*, I, 2, 15 - o grifo é meu). A invocação de Enéias é suspensa pelo sopro do Aquilão (*Talia iactanti stridens Aquilone procella*, I, 102), vento

⁶⁵ *O terque quaterque beati,/ quis ante ora patrum Troiae sub moenibus altis/ contigit oppetere! o Danaum fortissime gentis/ Tydide, mene Iliacis occumbere campis/ non potuisse tuaque animam hanc effundere dextra,/ saeuos ubi Aeacidae telo iacet Hector, ubi ingens/ Sarpedon, ubi tot Simois correpta sub undis/ scuta uirum galeasque et fortia corpora uoluit!* (En. I, 94-101) - “Afortunados/ Oh! três e quatro vezes, de Ílio às abas,/ Os que aos olhos paternos feneceram!/ Ó dos Dânaos fortíssimo Tírides,/ A alma em Tróia vertendo-me essa destra,/ Não ficar eu nos campos, onde o bravo/ Heitor de Eácide às lançadas, onde/ Sarpédon jaz magnânimo, onde o Símois/ Corpos e elmos de heróis e escudos tantos/ Arrebatados na corrente volve!” (trad.: Odorico Mendes, 1858, I, 106-115).

⁶⁶ Ovídio também faz referência a Odisseu, quando apresenta o deus que o persegue - Netuno - e a deusa que o protege - Minerva (I, 2, 9-10: *Saepe ferox cautum petiit Neptunus Ulixem;/ Eripuit patruo saepe Minerua suo*).

frio e violento, algumas vezes confundido com o Bóreas, que quebra a vela de sua nau e forma ondas capazes de lançá-las ao céu. Notamos, desse modo, que se estabelece novamente uma semelhança entre os protagonistas, já que ambos são interrompidos pelas vagas e pelos ventos.

A semelhança entre os excertos é marcada por uma aproximação lingüística estabelecida pela presença do verbo *iactat* na elegia 2 (v. 15), que alude, indiretamente, à expressão virgiliana *talia iactanti* (I, 102). Essa alusão é mais sutil, pois o contexto de uso do verbo se diferencia em cada um dos textos - nos *Tristes*, o verbo caracteriza a dispersão das preces de Ovídio feita por Noto; na *Eneida*, indica o ato de falar que estava sendo realizado por Enéias no momento da interrupção provocada pelo Aquilão. Contudo, a alusão se confirma se se lembrar que a primeira entrada para tal verbo é a de “lançar, atirar” e que daí vem o sentido figurado de “proferir, dizer” (cf. *OLD*). Com isso, não se pode dizer que não seja sugestivo o uso desse verbo por Virgílio, pois ele significa, na expressão *talia iactanti*, tanto o ato de falar quanto o de lançar, jogar palavras ao acaso. Assim, o contraste que se configura entre os textos pela utilização do verbo *iactare* – em Virgílio, o herói *iactat* palavras; em Ovídio, o vento *iactat* as palavras do herói – leva-nos a pensar que Nasão se compara a Enéias, pois ambos lançavam suas súplicas ao vento⁶⁷.

O verbo *iactare* novamente aparece no texto ovidiano, para caracterizar o protagonista como um joguete do mar. Ovídio expõe seus temores e os da tripulação e, por causa deles, agradece por não ter permitido que sua esposa partisse consigo para o exílio. Graças a esse impedimento, ela desconhece e não padece o sofrimento de estar à deriva no mar: *Nescit in immenso iactari corpora ponto,/ nescit agi uentis, nescit adesse necem* (I, 2, vv. 39-40 - o grifo é meu). Esse verbo também aparece na proposição do canto I da *Eneida* com o mesmo valor: (...) *multum ille et terris iactatus et alto* (I, 3 - o grifo é meu)⁶⁸. Virgílio, em seu próêmio à *Eneida*, apresenta Enéias como um joguete dos deuses, empregando o particípio *iactatus*. Ovídio, então, ao utilizar no verso 39 o verbo *iactare*, alude ao infortúnio de Enéias, ainda que indiretamente, pois os verbos se encontram em contextos diferentes: nos *Tristes*, aparece no momento em que Ovídio faz referência à sua esposa; já na *Eneida*, é utilizado pelo narrador na apresentação do

⁶⁷ A tradução da expressão virgiliana *talia iactanti* feita por Jacques Perret (1981, p. 9) traz essa interpretação.

⁶⁸“(…) Ele há muito lançado nas terras e no mar”.

poema, quando se propõe cantar a “história” do herói. Mesmo sendo uma referência indireta, Nasão alude ao texto virgiliano, uma vez que ambos os personagens são descritos como marionetes controladas por forças superiores, a vagarem pelos mares, impelidos pelos ventos e fados.

O verbo *iactare*, como foi visto, foi utilizado por Ovídio duas vezes com o sentido igual ao das ocorrências do mesmo no canto I. Embora os verbos em Ovídio apareçam em contextos diferentes da épica virgiliana, como foi apontado, a utilização desse vocábulo pelo poeta elegíaco é um bom indício de alusão, já que seu uso em Virgílio é um tanto particular. Cartault (1926, p. 138, nota 4) faz um levantamento do uso participial desse verbo por Virgílio e conclui que sua repetição estabelece uma relação de identidade entre a sorte dos troianos e a dos cartagineses, bem como apresenta um dos aspectos mais importantes do infortúnio de Enéias, o fato de ele estar a vagar por terras e mares, impelido pelo vento e pelos fados. O destino do herói, assim como foi o de Dido e seu povo, está marcado pela busca incessante de uma nova pátria⁶⁹.

Levando em consideração a interpretação sugerida por Cartault para o uso desse verbo na *Eneida*, pode-se supor que o verbo *iactare* por Ovídio funciona como um marcador alusivo, pois ele aparece nos *Tristes* para descrever uma das características mais importante do infortúnio do protagonista: estar destinado a ser um joguete do mar até alcançar seu destino, o local de seu desterro. Dessa forma, pode-se pensar que a relação que Virgílio traçou entre o destino dos troianos e dos cartagineses, ou melhor, de Enéias e de Dido, bem como a caracterização das adversidades a que estava fadado o herói, está, de certa forma, presente na obra ovidiana. A presença de tal verbo, então, nos leva a comparar e a identificar a sorte do protagonista com a do herói épico virgiliano: ao fazer referência a todos os sofrimentos e desgraças do personagem virgiliano, Ovídio

⁶⁹ Observe-se o comentário de Cartault (1926, p. 138, nota 4) sobre o uso do participio *iactatus* na *Eneida*: "Iactatus I, 182. Anthea si quem Iactatum uento uideat, 331, quibus in oris Iactemur, 667, pelago...omnia circum Litora iactetur; la répétition du mot appliqué deux fois aux Carthaginois, I, 442: iactati undis et turbine Poeni, 628, me quoque per multos...labores Iactatam pour souligner une identité du sort entre les Troyens et les Carthaginois; repris par Didon, IV, 13: quibus ille Iactatus fatis, en liaison avec le 1er. livre, repris par Vénus par allusion directe, X, 48: Aeneas sane ignotis iactetur in undis; il figure au IIIe livre, 197: Iactamur gurgite uasto; Anchise le reprend à son tour, VI, 693: Quantis iactatum, nate, periclis. *Sa répétition insiste sur un des aspects dominants de l'infortune d'Enée* (o grifo é meu). L'idée est du reste reprise en d'autres termes, I, 32: Acti fatis maria omnia circum, 756, omnibus errantem terris et fluctibus, VI, 692: Quas...terras et quanta per aequora uectum!"

é retratado como um *alter Aeneas*, já que está destinado ao mesmo infortúnio do herói: estar à deriva no mar.

Além das semelhanças acima pontuadas, podemos atentar para outras de cunho temático e lingüístico. Na elegia I, 2, inicia-se a narração da tempestade pelas águas que são revolvidas pelos ventos, assim como no canto I. Contudo, embora o verbo utilizado em ambos os textos seja o mesmo - *uoluuntur* (*Tr.* I, 2, 19) e *uoluont* (*En.* I, 86) - eles designam diferentes ações: nos *Tristes*, o lançar das águas ao alto e na *Eneida* o atirá-las ao litoral. Além dessa discrepância, observa-se uma outra bem interessante: no canto I, os ventos são apresentados logo no início da descrição da procela e caracterizam-se como agentes da ação verbal de *uoluont* (vv. 85-86); já na elegia I, 2, eles são elencados *a posteriori* (vv. 27-30), tanto que o texto ovidiano apresenta o verbo na passiva - *uoluuntur* - ocultando seu agente, que, por sua vez, fica subentendido.

Finalmente, a súplica do protagonista dos *Tristes* é atendida e ele é socorrido pelos deuses. No canto I da *Eneida*, Enéias também é salvo pela intervenção divina, mais precisamente por Netuno, que aplaca os mares, afugenta as nuvens e reconduz o sol. Embora ambas as procelas sejam interrompidas pelo auxílio divino, a causa dessa intervenção não se assemelha nos *Tristes* e na *Eneida*. Na elegia I, 2, a borrasca é mitigada por causa da mais que insistente súplica de Nasão. Já no canto I, Netuno desfaz a procela em virtude de ter se irritado com a audácia dos ventos, pois causaram extrema balbúrdia sem sua autorização, e por ter visto Enéias e sua frota dispersos pelo mar e oprimidos pela tempestade.

Como nos mostra a análise acima, a procela descrita na elegia I, 2 de Nasão segue a mesma estrutura narrativa da encontrada no canto I: ambas acometem os protagonistas em meio à viagem para o exílio, são provocadas pelos ventos e aplacadas pelos deuses. O procedimento narrativo da elegia I, 2 também se assemelha ao do canto I, pois ambos os textos iniciam-se *in medias res*. Além dessas semelhanças temáticas e estruturais, observaram-se, ainda, na elegia 2, ecos intertextuais concretos que estabelecem uma clara relação entre o infortúnio de Ovídio e de Enéias. O uso do verbo *iactare* (*Tr.* I, 2, vv. 15 e 39) - que alude tanto à interrupção da fala de Enéias quanto a um dos aspectos mais importantes da desventura do herói épico, o fato de ele estar a vagar por terras e mares, impelido pelos fados - a presença do verbo *uoluere* (*ibid.*, v.

19), que faz referência às águas revolvidas pelos ventos no canto I, no qual aparece o mesmo vocábulo.

A elegia I, 4, tematicamente e também estruturalmente, como veremos, não se diferencia muito da I, 2, pois narra uma outra tempestade que surpreendeu o protagonista durante a sua viagem, agora em meio ao mar Jônio (I, 4, 3). Dada a variação sobre o mesmo tema, pode-se perceber que há uma relação intratextual entre essas elegias. Essa aproximação pode ser explicitada não só tematicamente, como também lingüisticamente:

Me miserum! Quantis increscunt aequora uentis,

Erutaque ex imis feruet arena uadis! (I, 4, 5-6 - os grifos são meus)

É evidente a alusão que o verso 5 faz aos versos 19 e 21 da elegia 2 - *Me miserum! Quanti montes uoluuntur aquarum! Quantae diducto subsidunt aequare ualles* (os grifos são meus). Ovídio reitera na elegia 4 a interjeição *Me miserum!* e o pronome indefinido *quantus* no início da oração, bem como mantém o caráter hiperbólico dos versos da segunda elegia. A intratextualidade verificada pode ser considerada um marcador alusivo, pois, ao se estabelecerem relações entre a elegia I, 4 e a I, 2, conseqüentemente, ainda que de forma indireta, aponta-se para uma possível referência feita na elegia I, 4 ao canto I. Isso pode ser confirmado através de semelhanças temáticas e estruturais existentes entre esses textos:

Incubuer mari totumque a sedibus imis

una Eurusque Notusque ruont creberque procellis

Africus (...)

(...) his unda dehiscens

terramque inter fluctus aperit, furit aestus harenis

(En. I, 84-86; 106-107 - os grifos são meus)

Como observamos, Virgílio descreve, nesses versos, o ímpeto dos ventos ao revolverem o mar, uma vez que até suas entranhas são expostas e revolvidas pelo

turbilhão de águas. Essas imagens são as mesmas encontradas no excerto dos *Tristes* I, 4 acima: Ovídio apresenta a fúria com que os ventos encapelam os mares e arrancam dos vaus profundos as areias que refervem por causa da agitação do pélago. Essas semelhanças temáticas são corroboradas pela presença, no texto ovidiano, de vocábulos análogos aos do canto I, os quais retratam os acontecimentos descritos em ambos os excertos - *uentis* (v. 5), *imis* e *arena* (v. 6). O termo *uentis* retoma de forma sucinta os ventos que são enumerados no canto I - *Eurus*, *Notus* (v. 85) e *Africus* (v. 86), o substantivo ovidiano *arena* refere-se diretamente ao *harenis* (v. 107) virgiliano, assim como o vocábulo *imis* (*En.* I, v. 84) que é comum aos dois textos.

Após expressar sua desgraça com a exclamação de dor acima, Ovídio passa a descrever a terrível procela. Nos versos 7 a 10 e 24 da elegia I, 4 percebemos que o protagonista mantém o tom hiperbólico já encontrado na elegia I, 2, ao apresentar ondas comparáveis a montanhas, capazes de açoitar a nau e fazer com que ela estronde com sua força. Na elegia I, 2, contudo, Ovídio não se detém na descrição dos abalos sofridos por sua embarcação, há somente uma referência explícita nos versos 47 e 48⁷⁰. Dada essa diferença, pode-se dizer que a elegia I, 4 parece “completar” a segunda, pois ela se delonga no assunto que fora brevemente exposto em tal texto. Além disso, essa descrição possibilita estabelecer outras alusões ao episódio da tempestade apresentado no canto I.

Na *Eneida* I⁷¹, podemos notar algumas das referências feitas ao estrago sofrido pelos navios dos teucros. Como se observa, Ovídio, ao comparar as vagas a montanhas (*monte nec inferior...unda*, vv. 7-8), mantém a mesma imagem estabelecida no canto I pelas expressões *aquae mons* (v. 105) e *ingens...pontus* (v. 114). Além disso, o verbo utilizado para caracterizar a ação das ondas - *uerberat* (v. 8) - alude ao verbo *ferit* (v. 115) da epopéia, uma vez que ambos representam os golpes sofridos pelas embarcações. Todavia, a escolha lexical ovidiana é mais expressiva e eloqüente, uma vez que *uerberare* significa “açoitar”, “fustigar” e *ferire*, “ferir”, “bater”, “golpear”. De acordo

⁷⁰ *Nec leuius tabulae laterum feriuntur ab undis/ Quam graue balistae moenia pulsat onus.*

⁷¹ *Incubere mari totumque a sedibus imis / una Eurusque Notusque ruont creberque procellis / Africus (...) / (...) his unda dehiscens / terramque inter fluctus aperit, furit aestus harenis* (vv. 87; 104-105; 114-115) - “Remos estralam; cruza a proa e o bordo/ Rende; escarpado fluido monte empina-se/ (...) / Uma [onda] (...) / Do vértice abatendo úmido rolo, / (...) d’avante em popa/ Fere-a (...) (trad.: Odorico Mendes, 1858, vv. 118-119; 128-131)

com Klodt (1996, p. 264), Nasão inova quando mostra as águas açoitando (*uerberare*) os deuses pintados na popa, pois o *topos* comum é o das ondas que investem contra a embarcação. Além disso, a autora sugere que tal verbo se apresenta nessa elegia metaforicamente, simbolizando a *impietas* cometida pela embarcação ao ousar sulcar o mar em plena borrasca⁷². Ovídio também utiliza os mesmos vocábulos que Virgílio para indicar as partes do navio que eram fustigadas pelas ondas: os substantivos *prorae*, *puppie* e *latus* (*Tr.* I, 4, 7 e 20) retomam *prora*, *latus* e *puppim* (*En.* I, 104-105 e 115). Finalmente, percebe-se, ainda, que o ranger dos cordames do texto ovidiano - *stridore rudentes* (v. 9) - alude ao do canto virgiliano - *stridorque rudentum* (v. 87)⁷³.

Após a descrição acima, Ovídio discorre sobre o desespero que acomete o condutor da nau. Esse episódio também aparece na elegia I, 2, mas, novamente, é narrado de forma sucinta nesse texto; Nasão apenas o menciona nos versos 31 e 32. Já na elegia 4, Ovídio utiliza seis versos para descrever o descontrole do piloto (vv. 11-16). Nesse trecho, o piloto é caracterizado da mesma forma que na elegia 2, como alguém que se encontra vencido pela força da terrível procela e que, por isso, já não consegue comandar mais com arte e destreza a nau. Como propõe Klodt (1996, pp. 265-266), Ovídio, ao utilizar as palavras *ars* (*Tr.* I, 2, 32 e I, 4, 12) para caracterizar a técnica do piloto, ou melhor, sua falta, por causa da borrasca, estabelece uma comparação entre o condutor e si próprio - Ovídio vê-se impossibilitado de compor um livro à altura de seu engenho⁷⁴, assim como o piloto de dirigir a embarcação com perícia. Além disso, ambos não seguem para onde querem, mas sim para onde as forças superiores os impelem. Pelo fato de o episódio ser apresentado de forma mais detalhada na elegia I, 4, é possível inferir a mesma conclusão a que se chegou anteriormente, a de que Nasão parece

⁷² A autora desenvolve a idéia da *impietas*, expressa através do *topos* da maldição do primeiro navegante que simboliza a ousadia de atravessar o mar, uma transgressão que o ser humano realiza ao sair de suas dimensões, a terra. Klodt demonstra que Ovídio faz referência a esse *topos*, ao utilizar o adjetivo *audax* (*Nos tamens Ionium non nostra findimus aequor/ Sponte, sed audaces cogimur esse metu.* - vv. 3-4). Além disso, para ela, esse *topos* é realçado na elegia 4 pelo fato de o protagonista estar transpondo o oceano em plena tempestade, o que caracteriza uma maior ousadia e, por isso, uma maior *impietas*. Como propõe, Ovídio, ao apresentar as ondas açoitando os deuses, deixa evidente esse ato ímpio (1996, pp. 262-265).

⁷³ Klodt (1996, p. 264) afirma que a imagem do redemoinho de areia (*Tr.* I, 4, 6 e *En.* I, 107), da montanha de água que golpeia a nau (*Tr.* 4, 7-8 e *En.* I, 105) e do ranger dos cordames não aparece nos episódios da tempestade da Odisséia homérica (V, 291-381; XIX, 67-75; XII, 403-425; XIV, 229-314). Essas imagens surgem, primeiramente, em Virgílio e, como foi observado pelos versos dos *Tristes* citados, são imitadas por Ovídio na elegia 4.

⁷⁴ Na elegia I, 1, 35-50, Ovídio apresenta o livro escrito no exílio. Descreve-o com um aspecto fúnebre, cheio de borões e até o considera menor artisticamente, inferior à fama de seu engenho.

“completar” a segunda elegia. Ao apresentar uma descrição mais detalhada de fatos que foram apenas citados na segunda elegia, Ovídio consegue retomar o tema já proposto, sem parecer meramente repetitivo.

Outro ponto de convergência entre as elegias ovidianas e, conseqüentemente, entre esses textos e a *Eneida*, é o fato de que os ventos impelem o protagonista a vagar pelas redondezas da Itália muito longe do porto que deve ser alcançado pelo desterrado (*Tr.* I, 4, 17-22 e I, 2, 91-94). Nesses versos, Ovídio questiona os ventos (na elegia I, 4, faz referência direta a *Aeolus*, o qual solta os ventos no canto I, 76-83, causando a tempestade) sobre sua desobediência com relação às ordens de César, pois eles insistem em devolver o protagonista aos proibidos litorais da Itália. Também é possível perceber que Ovídio mantém na quarta elegia a comparação de Augusto com os deuses, ao utilizar o sintagma *magno...deus* e ao exigir dos ventos submissão para com ele - *pareat aura* (v. 22). Todavia, diferentemente da imagem de um deus irado, configurada na segunda elegia, Nasão agora apresenta a de um deus supremo e poderoso. Após suplicar a Éolo que desista de o desviar de sua rota, Ovídio invoca, na elegia I, 4 (vv. 25-26), os deuses e estabelece um símile direto entre Júpiter e Augusto.

Fica clara, através desses versos, a justaposição que Ovídio faz da imagem de César à do rei dos deuses - *Iouem* (v. 25), pois é Augusto que se apresenta como aquele que lhe é hostil. O protagonista também volta a utilizar a imagem do deus colérico através do adjetivo *infestum* (v. 25), para conferir maior “dramaticidade” ao apelo que faz aos deuses marinhos, pois já basta um deus perseguir, um outro tem de vir em auxílio. Então, através dessa súplica, Ovídio retoma o *exordium* da elegia I, 2, que, por sua vez, alude às forças divinas que socorreram e perseguiram Enéias ao longo da *Eneida*. Além dessa referência indireta que existe entre a elegia I, 4 e o canto I, podemos vislumbrar uma outra nessa súplica. Ovídio, ao evocar nos versos 25 e 26 somente os deuses marinhos para que contenham os ventos que ousam descumprir as ordens do deus Augusto, alude ao término da tempestade apresentada no canto I, pois é Netuno que vem em auxílio da frota de Enéias, afugentando os ventos.

Esse apelo torna-se ainda mais comovente, se se observar que Ovídio, no verso 23, portanto, antes da invocação, havia expressado a ambigüidade de seus sentimentos, através de um paradoxo: *Dum loquor, et timeo pariter cupioque repelli*, (o grifo é meu).

Como podemos perceber, o protagonista expressa seu temor, ao mesmo tempo em que apresenta seu desejo de ser desviado da margem ausônia. O temor que o protagonista sente em deixar a pátria é equivalente (veja-se o advérbio *pariter*, que significa tanto “igualmente” como “ao mesmo tempo”) ao desejo de deixá-la. Assim, é possível concluir que essa contradição estabelece um contexto “dramático” antes de a súplica se concretizar, pois mostra o conflito interno que sofre o protagonista momentos antes de sua nau ser batida por uma imensa onda (v. 24).

Além das semelhanças que se estabelecem entre a elegia I, 4, I, 2 e o canto I, podemos verificar também uma aproximação entre a quarta elegia ovidiana e o canto III da *Eneida*. Uma primeira comparação é relativa à ordem em que são apresentados tais textos em seus respectivos livros e ao conteúdo por eles relatado - ambos se encontram depois da narração dos infortúnios da última noite dos protagonistas na Cidade antes do exílio (Roma, no caso de Ovídio, e Tróia, no de Enéias) e contam a partida dos protagonistas.

Enéias padece algumas desventuras em meio ao mar. A primeira delas ocorre quando os troianos partiam de Creta em demanda da Itália. A tempestade que se forma os desvia de sua rota, arremessando-os às ilhas onde vivem as harpias (*En.* III, 194-202)⁷⁵. É possível perceber que a procela descrita nesses versos em muito se assemelha à já encontrada no canto I: ambas exibem densas nuvens que se apoderam do céu, transformando, assim, o dia em noite, bem como ventos que revolvem os mares desde a sua profundidade. Contudo, o canto I inicia sua tempestade com as águas agitadas pela força dos ventos e somente depois se refere à súbita treva que envolveu o céu (vv. 82-91)⁷⁶.

⁷⁵ *tum mihi caeruleus supra caput astitit imber / noctem hiememque ferens et inhorruit unda tenebris. / Continuo uenti uoluont mare magnaue surgunt / aequora, dispersi iactamur gurgite uasto; / inuoluere diem nimbi et nox umida caelum / abstulit, ingeminant abruptis nubibus ignes; / excutimur cursu et caecis erramus in undis. / Ipse diem noctemque negat discernere caelo / nec meminisse uiae media Palinurus in unda.* “(...) Bulcão cerúleo/ Feia borrasca sobre nós carrega,/ Treva e horror pelas águas estendendo./ Sublevando escravos, por vastas brenhas/ Nos dispersa o tufão. Tolda-se o tempo,/ Chuva e neblina a luz polar nos roubam;/ Rotas nuvens trovejam, relampeiam./ Té Palinuro, à toa a flutuarmos,/ Perde o tino e confunde a noite e o dia./ Nem fulge estrela nas opacas horas” (trad.: Odorico Mendes, 1858, vv. 196-205).

⁷⁶ *(...) ac uenti uelut agmine facto, / qua data porta, ruont et terras turbine perflant. / Incubere mari totumque a sedibus imis / una Eurisque Notusque ruont creberque procellis / Africus et uastos uoluont ad litora fluctus; / insequitur clamorque uirum stridorque rudentum / Eripiunt subito nubes caelumque diemque / Teocorum ex oculis; ponto nox incubat atra. / Intonuere poli et crebris micat ignibus aether / praesentemque uiris intentant omnia mortem.* - “(...) os turbinosos ventos/ Feitos num grupo, dada a porta, ruem/ As terras varejando. Ao mar carregam,/ E horríficos revolvem-lhe as entranhas/ Noto mais Euro, o de borrascas fértil/ Áfrico; às

Além dessa inversão, percebemos também que é apresentado no canto III Palinuro, piloto da nau de Enéias. Nesse ponto, é possível perceber uma clara relação temática que se estabelece entre esse texto épico e a quarta elegia: a caracterização do descontrole do condutor frente à agitação do mar. O fato de ser mencionado na elegia I, 4 que o piloto *non regit arte ratem* (v. 12) e que segue não para onde deseja, *sed quo rapit impetus undae* (v. 15), alude à momentânea “cegueira” de Palinuro e à sua impossibilidade de se lembrar da rota em meio às imensas vagas (vv. 201-202). Mesmo que as alusões sejam puramente temáticas, podemos propor que Nasão compara seu condutor ao de Enéias, pois ambos são incapazes, por causa da procela, de comandar com destreza a nau⁷⁷.

Na elegia V, 6, novamente menciona-se Palinuro e sua *ars*. Tal texto é endereçado a um amigo que virou as costas ao protagonista depois que a desgraça da condenação desabou sobre sua cabeça; como ele próprio diz, o amigo depôs o pio encargo do dever. Quando Ovídio se dirige diretamente a ele, nomeia-o Palinuro e o apresenta como o condutor de sua nau. Questiona-lhe por que deixa sua embarcação em meio a uma tempestade e pede-lhe que não fuja, mostrando, assim, ser sua lealdade menor que sua arte:

Fluctibus in mediis nauem, Palinure, relinquis?

Ne fuge, neue tua sit minor arte fides! (vv. 7-8)

Mesmo em um contexto diverso da tempestade presente na elegia I, 4, e, conseqüentemente, do canto III da *Eneida*, a *persona* do exímio condutor da nau de Enéias foi retomada e, podemos dizer, apropriada pelo protagonista, uma vez que ele o declara seu condutor, ao perguntar por que não conduz sua nau com a arte costumeira. O

praias vastas ondas rolam./ Homens gritam, zunindo a enxárcia ringe./ Some-se ao nauta o céu, tolda-se o dia;/ Pousa no pélago atra noite; os pólos/ Toam, o éter fuzila em crebros raios;/ Tudo ameaça aos varões presente a morte.” (trad.: Odorico Mendes, 1858, vv. 94-104).

⁷⁷ A elegia I, 2 também faz referência ao descontrole do piloto e, por isso, tal episódio pode ser comparado ao do canto III. Ovídio, ao mostrar o condutor de sua nau incerto quanto ao caminho que deve seguir - *Rector in incertum est nec quid fugiatue petatue/ Inuenit: ambiguus ars stupet ipsa malis* (vv. 31-32), alude tematicamente a Palinuro, já que esse se encontra “cego” pelas trevas que encobriram o dia, sem conseguir se lembrar da rota certa (vv. 201-202). Como se observa, em ambos os textos o condutor da nau dos protagonistas apresenta-se inseguro por causa da procela, sem saber como e para onde deve encaminhar as embarcações.

interessante é que houve um deslocamento da figura de Palinuro, pois esse é considerado na *Eneida* o grande e fiel condutor da nau de Enéias; já na elegia V, 6 de Ovídio diz-se que ele abandonou a sua embarcação à própria sorte, não cumprindo seu dever; afora o pedido para que ele não fuja, caracterizando-o como inábil em seu ofício e desleal - Ovídio cita como exemplo de lealdade e prestimosidade o condutor do carro de Aquiles, Automedonte (V, 6, 9-10).

Voltando para a descrição da procela da elegia I, 4, vemos que uma outra adversidade sobrevém quando Enéias e sua frota já estavam próximos ao litoral da Itália, depois de deixarem o reino de Heleno no Epiro. A tripulação troiana vê-se novamente obrigada a enfrentar um mar bravio por causa da forte viração (*En.* III, 554-557 e 561-567)⁷⁸. Ainda que não possamos afirmar que esse episódio seja a descrição de uma terrível procela, é possível observar temas que já aparecem na caracterização da tempestade encontrada nas elegias I, 2 e 4 dos *Tristes* e no canto I da *Eneida*. Um deles é a descrição das areias que são revolvidas do fundo do mar por causa da agitação das águas. Ao utilizar em seu verso 557 - *aestu miscentur harenae* - Virgílio retoma o verso 106 do canto I - *furit aestus harenis*. Ovídio, por sua vez, ao afirmar no verso 6 da elegia 4 que as areias removidas do fundo do mar fervem - *Erutaque ex imis feruet arena uadis*, alude tanto ao canto I, como já se discutiu, quanto ao canto III. O vocábulo ovidiano *uadis* retoma também a primeira parte do verso 557 do canto III - *exsultantque uada* - já que Virgílio utilizou o mesmo substantivo para caracterizar as profundezas do oceano.

Além dessa semelhança, é possível perceber uma outra que se estabelece através do movimento de elevação e rebaixamento das ondas descrito por Virgílio no canto III - *Tollimur in caelum curuato gurgite, et idem/ subducta ad manis imos desedimus unda* (vv. 554-555). Esse movimento já fora observado no canto I, quando Virgílio apresenta

⁷⁸ *Tum procul e fluctu Trinacria cernitur Aetna, / et gemitum ingentem pelagi pulsataque saxa / audimus longe fractasque ad litora uoces, / exsultantque uada atque aestu miscentur harenae. / (...) / Haud minus ac iussi faciunt, primusque rudentem / contorsit laeuas proram Palinurus ad undas; / laeuam cuncta cohors remis uentisque petiuit. / Tollimur in caelum curuato gurgite, et idem / subducta ad manis imos desedimus unda. / Ter scopuli clamorem inter caua saxa dedere, / ter spumam elisam et rorantia uidimus astra.* - “(...) Distante assoma/ O Sículo Etna: ouvimos longe o equóreo/ Rouco gemido, o embate nos cachopos./ Quebrando o eco na praia; os vaus ressaltam,/ As areias remexe a marulhada/ (...)/ Manda e cumprem: no instante Palinuro/ Contorce à esquerda a rugidora proa,/ Mareia à esquerda a frota, à esquerda rema./ Curvado o pego ao éter já nos sobe,/ Já desfeito o escarcéu nos baixa aos Manes./ O sáxeo boqueirão três vezes ronca./ Três espadana as espumas e os céus orvalha” (trad.: Odorico Mendes, 1858, vv. 551-555; 559-565).

as águas sendo elevadas aos céus (*fluctusque ad sidera tollit*, v. 103), bem como quando descreve alguns navios suspensos no alto das vagas e outros que são engolidos pela separação das águas (*hi summo in fluctu pendent, his unda dehiscens/ terramque inter fluctus aperit*, vv. 106-107). Também já mencionamos a retomada que Ovídio faz desses versos do canto I na elegia 2, o que nos possibilita traçar uma comparação com o canto III. O protagonista dos *Tristes*, ao narrar nos versos 20 e 22 as vagas que se alevantam, bem como o fundo do mar que se mostra ao se dispersarem as ondas (*Iam iam tacturos sidera summa putes./ Iam iam tacturas Tartara nigra putes*), retoma a imagem construída no terceiro livro da epopéia. A elegia I, 4 também alude a essa imagem nos versos 5 e 6, ao descrever os mares encapelados pelos ventos e os vaus que se mostram ao se apartarem as águas (*Quantis increscunt aequora uentis,/ Erutaque ex imis feruet arena uadis!*).

Como vimos, a tempestade apresentada na elegia 4 alude, ainda que indiretamente, à descrita no canto I, bem como às presentes no canto III. Essa elegia ecoa a todo o momento a elegia I, 2, o que confere uma alusão interna à própria obra analisada; segundo a terminologia proposta por Vasconcellos (2001, p. 124), esse é um caso de intratextualidade. Contudo, ainda que de forma indireta, a elegia I, 4 faz referência aos cantos I e III da *Eneida*, uma vez que se encontra estruturada tal qual a elegia I, 2, que, por sua vez, alude diretamente a esses cantos. Observamos, assim, uma grande semelhança temática entre os textos ovidianos e virgilianos: ambos narram a "história" de personagens desterrados da pátria e que, na busca de um novo lugar, são acometidos por inúmeras adversidades marítimas.

Na elegia I, 3, a que melhor caracteriza a alusão feita à obra de Marão, encontramos outras marcas textuais que também fazem referência a Enéias e ao contexto épico em que está inserido. O fato de essa elegia estabelecer um símile entre os infortúnios de seu protagonista e os de Tróia quando de sua destruição (*Si licet exemplis in paruo grandibus uti,/ Haec facies Troiae, cum caperetur, erat* - I, 3, 25-16), bem como o de apresentar uma narrativa em *flash-back* dos acontecimentos da última noite de Ovídio em Roma, antes do desterro, deixa evidente a alusão ao segundo livro da *Eneida*, pois é nesse canto que Enéias rememora, a pedido de Dido, o dia da destruição de Tróia. Essa semelhança na estrutura narrativa nos permite dizer que é marcante, em ambos os

textos, a presença do narrador-personagem que discorre sobre uma lembrança tristíssima. Além dessa aproximação temática e estrutural, observa-se ainda uma outra, de cunho também estrutural: o episódio contado pelo protagonista dos *Tristes* tem a duração de uma noite, tal qual a do canto II.

Para Ovídio, lembrar (*repeto*, v. 3) os últimos momentos (*supremum tempus*, v. 2) na Cidade consiste em reviver uma dor inenarrável, evidenciada pela gota de lágrima que ainda agora escorre de seus olhos. Enéias também renova (*renouare*, v. 3) sua dor infanda ao rememorar a destruição (*supremum laborem*, v. 11) de Tróia, sendo que só o faz em concessão ao pedido da rainha, como bem denota o *quamquam* (v. 12). Além da semelhança temática, pode-se notar um certo paralelismo entre as expressões usadas por Ovídio e Virgílio: *repeto* alude a *renouare* e *supremum tempus* a *supremum laborem*. O verbo *repeto* parece ser o marcador por excelência do prólogo ovidiano, uma vez que seu conteúdo alude tanto à recordação dos infortúnios de Nasão quanto à narrativa do herói épico, que é retomada na construção dessa elegia.

Embora se pareçam, as dores das recordações assumem características próprias: em Ovídio nota-se a exaltação do protagonista ao narrar seu infortúnio, pois *Labitur ex oculis nunc quoque gutta meis* (v. 4); já em Virgílio "a lembrança dos infortúnios de Tróia renova sua dor [*scilicet* de Enéias] e leva às lágrimas os auditórios mais hostis" (Videau-Delibes, 1991, p. 29)⁷⁹. Com isso, podemos dizer que, enquanto Ovídio assume para si a dor do exílio, Enéias a compartilha, ou melhor, entrevê a eventualidade de até mesmo os rivais gregos chorarem a sua dor. Contudo, ainda que existam nuances de significação próprias a cada texto, o prólogo, tanto da elegia quanto do segundo livro da *Eneida*, pode ser caracterizado como uma exposição dolorosa da lembrança do último dia antes de deixar a pátria.

Depois da exposição da dor, os protagonistas começam o relato desse momento funesto. A narração ovidiana inicia-se com o advérbio *iam* - *Iam prope lux aderat, cum discedere Caesar* (I, 3, v. 5) - que introduz a primeira caracterização temporal da elegia - a proximidade do amanhecer, que representa o cumprimento da ordem de César, a partida. Esse advérbio é um elemento introdutor freqüente na epopéia, um procedimento fundamental da poesia épica consagrado por Virgílio, conforme afirma Chausserie-

⁷⁹ "(...) le souvenir des malheurs de Troie ressuscite sa douleur et provoquerait les larmes des auditeurs les plus hostiles."

Laprée (1969, p. 550)⁸⁰. Com isso, sua utilização por Ovídio faz suspeitar que o poeta esteja empregando uma linguagem que seria interpretada como típica da épica.

O verso 8 do canto II também é introduzido pelo advérbio *iam* - (...) *et iam nox umida caelo/ praecipitat* (...) ⁸¹ - e em muito se assemelha ao da elegia acima citado. No verso virgiliano, o *iam* apresenta ao leitor uma noite já avançada, propícia ao sono e não aos relatos bélicos; no ovidiano, o *iam* expõe a iminência do amanhecer, o momento sua partida. Apesar dos diferentes valores tomados por *iam* nos versos citados - o de Ovídio representa o início de seu relato e o de Enéias, o momento que precede sua narração - e da antítese estabelecida entre *lux* e *nox*, ambos os versos se situam logo no início dos textos e referem-se à mesma coisa - uma noite já avançada, cujo término é iminente.

A semelhança acima discutida também se verifica entre a segunda marcação temporal da elegia I, 3 (vv. 27-28), que relembra o desenrolar da noite trágica, e a caracterização, no canto II, do momento funesto da invasão dos gregos (vv. 254-255) ⁸². Ambos os trechos são introduzidos pelo advérbio *iam*, que lança o leitor em uma noite a princípio silenciosa, mas que se conturbará em breve. Nos *Tristes*, a noite é iluminada por uma *luna alta* (v. 28), enquanto que na *Eneida* é escura, pois a lua se encontra escondida, silenciosa - *lunae tacitae* (v. 255). Em Ovídio, a *luna alta* salienta a fugacidade do tempo, que precipita os acontecimentos (no caso, a partida para o exílio) e acentua a dramaticidade da narração; já em Virgílio, a *luna tacita*, por sugerir ausência de luminosidade, propicia a concretização da perfídia grega. A antítese que se estabelece entre *luna alta* e *luna tacita* retoma a já vista entre *lux* (*Tr.* I,3, 28) e *nox* (*En.* II, 255), pois mantém a mesma oposição entre claro e escuro, entre luz e trevas e, por isso, sua reincidência reafirma a aproximação existente entre os textos. Contudo, embora não seja a mesma noite – nos *Tristes*, clara e bela; na *Eneida*, escura e negra – podemos afirmar que ela carrega todos os infortúnios que causam dor a ambos os protagonistas.

⁸⁰ Chausserie-Laprée (1969, p. 499), em sua análise sobre o *iam*, afirma que esse advérbio, quando iniciando uma sentença, possui um valor estilístico muito forte - o de *préparation*. Isto é, o conteúdo do *iam* prepara o leitor para o desfecho iminente de uma ação dramática que se encontra em curso.

⁸¹ “E já a noite úmida do céu / Se precipita (...)” (utilizaremos a tradução do canto II que propusemos em nosso Mestrado – ver apêndice II de nossa dissertação).

⁸² *Et iam Argiua phalanx instructis nauibus ibat / a Tenedo tacitae per amica silentia lunae* (“E já a argiva falange partia de Tênedo com as naus equipadas / Através do silêncio amigo da lua tácita” - os grifos são meus)

Ovídio utiliza o *iam* mais uma vez no verso I, 3, 47 - *Iamque morae spatium nox praecipitata negabat* - para caracterizar o fim inevitável de seu tempo de espera, pois a noite se precipita, dando lugar ao amanhecer. Esse infortunado momento se concretiza nos versos 71 e 72 - *Dum loquor et flemus, caelo nitidissimus alto/ Stella grauis nobis Lucifer ortus erat* - com o nascimento de Lúcifer, a estrela funesta, uma vez que “aquele que traz a luz” contrasta com a necessidade, ou melhor, com a iminência da partida. Na *Eneida*, o advérbio *iam* apresenta o nascimento de Lúcifer - *Iamque iugis summae surgebat Lucifer Idae* (v. 801)⁸³ - que caracteriza, para Enéias, tanto um amparo à sua fuga, pois facilita a navegação, como um possível encontro com os gregos, que, no momento, guardavam as estradas. Mesmo que a aparição de Lúcifer seja singular a cada um dos textos, seu nascimento é, para os dois protagonistas, o início da desgraça maior - o exílio da pátria, tão cara aos dois.

Observando o verso 47 da elegia I, 3 e o 801 do canto II da epopéia, notamos que ambos são introduzidos pelo advérbio *iam*, assim como os demais já analisados. Além dessa semelhança, podemos observar também uma aproximação estilística entre esses versos ocasionada pela antítese que se instaura pelo uso dos vocábulos *nox* e *Lucifer* nos *Tristes* e na *Eneida*, respectivamente. Esse tipo de aproximação já foi observado pelo contraste existente entre *lux* (*Tr.* I, 3, 5) e *nox* (*En.* II, 8), bem com entre *luna alta* (*Tr.* I, 3, 28) e *luna tacita* (*En.* II, 255). O interessante é notar que há um efeito de inversão se se confrontam os textos: Ovídio começou fazendo referência ao dia que se aproxima e Enéias, à noite que se precipita; depois, Ovídio apresentou uma noite luminosa enquanto que Enéias, uma em trevas; por fim, Nasão relatou o término da noite e Enéias, o nascimento do dia.

Utilizando uma marcação notadamente épica – *iam*, Ovídio cria três momentos que expressam a fugacidade de seu tempo de permanência em Roma antes da partida que se dá ao amanhecer. Com isso, Nasão, além de fazer alusão à epopéia pelo uso do *iam*, constrói sua elegia seguindo a mesma sequência temporal encontrada em Virgílio: o protagonista da elegia I, 3, similarmente ao da *Eneida*, expõe, inicialmente, seu sofrimento frente à dor da recordação, depois narra seus infortúnios, que começam com a noite já avançada, prolongando-se até o amanhecer, que sinaliza o término da espera e

⁸³ “E já Lúcifer surgia nos cumes do altíssimo Ida.”

a necessidade de partir. Também é importante salientar que Ovídio estabelece uma aproximação com o canto II através das antíteses anteriormente caracterizadas.

Após a ocorrência do terceiro *iam*, a elegia caminha dramaticamente para o desfecho inevitável - a partida. Para compor esse momento tristíssimo, Ovídio novamente recorre ao universo épico, através das repetições das expressões *ter* e *tum uero*. A anáfora épica *ter...ter*, muito comum na epopéia virgiliana, como comenta Chausserie-Laprée (1969, p. 521), aparece no verso 55 dos *Tristes* I, 3 - *Ter limen tetigi, ter sum reuocatus* (...). Essa, além de expressar a relutância de Nasão em partir, alude à tentativa de Enéias de tocar em vão a sombra de Creúsa, que lhe aparece no momento em que esse retorna à Tróia para procurá-la (*En.* II, 792-793)⁸⁴.

Como Enéias tem de partir de imediato, uma vez que já amanhecera, pode-se pensar que ele, ao almejar insistentemente tocar a imagem da esposa, tenta em vão demorar-se em solo pátrio. Essa interpretação torna-se possível se se considerar que Enéias somente fugiu incitado por Heitor, Vênus, Anquises e de sua própria mulher, já que seu primeiro desejo era perecer juntamente a Tróia. Se os versos virgilianos forem assim interpretados, fica evidente a *imitatio* ovidiana, pois, no verso 55 da elegia 3, Ovídio não apenas se utiliza da anáfora épica *ter...ter*, como também do sentido que essa sugere nos versos virgilianos - a relutância em deixar a pátria.

Os dísticos dos *Tristes*, introduzidos pela expressão *tum uero*, podem ser caracterizados como o ponto mais dramático antes da partida (a qual se efetiva no verso 89 - *Egredior, siue illud erat sine funere ferri*), pois eles reproduzem o desespero dos amigos de Nasão e a dor de sua esposa (I, 3, 77-80). A expressão *tum uero*, cujo uso épico se consagrou com Virgílio, como comenta Chausserie-Laprée (1969, p. 520), apresenta um forte caráter de introdução patética por ser um elemento que carrega um registro dramático comum ao diálogo, isto é, "ela marca o vivo interesse que suscita uma intenção ou uma opinião de um interlocutor"⁸⁵. Para Chausserie-Laprée (p. 521), o exemplo mais contundente do caráter patético dessa expressão são os versos dos *Tristes* acima citados, pois o uso reiterado de *tum uero*, único na literatura latina, determina uma *mise en scène* dramática, formada por duas cenas: uma, representando o desespero dos

⁸⁴ *Ter conatus ibi collo dare brachia circum; / ter frustra compressa manus effugit imago*, ("Três vezes, ali, tentei lançar em volta do colo os braços / Três vezes, inutilmente retida, fugiu-me das mãos a imagem,").

⁸⁵ "elle marque le vif intérêt que suscite une intention ou une opinion d'un interlocuteur".

amigos, e outra, o da esposa, que implora em vão para partir com seu esposo. Dessa forma, nota-se que não é acidental o emprego dessa expressão comum à epopéia virgiliana - Ovídio, mais uma vez, recorre ao universo épico para construir sua teia alusiva.

Depois desses dísticos, segue o insistente pedido da não nomeada esposa de Nasão para acompanhá-lo no exílio (*Tr.* I, 3, 81-86). Essa imagem da mulher que se recusa a abandonar o esposo e que se propõe a segui-lo para onde for aparece também na *Eneida* II, 675-678⁸⁶. Nesse trecho, Creúsa intercede para que o marido fique e dê auxílio a ela, a seu filho e sogro, mas, se isso não ocorrer, ela prefere ir, junto dele, ao encontro da morte. A esposa de Ovídio não pede para que ele fique, pois sabe que isso é em vão, mas tenta persuadi-lo a levá-la em seu exílio. Como se observa, esses dois trechos são ao mesmo tempo similares e singulares, pois ambas as personagens tentam persuadir seus maridos a não abandoná-las, contudo, os motivos que as tomam são diferentes: Creúsa tem de fazer com que Enéias abandone a guerra e cuide de seus familiares, e a esposa de Nasão apenas pede para ser levada com o marido, porque se encontra tomada de desespero.

Depois de concluído o discurso, Ovídio refere-se à fala de sua mulher através de um verso cujo início é praticamente idêntico ao da *Eneida* que segue à fala de Creúsa. Ovídio diz: *Talia temptabat* (*Tr.* I, 3, 87) no mesmo momento em que Virgílio emprega *Talia uociferans* (*En.* II, 679). A semelhança entre esses versos se dá tanto na posição – ambos se encontram após a fala das personagens – quanto na disposição das palavras - o pronome *talia* inicia os versos, seguido de formas verbais. Entretanto, o uso do verbo *temptabat*, por Ovídio, caracteriza a diferença de conteúdo da fala de sua mulher em relação à de Creúsa, pois, como já se disse, Creúsa tinha de convencer Enéias a não voltar para a guerra, por isso vociferava (*uociferans*), e a mulher de Nasão apenas tentava (*temptabat*) convencer o marido a levá-la consigo para o exílio.

Além da semelhança temática relativa à temporalidade e à personagem feminina e das alusões formais pontuadas ao longo da análise, podemos vislumbrar outras

⁸⁶ “*Si periturus abis, et nos rape in omnia tecum; / sin aliquam expertus sumptis spem ponis in armis, / hanc primum tutare domum. Cui paruius Iulus, / cui pater, et coniunx quondam tua dicta relinquo?*” (“Se estás prestes a ir para a morte, leva-nos contigo para onde fores; / Mas se, experiente, alguma esperança ainda depositas nas armas tomadas, / Cuida primeiro desta casa. A quem o pequeno Iulo, / A quem o pai e eu, que outrora era nomeada tua esposa, sou confiada?”).

referências virgilianas em Ovídio, como, por exemplo, o uso de imagens épicas na composição do protagonista. Após a construção do símile já citado anteriormente (*Tr.* I, 3, 25-26), que estabelece uma clara comparação entre a desgraça vivida pela personagem ovidiana antes do exílio e a tomada de Tróia pelos gregos, Ovídio inicia uma súplica aos deuses, com a esperança de que eles possam apaziguar a ira de César (*Tr.* I, 3, 31-40)⁸⁷. O protagonista sabe que suas queixas são vãs, pois afirma, no verso 35 - *Et quanquam sero clipeum post uulnera sumo* - que é muito tarde para se esforçar na luta, mas mesmo assim tenta fazer com que os deuses esclareçam a César que ele apenas errou e que não cometeu crime algum. A imagem construída nesse verso - a do protagonista apoderando-se tardiamente de suas armas para lutar - faz referência a um contexto épico e nitidamente retoma o Enéias que se prepara novamente para o combate antes de ser interpelado por Creúsa, rogando-lhe para que fique (*En.* II, 671-672)⁸⁸.

Como observamos nesses versos, Enéias também se reveste tardiamente de seu escudo com o intuito de combater sua ruína - a destruição da sua Tróia. Assim, depois de estabelecer uma clara relação entre seus infortúnios e os de Tróia, Ovídio cria para si uma imagem épica, quando se compara ao Enéias que tenta em vão lutar por sua pátria. Essa correspondência entre o personagem elegíaco e o herói da *Eneida* pode ser também observada através da denominação dada pelo protagonista dos *Tristes* I, 3 ao seu exílio - *fuga*. Essa designação, que se verifica nos versos 36 e 50 (*fugam* e *fugae*, respectivamente)⁸⁹, é a mesma encontrada no canto II para referir-se à partida de Enéias: Heitor (*fuge* - v. 289), Vênus (*eripe...fugam* - v. 619), Anquises (*agitate fugam* e *fuge* - vv. 640 e 733, respectivamente)⁹⁰, todos pedem para que Enéias “fuja”. A aproximação

⁸⁷ “*Numina uicinis habitantia sedibus, inquam, / Iamque oculis nunquam templa uidenda meis / Dique reliquendi quos urbs habet alta Quirini, / Este salutati tempus in omne mihi! / Et quanquam sero clipeum post uulnera sumo, / Attamen hanc odiis exonerate fugam / Caelestique uiro quis me deceperit error / Dicite, pro culpa ne scelus esse putet, / Vt, quod uos scitis, poenae quoque sentiat auctor: / Placato possum non miser esse deo.*”

⁸⁸ *Hinc ferro accingor rursus clipeoque sinistra / insertabam aptans meque extra tecta ferebam* (“Daí, cinjome novamente com o ferro e, ajustando, / Introduzia a sinistra no escudo e me encaminhava para fora da casa”).

⁸⁹ *Tr.* 3, 50: *Vltima sed iussae nox erat illa fugae* (v. 36, ver nota acima).

⁹⁰ *En.* II, 289: “*Heu, fuge, nate dea, teque his*” ait “*eripe flammis*” (“Ai, fuge, filho da deusa, e livra-te destas chamas,”); v. 619: *Eripe, nate, fugam finemque impone labori* (“Apressa, filho, a fuga e põe termo ao teu labor,”); v. 640: *uos agitate fugam* (“Preparai vós a fuga”); v. 733: *prospiciens* “*Nate*” exclamat, “*fuge, nate; propinquant*” (“Divisando, exclama: “Filho, fuge, filho, aproximam-se”).

é ainda facilitada pela ambigüidade do substantivo, que significa, ao mesmo tempo, "fuga" e "exílio" (cf. Ernout & Meillet, 1951, p. 459).

Além disso, Adelmo Barigazzi, o autor do verbete *fuga/fugio* na *Enciclopedia Virgiliana* (vol. II, 1987, pp. 602-603), depois de elencar várias passagens da *Eneida* em que aparecem o substantivo *fuga* e o verbo *fugere* com o sentido de “exílio” e “ir para o exílio”, respectivamente, afirma que o vocábulo "*fuga* equivale a *exilium* e *fugio* a ir para o exílio, conforme o uso grego, muito mais freqüente, também na prosa, de φυγή ‘exílio’ e de φευγῶ ‘ir para o exílio’”⁹¹. Barigazzi também comenta que a temática do exílio, uma constante na *Eneida*, está resumida na frase *fato profugus* que aparece logo no início da epopéia - *arma uirumque cano, Troiae qui primus ab oris/ Italiam **fato profugus** Lauiniaque uenit/ litora (...)* (En. I, 1-3 - o grifo é meu)⁹². Como se observa nesses versos, Enéias é apresentado como um *profugus*, como alguém que, além de estar “fugindo” de Tróia, que foi tomada pelos gregos, encontra-se “exilado” pelo destino (*fato*). Ovídio, então, estabelece uma alusão indireta com essa passagem do canto I, pois no verso 3,10 - *Non aptae **profugo** uestis opisue fuit* (o grifo é meu) - também se apresenta como um *profugus*.

Como vemos pela análise, Ovídio não só reveste a couraça do herói épico ao se colocar como um *alter Aeneas* quando compara seu sofrimento à destruição de Tróia, como também constrói a estrutura narrativa de sua elegia seguindo os passos de Virgílio. Como propõe Della Corte (1973, pp. 217-219), essa elegia encontra-se dividida em três partes: um prólogo (v. 1-4), uma narração (vv. 5-98) e um epílogo (vv. 99-102); a narração, por sua vez, se desenvolve em quatro cenas: a madrugada (v. 5), a quietude daquele momento (v. 27), a iminência do amanhecer (v. 47) e o nascer do dia (v. 71). Essa divisão também pode ser proposta para o segundo livro da *Eneida*: prólogo (vv. 1-12), que se caracteriza pela dor da recordação, narração (v. 13-801), na qual Enéias discorre sobre seus infortúnios que começam com uma noite já avançada, e epílogo (vv. 802-803), que encerra o canto com a partida de Tróia.

⁹¹ “*fuga* equivale a *exilium* e *fugio* a *in exilium ire*, secondo l’uso greco, molto più frequente, anche nella prosa, di φυγή ‘esilio’ e di φευγῶ ‘vado in esilio.’”

⁹² “Armas canto e o varão que, exul de Tróia, / Primeiro os fados prófugo aportaram / Na Hespérica Lavino” (trad. Odorico Mendes, 1858, vv. 6-8).

Assim, pela apresentação da análise das elegias I, 2, 3 e 4, fica evidente o jogo alusivo que se estabelece entre elas e os três primeiros cantos da *Eneida*. Mesmo que a elegia 4 faça referência tanto à segunda quanto aos cantos I e III da épica virgiliana, não sendo tão direta sua alusão a este último canto, é lícito propor que Ovídio retoma ordenadamente os três livros da *Eneida*: a elegia 2 é construída de acordo com a estrutura proposta no canto I, a 3 também é organizada como o canto II e, finalmente, a 4, cujo tema ocupa posição semelhante ao canto III. Então, podemos sugerir que Ovídio não dispôs suas elegias em ordem cronológica, como aventam vários estudiosos, como Della Corte (1973, p. 211) e G. Ferrara (1944, pp. 23 e 31)⁹³, mas sim de forma a estabelecer uma relação com a *Eneida*. Dessa forma, conclui-se que a sequência apresentada por Ovídio⁹⁴ para suas elegias funciona como um marcador alusivo, pois ela, ao retomar a cronologia presente na epopéia, marca o jogo alusivo que se estabelece entre os *Tristes* e a *Eneida*⁹⁵.

A elegia III, 2 parece sintetizar as elegias acima descritas, pois retoma resumidamente o assunto das mesmas, através de recursos lingüísticos, como vocábulos e expressões, muito marcados nessas elegias do livro I, pois, como demonstramos, funcionam como marcadores alusivos à épica virgiliana. Nesse texto, o qual podemos caracterizar, conforme Della Corte (1973, p. 261), como uma invocação à morte, o protagonista nos relata que estava em seu destino (*in fati*, III, 2, 1) conhecer Cítia, a região de seu exílio. Podemos recordar que Virgílio em seu segundo verso do canto I apresenta Enéias como alguém que se encontra exilado (*profugus*) pelo próprio destino (*fato*). Segundo comentário já visto de Barigazzi, a frase *fato profugus* resume a temática

⁹³ Ferrara não concorda muito com essa cronologia, pois acha difícil que a elegia I, 3 tenha sido escrita antes da I, 4, já que tal texto se apresentaria muito bem acabado, o que seria impossível se tivesse sido composto em meio a uma viagem. (Vale ressaltar aqui a ingenuidade do autor ao fazer tal afirmação, porque essa pressupõe que podemos, a partir de um critério estético, determinar a cronologia das elegias em questão, baseando-nos, assim, em argumento tão perigoso como esse de que seria impossível compor um texto tão bem acabado em meio à viagem). Além disso, o autor comenta que as informações citadas por Ovídio na elegia I, 3, relativas ao que aconteceu em sua casa após a partida, só poderiam ter chegado de Roma e, portanto, Nasão só viria conhecê-las quando tocasse o istmo de Corinto, onde trocou de embarcação. Todavia, G. Ferrara afirma que essas especulações não são suficientes para desautorizar a opinião normalmente aceita - a de que essas elegias estão dispostas em ordem cronológica. Por isso, aceita a ordem tradicional, mesmo estando convicto de que ela não seja precisamente cronológica.

⁹⁴ É difícil assegurar se foi o próprio Ovídio quem ordenou as elegias 2, 3 e 4 dos *Tristes* I. Contudo, todos os manuscritos apresentam a disposição seguida neste capítulo e é, evidentemente, a partir desse ordenamento que a análise textual se faz.

⁹⁵ Klodt (1996, p. 257) propõe uma ordem cronológica diferente da apresentada pelos dois críticos italianos: a autora diz que a elegia I, 3 é anterior a I, 2 que, por sua vez, antecede a I, 4.

do exílio que é uma constante na *Eneida*, ao exprimir a sorte do protagonista. Na elegia I, 3 10, como vimos, Ovídio já havia se apresentado como um *profugus*, ao narrar que ao exilado (*profugo*) não houve tempo nem condições emocionais para preparar a partida. Em III, 11, 35⁹⁶, observamos que o adjetivo utilizado pelo poeta para relatar sua condição ao detrator a quem endereça tal elegia é *profugi*; também em III, 14, 10⁹⁷, o protagonista se coloca como um *profugus*. Na elegia V, 2b, 18⁹⁸, Ovídio utiliza o adjetivo *profuga* para caracterizar sua nau; em V, 34, 49⁹⁹, usa-o novamente para exprimir sua condição, assim como em V, 7, 30¹⁰⁰.

A aproximação que vemos entre os personagens, e, conseqüentemente, entre os *Tristes* e a *Eneida*, vai se confirmando conforme seguimos a leitura da elegia III, 2. Após nos narrar uma das facetas de seu destino, Ovídio volta às Musas, às quais imputa a causa de seu crime, ou melhor, erro, como vemos em muitas das elegias em que se fala dos motivos de sua condenação, e retoma em três versos (III, 2, 7; 12 e 15) as adversidades sofridas durante a viagem para o exílio, merecendo destaque os que citamos abaixo:

Plurima sed pelago terraque pericula passum,

(...)

Dum tamen et terris dubius iactabar et undis (III, 2, 7 e 15 – os grifos são meus)

As locuções adverbiais *pelago terraque* e *et terris et unda* e o verbo *iactare* sintetizam muito bem o caminho trilhado até o exílio, bem como sofrimentos suportados por nosso protagonista, como as tempestades que o acometeram ao longo desse (as quais verbaliza no v. 25 – *nulla procella*), colocando, assim, a elegia III, 2 em paralelo às elegias I, 2 e 4 e, conseqüentemente, aos cantos I e III da *Eneida*. Esses termos resumem muito bem as atribulações da viagem para o exílio, porque, como afirmamos acima, além de sumariá-las, funcionam também como marcadores alusivos, uma vez que

⁹⁶ *Pendimus en profugi* – satia tua pectora – poenas

⁹⁷ *Saepe per externas profugus pater exulat oras,*

⁹⁸ *Et Scythicum profuga scindere puppe fretum.*

⁹⁹ *Fac modo constanter profugum tueare! quod ille,*

¹⁰⁰ *Impedit et profugi nomen in ora refert.*

fazem referência direta ao verso 3 da proposição do canto I da *Eneida* (...) *multum ille et terris iactatus et alto* (os grifos são meus).

Nesse verso, Enéias é apresentado como um joguete, a vagar à própria sorte por terras e mares, como vimos na análise da elegia I, 2; assim também se coloca Ovídio em III, 2 15. Ademais, não se pode esquecer do comentário de Cartault citado anteriormente, que diz respeito ao uso peculiar do verbo *iactare* em Virgílio, principalmente nos seis primeiros cantos, em que são narradas todas as adversidades sofridas por Enéias, antes de chegar à Itália. Para Cartault (1926, p. 138, nota 4), o uso reiterado desse verbo na *Eneida* apresenta um dos aspectos mais determinantes do infortúnio de Enéias antes de chegar ao Lácio (o de estar a vagar a vagar por terras e mares, impelido pelo acaso), bem como estabelece uma relação de identidade entre a sorte dos troianos e a dos cartagineses. Desse modo, nesses poucos versos, mantém-se a alusão com o texto virgiliano que já havíamos observado nas elegias I, 2 e 4.

Verificamos também em outras elegias sintagmas similares ao *et terris iactatus et alto* virgiliano, caracterizando o infeliz destino do protagonista dos *Tristes* de estar à própria sorte durante sua viagem para o exílio: em III, 11, 59 (*sum fugiens tellure, ... aequore*); IV, 1, 59 (*iactatus in orbe*); IV, 8, 15-16 (*terraque marique / actum*), IV, 10, 107 (*Totque tuli terra casus pelagoque*) e V, 3, 12 (*Multa prius pelago multaque passus humo*)¹⁰¹. Essas expressões sintéticas funcionam como marcadores alusivos, pois indicam (e reconfirmam) a relação alusiva que é estabelecida nos *Tristes* I, sobretudo nas elegias 2 e 4, entre a sorte de seu protagonista e o da *Eneida*. Elas nos fazem rememorar as adversidades suportadas por Ovídio durante sua viagem para o exílio, as quais ele compara às padecidas pelo herói épico. Conseqüentemente, também apontam a *Eneida*, uma vez que tais expressões são similares à locução adverbial encontrada no épico virgiliano, mais precisamente no canto I, que tão bem caracteriza a sorte de seu protagonista, como vimos acima. Seu uso até certo ponto freqüente nos *Tristes* marca e

¹⁰¹ Em III, 1, 25 (... *quamuis terraque marique / ... referam lassus...*) e IV, 4, 2 (*Lassaque facta mari lassaque facta uia*), os termos grifados são semântica e estruturalmente parecidos com os citados no texto; fazem, contudo, referência ao livro e não ao “eu” poético, como nas elegias analisadas acima. Mas, como essas expressões estão em paralelo às que são utilizadas para descrever os infortúnios por que passou nosso protagonista em sua viagem, podemos dizer que esse é aludido quando o livro resume, em III, 1, 25 e IV, 4, 2, os sofrimentos suportados ao longo de sua viagem até Roma. O que difere é que o livro foi para Roma, isto é, para casa, já o poeta para o exílio.

conserva na obra ovidiana a comparação divisada no livro I entre os protagonistas da elegia e da épica.

Voltando à análise da elegia III, 2, observamos que Ovídio rememora a vida que tinha antes de partir para o exílio, a cidade, sua casa, os familiares e amigos, enfim, tudo o que possuía (*Roma domusque subit desideriumque locorum*, III, 2, 21 – o grifo é meu), o que a coloca em paralelo à elegia I, 3, pois o verbo utilizado em ambas é o mesmo, *subit* – ver I, 3, 1¹⁰². Somado a isso, temos o fato de que as lembranças também o fazem chorar na elegia III, 2 assim como o fizeram em I, 3. Naquela, Ovídio diz que, desde que aportou em Tomos, nada o consola a não ser chorar e, inevitavelmente, lembrar de tudo que perdeu. O verbo *subit*, aliado ao fato de o protagonista chorar ao recordar, aludem à elegia I, 3 e, indiretamente à *Eneida*. Não temos marcas verbais concretas para justificar a alusão ao canto II, mas o choro nos indica a dor imensa que o protagonista sente por estar onde está, a qual se mistura à dor da saudade que vem com as recordações, assim como Enéias que também renova (*renouare*, v. 3) sua dor infanda ao rememorar a destruição (*supremum laborem*, v. 11) de Tróia.

Podemos perceber também em III, 11, 59 a presença do particípio presente *fugiens* para indicar a condição de exilado do protagonista. Como vimos na análise da elegia I, 3, o exílio de Ovídio é denominado *fuga* (*fugam* e *fugae*, vv. 36 e 50, respectivamente)¹⁰³, e os termos presentes no canto II que fazem referência à partida de Enéias são o verbo *fugio* e o substantivo *fuga*: *fuge* (v. 289), *eripe...fugam* (v. 619), *agitate fugam* e *fuge* (vv. 640 e 733, respectivamente). Como também já discutimos, de acordo com Adelmo Barigazzi, em seu verbete *fuga/fugio* na *Enciclopedia Virgiliana* (vol. II, 1987, pp. 602-603), o vocábulo *fuga* na *Eneida* é semanticamente equivalente a *exilium* e o verbo *fugio* a “ir para o exílio”. Tais vocábulos aparecem em outros momentos nos *Tristes* com o sentido acima descrito: do livro II constam duas aparições, v. 133 (*fuga*) e v. 217 (*fugit*)¹⁰⁴; no livro III aparecem em 1, 74 (*fugam*); 3, 34 (*fugam*);

¹⁰² Ovídio também relembra em outras elegias quem era antes do exílio e o que perdeu, fazendo uso do mesmo verbo *subit*, como em I, 3, 1 e III, 2, 21: *Et subit adfecto nunc mihi quicquid abest. / Omnia cum subeant, uincis tamen omnia, coniunx*, III, 3, 14-15; ... *et qui sim qui fuerimque subit*, III, 8, 38 e *Cum uice mutata qui sim fuerimque recorder / Et tulerit quo me casus et unde subit* IV, 1, 100 – os grifos são meus. Nessas elegias, contudo, não temos o pranto do protagonista.

¹⁰³ Tr. I, 3, 50: *Vltima sed iussae nox erat illa fugae* (v. 36, ver nota acima).

¹⁰⁴ Em II, 193, temos *fugati*, particípio do verbo *fugare* (“pôr em fuga”; “enviar para o exílio”, “desterrar”), cuja etimologia nos remete tanto ao verbo *fugere* quanto ao substantivo *fuga*.

8, 24 (*fuga*) e em 14, 9, duas vezes (*fuga*); no livro IV, em 1, 20 (*fugae*); 1, 50 (*fugae*); 4, 48 (*fugam*); 10, 63 (*cum fugerem*); 10, 90 (*fugae*) e 10, 102 (*fuga*); no V, temos apenas duas aparições, em 8, 37 (*fugatum*) e em 12, 46 (*fugae*)¹⁰⁵.

Como vemos, o verbo *fugio* e o substantivo *fuga* são muito utilizados por Ovídio para caracterizar seu desterro, o que confirma e reforça a alusão que a obra ovidiana faz à *Eneida*, mais especificamente ao herói épico, cuja sorte é retomada em tal texto na composição de sua personagem: o protagonista dos *Tristes* está, assim como Enéias, destinado ao desterro (*fuga*). Ademais, para apresentar mais uma justificativa à comparação sugerida, podemos nos lembrar que o adjetivo *profugus*, utilizado para descrever a condição de Ovídio em algumas das elegias dos *Tristes*, como vimos acima, o qual pertence à mesma família de palavras que *fugio/fuga*, é utilizado por Virgílio logo no início da *Eneida* para caracterizar o destino de seu herói.

A semelhança entre os personagens ovidiano e virgiliano se confirma quando observamos outras referências a personagens e episódios épicos. A primeira elegia dos *Tristes* I se caracteriza por ser o prólogo do livro I (bem como de todo o livro), uma vez que, como todo primeiro poema de qualquer livro para os antigos, possui valor programático, ao indicar o assunto que será tratado. Além disso, essa elegia é caracterizada por ser um *propemptikon*, uma vez que o locutor faz recomendações, dá conselhos a um interlocutor, no caso, o próprio livro, que está de partida para Roma, cidade interdita a seu autor. Ao descrever o aspecto do livro como objeto, Ovídio parece fazer referência às características estéticas (tanto a forma quanto o conteúdo) da poesia que contém a obra dos *Tristes*. Essa suposição se reforça através do valor programático da primeira elegia, pois o objeto livro estaria prenunciando o caráter dos escritos que ele contém, funcionando, assim, como um tipo de libelo estético. Essa descrição do objeto livro, contudo, deixa no leitor uma expectativa que não se confirma pela leitura das demais elegias, a de que essas pecam pela falta de engenho. Ovídio, ao contrário do que

¹⁰⁵ *Nec mea selecto iudice iussa fuga est* (II, 133); *Cumque alii causa tibi sint grauiore fugati* (II, 193); *Nec qui composuit nuper Sybaritica fugit* (II, 217); *Et patimur nati quam tulit ipse fugam* (III, 1, 74); *Vel praecepisset mors properata fugam!* (III, 3, 34); *Mutato leuior sit fuga nostra loco!* (III, 8 24); *Est fuga dicta mihi, non est fuga dicta libellis* (III, 14, 9); *Sola comes nostrae perstitit illa fugae* (IV, 1, 20); *Sollicitas comites ex Helicone fugae* (IV, 1, 50); *Tempore cum fuerit lenior ira, fugam* (IV, 4, 48); *Tunc quoque, cum fugerem, quaedam placitura cremaui* (IV, 10, 63); *Errorrem iussae, non scelus, esse fugae* (IV, 10, 90); *Ipsa multa tuli non leuiora fuga* (IV, 10, 102); *Vtique ego te uideam causa grauiore fugatum!* (V, 8, 37); *Vos estis nostrae maxima causa fugae* (V, 12, 46).

anunciou nessa espécie de *captatio beneuolentiae*, compõe uma obra muito bem acabada poeticamente.

Antes de entrarmos na análise que nos propusemos no início do parágrafo anterior, vale a pena abrir parênteses para comentar um pouco as primeiras elegias dos demais livros e mencionar o fato de que o próprio livro é seu assunto. Em III, 1, observamos que o protagonista é o próprio livro. Ele, tendo acabado de chegar a Roma, cansado após uma viagem longuíssima e atribuladíssima por terra e mar (III, 1, 25-26)¹⁰⁶, põe-se a contar o assunto de que trata. Diz que esse não é amoroso ou licencioso, mas sim triste e lamentoso, para tentar chamar a atenção de algum leitor, bem como faz referência a seu aspecto descuidado (o que alude, como em I, 1, a sua forma e conteúdo, apresentados como pouco engenhosos) que, como diz, é condizente com a sorte de seu autor, ou melhor, de seu progenitor, pois o livro em III, 1, 74 se autodenomina filho (*nati*) do poeta, como em I, 1, 107, em que o livro é indiretamente chamado de filho, quando o poeta lhe fala de seus irmãos (*Aspicies illic positos ex ordine fratres*). Em IV, 1, o livro é novamente o assunto (bem como o ato de escrever, o qual arruinou o protagonista) e Ovídio o caracteriza cheio de defeitos, ao pedir a compreensão do leitor com relação a esses, uma vez que a situação de seu autor não lhe permite ser mais bem acabado (IV, 1, 1)¹⁰⁷. Finalmente, a primeira elegia do livro V¹⁰⁸ também toma o livro como assunto, expondo que sua temática é inspirada nos males e tristezas do próprio autor e que faltaram arte e estro em sua composição.¹⁰⁹

Voltando à observação dos elementos épicos e à elegia I, 1, podemos perceber que há nesse texto referências, ainda que puramente temáticas, à épica. Nos versos 47 e 48¹¹⁰, Ovídio se refere a Homero para fechar de forma contundente suas explicações relativas à possível inferioridade de sua obra. Nasão diz que os versos nascem de um espírito sereno e de uma situação de ócio, não entre tormentas e o medo da morte e, por

¹⁰⁶ Como o foi a de seu autor, mas para o caminho inverso, para o exílio e não para Roma (os versos já foram citados anteriormente).

¹⁰⁷ *Siqua meis fuerint, ut erunt, uitiosa libellis, / Excusata suo tempore, lector, habe!*

¹⁰⁸ Vale a pena ressaltar que na elegia V, 4, assim como em III, 1, o livro é novamente o protagonista. Ele narra sua chegada a Roma, o longo e dificultoso caminho percorrido, a tristeza que sente o desterrado, bem como se dirige a um amigo do poeta, a quem se endereça tal texto, dizendo-lhe quanto esse o estima e lhe pedindo ajuda para seu autor.

¹⁰⁹ Também no início da elegia única que compõe o livro II (a qual discutiremos mais detalhadamente abaixo), faz em seus primeiros versos referência ao livro quando o protagonista o interpela diretamente nos dois primeiros versos: *Quid mihi uobiscum est, infelix cura, libelli, / Ingenio perii qui miser ipse meo?*

¹¹⁰ *Da mihi Maeoniden et tot circumspice casus: / Ingenium tantis excidet omne malis.*

isso, até mesmo Homero, se tivesse caído em desgraça, não escreveria com tanto engenho, confrontando, assim, seu engenho com o de Homero. Além dessa referência, Ovídio, nos versos 83 a 86¹¹¹, compara o receio de sua nau de retornar aos lugares em que foi apossada pela tempestade ao da frota argólica em passar pelos mares da Eubéia. Também estabelece, nos versos 99 e 100¹¹², uma comparação entre Aquiles e Augusto ao retomar o mito de Télefo: ferido por Aquiles ao combater os gregos, só poderia ser curado, como lhe predisse o oráculo de Apolo, por quem causou seu ferimento, isto é, o próprio Aquiles. Assim, vemos que Ovídio estabelece uma ligação entre Augusto e Aquiles, pois o imperador é a única pessoa que pode livrá-lo do exílio, já que foi ele quem o decretara, assim como Aquiles é a única pessoa que pode curar a ferida de Télefo, pois foi ele mesmo quem a fez, e, conseqüentemente, entre si e Télefo.

O mito de Télefo é retomado por Ovídio no livro II, nos versos 19-20¹¹³, em V, 2, 15-18¹¹⁴ e, indiretamente, em III, 5, 21-22¹¹⁵. Em V, 2, o protagonista comenta a sua mulher, a quem endereça tal elegia, que sua ferida não cicatrizou com o passar do tempo, pelo contrário, está aberta, à espera de que a feche quem a abriu, estabelecendo, assim, a mesma comparação entre Augusto e Aquiles e Ovídio e Télefo que encontramos em I, 11. Em III, 5, não há referência direta a Télefo, mas se estabelece a mesma relação presente em tal mito, a de que só pode curar quem feriu; Ovídio nos diz que só pode salvá-lo quem o mandou aos Infernos, comparando seu exílio à morte e Augusto, nesse caso, a um deus.¹¹⁶

Antes de examinarmos melhor a presença desse mito no livro II, gostaríamos de fazer alguns breves comentários sobre sua estrutura. Tal livro, diferentemente dos demais, é composto por uma elegia única de 478 versos, a qual se configura como uma apologia, construída como uma *suasoria*. Nessa, o protagonista do livro faz uma apologia, defendendo-se e justificando sua condição de exilado, bem como elogia a César, o qual é comparado a Júpiter, como já havia feito em várias elegias do livro

¹¹¹ *Quicumque Argolica de classe Capherea fugit, / Semper ab Euboicis uela retorquet aquis, / Et mea cumba, semel uasta percussa procella, / Illum, quo laesa est, horret adire locum.*

¹¹² *Namque ea uel nemo uel qui mihi uulnera fecit, / Solus Achilleo tollere more potest.*

¹¹³ *Forsitan, ut quondam Teuthrantia regna teneti/ Sic mihi res eadem uulneris opemque fert.*

¹¹⁴ *Telephus aeterna consumptus tabe perisset, / Si non, quae nocuit, dextra tulisset opem. / Et mea, si facinus nullum commisimus, opto, / Vulnera qui fecit, facta leuare uelit.*

¹¹⁵ *Et tutare caput nulli seruabile, si non / Qui mersit Stygia subleuet illud aqua.*

¹¹⁶ A analogia exílio/morte será desenvolvida no item 2.2, quando compararmos o exílio de Ovídio ao de Enéias.

anterior. Essa elegia, de acordo com Ciccarelli (2003, p. 6), encontra-se dividida da seguinte forma (montamos o esquema, resumindo as informações que constam no referido autor):

vv. 1-26 – *exordium* ou *proemium*

vv. 27-28 – breve *propositio*

vv. 29-572 – *tractatio*

vv. 29-154 – *probatio*

vv. 207-572- *refutatio*

vv. 573-578 – *peroratio*

Tal divisão, como encontramos em Della Corte (1973, p. 243), continua seguindo a que foi sugerida por R. Ehwald em 1892 e Brueck em 1909¹¹⁷. Della Corte nos mostra também a divisão diferente proposta por Schmidt (1923)¹¹⁸: *proemium* (vv. 1-50), *deprecatio* (vv. 51-206), *purgatio* (vv. 207-572) e *peroratio* (vv. 573-578). Mesmo que haja divergência entre os estudiosos sobre a divisão de tal elegia, ainda que a primeira divisão apresentada aqui seja a mais aceita, grande parte dos estudiosos considera que há uma clara cesura no v. 207, o que fez acreditar que a partir de tal verso se inicia uma nova elegia, como comenta Della Corte (*ibid.*). Segundo Ciccarelli (*ibid.*), há uma diferença de tom entre as duas partes: na primeira, esse seria modesto e humilde, na segunda, mais seguro e enérgico. Ainda conforme Ciccarelli, tal diferença, somada a outras aparentes contradições, levou os estudiosos a negar a unicidade dessa elegia:

“enquanto na primeira parte o poeta se vê obrigado a mencionar o *error* com uma postura humilde e temerosa, na outra, concentra habilmente a atenção

¹¹⁷ EDWALD, R. *Ad historiam carminum Ovidianorum recensionemque symbolae*. Gotha, 1892, II, p. 17 e BRUECK, C. *De Ovidio scholasticarum declamationum imitatore*. Diss. Giessen, 1909 (*apud* Della Corte, 1973, p. 243).

¹¹⁸ SCHMIDT. *De Ovidi Tristium libro II*. Diss. Lipsia, 1923, p. 27 e ss. (*apud* Della Corte, *ibid.*).

de seu juiz sobre a própria atividade poética e sobre a obra incriminada, denunciando com veemência a injustiça da punição.”¹¹⁹

Após essa breve apresentação da estruturação retórica de tal livro, voltamos para a observação de elementos épicos, principalmente da épica virgilina, em tal texto. Ovídio, nessa elegia, suplica por sua sorte a Augusto, como também pede desculpas por seu erro, o qual é atribuído por ele a sua obra *Arte de amar*. Desse modo, tem de criar para si uma imagem, um *ethos* que agrade a Augusto e que consiga persuadi-lo a perdoar-lhe ou amenizar sua pena, enviando-o para um outro local de exílio. Como ele deixa claro em tal elegia, a épica é o gênero apreciado pelo imperador, por isso se vale dela e de seus elementos para compor seu discurso e o caráter do “eu” poético.

No *exordium*, o poeta se pergunta por que volta para a arte que o condenou - a poesia¹²⁰: o protagonista compara sua atitude à do gladiador que, mesmo vencido, retorna à arena, bem como ao navio já naufragado que volta para as águas revoltas (II, 17-18)¹²¹. Para se justificar, faz menção ao mito de Télefo, pois somente o que lhe causou a ferida lhe trará a cura (II, 19-20)¹²². Como observamos, diferentemente da elegia I, 11, 19-20 e V, 2, 15-18, em que havia clara uma aproximação entre Augusto e Aquiles e Ovídio e Télefo, e da III, 5, 21-22, em que podemos dizer que Augusto é comparado a um deus, temos aqui que Ovídio se compara a Télefo e a escrita a Aquiles, mas como é através da escrita que ela tentará persuadir Augusto a perdoar-lhe, temos, no final das contas, que é Augusto o Aquiles que o pode salvar.

Na *tractatio*, parte em que o poeta apresenta seus argumentos para tentar provar que o motivo de sua condenação foi um erro, não um crime, Ovídio, nos versos II, 317-318, faz referência direta à história de Tróia:

¹¹⁹ “(...) mentre nella prima sezione il poeta è costretto ad accennare all’*error* con atteggiamento umile e timoroso, nell’altra concentra abilmente l’attenzione del suo giudice sulla propria attività poetica e sull’opera incriminata, denunciando com forza l’ingiustizia della punizione.”

¹²⁰ Ovídio em IV, 1, 14-17 (*Fertur et abducta Lyrneside tristis Achilles / Haemonia curas attenuasse lyra. / Cum traheret siluas Orpheus et dura canendo / Saxa, bis amissa coniuge maestus erat.*), fala como escrever lhe mitiga os sofrimentos, assim como a lira aliviava os tormentos de Aquiles e o canto, o de Orfeu. Complementa seu argumento, através de uma comparação com a *Odisséia*, quando diz que ama a poesia, mesmo ela o tendo lesado, assim como o sabor nocivo do lótus agrada aos dulíquios (*Et carmen demens carmine laesus amo. / Sic noua Dulichio lotos gustata palato / Illo quo nocuit grata sapore fuit*, IV, 1, 30-32).

¹²¹ *Scilicet ut uictus repetit gladiator arenam / Et redit in tumidas naufraga puppis aquas.*

¹²² *Forsitan, ut quondam Teuthrantia regna teneti / Sic mihi res eadem uulnus opemque fert.*

*Cur non, Argolicis potius quae concidit armis,
Vexata est **iterum** carmine **Troia** meo?* (os grifos são meus)

Como a causa oficial de seu exílio é atribuída aos livros que compõem sua *Arte de amar*, o poeta lamenta por não ter escrito uma epopéia, mas versos amorosos. Arrepende-se por não ter contado novamente a destruição de Tróia, como o fez Homero e sobretudo Virgílio, bem como de não ter usado Roma como assunto de seus versos, uma vez que é uma atitude pia narrar os feitos da pátria (II, 322)¹²³; a falta de engenho, contudo, não lho permitiu (vv. 327-336)¹²⁴. O advérbio *iterum* aponta a *Eneida* como o principal modelo aqui, pois foi Virgílio, em seu canto II, que melhor descreveu os últimos acontecimentos da cidade antes de sua ruína; ainda que a *Ilíada* relate a guerra de Tróia, sabemos que ela foca mais a história de Aquiles do que a de Tróia em si. Também o adjetivo *pius*, usado para caracterizar a escrita dos feitos pátrios, como vimos acima, faz referência à épica virgiliana, pois retoma uma das grandes qualidades de Enéias, a *pietas*: ele é o herói *pius* por excelência.

Para que a afirmação acima - a de que Ovídio se vale principalmente da épica virgiliana - não pareça infundada, podemos observar que a obra de Virgílio é citada e nomeada em II, 533-534:

*Et tamen ille tuae felix Aeneidos auctor
Contulit in Tyrios arma uirumque toros,*

Além de nomear a epopéia virgiliana, Ovídio alude a ela quando cita a expressão *arma uirumque*, que faz referência direta a seu verso de abertura. O propósito aqui de citar a *Eneida* é indicar que mesmo em uma obra que versa sobre um assunto elevado, não deixa de existir o elemento amoroso; como diz o poeta, Virgílio levou seu protagonista para o leito tírio (*in Tyrios... torus*), aludindo, assim, ao amor de Dido e Enéias. Nos versos que seguem, Ovídio continua com a mesma argumentação, ao

¹²³ *Et pius est patriae facta referre labor* (o grifo é meu).

¹²⁴ *Tenuis mihi campus aratur; / Illud erat magnae fertilitatis opus. / Non ideo debet pelago se credere, si qua / Audet in exiguo ludere cumba lacu. / Forsan et hoc dubitem numeris leuioribus aptus / Sim satis, in paruos sufficiamque modos. / At si me iubeas domitos Iouis igne Gigantes / Dicere, conantem debilitabit onus. / Diuitis ingenii est inmania Caesaris acta / Condere, materia ne superetur opus.*

comentar que a história narrada na *Ilíada* surgiu graças a uma adúltera, Helena, que causou a luta entre o amante e o marido¹²⁵. Em V, 10, 3-4, Ovídio compara o tempo de seu exílio ao da guerra de Tróia. Embora o poeta relate que se tenham passado apenas três invernos desde que chegou a Tomos, a sensação que tem é de que se passaram tantos anos quantos Tróia ficou em poder dos inimigos (vv. 3-4)¹²⁶. Como observamos, o poeta retoma freqüentemente a desdita de Tróia para demonstrar ao leitor a profundidade de seus sofrimentos.

Também faz uso de exemplos épicos para tecer o caráter de sua esposa, Fábia, e de seus amigos mais caros. Quanto à esposa, na elegia I, 6, compara-a a Andrômaca, Laodamia e Penélope, mulheres de personagens épicos - Heitor, Protesilau e Ulisses, respectivamente, e afirma que seu caráter é superior ao dessas mulheres e que, se Homero tivesse conhecido sua própria esposa, a fama de Penélope seria secundária à dela (I, 6, 19-22)¹²⁷. Na elegia IV, 3, Ovídio toma novamente o *exemplum* de Andrômaca para fazer referência à dor de sua mulher, que diz ser menor (vv. 29-30)¹²⁸, bem como insiste na glória e no renome que só são obtidos quando vividas e superadas grandes adversidades do destino, pois é nelas que a virtude se revela: como nos diz, ninguém conheceria Heitor se Tróia não tivesse um destino infeliz (v. 75)¹²⁹.

Em V, 5, 51-61¹³⁰, alude a Penélope, Evadne, esposa de Capaneu, Laodamia e Alceste, mulher de Admeto, para afirmar que elas só são afamadas graças às desgraças que recaíram sobre seus esposos e que o mesmo está reservado a sua esposa - ser lembrada por toda eternidade, pois seu marido caiu em desgraça. É bem retomada e caracterizada a relação sofrimento-fama por Ovídio em V, 11. Nessa elegia, o poeta diz que, graças às adversidades que lhe foram reservadas pelo destino, abriu-se a possibilidade de a virtude de sua esposa edificar uma obra memorável (*opus*

¹²⁵ *Ilias ipsa quid est aliud nisi adultera de qua / Inter amatorem pugna uirumque fuit?* (II, 371-380).

¹²⁶ *At mihi iam uideor patria procul esse tot annis / Dardana quot Graio Troia sub hoste fuit.*

¹²⁷ *Nec probitate tua prior est aut Hectoris uxor / Aut comes extincto Laodamia uiro. Tu si Maeonium uatem sortita fuisses, / Penelopes esset fama secunda tuae.*

¹²⁸ *Nec cruciere minus, quam cum Thebana cruentum / Hectora Thessalico uidit ab axe rapi.*

¹²⁹ *Hectora quis nosset, felix si Troia fuisset?*

¹³⁰ *Si nihil infesti durus uidisset Vlixes, / Penelope felix, sed sine laude, foret. / Victor Echionias si uir penetrasset in arces, / Forsitan Euadnen uix sua nosset humus; / Cum Pelia genitae tot sint, cur nobilis una est? / Nempe fuit misero nupta quod una uiro. / Effice ut Iliacas tangat prior alter harenas: / Laodamia nihil cur referatur erit; / Et tua, quod malles, pietas ignota maneret, / Implere uenti si mea uela sui.*

conspicuum, vv. 23-24). Aconselha, assim, que seja virtuosa, seguindo os exemplos míticos de grandes mulheres, para que tenha fama por toda a eternidade.¹³¹

Como vemos, Ovídio coloca sua mulher ao lado de figuras femininas presentes na epopéia homérica e virgiliana. Diz poder conferir glória eterna a sua esposa, assim como os heróis narrados propiciaram renome a suas mulheres, uma vez que seu destino é tão cheio de sofrimentos e labutas quanto o deles, e ela, virtuosa como as mulheres dos heróis. Ovídio, então, se compara aos personagens cantados por Homero e Virgílio, o que nos sugere, como já propusemos em outros momentos da análise, que ele se coloca como o “herói” de seus *Tristes*. Afora isso, por Ovídio ser também o escritor de sua obra, podemos aventar que ele se coloca, de certo modo, como um grande autor ao lado dos grandes escritores épicos (o que nos parece até irônico, uma vez que em muitos momentos dos *Tristes* diz faltar-lhe engenho na composição dessa obra, graças aos tormentos vividos em um lugar que diz ser tão violento).

Quanto aos poucos amigos que lhe restaram após sua condenação, como nos diz em algumas passagens de seu livro, Ovídio muitas vezes recorre a personagens homéricos, bem como virgilianos, para expressar sua lealdade. Na elegia I, 5, 19-22¹³², o poeta arrola exemplos míticos gregos de amizades exemplares - como a que existe entre Teseu e Pirítoos, Orestes e Focau - bem como um de âmbito estritamente romano - a amizade existente entre Niso e Euríalo - uma vez que tal mito foi primeiramente narrado por Virgílio. Ele usa de tais exemplos para dizer ao amigo que sua lealdade, que, graças a sua sina, pode se mostrar, não será ignorada pela posteridade (I, 5, 17-18)¹³³. Na elegia I, 9, 27-34¹³⁴, Ovídio também faz referência a amigos consagrados pela mitologia grega e romana - Orestes e Pílates, Pátroclo e Aquiles, e, novamente, Teseu e Pirítoos e Niso e Euríalo - para demonstrar quão cara é para César a lealdade (*fides*) entre companheiros, principalmente em situação de adversidade.

¹³¹ Na elegia III, 3, Ovídio não compara sua mulher a nenhum personagem mítico, mas faz menção a sua *pietas*, narrando sua devoção a ele (*pium officium*, v. 84).

¹³² *Si non infernas uiuus adisset aquas; / Vt foret exemplum ueri Phoeus amoris, / Fecerunt furiae, tristis / resta, tuae; / Si non Euryalus Rutulos cecidisset in hostes, / Hyrtacidae Nisi gloria nulla foret.*

¹³³ *Ignoraretur forsitan ista fides: / Thesea Pirithous non tam sensisset amicum.*

¹³⁴ *De comite Argolici postquam cognouit Orestae / Narratur Pyladen ipse probasse Thoas; / Quae fuit Actoridae cum magno semper Achille, / Laudari solita est Hectoris ore fides; / Quod pius ad Manes Theseus comes iret amico, / Tartareum dicunt indoluisse deum; / Euryali Nisique fide tibi, Turne, relata / Credibile est lacrimis inaduisse genas.*

Na elegia V, 4, o protagonista (nesse caso, o livro) diz ao amigo do poeta que ele é muito considerado por Ovídio, tanto que ele costuma chamá-lo de Pátroclo, Pílates, Teseu e Euríalo (V, 4, 25-26)¹³⁵, fazendo, assim, referência a sua lealdade. Em V, 6, temos uma situação inversa: essa elegia é endereçada a um amigo do poeta que lhe virou as costas. Para lhe dizer quão ímpia é sua atitude, o poeta faz referência novamente à amizade de Pílates e Orestes: diz ter Orestes muitas vezes dirigido palavras ofensivas contra o amigo, mas que nunca deixou de insistir na amizade e cumprir os deveres que tal relação exige (V, 6, 25-28)¹³⁶.

Mostradas as comparações que Ovídio traçou entre as pessoas que conviveram com ele em Roma (sua esposa e amigos) e personagens épicos, passamos para as últimas semelhanças que detectamos entre os *Tristes* e a *Eneida*. A elegia I, 10 descreve o trajeto percorrido pelo personagem elegíaco até o desterro. Como o percurso foi contado em detalhes, pode-se estabelecer uma relação entre tal texto e o canto III, uma vez que nesse livro Enéias discorre sobre os caminhos por que passou depois de ter partido de Tróia até ser lançado em Cartago. Ainda que de forma indireta e não clara, já que essa semelhança pode ser tratada como mera coincidência, por ser normal que alguém em viagem descreva o caminho percorrido, Ovídio consegue manter o clima épico estabelecido anteriormente, pois, assim como os heróis Enéias e Odisseu, possui um longo e árduo caminho a seguir. Por fim, na elegia III, 1, 27-32¹³⁷, o livro descreve o caminho que percorreu com seu protetor, quando este lhe mostrou os lugares mais importantes de Roma. Tal apresentação da cidade parece um resumo do itinerário que se encontra na *Eneida* (VIII, 337 e ss.), quando Evandro mostra a Enéias os lugares que, na posteridade, seriam célebres em Roma.

Observamos, ao longo da exposição dos elementos épicos identificados nos livros dos *Tristes*, os quais, em grande parte, retomam a *Eneida*, que Ovídio conserva, nos livros II a V, o contexto épico entrevisto anteriormente no mestrado nas elegias I, 2, 3 e 4. Falta-nos agora apresentar a leitura que fizemos das comparações traçadas neste

¹³⁵ *Teque Menoetiaden, te, qui comitatus Oresten, / Te uocat Aegiden Euryalumque suum.*

¹³⁶ *Finge tamen motam: quotiens Agamemnone natum / Dixisse in Pyladen inproba uerba putas? / Nec procul a uero est quin et pulsarit amicum: / Mansit in officiis non minus ille suis.*

¹³⁷ *Paruit et ducens: "Haec sunt fora Caesaris, inquit, / Haec est a sacris quae uia nomen habet; / Hic locus est Vestae, qui Pallada seruat et ignem; / Haec fuit antiqui regia parua Numae." / Inde petens dextram: "Porta est, ait, ista Palati, / Hic Stator, hoc primum condita Roma loco est."*

item e como ela afeta a interpretação do protagonista dos *Tristes*; conseqüentemente, do herói virgiliano. Tentaremos expor, assim, o intertexto que divisamos na obra ovidiana.

2.2 O “herói” elegíaco: um protagonista às avessas

Para traçar o perfil desse nosso “herói” elegíaco, pontuaremos agora as semelhanças e diferenças que ele mantém em relação a Enéias, bem como outros elementos épicos que são utilizados por Ovídio na composição de sua obra. Primeiramente, cabe apresentar o protagonista dos *Tristes*, uma vez que este se confunde com o próprio Ovídio, pois quase toda a obra (com exceção das elegias III, 2 e V, 4, em que o protagonista é o próprio livro) foi escrita em primeira pessoa. Não devemos, todavia, pensar esse protagonista como a representação do autor de “carne-e-osso”, mas sim como a *persona* criada na e pela obra, a qual se mistura à figura do autor, compondo seu caráter e nos fazendo crer que é o próprio e que o que temos é sua história real, verdadeira. Esse protagonista nos leva a considerar, em princípio, que a obra é meramente a narração pura e verdadeira da vida do poeta após seu exílio, bem como uma autobiografia nos momentos em que relata fatos de sua vida privada e pública (como data de nascimento, família, cargos etc.). Contudo, na leitura que nos propomos aqui, o protagonista Ovídio é um personagem, cujas características foram estabelecidas dentro de um sistema literário e, por isso, ele é significado e entendido a partir desse sistema. Assim, uma referência constante que encontramos na composição da obra ovidiana é a *Eneida*: o protagonista elegíaco alude ao herói épico virgiliano; seu “caráter” (no sentido de *ethos* da retórica antiga) é construído, tomando as características mais determinantes de Enéias como modelo.

Como já dissemos, nossa leitura foi impulsionada pelo símile da elegia I, 3, em que Ovídio compara seus infortúnios aos de Tróia. Trazer a imagem de Tróia é trazer o contexto épico presente na *Eneida*, pois é aí onde encontramos a narração completa de sua última noite. A semelhança que divisamos entre as elegias I, 2, 3 e 4 e os cantos I, II

e III, respectivamente, nos evidenciou o que surgia (fluía) sutilmente na leitura dos *Tristes* com relação à *Eneida*: a aproximação da sorte dos protagonistas. Ovídio, exilado pelo destino assim como Enéias, um *fato profugus*, encontra-se em alto-mar em meio a uma tempestade avassaladora. Ovídio é um joguete do acaso, atirado por terras e mares em busca do desconhecido, assim como Enéias é *iactatus et terra et alto*. Entretanto, a sorte de Ovídio é mais lamentosa (podemos dizer mais elegíaca), pois, enquanto Enéias se encontra a vagar em busca da terra onde será construída sua nova pátria e a descendência romana, Ovídio parte de sua terra natal em busca de terras bárbaras, localizadas nos confins do mundo.

Também o terror de Nasão de se encontrar como um joguete das águas e dos ventos, intensificado pela funesta possibilidade de morrer em meio ao oceano, a qual, como Ovídio mesmo expõe, apresenta um infeliz aspecto (*Tr.* I, 2, 51-56), o faz se aproximar do herói virgiliano. Como comenta G. Ferrara (1944, p. 18), a morte por afogamento para os romanos era considerada *praeter naturam*, enquanto que gloriosa a que acontecia em terra, principalmente em batalha. Isso se deve ao fato de que os romanos consideravam necessárias as honras fúnebres e o depósito do corpo em um sepulcro, lugar considerado sagrado, uma vez que os antigos acreditavam que os mortos o habitavam. Por isso, faziam sacrifícios sobre as sepulturas para prestarem aos mortos honras e homenagens, impossibilitando, assim, que seus espíritos ficassem a vagar pela cidade¹³⁸. Então, é interessante notar que Ovídio, nos versos acima mencionados, não só afirma não ter medo de morrer (*Nec letum timeo*, I, 2, 51), como também ser-lhe a morte uma graça (*mors mihi munus erit*, v. 52). Todavia, a morte almejada por Nasão não é a infame ocorrida no mar, mas sim a que é proporcionada ou pelos fados ou pela espada (*fatoque suo ferroque*, v. 53) em terra firme (*solita moriens ponere corpus humo*, v. 54) e, se possível, na pátria junto aos seus (*mandare suis aliqua et sperare sepulcrum*, v. 55).

Esse desejo expresso por Ovídio é o mesmo que se encontra na invocação de Enéias (*En.* I, 94-101): o de ter perecido em Tróia junto aos seus, durante a guerra. Enéias louva a sorte dos que morreram em terra pátria e lamenta por Diomedes não o ter matado com suas próprias mãos (*tua...dextra*, v. 98), dando-lhe a felicidade de sucumbir

¹³⁸ Cf. Petersmann (2002, pp. 262-278 – para referência completa, ver bibliografia).

onde jaz Heitor, morto pelo dardo (*telo*, v. 99) de Aquiles. Tendo em vista as semelhanças temáticas existentes entre os excertos - o desejo de uma morte honrosa - pode-se dizer que o uso do vocábulo *ferro* por Ovídio é um análogo da expressão *tua...dextra* e *telo*, pois evocam as batalhas citadas por Enéias. Ainda que essa alusão seja indireta, pelo fato de não serem os mesmos vocábulos ou expressões utilizados em ambos os textos, Ovídio, ao utilizar o substantivo *ferro*, invoca para si uma morte guerreira e gloriosa. Assim, é lícito propor que Nasão se coloca novamente na mesma posição do herói da *Eneida*, ao almejar uma morte com características épicas.

Antes de prosseguirmos na análise da súplica de Ovídio da elegia I, 2, é interessante observar que o poeta usa, em outros momentos de seu livro, vocábulos que fazem referência ao universo bélico. Em I, 3, 35, através dos substantivos *clipeum* e *uulnera*, cria uma imagem épica para afirmar quão inúteis são suas queixas dirigidas a César. Essa imagem, a de tomar o escudo tardiamente para enfrentar um combate perdido, alude à vã tentativa de Enéias de se armar para lutar pela pátria, pois Tróia já se encontra arruinada (II, 671-672). Em IV, 9, 15-16, Ovídio diz a um inimigo que, se ele não tiver nenhuma possibilidade de se vingar pessoalmente, as Piérides lhe darão forças e armas (*Pierides uires et sua tela dabunt*, v. 16 – o grifo é meu). Também em IV, 9, 27¹³⁹, endereçada, como a elegia anteriormente citada, a um inimigo, diz ser impelido a lutar, mas que ainda não tomou a corneta (*cornua*) para dar o sinal do início da luta e pede, no verso 31, que sua Musa toque a retirada (...*cane, Musa, receptus*). Em V, 12, 53, em resposta a um amigo que lhe pede para se servir da poesia para amenizar seus infortúnios, expõe a ele os perigos que vive em Tomos, lugar que não pode lhe oferecer nada de pacífico e ameno como assunto para seus versos, a não ser armas (*Hic mihi praebebit carminis arma locus* – o grifo é meu).

Por esses exemplos, percebemos que a vida de Ovídio após o exílio tem sido uma batalha e escrever é a única arma de que pode se valer para lutar contra quem o detrata, para pedir socorro aos amigos, para fugir das aflições impostas, e sobretudo para tentar obter o perdão de César, o único deus que pode salvá-lo¹⁴⁰. Temos, então, um contraste com a *Eneida*, pois as armas usadas por nosso “herói” elegíaco em suas “batalhas” são fornecidas pelas Musas, não por algum deus, como na *Eneida*, onde as armas de Enéias

¹³⁹ *Iam feror in pugnas et nondum cornua sumpsi.*

¹⁴⁰ Veremos abaixo mais detalhadamente que Ovídio confere a Augusto um *status* de deus.

são confeccionadas por Vulcano, a pedido de sua mãe, Vênus. A arma de que se serve, então, é a própria poesia.

Afora o uso metafórico desses termos que se referem ao universo bélico, como visto acima, observamos que em outros momentos esses são usados concretamente, pois o protagonista, como nos relata, teve de pegar em armas. Na elegia V, 10, Ovídio descreve a violência e a insegurança do lugar para onde foi enviado. De acordo com ele, os povos da região vivem em combate e, dada a insegurança do lugar, é difícil quem cultive os campos e quem ousa fazê-lo, enquanto lavra com uma das mãos, com a outra segura armas (*arma*, v. 24), assim como o pastor usa o elmo (*galea*, v. 25) para se proteger (V, 10, 23-25)¹⁴¹. Em IV, 1, 71-76¹⁴², conta que nunca foi afeito às armas: desde jovem evitava os combates e as milícias, preferia a suavidade dos versos; agora, velho, tem de tomar das armas para se proteger do lugar em que se encontra. Em IV, 10, elegia em que nos conta sua vida, desde o nascimento até o momento atual, novamente relata seu gosto pela poesia, à qual se volta, mesmo o tendo prejudicado, e a necessidade que leva suas mãos não acostumadas a pegar em armas (*Insolita cepi temporis arma manu*, v. 106).

Como vemos por esses exemplos textuais, Ovídio pega em armas por necessidade, não por gosto ou aptidão. Nosso protagonista, assim como Enéias, precisa, graças ao que o destino lhe reservou, agir como um herói, mas esse é às avessas, porque, diferentemente do herói épico virgiliano, que aceita seu destino e toma das armas heroicamente para conquistar o que lhe cabe, ele teme as armas e os combates e somente luta porque a situação assim o exige. Enéias aceita seu destino e cumpre as designações desse heroicamente; Ovídio repugna sua sina, mas como nada pode fazer para revertê-la, assume seu papel temerosamente.

Voltando à elegia I, 2, após narrar seu medo de morrer em meio ao pélagos, Ovídio invoca outra vez os deuses do céu e do mar na tentativa de reiterar seu pedido de

¹⁴¹ *Est igitur rarus rus qui colere audeat, isque / Hac arat infelix, hac tenet arma manu. / Sub galea pastor iunctis pice cantat auenis.*

¹⁴² *Aspera militiae iuuenis certamina fugi, / Nec nisi lusura mouimus arma manu; / Nunc senior gladioque latus scutoque sinistram, / Canitiem galeae subicioque meam. / Nam dedit e specula custos ubi signa tumultus / Induimus trepida protinus arma manu.*

ajuda, evitando, assim, sua morte (*Tr.* I, 2, 59-62; 65-68; 71-72)¹⁴³. Para que sua súplica seja mais persuasiva, Ovídio argumenta que o desejo de Augusto é seu exílio e não sua morte; aliás, se o desejo do imperador fosse que Nasão sucumbisse, ele já o teria realizado sem precisar do auxílio divino (I, 2, 65-66). Dessa forma, o protagonista dos *Tristes* confere a Augusto um *status* de divindade, pode-se dizer, comparável a Júpiter, pois ele tem, de acordo com Ovídio, tanto ou maior poder que os seres superiores, já que suas decisões valem como leis e ele tem total controle sobre a sorte do desterrado (I, 2, 67-68).

Cabe, aqui, outros parênteses antes de continuarmos a análise da súplica ovidiana para discutir o *status* de deus que Ovídio confere a Augusto, principalmente o de um Júpiter. Ovídio a todo momento chama Augusto de deus, aproximando, assim, o caráter do protagonista dos *Tristes* ao de heróis épicos, cuja vida sofre influências divinas. Compara-se, principalmente, a Enéias, pois, assim como este, tem um deus que o ajuda (Vênus) e um que o persegue (Juno)¹⁴⁴. Seu deus, todavia, é único; ele é, ao mesmo tempo, o perseguidor e o salvador (podemos nos lembrar do mito de Télefo, que, como vimos, é amiúde citado por Ovídio em sua obra). Na elegia I, 2, fica evidente a ambigüidade do deus ovidiano, pois no verso 3 ele o apresenta como um deus irado, colérico (*Caesaris ira*); já no verso 61, ele abrande sua descrição através da antítese configurada pelo uso do substantivo *ira*, juntamente com o adjetivo *mitissima*: ainda que sua cólera contra o protagonista seja grande, ela é branda, pois ele é um deus clemente (falaremos abaixo da *clementia* de Augusto). Se na *Ilíada* um dos temas principais é o da ira de Aquiles, na *Odisséia*, o da cólera de Possêidon, a *Eneida* tem a ira de Juno; como nesses poemas épicos paradigmáticos, na narrativa dos *Tristes* há, portanto, um elemento divino comparável ao que aparece na tradição épica.

Citamos aqui algumas passagens que consideramos mais representativas da caracterização que Ovídio faz do Pai da pátria como um deus supremo. Nos versos I, 5, 57-70, Ovídio compara seus infortúnios aos de Ulisses, como também seu personagem a

¹⁴³ *Pro superi uiridesque dei quibus aequora curae, / Vtraque iam uestras sistite turba minas / Quamque dedit uitam mitissima Caesaris ira, / Hanc sinite infelix in loca iussa feram! / (...) / Mittere me Stygias si iam uoluisset in undas / Caesar, in hoc uestra non eguisset ope / Est illi nostri non inuidiosa cruoris / Copia, quodque dedit, cum uolet, ipse feret. / (...) / Nec tamen, ut cuncti miserum seruare uelitis, / Quod perit saluum iam caput esse potest.*

¹⁴⁴ E também a Ulisses, uma vez que esse era perseguido por Possêidon e auxiliado sobretudo por Atena.

esse herói: o personagem elegíaco argumenta que sua "história" é tão digna ou mais de ser narrada pelos poetas que a de Odisseu, pois suas desventuras são maiores que as do personagem homérico. Reforça sua argumentação através do paralelo que estabelece entre si e Ulisses: enquanto este é um guerreiro auxiliado pelos deuses, o protagonista elegíaco é um fraco, pois não está acostumado às armas, e está a vagar sem auxílio divino (I, 5, 71-84). Em III, 11, 61-62, o protagonista dos *Tristes* novamente se compara a Ulisses para dizer quão mais desafortunada é sua sorte em relação a ele, uma vez que a cólera do deus que o persegue é maior que a de Netuno, o deus que o acossa.

Em IV, 4, 15-18, diz que Augusto não pode proibi-lo de cantá-lo, uma vez que ele, assim como Júpiter, é patrimônio de todos: Júpiter, como afirma, aceita ser cantado pelo poetas. Em IV, 4, 20, deixa clara a comparação entre Augusto e Júpiter: diz que a divindade do primeiro é constatada pelos olhos, a do outro, pela crença (*Quorum hic aspicitur, creditur ille deus*), e em IV, 4, 45 novamente o nomeia deus, quando diz que ele sabe que o ato que o condenou foi um erro, não um crime: *Idque deus sentit*. Na elegia II e em V, 2b, que são dirigidas ao imperador, Ovídio o chama diretamente de deus; em II, 37-40¹⁴⁵, diz que, a exemplo de Júpiter, chamado de pai e senhor dos deuses, Augusto foi nomeado senhor e pai da pátria¹⁴⁶, adotando o caráter do deus que porta o mesmo título; em 5, 2b, 2, compara-o declaradamente a Júpiter: *Si fas est homini cum Ioue posse loqui*.

Como vemos, Augusto é apresentado como um deus ora clemente ora punitivo. Ao comparar Augusto a um deus e ao traçar seu caráter ao mesmo tempo indulgente e colérico, como já dissemos, a sorte do protagonista dos *Tristes* é comparada à de grandes heróis, pois, como esses, especialmente como Enéias e Ulisses, tem auxílio divino ao mesmo tempo em que sofre represália de algum deus contrário. A clemência de Augusto, todavia, é mais enfatizada por Ovídio do que sua cólera. Na elegia V, 8, escrita a um detrator, Ovídio relata essa qualidade de Augusto:

Vel quia nil ingens ad finem solis ab ortu

Illo, cui paret, mitius orbis habet.

¹⁴⁵ *Iure igitur genitorque deum rectorque uocatur, / Iure capax mundus nil Ioue maius habet. / Tu quoque, cum patriae rector dicare paterque, / Vtere more dei nomen habentis idem.*

¹⁴⁶ Augusto recebeu o título de *pater patriae* em 2 a.C.

*Scilicet ut non est per uim superabilis ulli,
 Molle cor ad timidas sic habet ille preces,
 Exemploque deum, quibus accessurus et ipse est,
 Cum poenae uenia plura roganda petam:
 Si numeres anno soles et nubila toto,
 Inuenies nitidum saepius isse diem. (vv. 25-32)*

Por esses versos, vemos que Augusto é exaltado por sua clemência, característica essa da qual o próprio imperador se vangloriava, quando relata nas *Res gestae* a generosidade que teve para com os vencidos da guerra civil, através de sua célebre frase *uictorque omnibus ueniam petentibus ciuibus peperci* – “e vencedor, poupei a todos os cidadãos que pediam perdão” (*Res g.*, III, 1, 14-15)¹⁴⁷.

Voltando novamente à elegia I, 2 e à súplica de Ovídio em meio à tormenta, vemos que ele afirma que, ainda que os deuses queiram salvar sua vida, já não o podem, pois ela já se extinguiu (I, 2, 71-72). O paradoxo estabelecido pelo contraste existente entre o veemente pedido de ajuda, bem marcado pelos imperativos *sistite* e *sinite* (I, 2, 60 e 62, respectivamente), e a impossibilidade de esse auxílio se realizar, visto que o protagonista já está “morto” (v. 72), torna a súplica mais pungente. Ovídio apela para a misericórdia divina, ao expor aos deuses o duplo castigo que sofre no momento - a tormenta, por um lado, e o exílio, pelo outro.

Além da tentativa de Nasão de tornar sua súplica mais persuasiva, podemos observar também que, no verso 72 - *Quod periit saluum iam caput esse potest* -, o protagonista dos *Tristes* faz referência ao exílio através da metáfora da morte, pois aquele é considerado pelos romanos como uma morte em vida, como um exemplo de morte civil¹⁴⁸. De acordo com Adelmo Barigazzi (1987, p. 447), o tema do exílio é muito discutido pela literatura filosófica prática, comum na Antigüidade, e se propõe consolar os homens dos males da vida. Tendo em vista essa difusão, Barigazzi comenta que é lícito pressupor que “o exílio seja um mal muito grave e, na Antigüidade, de

¹⁴⁷ In: Gagé, Paris, 1950 e Cortés, Madrid, 1994 – para referência completa, ver bibliografia.

¹⁴⁸ Informações retiradas de *handout* da comunicação proferida por Mónica Silvina Palmisano, da Universidad Nacional de Córdoba, durante o XVI Simposio Nacional de Estudios Clásicos, realizado em Buenos Aires (Argentina), nos dias 26 a 29 de setembro de 2000. O trabalho apresentado intitula-se “La muerte en el exilio de las Tristes”.

Homero e Tirteo em diante, é sempre considerado como o abandono ou a perda da pátria”¹⁴⁹. Levando isso em consideração, compreende-se melhor por que Ovídio afirma, no verso 72, que sua vida já se extinguiu, pois a expulsão da pátria denota a perda total da mesma e, por consequência, a perda de sua vida civil, o que configura o exílio como um mal muito grave, como uma morte.

O tema da morte também é retomado na elegia I, 4, 27-28. Nesses versos, o protagonista novamente invoca auxílio divino para evitar o padecimento em meio ao oceano. A morte por afogamento, que já aparecera na elegia I, 2 caracterizada como um *genus...miserabili leti* (I, 2, 51), apresenta-se, aqui, como atroz e cruel, haja vista o sintagma *saeuae...morti* (v. 27). Depois de expor seu temor, Ovídio retoma outra vez ser o tema do exílio considerado um tipo de morte, mais especificamente uma morte civil. Também é mantido no verso 28 o paradoxo configurado na elegia I, 2:

Nec tamen, ut cuncti miserum seruare uelitis,

Quod periit saluum iam caput esse potest. (I, 2, 71-72)

Nasão, então, constrói novamente na quarta elegia o paradoxo caracterizado pela contradição do protagonista ao se colocar como morto ao mesmo tempo que implora por sua vida. Contudo, na elegia I, 4, Ovídio não afirma categoricamente sua “morte” como o faz na I, 2, mas sim levanta a hipótese de que, se quem morreu pode ainda estar vivo, então que os deuses o auxiliem. Essa condicionalidade, bem marcada por *si modo*, torna o infortúnio do protagonista mais funesto e, por consequência, seu discurso se apresenta mais comovente. Além disso, o contraste morto-vivo trata novamente o tema do exílio através da metáfora da morte.

Mesmo que esses textos ovidianos não incitem uma comparação direta com o exílio de Enéias, podemos traçar uma relação entre eles, uma vez que tal tema é recorrente também na épica virgiliana. Se se comparar o desterro de Nasão ao de Enéias, percebemos a diferença, pois o herói da *Eneida* somente abandona a pátria porque essa fora destruída e não porque fora repellido dela. Todavia, há uma convergência entre os exílios, pois, em ambos os casos, os protagonistas são impelidos por forças superiores:

¹⁴⁹ “(...) l’esilio sia un male molto grave, e nell’antichità, da Omero e Tirteo in poi, così è sempre giudicato l’abbandono o la perdita della patria.”

Ovídio parte de Roma porque Augusto ordenara e Enéias somente abandona Tróia porque os deuses assim o quiseram, já que sua vontade era perecer lutando. Contudo, Ovídio parte para o desconhecido e o herói da epopéia, para a Itália, onde fundará uma nova “Tróia” - em nível mais profundo, a viagem de Enéias é um retorno às origens itálicas do povo troiano, como comenta Vasconcellos, tendo em vista a versão mítica de que Dárdano, o fundador primeiro do povo troiano, teria nascido na Itália:

“Num plano que ultrapassa o individual, Enéias, como arquétipo de seu povo, está de fato retornando a um antigo e esquecido lar: a raça troiana retorna ao esquecido berço” (2001, p. 208).

Essa diferença leva-nos a pensar, em princípio, que o desterro de Nasão está repleto de dor e saudade e o de Enéias cheio de esperança, e, por isso, talvez menos doloroso, entretanto, “o próprio protagonista [Enéias], junto com seus companheiros, padece os sofrimentos e humilhações próprios da condição de exilado e é impulsionado pela busca daquela *quies* que é obtida somente pela aquisição de uma nova pátria” (Bonamente, 1987, p. 448)¹⁵⁰.

Retornando à elegia I, 2, observamos que a tentativa de Nasão de procurar a todo momento persuadir os deuses a ajudá-lo caracteriza essa elegia como uma *suasoria* em versos, como a do livro II, segundo Della Corte (1973, p. 211) e G. Ferrara (1944, p. 14). Por isso, ambos identificam a seguinte organização no texto elegíaco: o *exordium* (vv. 1-18), a *narratio* (vv. 19-56), a *tractatio* (vv. 57-94) e a *peroratio* (vv. 95-110). Levando-se em consideração a divisão proposta pelos autores, podemos dizer que o *exordium* se caracteriza pela primeira invocação feita por Ovídio aos deuses, quando, ao fazer referência ao jogo de forças divino que se instaura na *Eneida*, coloca-se na mesma situação do herói épico e introduz seu tormento em meio ao mar. A *narratio* é a parte em que o protagonista conta detalhadamente todo o aspecto da tempestade, fazendo a todo momento referência à descrição da procela apresentada no canto I. Na *tractatio*, Nasão

¹⁵⁰ “(...) il protagonista stesso [Enéias], insieme ai suoi compagni, prova le sofferenze e le umiliazioni proprie dello stato dell'esule ed è proteso alla ricerca di quella “quies” che è data solo dall'acquisto di una nuova patria.”

invoca novamente os deuses, mas aqui seu discurso se apresenta mais incisivo: Ovídio faz uso de vários artifícios retóricos para tornar sua súplica mais persuasiva.

Na *peroratio*, o protagonista desfecha sua súplica, apelando para o discernimento divino, através da exposição da sua dedicação e obediência para com Augusto. O protagonista invoca a onisciência divina em relação ao motivo que o condenou ao exílio, motivo esse que Ovídio descreve como erro e não como crime, como um ato insensato, mas não criminoso:

Si tamen acta deos nunquam mortalia fallunt,

A culpa facinus scitis abesse mea.

Immo ita, si scitis, si me meus abstulit error

Stultaque mens nobis, non scelerata fuit,

(I, 2, 97-100 - os grifos são meus)

Pode-se perceber também que Ovídio utiliza nesse excerto, bem como em quase todo o epílogo, a conjunção *si* para apresentar tanto sua inocência quanto sua *pietas*, caracterizada aqui como a lealdade e fidelidade que dispensava para César e seus familiares:

Quod licet et minimis, domui si fauimus illi,

Si satis Augusti publica iussa mihi,

Hoc duce si dixi felicia saecula proque

Caesare tura pius Caesaribusque dedi,

Si fuit hic animus nobis, ita parcite, diui!

Si minus, alta cadens obruat unda caput! (I, 2, 101-106)

A repetição da conjunção condicional *si*, comum em preces¹⁵¹, coloca Ovídio na posição de um subserviente aos deuses e, ao mesmo tempo, na de um suplicante insistente, pois tenta a todo custo obter a remissão de seus males. Com isso, podemos dizer que, nessa súplica, o protagonista se apresenta como um condenado que tece sua “defesa” para convencer os “juízes”, no caso, os deuses, de sua inocência e, através disso, obter o perdão, a calmaria da tormenta. Ovídio confia tanto em sua *pietas* e inocência, que ousa fazer aos deuses uma proposta: se ele estiver correto, que os deuses o poupem, caso contrário, que precipitem sobre sua cabeça uma imensa onda (vv. 105-16). Neste momento, as nuvens começaram a se dissipar e a ira do mar se aplacou (I, 2, vv. 107-108)¹⁵².

De acordo com G. Ferrara (1944, p. 14) e Della Corte (1973, p. 211), Nasão, durante a *peroratio*, dirige-se indiretamente a Augusto, invocando os deuses como testemunhas de sua lealdade e boa fé. Ovídio, então, apresenta sua “defesa” a Augusto, o “juiz” supremo, almejando obter sua clemência. Defende-se através de sua *pietas*, demonstrada pelas suas atitudes para com a família do imperador, e pela afirmação de que seu crime foi apenas um erro, um ato insensato. Essa interpelação indireta a Augusto torna a súplica de Ovídio mais persuasiva, uma vez que todos os motivos apresentados aos deuses para que o livrem de seus infortúnios - como a tempestade, uma possível morte *praeter naturam* - são, na verdade, endereçados a Augusto, retratado, como já vimos, como divindade. Ademais, Ovídio reforça sua argumentação ao alegar, durante seu pedido de perdão, ser *pius* (I, 2, 104), pois essa é a característica por excelência de Enéias.

Não se pode esquecer de que a *Eneida* era a obra mais significativa e cara para Augusto - de acordo com Conte, (1994, 2634), baseado em um fragmento de carta não

¹⁵¹ Observe a presença de tal conjunção na súplica de Anquises (canto II) e na de Catulo (poema LXXVI): “*Iuppiter omnipotens, precibus si flecteris ullis, / aspice nos, hoc tantum, et, si pietate meremur, / da deinde auxilium, pater, atque haec omina firma.*” (En., II, vv. 689-691 – “Júpiter onipotente, se te abrandam algumas preces, / Olha-nos, somente isso, e, se pela piedade merecemos, / Dá-nos, então, auxílio, pai, e estes presságios confirma.”); *O dei, si uestrum est misereri, aut si quibus unquam / Extremam iam ipsa in morte tulistis opem, / Me miserum aspice et, si uitam puriter egi, / Eripite hanc pestem perniciemque mihi, / Quae mihi suprepens imos ut torpor in artus / Expulit ex omni pectore laetitia.* (Cat., LXXVI, vv. 17-22; os grifos são meus - “Ó deuses, se é próprio de vós a compaixão ou se a alguém, alguma vez, / À beira da morte levastes o derradeiro auxílio, / Dirigi vosso olhar para este infeliz e, se tenho vivido com integridade, / Arrancai de mim esta peste e esta desgraça, / Que, como um torpor, se infiltrando no fundo de meus membros, / Expulsou de todo o meu coração as alegrias” - trad.: Paulo Sérgio de Vasconcellos, 1991).

¹⁵² *Fallor an incipiunt grauidae uanescere nubes, / Victaque mutati grangitur ira maris?*

referenciada, “parece que o imperador acompanhou o desenvolvimento do trabalho com grande interesse pessoal”¹⁵³ - pois ela funda miticamente a história de Roma, e de que Enéias é um dos personagens mais caros ao imperador, uma vez que Virgílio estabelece na épica uma relação de parentesco entre ele e o fundador mítico do povo romano. A filiação mítica dos romanos aos troianos se encontra bem caracterizada na *Eneida*, sobretudo em sua segunda parte: no canto VI, nos Infernos, o pai de Enéias, dentre outras coisas, lhe relata a série dos reis albanos e os heróis de Roma, entre eles Júlio César, Augusto e Marcelo, sobrinho de Augusto; no VIII, Evandro mostra a Enéias os lugares que tornariam célebres futuramente em Roma, e o herói admira as figuras em relevo do escudo feito por Vulcano, as quais também são alusivas aos destinos de sua descendência.

Vale a pena ressaltar ainda que o poeta elegíaco, ao se comparar novamente ao herói épico virgiliano através do uso do adjetivo *pius*, reafirma a imagem que vem construindo para si ao longo da elegia, que, de uma certa forma, paira sobre, ou melhor, emana de todo o livro - a de um *alter Aeneas* elegíaco, pois é essa a principal característica de Enéias. Então, podemos propor que Ovídio estabelece um paradoxo nessa elegia ao deslocar o universo épico de Virgílio para dentro do elegíaco, e que tenta construir para si, ao se retratar como um *alter Aeneas*, uma imagem híbrida: a de um personagem elegíaco mesclado por tons épicos.

Continuando a traçar as características desse nosso herói elegíaco, percebemos que ele também possui uma mulher digna de sua condição de herói, cuja virtude, como vimos em I, 6, supera a de muitas outras já renomadas (como Penélope, Andrômaca, Laodamia...), e que se Homero a conhecesse, sua fama e seu renome seriam maiores do que os delas. Também não podemos nos esquecer de que Ovídio, em sua última elegia do livro, diz ter erigido em seus livros uma obra pela qual sua companheira possa ser lembrada, pois nela estão descritas suas virtudes: o companheirismo, a lealdade e a fidelidade para com o marido exilado... Recomenda-lhe amiúde que não se esqueça delas, tomando como exemplo as esposas de grandes heróis: elas nunca se descuidaram de seus deveres para com os maridos. Como vemos, o protagonista dos *Tristes*, como todo grande herói épico, tem uma mulher que cumpre todos os requisitos de uma esposa

¹⁵³ “It seems that Augustus followed the development of the work with great personal interest, as we learn from a fragment of a letter.”

digna de um herói. Também possui amigos, ainda que poucos, os que restaram após a condenação são dignos de um herói, uma vez que são comparáveis a grandes exemplos míticos de amizade e lealdade (como Euríalo, Pirítoo, Pátroclo, entre outros).

Podemos, então, concluir que Nasão busca a todo momento traçar semelhanças entre o seu infortúnio e o de Enéias e, por consequência, entre ele e o protagonista da *Eneida*, construindo para si uma imagem híbrida de um “herói” elegíaco. Colocando-se na mesma posição do personagem épico, o protagonista elegíaco se atribui um caráter de “herói” às avessas, pois sua *persona* é um misto, composta de características elegíacas e épicas. O protagonista dos *Tristes* possui todos os valores mais determinantes do herói da *Eneida* - a *pietas*, a bravura - bem como o mesmo fado - o desterro da pátria amada e as desgraças sofridas durante a viagem para o exílio, as guerras enfrentadas durante o desterro, uma mulher e amigos dignos de si, enfim, um fado em comum; contudo, não se encontra em um contexto épico, mas sim elegíaco. De todo modo, ao revestir-se da couraça do herói virgiliano, o personagem elegíaco apresenta-se como um *alter Aeneas* às avessas.

Segundo Fowler (2002), a intertextualidade exerce um papel importante na construção da personagem. Como nos diz, conforme observação de Oliver Lyne¹⁵⁴, “os personagens aludem’: a personagem Dido é construída pela sua intertextualidade com Circe, Nausica, Calipso, Penélope, Medéia (em Eurípides e em Apolônio), Ariadne, Ájax, Fedra, Semíramis, Cleópatra...; a de Augusto, com Júpiter, Hércules, Enéias Rômulo, Numa, Alexandre, Fábio Máximo, César (sob rasura?...)” (p. 120)¹⁵⁵, o que significa dizer que qualquer personagem é construído a partir de referências que fazem a outros. É o que divisamos nos *Tristes*: o caráter de seu personagem é moldado, levando-se em conta, por exemplo, conforme a leitura que fizemos, personagens épicos, como Ulisses, Heitor e sobretudo Enéias. Aceitando que uma das facetas do caráter desse personagem carrega traços épicos, tornamo-lo mais complexo, pois ele deixa de ser apenas a imagem nua e crua de seu autor, com o qual se confunde, como já comentamos,

¹⁵⁴ A edição citada por Fowler é de 1987, a que temos em mãos data de 1992. (A numeração das páginas do capítulo citado, o terceiro, “Allusion”, é a mesma em ambas as edições.)

¹⁵⁵ “(...) ‘characters alude’: the character of Dido is constructed out of her intertextuality with a superset of Circe, Nausicaa, Calypso, Penelope, Medea (in Eurípides and in Apollonius), Ariadne, Ajax, Phaedra, Semiramis, Cleopatra..., that of Augustus out of Jupiter, Hercules, Aeneas, Romulus, Numa, Alexander, Fabius Maximus, Caesar (under erasure?...)”

passando a apresentar elementos de outros personagens, os quais se fundem e passam a compor sua *persona*.

Faremos agora uma breve discussão sobre a questão genérica nos *Tristes*. Ao admitirmos uma relação intertextual entre essa obra e a *Eneida*, admitimos também que há nela um contraste de gêneros, melhor dizendo, uma acomodação sutil do gênero épico em sua teia alusiva, o qual foi divisado por elementos (sejam eles estruturais, lexicais, temáticos) que aludem a seu sistema literário e o compõem.

2.3 Elegia vs. Épica

Ovídio era extremamente culto e, em consequência disso, conhecia muito bem as obras gregas e latinas. Tinha uma admiração especial por Virgílio que, para ele, como comenta Michael von Albrecht em seu verbete *Ovidio* na *Enciclopedia Virgiliana* (vol. III, 1987, pp. 907-909), encontra-se entre os poetas imortais. Albrecht (p. 907) afirma que Virgílio é para Ovídio mais que um modelo imediato, é um desafio, pois o autor elegíaco tenta, a todo momento, igualá-lo, mas em um campo diverso¹⁵⁶. Contudo, essa questão não é tão simples assim, pois Ovídio não apenas se esmera para compor o gênero elegíaco, mas também tenta transcendê-lo, estabelecendo muitas vezes um confronto genérico, evidente em suas obras, como comenta Albrecht (*ibid.*). A *Eneida* está presente em muitos escritos do autor: na *Arte de amar* (vv. 337 e ss.), apresenta-se como a mais grandiosa obra do Lácio; nos *Amores*, a palavra *arma* e o "desejo" expresso pelo poeta de escrever épica - impedido pelo Cupido que roubava um pé a cada dois versos, criando, assim, o verso elegíaco - marca a ligação com o texto virgiliano; nos livros XIII e XIV das *Metamorfoses*, a personagem Enéias é o fio condutor da ação¹⁵⁷.

¹⁵⁶ Michael von Albrecht cita dois versos do *Remedia amoris* para comprovar sua afirmação: *tantum se nobis elegi debere fatentur, / quantum Virgilio nobile debet epos* (vv. 395-396) - "As elegias reconhecem que nos devem/ tanto quanto a célebre epopéia deve a Virgílio."

¹⁵⁷ Fleischer (1957, *apud* Albrecht, 1987, p. 908) chega a dizer que Ovídio, nas *Metamorfoses*, passa de "Virgílio da elegia" e se transforma em "Calímaco do *epos*".

Também na poesia do exílio, mais especificamente nos *Tristes*, o gênero épico, sobretudo em nossa leitura, a épica virgiliana se faz presente: a Musa do poeta lhe dá armas e forças para lutar (*Pierides uires et sua tela dabunt*, V, 9, 16 – o grifo é meu), o lugar em que se encontra só pode lhe oferecer armas como assunto (*Hic mihi praebebit carminis arma locus*, V, 12, 53 – o grifo é meu), o poeta lamenta não ter cantado novamente Tróia em seus versos (V, 317-318). Ademais, temos uma aproximação entre o protagonista dos *Tristes* e o da *Eneida*: ambos possuem a mesma sina, enfrentar muitos perigos por terra e mar até chegar ao exílio, ambos têm de pegar em armas para vencer suas “batalhas” (as do protagonista elegíaco são a própria poesia ou armas de fato, ele próprio nos diz amiúde que teve de enfrentar os violentos povos da região), ambos se destacam pela *pietas*, Enéias para com os deuses, Ovídio para com o Imperador, o seu deus. Enfim, como já vimos, o personagem elegíaco é a todo momento comparado a Enéias e seu infortúnio ao do herói.

Ovídio, contudo, não segue Virgílio no ponto decisivo, isto é, Ovídio retoma Virgílio, mas se mantém fiel a seus propósitos. O autor elegíaco não se envereda pelos gêneros cultivados pelo seu predecessor, mas sim os recria. Como afirma Albrecht (1987, p. 909), o movimento de Ovídio nos confrontos que estabelece com Virgílio não é de servilismo nem de presunção, pois o poeta homenageia seu predecessor, permanecendo fiel aos seus intentos. Dessa forma, tendo em mente a admiração de Ovídio por Virgílio e sabendo que aquele retoma as obras do grande poeta para compor as suas, não se torna incoerente ou descabida uma comparação dos *Tristes* com a *Eneida*. Muito pelo contrário, o cotejo de tais obras possibilita visualizar o deslocamento feito por Ovídio dos temas da épica abordados por Virgílio, isto é, permite observar o tratamento elegíaco dado aos assuntos narrados na *Eneida*.

Por exemplo, voltando à comparação que traçamos entre Ovídio e Enéias, eles, como sugerimos, possuem a mesma sina e características, contudo, nosso “herói” elegíaco não deixa de apresentar particularidades em seu caráter condizentes com o gênero das obras de que fazem parte. Nosso “herói” só suporta o que suporta não porque estava fadado a uma vida heróica, mas por um capricho do destino. Ele teve, por um revés do destino, de se revestir da couraça do herói virgiliano, mas, diferentemente de Enéias, que aceita sua sorte e toma das armas heroicamente para conquistar o que lhe

cabe, o “herói” elegíaco teme e lamenta sua condição e somente luta porque é impelido a isso. Contudo, mesmo não aceitando seu fado, ele tenta vencer, a exemplo dos heróis, principalmente Enéias, a desgraça que o acometeu.

Para observar as diferenças de postura entre os personagens, devidas ao gênero de que fazem parte, voltamos à elegia I, 2, no momento em que a fala do protagonista é interrompida e segue uma descrição hiperbólica da terrível procela:

Me miserum! Quanti montes uoluuntur aquarum!
Iam iam tacturos sidera summa putes.
Quantae diducto subsidunt aequore ualles!
Iam iam tacturas Tartara nigra putes.
Quocumque aspicio, nihil est nisi pontus et aer,
Fluctibus hic tumidus, nubibus ille minax.
Inter utrumque fremunt inmani murmure uenti.
Nescit cui domino pareat unda maris (I, 2, 19-26)

Ovídio apresenta ao leitor a agitação das águas em um tom elegíaco bem marcado pela interjeição *Me miserum!*¹⁵⁸ (v. 19) e pela repetição do advérbio *iam* (vv. 20 e 22), o qual expressa a iminência de sua desgraça. Seu infortúnio é caracterizado aqui pela antítese que se configura através das hipérboles inversamente proporcionais estabelecidas nos versos 19 a 22: Nasão exagera ao dizer que as águas tocarão os mais

¹⁵⁸ De acordo com Hinds (1998, p. 30), a interjeição *me miserum* é um "common piece of verbal furniture in a wide range of discursive situations in Latin". Essa exclamação caracteriza um lamento comum na língua romana quotidiana, sendo muito usada por mulheres e crianças em funerais, conforme afirma Quintiliano (*Inst. or.* XI, 3, 170, 172; *apud* Hinds, 1998, p. 33). Embora seja largamente utilizado no dia-a-dia, tal lamento não era comum em textos poéticos escritos antes de Ovídio. Segundo J. C. McKeown (*Ovid: Amores. I: Text and Prolegomena. Liverpool. II: A Commentary on Book One. Leeds, 1987, apud* Hinds, 1998, p. 30), a interjeição *me miserum* aparece 45 vezes em Ovídio, somente duas em Propércio e não é encontrada em Virgílio, Horácio ou Tibulo. Seu uso, antes de Ovídio, era comum somente em comédias e prosas retóricas, como em Plauto e Cícero. Ovídio utiliza pela primeira vez tal expressão nos *Amores* - "*me miserum!* certas habuit puer ille sagittas./ uror, et in vacuo pectore regnat Amor" (*Am.*, I,1, vv. 25-26; *apud* Hinds, 1998, 30 - "Pobre de mim! Aquele garotinho tinha setas certeiras./ Abraso-me, e no vacante peito reina o Amor"). Essa interjeição é marcadamente elegíaca, uma vez que sua origem, como foi visto, se dá como um lamento comum em funerais e a elegia é um gênero associado à lamentação (cf. Hinds, 1998, pp. 31-34 – lembremos a famosa passagem em que Horácio, na sua *Arte poética*, estabelece uma ligação entre elegia e lamento – *Versibus impariter iunctis querimonia primum, / ...inclusa est...* – "Em versos desiguais, juntos, o lamento, primeiramente, / se inclui" - o grifo é meu). Dessa forma, pode-se dizer que o autor dos *Tristes* foi o difusor de tal expressão no vocabulário elegíaco.

altos astros (v. 20, *tacturos sidera summa*) e que os abismos formados pela separação das mesmas tocarão o negro Tártaro¹⁵⁹ (v. 22, *tacturas Tartara nigra*). A oposição entre *sidera summa* e *Tartara nigra*, que exprimem, respectivamente, as alturas - o céu - e as profundezas - os infernos - cria uma antítese hiperbólica que bem sugere o tom lamurioso e patético dessa elegia, uma vez que esse exagero antitético retrata de forma contundente a lastimável e comovente situação de Ovídio. Além disso, esse aspecto hiperbólico, com ares de catástrofe universal, é o mesmo que se encontra na descrição da tempestade do canto I.

Percebemos ainda, nesse excerto, que Nasão, ao utilizar a segunda pessoa do singular para indeterminar o sujeito do verbo *putare* (vv. 20 e 22, *putes*), dirige-se ao leitor, inserindo-o nos acontecimentos como se ele já estivesse ali desde o início. Esse modo direto de se referir ao leitor, somado à forma presente do verbo, que atualiza a ação, confere ao texto um tom “dramático”, pois esses recursos fazem com que o leitor participe inevitavelmente da desgraça do protagonista. Além disso, nota-se que Ovídio narra seus infortúnios em primeira pessoa¹⁶⁰ (v. 23, *aspicio*), o que realça a “dramaticidade” anteriormente proposta. Com o uso do tempo presente do verbo, acrescido à narração em primeira pessoa, temos a sensação de que os fatos surgem aos olhos do leitor no momento em que estão ocorrendo. De acordo com Klodt (1996, pp. 257-258), Ovídio inova, nas elegias I, 2 e 4, as convencionais descrições de tempestade da epopéia, ao utilizar os verbos no tempo presente e em primeira pessoa, já que essas eram normalmente narradas nos relatos épicos em *flash-back* e em terceira pessoa. Então, para Klodt, a “presentificação” dos fatos e a narração em primeira pessoa conferem à tormenta ovidiana um tom elegíaco não visto nas tempestades épicas.

Também se encontra, na *Eneida*, a descrição da turbulência marítima:

*Incubuere mari totumque a sedibus imis
una Eurusque Notusque ruont creberque procellis*

¹⁵⁹ De acordo com Della Corte (1972, p. 214), a imagem utilizada por Ovídio dos lugares inferiores (*Tartara*) é inspirada na descrição apresentada nos versos 564 e 565 do canto III da *Eneida*: *Tollimur in caelum curuato gurgite, et idem/ subducta ad manis imos desedimus unda* - “Curvado o pego ao éter já nos sobe,/ Já desfeito o escarcéu nos baixa aos Manes” (trad. Odorico Mendes, 1858, vv. 562-563). Além dessa observação de Della Corte, é possível perceber que a imagem das ondas que se alçam aos céus presente em Ovídio - *tacturos sidera summa* (v. 20) - encontra-se também nesses versos - *tollimur in caelum (...) unda*.

¹⁶⁰ Ovídio alterna, em todas as elegias do livro I, a primeira pessoa do singular com a primeira do plural.

Africus et uastos uoluont ad litora fluctus;

(...)

Eripiunt subito nubes caelumque diemque

Teocrorum ex oculis; ponto nox incubat atra.

Intonuere poli et crebris micat ignibus aether

praesentemque uiris intentant omnia mortem.

(...) [Aquila] *fluctusque ad sidera tollit*

(...)

(...) *insequitur cumulo praeruptus aquae mons;*

hi summo in fluctu pendent, his unda dehiscens

terramque inter fluctus aperit, furit aestus harenis.

(En. I, 84-86; 88-91; 103; 105-107)¹⁶¹

Como observamos, no texto virgiliano a terrível procela é contada de uma forma menos queixosa e patética, mas não menos contundente. Virgílio também descreve as vagas que se alevantam aos céus (*fluctusque ad sidera tollit insequitur*, v. 103; *cumulo praeruptus aquae mons*, v. 105), bem como o fundo do mar que se mostra ao se dispersarem as ondas (*unda dehiscens/ terramque inter fluctus aperit*, vv. 106-107). Levando em consideração essas semelhanças temáticas, pode-se perceber, ainda, que o *montes aquarum* (v. 19) ovidiano retoma o *aquae mons* de Virgílio e que o verso 21 - *Quantae diducto subsidunt aequore ualles* - de Nasão faz referência os versos 106 e 107 da epopéia, ainda que não seja composto do mesmo léxico e ordem sintática dos versos virgilianos¹⁶².

Embora seja esperado que haja uma diferença de tom na narração das tempestades acima mencionadas, acarretada pelo gênero em que cada uma está inserida, podemos nos lembrar de que uma das tempestades presentes na *Eneida* é narrada pelo

¹⁶¹ “(...) Ao mar carregam,/ E horríficos revolvem-lhe as entranhas/ Noto mais Euro, o de borrascas fértil/ África; às praias vastas ondas rolam. / (...). / Some-se ao nauta o céu, tolda-se o dia;/ Pousa no pélago atra noite; os pólos/ Toam, o éter fuzila em crebros raios:/ Tudo ameaça aos varões presente a morte. (...) e a mareta aos astros joga. (...) escarpado fluido monte empina-se./ As naus já do escarcéu pendem, já descem/ Num sorvedouro à terra entre marouços:/ Remoinha o esto na revolta areia.” (trad. Odorico Mendes, 1858, vv. 96-99; 101-104; 117; 119-122).

¹⁶² É interessante observar a ordem sintática das palavras nesse verso da elegia 2, pois a colocação do verbo *subsidunt* entre os adjetivos - *quantae* e *diducto* - e os substantivos - *aequore* e *ualles* - cria, linguisticamente e imageticamente, o desenho da separação das águas proposto tematicamente no hexâmetro.

próprio Enéias no canto III, 192-204. Como vimos acima pelo comentário de Klodt, Ovídio inova a narração de tempestades presente em epopéias, sendo um dos motivos o fato de ele a ter apresentado em primeira pessoa, uma vez que nos relatos épicos elas costumam ser narradas em *flash-back* e em terceira pessoa. Ora, sugestionados por isso, perguntamo-nos se também na *Eneida* não podemos sentir, em alguns e marcados momentos, um tom característico da elegia, como na composição de sua personagem principal. Conforme Fowler (2002), vimos que, em uma relação intertextual, ambos os textos, tanto o de partida (o modelo), quanto o de chegada (o texto alusivo) são afetados interpretativamente. Desse modo, podemos nos perguntar se o protagonista da *Eneida* não carrega, de certa forma, algumas características elegíacas (não temos como negar que a tempestade do canto III é narrada em primeira pessoa) ou se a leitura que fizemos do personagem dos *Tristes* não nos “contamina” (influencia) a leitura que passamos a fazer do personagem virgiliano: o intertexto parece se sobrepor também à imagem de Enéias, (con)fundindo os dois personagens. Assim, retornamos à *Eneida* depois de analisarmos a leitura que Ovídio, nos *Tristes*, faz dessa epopéia e talvez sejamos levados a pôr em maior relevo aspectos de Enéias que a elegia ressaltou: a imagem do prófugo, lançado de um lado para outro, entre terras e mares, graças a forças divinas incontroláveis, por cujo apoio se suplica, um herói cujo pranto pela sorte trágica dos seus e dos próprios inimigos permeia a narrativa.

Desse modo, percebemos que o “como” a personagem é construída nos *Tristes* nos leva a uma leitura que sobrepõe o gênero épico ao elegíaco, contrastando-os e (con)fundindo-os simultaneamente. Podemos, assim, dizer que Ovídio compõe uma obra multifacetada, ao aludir à épica em um contexto elegíaco, estabelecendo um sutil e agudo paradoxo genérico: este se encontra bem integrado ao contexto narrativo de seus textos, sem que seja percebido de imediato pelo leitor. Dessa forma, o intertexto emergido da leitura intertextual que propomos neste trabalho aponta para um jogo que põe em choque gêneros e temas aparentemente incompatíveis, já que Ovídio faz surgir em seu personagem a imagem de Enéias e em sua composição o contexto virgiliano¹⁶³.

¹⁶³ Como vimos, em alguns momentos, Ovídio também tece comparações entre si e Ulisses, bem como entre suas desventuras. Contudo, como este trabalho focalizou a influência virgiliana em Ovídio, esses dados foram às vezes utilizados apenas para reforçar a inserção do universo épico no elegíaco feita por Ovídio.

Como comenta Michael von Albrecht em seu verbete *Ovidio* na *Enciclopedia Virgiliana* (vol. III, 1987, pp. 907-909), Nasão é um mestre da transposição de gêneros, fá-lo de forma sutil e elegante, sem quebrar os limites dos mesmos. Em toda a obra do poeta, ainda de acordo com Albrecht, observamos um confronto entre gêneros, principalmente entre o épico e o elegíaco, pois Ovídio “evidentemente se diverte quando trata o assunto épico de um ponto de vista antiépico e antieróico” (p. 908)¹⁶⁴. Assim, podemos dizer que os *Tristes* transcendem seu caráter elegíaco e, aparentemente, autobiográfico. Essa obra engenhosamente - e, de certo modo, ironicamente, pois Ovídio em muitos momentos diz que essa não está lapidada, mas sim bruta e triste como a sorte de seu protagonista - mascara o sutil e intrincado jogo intertextual que se configura entre ela e a épica virgiliana, o qual lhe proporciona um ganho interpretativo, tornando-a mais sofisticada que o revelaria uma leitura de viés “romântico”, que focalizasse sobretudo, e de forma superficial, seu caráter emotivo e autobiográfico.

¹⁶⁴ “(...) si diverte palesemente a trattare la materia 'epica' da un'angolatura antiepica e antieroica.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando brevemente a discussão feita em nosso primeiro capítulo, vimos que a intertextualidade é um mecanismo da linguagem, melhor dizendo, sua condição de existência. O que significa dizer que os textos, sobretudo os literários, que nos interessam aqui, estão inseridos nesse sistema e só funcionam (e significam) dentro e a partir dele. A discussão a respeito da intertextualidade proposta por Fowler, contudo, causa, em alguns momentos, certa perturbação entre os estudiosos do período Clássico. Primeiramente, por eliminar a intencionalidade do autor, a sua existência como a pessoa que escreveu um determinado discurso, o qual seria o determinador e o controlador de seu significado; o autor é considerado uma função, a qual surge em e a partir de seu próprio discurso. O foco passa a ser o leitor; é ele quem põe em funcionamento o jogo alusivo, ao entrever e tecer comparações entre textos, a partir de seu conhecimento e leituras prévias; a ênfase é colocada na recepção, com suas complexidades e imponderabilidades. Como diz Folwer, “se percebemos uma determinada semelhança entre dois textos suficientemente marcada como uma alusão, isso se deve a uma competência que é comum aos leitores, não ao pensamento particular de um escritor” (200, p. 118)¹⁶⁵.

Também, e principalmente, causa perturbação o fato de Fowler considerar que a leitura intertextual pode reverter o direcionamento das referências intertextuais. Como vimos no comentário do autor, citado no capítulo I, esse é o pior dos “horrores” que tal teoria pode suscitar. Sua proposta da “falta de direcionamento” da leitura intertextual pressupõe uma ausência de orientação lógica na leitura comparativa traçada pelo leitor, a qual deveria considerar a cronologia. Como comenta Fowler, por mais que (crono)logicamente a leitura se dê do texto alusivo para o modelo, quando o leitor se depara com um texto, ele pode fazer o movimento inverso: partir do modelo para o texto; no caso de textos antigos, do hodierno para o antigo. Em outras palavras, lemos

¹⁶⁵ “(...) whether we count a particular resemblance between two texts sufficiently marked to count as an allusion is determined by the public competence of readers, not the private thoughts of writers.”

qualquer texto a partir do agora, do momento histórico-cultural em que estamos inseridos e sobretudo a partir de nosso conhecimento de mundo, de nossas leituras prévias; as alusões que o leitor traça, então, estão carregadas de suas escolhas, feitas a partir desses elementos citados, e as interpretações que os leitores darão a elas estão influenciadas pelo seu presente e por tudo aquilo que o compõe e o caracteriza. Baseando-nos nos questionamentos de Fowler, perguntamo-nos como veremos o exílio do personagem dos *Tristes*, senão pelo que consideramos hoje estar exilado, que, por sua vez, é construído a partir de histórias de exílio que conhecemos, sejam literárias ou não? O exílio para os antigos, como vimos na análise, era um mal terrível, uma espécie de morte em vida; para nós, talvez seja visto, embora não menos triste ou doloroso, também como uma forma de salvar a própria vida...

Talvez as mudanças de ponto de vista com relação à noção de autor, leitor, bem como do mecanismo intertextual em si, ao se levantar a possibilidade de uma falta de direcionamento na leitura intertextual, causem perturbação quando se pensa, por exemplo, em textos científicos, em que é mais difícil reverter o direcionamento da leitura, uma vez que pela lógica científica temos sempre uma reavaliação do que já foi produzido: ou confirmamos certas teorias do passado, complementando-as, ou as descartamos e rompemos com elas. Todavia, elas são interessantes para os estudos de textos ficcionais, uma vez que nos amplia a forma de ver esses textos e as relações que estabelecem entre si, possibilitando-nos relê-los e reinterpretá-los, tornando-os sempre abertos a novas possibilidades interpretativas. Primeiramente, diferentemente dos textos científicos, por exemplo, em que a figura do autor é importante, pois eles são considerados os donos do discurso e das idéias que estão ali, não podemos considerar o autor como pessoa, pois, antes de mais nada, como já dissemos, ele está muito distante de nós no tempo, o que nos dificulta, muitas vezes, o acesso a informações concretas e confiáveis acerca de sua vida.

Em segundo lugar, a falta de direcionamento que se propõe é um ponto de vista interessante para pensarmos os textos literários, uma vez que ela demonstra que todos estão inseridos realmente em um sistema e só significam dentro dele. É possível que o leitor faça comparações entre textos e encontre ecos neles que ultrapassem a lógica cronológica, o que demonstra que um texto, sobretudo o literário, é sempre construído a

partir de outro(s), a ponto de o leitor perder a noção de qual teria sido o primeiro - o modelo, pensando-os de forma circular, isto é, em sua coexistência.

Vale a pena observar que não levamos em conta em nossa análise a idéia da falta de direcionamento da leitura intertextual, pois nós, como muitos críticos, consideramos que as interpretações sugeridas para uma dada relação intertextual devem considerar a cronologia das obras, para se justificarem. Se um autor como Virgílio retoma um verso de Ênio e parece submetê-lo a uma espécie de “correção estética”, fenômeno bem conhecido dos estudiosos, é óbvio que esse efeito de uma apropriação do predecessor, variando-o, só será devidamente apreciado se partirmos do ancoramento histórico desses dois textos que se ecoam: Virgílio refina Ênio, não é Ênio que torna mais refinado a Virgílio... Consideramos, contudo, essa proposta de Fowler interessante, até mesmo como um exercício de reflexão, porque ela amplia a noção de texto e de suas relações com outros, a qual ultrapassa a cronologia histórica, pois o que está em jogo é a textualidade que lhe é conferida no sistema textual. Ademais, essa discussão de Fowler vem, de certa forma, ao encontro da traçada por Barchiesi sobre o fato de que em uma relação intertextual todos os textos que estão em jogo se influenciam e, com isso, temos que a leitura, seja do texto alusivo, seja do modelo, se altera.

Vimos que, conforme Barchiesi, os críticos costumam considerar o sentido do modelo como “fechado” e o do texto alusivo como “aberto”, negociável. Mas, para o estudioso italiano, todos os textos que se relacionam intertextualmente são afetados interpretativamente, já que tal relação pressupõe sua combinação: quando se verifica uma relação entre textos, tanto o texto quanto o modelo são passíveis de (re)interpretação; as leituras, então, estão sempre em aberto e se influenciam, pois o novo texto ressignifica o modelo e este influencia a leitura do novo texto. Essa idéia é muito interessante para a análise dos textos literários, pois nos possibilita um ganho interpretativo, já que as obras sempre se ressignificarão, conforme as leituras comparativas que se fizerem delas.

Pensando, então, a intertextualidade dentro dos Estudos Clássicos, essa se apresenta, como propõe Barchiesi, como uma dinâmica, uma desestabilização, não como um objeto palpável, uma mensagem a ser descoberta. Como o estudioso comenta,

“Dizer que Virgílio pretende significar alguma coisa *porque* alude a Homero em certo momento da história (...) significa crer que a intertextualidade se reduz a uma mensagem para decifrar, enquanto se assemelha, mais que a uma mensagem, a um código” (1997, p. 217)¹⁶⁶.

Nessa passagem, podemos ver que Barchiesi tira do autor a responsabilidade, ou melhor, a intencionalidade do jogo alusivo; joga-a para o sistema, que, por sua vez, é intertextual. Ao dizer que a intertextualidade não é uma mensagem, pressupõe que essa não foi deixada por seu autor. Pelo contrário, ela é um código da linguagem, um conjunto de regras que a fazem tomar corpo, existir.

Desse modo, baseando-nos nesse código e tentando explicitar suas regras, confrontamos os textos dos *Tristes* e da *Eneida*, utilizando, como denomina Fowler no início de seu artigo, a teoria do “cf.”, não simplesmente para traçar paralelos entre esses textos, mas para evidenciar como esses paralelos afetam sua interpretação, sobretudo a dos *Tristes*, já que a principal meta dos processos intertextuais é a produção de significados, estabelecida pelo ato de relacionar textos. Utilizamos, como foi visto na análise, a dialética da semelhança e diferença, mas não nos prendemos em procurar somente diferenças entre o texto alusivo e seu modelo, como se faz normalmente em estudos desse tipo, mas consideramos também as semelhanças entre eles, admitindo, assim, uma leitura não só diferencial, mas também comparativa dos fatos e personagens de ambos os livros.

Retomando, agora, nossa análise e explicitando resumidamente o intertexto que divisamos, podemos concluir que nossa personagem elegíaca é um espelho do herói épico virgiliano, mas sua imagem é invertida. Apresenta-se como um “herói” lamentoso, triste, inconformado com seu destino, ao mesmo tempo temeroso e corajoso, pois, ainda que tema por não ser hábil no manejo de armas, já que nunca foi acostumado a elas, toma-as para combater, mas o faz porque a situação assim o exige, não por heroísmo, vencendo, assim, de certo modo, seu medo e limitações. Enéias, por sua vez, submete-se totalmente a seu destino; bom guerreiro, não teme os embates e maneja bem as armas.

¹⁶⁶ “Dire che Virgilio intende significare qualcosa *perché* allude a Omero in un certo momento della storia (...) significa credere che l’intertestualità si riduca a un messaggio da decifrare, mentre assomiglia, più che un messaggio, a un codice.”

Contudo, mesmo diferente de nosso herói da *Eneida* e por espelhá-lo às avessas, o protagonista dos *Tristes* assemelha-se a ele em vários pontos: ele também é um prófugo, lançado de um lado para outro, entre terras e mares, graças a forças divinas incontroláveis; pio, como diz amiúde, sempre cumpriu com suas obrigações para com Augusto, seu deus, como o compara. Enéias também de algum modo se aproxima de nosso “herói” elegíaco, uma vez que podemos entrever em sua *persona* certa tristeza, bem camuflada por seu caráter heróico, advinda da perda da pátria, do exílio. Os estudiosos da *Eneida* têm apontado, aliás, a grande importância do patético na narrativa e o grande espaço dado ao tema das lágrimas, sobretudo às lágrimas de comiseração pelo sofrimento alheio. Nesse ponto, as personagens dos *Tristes* e da *Eneida* se encontram: a fatalidade de seus destinos e a importância do patético em suas peripécias. Ambos perderam a pátria e estão fadados a morrer em lugar estrangeiro. Vale observar que, ainda que seus destinos sejam comparáveis, ambos apresentam suas particularidades: Enéias fundará uma nova pátria (ou voltará para a casa arquetípica de seus antepassados, conforme comentário já visto de Vasconcellos); a Ovídio resta apenas suplicar e ter esperança de voltar para a sua.

Dessa forma, reafirmamos a hipótese que levantamos em nosso Mestrado, aprofundando a questão e demonstrando-a nos demais livros que compõem os *Tristes*. Pela leitura que fizemos das elegias que compõem os livros II a V, vimos que a imagem que surgiu da leitura intertextual do livro I - a de um herói às avessas, o elegíaco -, permeia também esses. Tal leitura também reconfirma o “conflito” genérico que dissemos, em nosso Mestrado, existir no livro dos *Tristes*, o qual surge graças ao intertexto épico que divisamos na personagem ovidiana. Tal conflito, contudo, não se configura como um embate, mas como uma acomodação sutil do gênero épico ao elegíaco, através da retomada observada nos *Tristes* de alguns importantes elementos que compõem a épica virgiliana, sobretudo no tocante ao caráter de seu herói.

PARTE II

Tradução

Tristes

Livros I a V

SOBRE A TRADUÇÃO

A tradução dos livros II a V, realizada a partir do texto latino proposto por Jacques André para a edição Belles Lettres (1987)¹, é a continuação do trabalho iniciado no Mestrado, quando foi traduzido o livro I². Assim como o foi no Mestrado, o propósito de tal tradução é servir de apoio à leitura da análise dos *Tristes*, como também divulgar, em língua portuguesa, um livro que foi muito pouco traduzido para nossa língua. As traduções brasileiras conhecidas dessa obra são apenas duas: a de Augusto Velloso, cuja segunda edição é de 1952, que se propõe ser literal e, para tanto, dispõe o texto latino em ordem direta e realiza uma tradução justalinear, e a de José Paulo Paes, de 1997, que traduz apenas algumas elegias dessa obra (do livro I, 1 e 11; do III, 2, 9 e 14; do IV, 8 e 10 e do V, 7)³.

O *modus operandi* da presente tradução é o mesmo que utilizamos para traduzir o livro I. Arriscou-se uma tradução em versos não metrificados que se propõe manter o sentido do texto latino, sem ser meramente “literal”⁴. É uma tradução que acompanha de perto os versos latinos, mas que não intenta manter sistematicamente a ordem das palavras do original nem dispô-las sintaticamente em ordem comum ao português. Ainda que não pretenda ser poética, pois não busca reproduzir o aspecto formal do fazer poético - como, por exemplo, a métrica rígida do texto latino -, nem conservar, de forma sistemática, os recursos estéticos do original, tenta manter as imagens presentes nas elegias e, sempre que possível, a expressividade e a ênfase conferidas a determinadas palavras por sua ordem “marcada” no verso.

Ao traduzir, tentamos também fazer coincidir os versos latinos com os portugueses, i. é, realizou-se uma tradução verso a verso sempre que ela não afetasse a naturalidade e a inteligibilidade da língua para a qual se vertia; além disso, conservamos

¹ Dispussemos o texto latino proposto por tal edição ao lado da nossa tradução dos *Tristes*.

² Como já dissemos na Apresentação, a tradução do livro I também constará desta parte, para facilitar o trabalho de nosso leitor.

³ Paes fez uma compilação de poemas de Ovídio, retirados dos *Tristes*, das *Pônticas* e dos *Amores*, e os publicou sob o título *Poemas da carne e do exílio* (ver bibliografia).

⁴ Gostaríamos de lembrar que não serão discutidos problemas teóricos relativos à tradução, pois não é essa a intenção deste trabalho.

o espaçamento tradicional dos dísticos. A linguagem utilizada é não corriqueira e mais voltada para o discurso formal⁵; o vocabulário escolhido, entretanto, é basicamente simples, permitindo-se, às vezes, o uso de palavras e expressões menos usuais da língua. Foram mantidas as perífrases e, na medida do possível, as metáforas do original. Os recursos sonoros latinos não foram sistematicamente levados em conta, nem pretendemos sua manutenção ou substituição por equivalentes no português. Tentamos manter, na medida das possibilidades do tradutor, a concisão e os pleonasmos da língua latina. A ortografia portuguesa para os antropônimos, os teônimos e os topônimos latinos foram buscadas no *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, da Academia das Ciências de Lisboa (1940). Quando as formas resultantes de suas adaptações pareciam muito incomuns para o português brasileiro, utilizamos outros dicionários, como o de Caldas Aulete, o de Moraes, o dicionário mitológico de Pierre Grimal, entre outros que constam da bibliografia.

Quanto às notas de rodapé, essas têm por objetivo auxiliar o leitor, seja através de alguma informação que possa vir a ser útil a algum estudante e/ou pesquisador da língua e literatura latina ou mesmo da Antigüidade Clássica, seja por tornar o texto mais acessível ao leitor comum. As notas, então, são de diversos tipos: podem ser explicações de referências mitológicas, geográficas e históricas (a grande maioria); podem discutir algum aspecto do texto latino, como a dificuldade de entendimento de certa passagem, bem como apresentar nossas escolhas tradutórias para essas passagens intrincadas, ou mesmo para algum vocábulo de difícil tradução, como *pietas*, por exemplo, levando-se sempre em conta o cotejo com outras traduções; podem, ainda, ser referenciais, no sentido em que indicam as alusões feitas a outros textos ou mesmo a fatos e episódios da época.

Para tanto, utilizamos as notas da edição seguida e de outros comentadores e tradutores, bem como dicionários - portugueses, latinos, mitológicos e geográficos - e obras que discorrem sobre a vida e a cultura antigas (para as referências completas, ver bibliografia). As referências mitológicas foram pesquisadas nas *Metamorfoses*, para que se pudesse obter a versão mítica proposta pelo próprio Ovídio. Quando os mitos não se

⁵ Isto é, evitamos gírias, termos e expressões de largo uso em situações informais de fala e escrita.

encontravam descritos na obra de Nasão, utilizamos dicionários mitológicos e as notas de rodapé de comentadores e tradutores.

Vale a pena ressaltar também que utilizamos na tradução os termos “exílio” e “exilado” somente quando no texto latino encontravam-se vocábulos de mesma raiz, i. é, *exilium*, *exul*, respectivamente. Os termos sinônimos, como o substantivo *fuga* (e o verbo *fugere*) e os adjetivos *submotus*, *expulsus*, *profugus* e *fugatus*, foram traduzidos como “desterro” e “desterrado”, respectivamente, para que se marcasse a diferença e se evitasse a confusão entre exílio e desterro, pois a expatriação de Ovídio não se configura como um *exilium*, mas sim como uma *relegatio*, uma vez que o poeta não perdeu sua cidadania e seus bens não foram confiscados: no verso 137, o poeta diz que no edito de Augusto ele é denominado *relegatus*, *non exul* (v. 137). Por fim, diversamente da escolha feita para a tradução do livro I, motivados pelo fato de hoje em dia a considerarmos deselegante, por amiúde nos parecer artificial em língua portuguesa, resolvemos traduzir o pronome de primeira pessoa do plural (*nos*), que Ovídio usa muitas vezes em lugar do de primeira pessoa do singular (*ego*), pelo pronome “eu”, mantendo “nós” somente quando este fizesse referência não só ao próprio eu poético. Modificamos, contudo, a tradução do livro I que reapresentamos aqui: o pronome “nós” foi substituído pelo “eu”, conforme justificativa dada acima.

LIVRO I

LIBER PRIMUS

1

Parue -- nec inuideo -- sine me, liber, ibis in Urbem:

Ei mihi! quod domino non licet ire tuo.

Vade, sed incultus, qualem decet exulis esse.

Infelix, habitum temporis huius habe!

Nec te purpureo uelent uaccinia fuco –

5

Non est conueniens luctibus ille color --

Nec titulus minio nec cedro charta notetur,

Candida nec nigra cornua fronte geras!

Felices ornent haec instrumenta libellos:

Fortunae memorem te decet esse meae.

10

Nec fragili geminae poliantur pumice frontes,

Hirsutus sparsis ut uideare comis.

Neue liturarum pudeat! qui uiderit illas,

De lacrimis factas sentiet esse meis.

Vade, liber, uerbisque meis loca grata saluta!

15

Contingam certe quo licet illa pede.

Si quis, ut in populo, nostri non inmemor illi,

Si quis, qui, quid agam, forte requirat, erit,

Viueret me dices, saluum tamen esse negabis,

LIVRO I

1

Ó meu pequeno livro - e não invejo - irás a Roma sem mim:

Aonde, ai de mim!, a teu senhor não é permitido ir.

Vai, mas sem ornatos como convém ser o de um exilado.

Infeliz, exhibe o aspecto desta presente situação.

Nem as violetas roxas te cubram de púrpura - 5

Não combina com lutos tal cor -

Nem o título de vermelho seja adornado nem de cedro, o papel,

Nem leves cornos brancos com uma fronte negra!

Que esses ornatos embelezem livros alegres:

A ti, convém a lembrança da minha sorte. 10

Nem as duas frentes sejam polidas pela frágil pedra-pomes,

Para que te vejam hisurto, de cabelos desalinhados.¹

E não tenhas vergonha dos borões! Quem os vir,

Perceberá serem feitos por minhas lágrimas.

Vai, livro, e saúda com minhas palavras os lugares que me são caros! 15

Tocá-los-ei, indubitavelmente, pelo pé² que me é permitido.

Se lá existir alguém, em meio a tanta gente, que se lembre de mim,³

Se por acaso alguém quiser saber o que estou fazendo,

Dirás que vivo, que esteja bem, todavia, negarás,

¹ O livro era composto de folhas de papiro, tratadas com óleo de cedro para serem conservadas e tingidas de amarelo, enroladas em cilindros, cujas extremidades chamavam-se “cornos”. Esses, feitos de marfim, osso ou madeira, eram brancos e serviam de adornos, por isso, algumas vezes eram pintados com cores vivas. As “frontes”, conforme Paoli (1944, p. 169), eram as margens extremas do rolo de papiro e, como não eram coladas, podiam facilmente se desfiar. Contudo, eram polidas cuidadosamente com a pedra-pomes para tirar toda a descontinuidade e desigualdade. Também havia o costume de tingi-las com cores vivas ou cor negra, pois eram como que a “capa” do livro, em cuja extremidade superior se escrevia o nome do autor e do título da obra.

² Ovídio cria uma ambigüidade ao utilizar a palavra *pes*, que pode se referir tanto ao livro como prolongamento do autor quanto aos pés métricos.

³ Nesse verso - *Si quis, ut in populo, nostri non immemor illi*, - como bem observou Vasconcellos, há uma sutil alusão ao poema tão conhecido de Ovídio, a *Arte de amar*, que principia: *Si quis in hoc artem populo non nouit amandi* - “Se existir alguém que, em meio a esta gente, não conheça a arte de amar”.

Id quoque, quod uiuam, munus habere dei. 20
 Atque ita tu tacitus – quaerenti plura legendum –
 Ne quae non opus est forte loquere caue!
 Protinus admonitus repetet mea crimina lector
 Et peragar populi publicus ore reus.
 Tu caue defendas, quamuis mordebere dictis! 25
 Causa patrocínio non bona maior erit.
 Inuenies aliquem qui me suspiret ademptum
 Carmina nec siccis perlegat ista genis,
 Et tacitus secum, ne quis malus audiat, optet
 Sit mea lenito Caesare poena leuis. 30
 Nos quoque, quisquis erit, ne sit miser ille precamur
 Placatos miseris qui uolet esse deos;
 Quaeque uolet, rata sint ablataque principis ira
 Sedibus in patriis det mihi posse mori!
 Vt peragas mandata, liber, culpabere forsán 35
 Ingeniique minor laude ferere mei.
 Iudicis officium est, ut res, ita tempora rerum
 Quaerere: quaesito tempore tutus eris.
 Carmina proueniunt animo deducta sereno:
 Nubila sunt subitis tempora nostra malis. 40
 Carmina secessum scribentis et otia quaerunt:
 Me mare, me uenti, me fera iactat hiems.
 Carminibus metus omnis abest: ego perditus ensem
 Haesurum iugulo iam puto iamque meo.
 Haec quoque quod facio iudex mirabitur aequus 45
 Scriptaque cum uenia qualiacumque leget.
 Da mihi Maeoniden et tot circumspice casus:
 Ingenium tantis excidet omne malis.
 Denique securus famae, liber, ire memento,

E até mesmo isso, o fato de viver, é dádiva de um deus. 20

E então tu, silencioso - deve ler quem procura saber mais -

Acautela-te de falar casualmente o que não é necessário!

Imediatamente, advertido, o leitor recordará meus crimes

E serei condenado como réu público pela boca do povo.

Não me defendas, por mais insultado que sejas pelas acusações! 25

Uma causa não boa não se tornará melhor com a defesa.

Encontrarás alguém que chore minha perda

E não leia esses teus versos com os olhos secos

E consigo, em silêncio, para que nenhum maldoso ouça, deseje

Que seja aliviada minha pena, acalmando-se César. 30

E também eu, quem quer que seja ele, suplico que não fique infeliz

Aquele que desejar que o deus seja benevolente com os infelizes

E o que desejar, realize-se, e, apaziguada a ira do príncipe,

Permita-me poder morrer na minha pátria!

Mesmo que cumpras a incumbência, livro, serás talvez criticado 35

E acusado de ser inferior à fama de meu engenho.

É dever de um juiz os fatos assim como suas circunstâncias

Investigar: investigada a circunstância, estarás salvo.

Os versos nascem de um espírito sereno:

Minha existência se cobriu com nuvens de repentinas desgraças. 40

Os versos desejam o isolamento e o ócio para serem compostos:

Atormenta-me o mar, os ventos e o impetuoso inverno.

Qualquer temor afasta a poesia: eu, destruído,

Temo, a todo momento, uma espada encravada na minha garganta.

E, por isso, um juiz imparcial ficará admirado com o que faço 45

E lerá com benevolência meus escritos, quaisquer que sejam.

Dá-me o poeta da Meônia⁴ e cerca-o de tantos infortúnios:

Todo engenho desaparecerá ante tão grandes desgraças.

Finalmente, lembra-te de ir, meu livro, sem te importares com tua fama,

⁴ Homero.

Nec tibi sit lecto displicuisse pudor! 50
 Non ita se praebet nobis fortuna secundam
 Vt tibi sit ratio laudis habenda tuae.
 Donec eram sospes, tituli tangebar amore
 Quaerendique mihi nominis ardor erat.
 Carmina nunc si non studiumque, quod obfuit, odi, 55
 Sit satis! ingenio sic fuga parta meo.
 Tu tamen, i pro me, tu, cui licet, aspice Romam.
 Di facerent possem nunc meus esse liber!
 Nec te, quod uenias magnam peregrinus in urbem,
 Ignotum populo posse uenire puta. 60
 Vt titulo careas, ipso noscere colore,
 Dissimulare uelis, te liquet esse meum.
 Clam tamen intrato, ne te mea carmina laedant:
 Non sunt ut quondam plena fauoris erant.
 Si quis erit qui te, quia sis meus, esse legendum 65
 Non putet, e gremio reiciatque suo:
 “Inspice, dic, titulum: non sum praeceptor amoris;
 Quas meruit, poenas iam dedit illud opus.”
 Forsitan expectes, an in alta palatia missum
 Scandere te iubeam Caesareamque domum? 70
 Ignoscant augusta mihi loca dique locorum!
 Venit in hoc illa fulmen ab arce caput.
 Esse quidem memini mitissima sedibus illis
 Numina, sed timeo qui nocuere deos.
 Terretur minimo pennae stridore columba 75
 Unguibus, accipiter, saucia facta tuis;

E sem te envergonhares de ser lido e não agradar. 50

A fortuna não se me apresenta propícia

A ponto de te preocupares com tua glória.

Durante o tempo em que fui feliz, era afeito aos títulos

E ardia em desejo de obter um bom nome.

Agora, se não odeio os versos e essa habilidade que me foi fatal, 55

Que baste! Pois meu engenho é a causa do exílio.

Mas tu, vai em meu lugar, e tu, a quem é permitido, visita Roma.

Fizessem os deuses com que eu pudesse ser agora meu livro!

Não penses, porque vens forasteiro para a grande Cidade⁵,

Poder chegar sem ser reconhecido pelo povo. 60

Mesmo carecendo de um título, serás reconhecido pelo teu aspecto,

E mesmo que queiras dissimular, está claro que és meu. -

Entra, todavia, secretamente, para que meus versos não te prejudiquem:

Não são mais tão estimados como foram antigamente.

Se houver alguém que, porque és meu, não julgue 65

Que devas ser lido e te afaste de seu colo, diz:

“Observa atentamente o título: não sou preceptor do amor;

Aquela obra já suportou as penas que mereceu.”⁶

Talvez esperes que eu te ordene

Subir ao alto do Palatino e à casa de César?⁷ 70

Perdoem-me os lugares augustos e seus deuses!

Um raio daquele cume caiu sobre minha cabeça.

Na verdade, lembro-me da infinita benevolência das divindades daqueles lugares,

Mas temo os deuses que me prejudicaram.

Espanta-se com um pequeno ruído de asas a pomba 75

Ferida pelas tuas garras, ó falcão;

⁵ Roma.

⁶ Faz referência à *Arte de amar*, obra que foi retirada das bibliotecas públicas por ser considerada indecente (cf. *Tr.* III, 1, 59 e ss).

⁷ A casa de Augusto foi edificada sobre o Monte Palatino em Roma, onde se encontravam vários templos de deuses protetores, como Júpiter, Apolo, Juno etc.

Nec procul a stabulis audet discedere, si qua
 Excussa est auidi dentibus agna lupi.
 Vitaret caelum Phaethon, si uiueret et quos
 Optarat stulte, tangere nollet equos. 80
 Me quoque, quae sensi, fateor Iouis arma timere,
 Me reor infesto, cum tonat, igne peti.
 Quicumque Argolica de classe Capherea fugit,
 Semper ab Euboicis uela retorquet aquis,
 Et mea cumba, semel uasta percussa procella, 85
 Illum, quo laesa est, horret adire locum.
 Ergo caue, liber, et timida circumspice mente
 Vt satis a media sit tibi plebe legi!
 Dum petit infirmis nimium sublimia pennis
 Icarus, aequoreis nomina fecit aquis. 90
 Difficile est tamen hinc remis utaris an aura
 Dicere: consilium resque locusque dabunt.
 Si poteris uacuo tradi, si cuncta uidebis
 Mitia, si uires fregerit ira suas,
 Si quis erit qui te dubitantem et adire timentem 95
 Tradat et ante tamen pauca loquatur, adi!
 Luce bona dominoque tuo felicior ipse
 Peruenias illuc et mala nostra leues!
 Namque ea uel nemo uel qui mihi uulnera fecit,
 Solut Achilleo tollere more potest. 100

Para longe do curral, não ousa afastar-se a ovelha
 Se foi arrancada dos dentes do ávido lobo.
 Faetonte⁸ evitaria o céu, se vivesse,
 E não desejaria tocar os cavalos que, tolamente, desejara. 80
 Também reconheço temer as armas de Júpiter, as quais senti;
 Julgo-me ferido, quando troveja, pelo raio hostil.
 Todos os da frota argólica que escaparam de Cafareu,
 Sempre desviam as velas dos mares da Eubéia,⁹
 E minha barca, uma só vez golpeada pela terrível tempestade, 85
 Tem horror de ir àquele lugar em que foi danificada.
 Logo, acautela-te, ó livro, e com espírito receoso observa
 Para que te contentes em ser lido pela gente comum!
 Enquanto pretendia se elevar em demasia com as asas débeis,
 Ícaro deu nome às águas do mar.¹⁰ 90
 Mas é difícil dizer se deves, daqui, fazer uso dos remos ou do vento:
 As circunstâncias e o lugar te mostrarão uma solução.
 Se puderes ser apresentado num momento de lazer, se vires tudo calmo,
 Se a ira tiver esgotado suas forças,
 Se existir alguém que, encontrando-te hesitante e temendo te expor, 95
 Apresenta-te e diz antes algumas palavras, aproxima-te!
 Em boa hora e mais afortunado que o teu senhor
 Possas ir até lá e aliviar meus males!
 Pois esses, ou ninguém ou somente aquele que me feriu,
 Como Aquiles, pode curar.¹¹ 100

⁸ Durante muito tempo, Faetonte desconheceu a identidade de seu pai verdadeiro (o Sol), pensando ser Mérope, e, quando sua mãe Climene lhe contou, quis conduzir o carro de fogo, como prova de sua filiação. O Sol, depois de muito tentar dissuadi-lo, permitiu, mas Faetonte, perdendo o controle do carro, por não conseguir domar os cavalos, não seguiu a rota determinada: subiu e desceu demais, quase queimando todo o universo, e a Terra reclamou a Júpiter, que se viu obrigado a fulminá-lo (cf. Ov. *Met.* I, 747-779; II, 1-332 - sobre o Sol e seus cavalos ver nota a I, 8, 2).

⁹ Cafareu é um promontório da costa meridional da Eubéia, onde naufragou a esquadra de Ájax ao voltar da guerra de Tróia.

¹⁰ Ícaro é filho de Dédalo e de uma escrava de Minos, chamada Náucrte. Após um longo exílio na ilha de Creta e saudosos de sua pátria, Dédalo resolveu fabricar asas para poder sair de lá, uma vez que era prisioneiro de Minos. Depois de prontas, recomendou a Ícaro que voasse próximo a ele. Ícaro, esquecendo-se da recomendação, voou muito alto em direção ao sol e a cera que unia as penas derreteu, levando-o a cair no mar que passou a se chamar Icário (cf. Ov. *Met.* VIII, 183-135).

¹¹ Faz-se aqui uma alusão a Télefo, filho de Hércules, que, ao combater os gregos na Mísia, foi ferido na perna pela

Tantum ne noceas, dum uis prodesse, uideto –
 Nam spes est animi nostra timore minor –
 Quaeque quiescebat, ne mota resaeuiat ira,
 Et poenae tu sis altera causa caue!
 Cum tamen in nostrum fueris penetrale receptus 105
 Contigerisque tuam, scrinia curua, domum,
 Aspicias illic positos ex ordine fratres
 Quos studium cunctos euigilauit idem.
 Cetera turba palam titulos ostendet apertos
 Et sua detecta nomina fronte geret; 110
 Tres procul obscura latitantes parte uidebis –
 Hi qui, quod nemo nescit, amare docent.
 Hos tu uel fugias uel, si satis oris habebis,
 Oedipodas facito Telegonosque uoces!
 Deque tribus moneo, si qua est tibi cura parentis, 115
 Ne quemquam, quamuis ipse docebit, ames.
 Sunt quoque mutatae ter quinque uolumina formae,
 Nuper ab exequiis carmina rapta meis.
 His mando dicas inter mutata referri
 Fortunae uultum corpora posse meae; 120
 Namque ea dissimilis subito est effecta priori,
 Flendaque nunc aliquo tempore laeta fuit.
 Plura quidem mandare tibi, si quaeris, habebam,
 Sed uereor tardae causa fuisse uiae.

Apenas, toma cuidado para não me prejudicar enquanto desejas ser-me útil -
 Pois a esperança que há em nosso coração é mais fraca que o medo -
 Para que a ira, que se acalmava, não seja acordada e novamente se enfureça,
 Evita seres um outro motivo de punição!
 Mas, quando fores acolhido em minha casa 105
 E encontrares uma caixa arredondada, teu lar,
 Verás lá colocados ordenadamente teus irmãos,
 Que foram todos elaborados com o mesmo empenho.
 Todos os demais mostrarão abertamente seus títulos
 E levarão na frente descoberta seu nome, 110
 Verás três escondidos ao longe num local escuro -
 Estes que, como ninguém ignora, ensinam a amar.¹²
 Ou tu foges deles ou, se tiveres coragem suficiente para falar,
 Chama-os Édipos e Telégonos!¹³
 Destes três, aconselho-te, se tiveres alguma preocupação com teu pai, 115
 Não amar nenhum, embora seja isto o que ensinem.
 Há, também, os quinze volumes das *Metamorfoses*,
 Versos há pouco arrebatados de meus funerais.
 Encarrego-te de dizeres a estes que, dentre as metamorfoses,
 Pode-se arrolar o aspecto de minha fortuna. 120
 Pois essa se tornou diferente da anterior inesperadamente,
 Agora deve ser lamentada, antes era radiante.
 Na verdade, se desejas saber, eu devia encarregar-te de mais algumas coisas,
 Mas temo ter atrasado tua partida.

lança de Aquiles. A ferida não cicatrizou e o oráculo de Apolo predisse-lhe que somente quem o tinha ferido o curaria. Então, como mendigo, partiu para Áulis, onde se encontravam os gregos, para tentar convencer Aquiles a curá-lo. O herói grego, depois que soube do vaticínio do oráculo, curou-o, colocando um pouco de ferrugem de sua lança na ferida (cf. Grimal, 1997, pp. 432b-433ab). Através dessa alusão, Ovídio compara-se a Télefo, bem como associa Augusto a Aquiles: Augusto seria a única pessoa que poderia livrá-lo do exílio, uma vez que fora ele mesmo quem infligira essa pena.

¹² Os três livros que compõem a *Arte de amar*.

¹³ Édipo, filho de Jocasta e de Laio, matou o pai sem saber; Telégono, filho de Ulisses e de Circe, também matou o pai que nunca tinha conhecido em uma batalha, causada por tentar roubar o rebanho de Odisseu (cf. Grimal, 1997, p. 433b). Como se observa, Ovídio compara a *Arte de amar* a esses dois personagens, visto ser essa considerada aqui como a causa, não intencional, do exílio, que é para os romanos uma espécie de morte em vida, pois ele implica perda de direitos civis, públicos e institucionais.

Et si quae subeunt tecum, liber, omnia ferres, 125
 Sarcina laturo magna futurus eras.
 Longa uia est, propera! nobis habitabitur orbis
 Vltimus, a terra terra remota mea.

2

Di maris et caeli – quid enim nisi uota supersunt? –
 Soluere quassatae parcite membra ratis!
 Neue, precor, magni subscribite Caesaris irae!
 Saepe premente deo fert deus alter opem.
 Mulciber in Troiam, pro Troia stabat Apollo; 5
 Aequa Venus Teucris, Pallas iniqua fuit;
 Oderat Aenean propior Saturnia Turno;
 Ille tamen Veneris numine tutus erat.
 Saepe ferox cautum petiit Neptunus Ulyxem,
 Eripuit patruo saepe Minerua suo. 10
 Et nobis aliquod, quamuis distamus ab illis,
 Quis uetat irato numen adesse deo?
 Verba miser frustra non proficientia perdo;
 Ipsa graues spargunt ora loquentis aquae,
 Terribilisque Notus iactat mea dicta precesque 15

E se tu, ó meu livro, levasses contigo todas as coisas que me ocorrem, 125
Estarias com um fardo muito pesado para quem te carregue.
O caminho é longo, apressa-te! Minha morada será nos confins do mundo,
Numa terra distante da minha terra.

2

Deuses do mar e do céu - pois o que me restam, senão súplicas?
Paraí de destroçar os membros desta nau abalada!
E não vos associeis, suplico, à ira do grande César!
Muitas vezes, quando um deus persegue, um outro deus vem em socorro.
Vulcano estava contra Tróia, a favor de Tróia, Apolo;¹⁴ 5
Vênus foi favorável aos Teucros, Palas, contrária.¹⁵
Odiava a Enéias Satúrnica propícia a Turno;¹⁶
Ele, contudo, era protegido pelo nume de Vênus.
Muitas vezes o feroz Netuno perseguiu o cauto Ulisses;
Minerva, muitas vezes, arrebatou-o de seu tio paterno.¹⁷ 10
Também a mim, ainda que inferior a eles,
Quem impede que algum nume proteja contra a ira do deus?”¹⁸
Em vão perco, infeliz, minhas palavras inúteis;
As enormes ondas lambem os lábios do que fala
E o terrível Noto dispersa minhas palavras e, que as súplicas 15

¹⁴ Vulcano, deus do fogo e dos metais, forjou as armas de Aquiles a pedido de Tétis (cf. Hom., *Il.*, XVII, 395); Apolo combateu os gregos ao lado dos troianos (cf. Hom., *Il.*, I; VII; XXI e outros) e, além disso, atribui-se à sua intervenção, direta ou indireta, a morte de Aquiles (cf. Grimal, 1997, p. 34a).

¹⁵ Vênus era mãe de Enéias e protetora dos Teucros (troianos) e Palas Atena (Minerva), protetora de Ulisses.

¹⁶ Satúrnica é Juno (Hera), filha de Saturno (Cronos) e Réia. Odeia profundamente os troianos e, de acordo com a *Eneida* (I, 12-33), são três os motivos: sua predileção por Cartago que, conforme os fados, seria destruída pelos descendentes de Enéias; seu rancor ao troiano Páris que, como juiz, elegeu Vênus a mais bela do concurso de beleza, do qual participavam também Juno e Minerva, e seu ciúme do troiano Ganimedes que, por causa de sua beleza, foi raptado por Júpiter e levado ao Olimpo para servi-lo. Por isso, desde a guerra de Tróia, tenta extinguir todos os troianos da face da terra para que possa se sentir vingada. No canto VII da *Eneida*, Juno incita, através de Alecto (uma das Fúrias), Turno, rei do rútilos (ver nota a I, 5, 24) e pretendente de Lavínia, que seria desposada por Enéias, a declarar guerra contra os troianos.

¹⁷ Minerva era filha de Júpiter, por isso, sobrinha de Netuno (Posídon).

¹⁸ Ovídio, nesse verso, compara César a um deus.

Ad quos mittuntur non sinit ire deos.
 Ergo idem uenti, ne causa laedar in una,
 Velaque nescio quo uotaque nostra ferunt.
 Me miserum! Quanti montes uoluuntur aquarum!
 Iam iam tacturos sidera summa putes. 20
 Quantae diducto subsidunt aequore ualles!
 Iam iam tacturas Tartara nigra putes.
 Quocumque aspicio, nihil est nisi pontus et aer,
 Fluctibus hic tumidus, nubibus ille minax.
 Inter utrumque fremunt inmani murmure uenti. 25
 Nescit cui domino pareat unda maris:
 Nam modo purpureo uires capit Eurus ab ortu,
 Nunc Zephyrus sero uespere missus adest,
 Nunc sicca gelidus Boreas bacchatur ab Arcto,
 Nunc Notus aduersa proelia fronte gerit. 30
 Rector in incerto est nec quid fugiatue petatue
 Inuenit: ambiguus ars stupet ipsa malis.
 Scilicet occidimus, nec spes est ulla salutis,
 Dumque loquor, uultus obruit unda meos.
 Opprimet hanc animam fluctus frustraue precanti 35
 Ore necaturas accipiemus aquas.
 At pia nil aliud quam me dolet exule coniux;

Cheguem aos deuses aos quais são enviadas, não permite.
 Assim, os próprios ventos, para que não seja ferido de uma única forma,
 Levam, não sei para onde, as velas e minhas súplicas.
 Oh! como sou infeliz! Que montanhas de água se alevantam!
 Já já tocarão os mais altos astros, crerias¹⁹ 20
 Quantos abismos se formam ao se separarem as águas!
 Já já tocarão o negro Tártaro,²⁰ crerias.
 Para onde quer que se olhe, nada há senão céu e mar;
 Este intumescido pelas ondas, aquele ameaçador pelas nuvens.
 E entre ambos fremem os ventos com medonhos murmúrios. 25
 A onda do mar não sabe a que senhor obedecer:
 Pois ora Euro²¹ ganha força do oriente purpúreo,
 Ora Zéfiro²² sopra, enviado do remoto ocidente,
 Ora o gélido Bóreas se enfurece, como as Bacantes, da região da seca Ursa,²³
 Ora Noto²⁴ combate do lado oposto. 30
 O piloto está incerto, não sabe para onde fugir
 Ou o que buscar: sua própria arte se entorpece ante os ventos contrários.
 Sem dúvida é nosso fim, não há esperança alguma de salvação,
 E enquanto falo uma onda encobre meu rosto.
 A vaga sufocará minha respiração e, pela boca, em vão 35
 Suplicante, tomaremos as águas mortais.
 Mas a pia esposa²⁵ não se lamenta com nada senão comigo, exilado:

¹⁹ Utilizo, neste verso e no 24, a segunda pessoa do singular para indeterminar, semanticamente, o sujeito, visto ser esse o procedimento do verso latino - *Iam iam tacturos sidera summa putes* / (...) / *Iam iam tacturas Tartara nigra putes*. Normalmente, em língua portuguesa, indetermina-se o sujeito com a terceira pessoa do plural ou do singular e o pronome “se”, mas é possível também indeterminá-lo utilizando a segunda pessoa (você ou tu) sem referência determinada, que poderá, então, ser preenchida por qualquer sujeito.

²⁰ O Tártaro é a região mais profunda do mundo, situada sob os Infernos: a distância entre o Hades e o Tártaro é a mesma do Céu e da Terra, por isso, constitui as próprias fundações do Universo. Esse era o lugar em que as diferentes gerações divinas encarceravam os seus inimigos (cf. Grimal, 1997, p. 429b).

²¹ Vento que sopra do oriente, descrito por Horácio como impetuoso.

²² Vento que sopra do ocidente, região das trevas.

²³ Vento do norte, da região da constelação da Ursa, que é chamada de “seca” porque não se põe no horizonte, logo, não se banha no mar (cf. G. Ferrara, 1944, p. 17 e Lechi, 1993, p. 76). De acordo com as *Metamorfoses* de Ovídio, foi Juno que, inflamada de ciúme, intercedeu junto a Tétis e a Netuno para que impedissem a Ursa Maior de se banhar nas águas (cf. II, 508-530 - ver nota a I, 3, 48).

²⁴ Vento quente e tempestuoso, por isso contrário à navegação, que sopra do sul, também chamado de Austro .

²⁵ Fábria.

Hoc unum nostri scitque gemitque mali.
 Nescit in immenso iactari corpora ponto,
 Nescit agi uentis, nescit adesse necem. 40
 O bene quod non sum mecum conscendere passus,
 Ne mihi mors misero bis patienda foret!
 At nunc, ut peream, quoniam caret illa periclo,
 Dimidia certe parte superstes ero.
 Ei mihi, quam celeri micuerunt nubila flamma! 45
 Quantus ab aetherio personat axe fragor!
 Nec leuius tabulae laterum feriuntur ab undis
 Quam graue balistae moenia pulsat onus.
 Qui uenit hic fluctus, fluctus supereminet omnes:
 Posterior nono est undecimoque prior. 50
 Nec letum timeo; genus est miserabile leti;
 Demite naufragium, mors mihi munus erit.
 Est aliquid fatoque suo ferroue cadentem
 In solida moriens ponere corpus humo
 Et mandare suis aliqua et sperare sepulcrum 55
 Et non aequoreis piscibus esse cibum.
 Fingite me dignum tali nece, non ego solus
 Hic uehor: inmeritos cur mea poena trahit?
 Pro superi uiridesque dei quibus aequora curae,
 Vtraque iam uestras sistite turba minas 60
 Quamque dedit uitam mitissima Caesaris ira,
 Hanc sinite infelix in loca iussa feram!
 Si quoque quam merui poenam me pendere uultis,
 Culpa mea est ipso iudice morte minor.
 Mittere me Stygias si iam uoluisset in undas 65

Somente essa minha desventura conhece e lamenta.
 Não sabe que meu corpo é um brinquedo deste imenso mar,
 Não sabe que sou impelido pelos ventos, não sabe que a morte está próxima. 40
 Ainda bem que não lhe permiti embarcar comigo,
 Para eu não padecer, infeliz, de uma dupla morte!
 Mas agora, apesar de perecer, porque ela está livre do perigo,
 Certamente, pela metade sobreviverei.
 Ai de mim, em que rápido clarão resplandeceram as nuvens! 45
 Que estrondo retumba do etéreo eixo!
 Não são mais levemente batidos os flancos da nau pelas ondas
 Que o grande peso da balista ao abalar as muralhas.
 Esta onda que chega excede a todas as outras ondas:
 À nona é posterior e, à undécima, anterior.²⁶ 50
 Não temo a morte, infeliz é o aspecto desta morte.
 Afastai o naufrágio, a morte ser-me-á um benefício.
 Já é alguma coisa, ao sucumbir-se ou pelo próprio fado ou pelo ferro,
 Em terra sólita repousar o corpo moribundo
 E fazer recomendações aos seus e esperar o sepulcro 55
 E não ser dos peixes marinhos o alimento.
 Suponde-me digno de tal morte, mas não sou o único
 Aqui conduzido: por que meu castigo arrasta os inocentes?
 Ó deuses olímpicos e marinhos, que tendes o governo das águas,
 Uns e outros, cessai já vossas ameaças 60
 E permiti que eu, infeliz, leve esta vida, concedida pela
 Brandíssima ira de César, ao local determinado!
 Se também desejais que eu sofra o merecido castigo,
 Minha culpa é, para o próprio juiz, menor que a morte.
 Se enviar-me às águas estíguas²⁷ já tivesse desejado 65

²⁶ Conforme G. Ferrara (1944, p. 18), André (1987, p. 9) e Lechi (1983, p. 77), acreditava-se que a última onda de uma série de dez fosse a mais violenta e perigosa.

²⁷ O Estige é um dos rios dos Infernos.

Caesar, in hoc uestra non eguisset ope.
 Est illi nostri non inuidiosa cruoris
 Copia, quodque dedit, cum uolet, ipse feret.
 Vos modo, quos certe nullo puto crimine laesi,
 Contenti nostris iam, precor, este malis! 70
 Nec tamen, ut cuncti miserum seruare uelitis,
 Quod periit saluum iam caput esse potest.
 Vt mare considat uentisque ferentibus utar,
 Vt mihi parcatis, non minus exul ero.
 Non ego diuitias auidus sine fine parandi 75
 Latum mutandis mercibus aequor aro;
 Nec peto, quas quondam petii studiosus, Athenas,
 Oppida non Asiae, non loca uisa prius;
 Non ut Alexandri claram delatus in urbem
 Delicias uideam, Nile iocose, tuas. 80
 Quod faciles opto uentos – quis credere posset? –
 Sarmatis est tellus quam mea uela petunt;
 Obligor ut tangam laeui fera litora Ponti
 Quodque sit a patria tam fuga tarda, queror;
 Nescio quo uideam positos ut in orbe Tomitas, 85
 Exilem facio per mea uota uiam.
 Seu me diligitis, tantos conpescite fluctus

César, para isto não precisaria de vosso auxílio.
 Ele tem poder, não odioso, sobre minha vida
 E, o que deu, quando desejar, ele mesmo tirará.
 Então vós que não ultrajei, julgo, com nenhuma ofensa,
 Contentai, agora, suplico, com meus males. 70
 Todavia, mesmo que todos desejeis salvar um infeliz,
 Não pode ser salva a vida que já se extinguiu.²⁸
 Ainda que o mar se acalme e que goze de ventos favoráveis,
 Que me poupeis, não menos exilado serei.
 Não sulco, ávido por adquirir, sem limite, riquezas, 75
 O imenso mar para barganhar mercadorias;
 Nem me dirijo a Atenas, que outrora procurei como estudioso,
 Nem às cidades da Ásia, nem a locais antes vistos;
 Nem à famosa cidade de Alexandre sou levado,
 Para que veja, ó alegre Nilo, tuas delícias.²⁹ 80
 Isto desejo, ventos favoráveis - quem poderia acreditar? -
 A Sarmácia³⁰ é a terra que minhas velas buscam.
 Sou obrigado a atingir os inóspitos litorais do lado sinistro do Ponto³¹
 E me queixo que seja tão lento o desterro da pátria;
 Para que veja os tomitas,³² situados em não sei que parte do mundo, 85
 Torno, por meus votos, o trajeto breve.
 Se me amais, acalmai as imensas vagas

²⁸ Ovídio, nesse verso, faz referência a seu desterro através da metáfora da morte física, visto ele ser considerado pelos romanos como uma morte em vida, pois pressupõe a perda de todos os direitos civis. Além disso, o protagonista estabelece, entre os versos 59 a 72 desta elegia, um paradoxo, pois a súplica que faz aos deuses em prol de sua vida contrapõe-se ao fato de ela já ter se extinguido.

²⁹ Alexandria era famosa pelo luxo excessivo, por seu centro cultural e por seus divertimentos.

³⁰ A Sarmácia era uma vasta região ao norte da Europa que se estendia até os limites conhecidos da Ásia.

³¹ O exilado tem que atingir a margem esquerda (em relação a quem navega do estreito de Bósforo para cima) do Ponto Euxino (atual Mar Negro). Além dessa indicação geográfica, o adjetivo *laeuus*, aqui traduzido por “sinistro”, significa “de mau agouro”, “funesto”. Então, alude tanto à localização geográfica quanto ao trágico destino de Ovídio.

³² Moradores de Tomos (atual Constanza, na Romênia), cidade que ficava na região do Ponto Euxino, próxima à Sarmácia, para onde Ovídio fora exilado.

Pronaque sint nostrae numina uestra rati;
 Seu magis odistis, iussae me aduertite terrae:
 Supplicii pars est in regione mei. 90
 Ferte – quid hic facio? – rapidi mea corpora, uenti!
 Ausonios fines cur mea uela uolunt?
 Noluit hoc Caesar. Quid, quem fugat ille, tenetis?
 Aspiciat uultus Pontica terra meos.
 Et iubet et merui; nec quae damnauerit ille 95
 Crimina defendi fasque piumque puto.
 Si tamen acta deos numquam mortalia fallunt,
 A culpa facinus scitis abesse mea.
 Immo ita, si scitis, si me meus abstulit error
 Stultaque mens nobis, non scelerata fuit, 100
 Quod licet et minimis, domui si fauimus illi,
 Si satis Augusti publica iussa mihi,
 Hoc duce si dixi felicia saecula proque
 Caesare tura pius Caesaribusque dedi,
 Si fuit hic animus nobis, ita parcite, diui! 105
 Si minus, alta cadens obruat unda caput!
 Fallor an incipiunt grauidae uanescere nubes,
 Victaque mutati frangitur ira maris?
 Non casu, uos sed sub condicione uocati,
 Fallere quos non est, hanc mihi fertis opem. 110

3

Cum subit illius tristissima noctis imago
 Qua mihi supremum tempus in urbe fuit,
 Cum repeto noctem, qua tot mihi cara reliqui,

E favoráveis sejam vossos numes à nossa embarcação;
Mas se me odiais, volvei-me à terra determinada:
Parte de meu suplício está nessa região. 90
Carregai - que faço aqui? - ó velozes ventos, meu corpo!
Por que minhas velas desejam os limites ausônicos?³³
Não o queria César. Por que, a quem ele expulsou, retendes?
Que a terra pôntica veja minha face.
Não só ele ordena, como também mereci; nem julgo 95
Ser justo e pio defender-se de crimes que ele condenou.
Se, todavia, os atos dos mortais nunca aos deuses enganam,
Sabeis que do meu erro ausenta-se o crime.
Ora pois, se sabeis que é assim, se meu erro arrebatou-me
E meu espírito foi insensato, não criminoso; 100
Se, o que é permitido até aos mais humildes, dediquei-me àquela casa,
Se as ordens de Augusto para mim eram lei,
Se disse que, sob seu império, eram venturosos os séculos
E a César e aos Césares, pio, ofereci incenso,
Se foi esta minha intenção, poupai-me, ó deuses! 105
Se não, ao precipitar-se, cubra uma imensa onda minha cabeça!
Engano-me ou começam a se dissipar as densas nuvens,
E a ira aplacada do mar mudado se enfraquece?
Não pelo acaso, mas vós, invocados sob esta condição,
Aos quais não se pode enganar, a mim trazeis este auxílio. 110

3

Quando me vem à mente a imagem tristíssima daquela noite
Que foram meus últimos momentos na cidade,
Quando relembro a noite na qual abandonei tantas coisas a mim caras,

³³ Ausônia é um termo poético para designar a Itália (cf. *Oxford Latin Dictionary*, 1969 - ver nota a I, 3, 6).

Labitur ex oculis nunc quoque gutta meis.
 Iam prope lux aderat, cum me discedere Caesar 5
 Finibus extremae iusserat Ausoniae.
 Nec spatium fuerat nec mens satis apta parandi:
 Torpuerant longa pectora nostra mora;
 Non mihi seruorum, comites non cura legendi,
 Non aptae profugo uestis opisue fuit. 10
 Non aliter stupui quam qui Iouis ignibus ictus
 Viuit et est uitae nescius ipse suae.
 Vt tamen hanc animi nubem dolor ipse remouit
 Et tandem sensus conualuere mei,
 Adloquor extremum maestos abiturus amicos, 15
 Qui modo de multis unus et alter erat.
 Uxor amans flentem flens acrius ipsa tenebat
 Imbre per indignas usque cadente genas.
 Nata procul Libycis aberat diuersa sub oris
 Nec poterat fati certior esse mei. 20
 Quocumque aspiceres, luctus gemitusque sonabant
 Formaue non taciti funeris intus erat.
 Femina uirque meo pueri quoque funere maerent
 Inque domo lacrimas angulus omnis habet.
 Si licet exemplis in paruo grandibus uti, 25
 Haec facies Troiae, cum caperetur, erat.
 Iamque quiescebant uoces hominumque canumque
 Lunaue nocturnos alta regebat equos:
 Hanc ego suspiciens et ad hanc Capitolia cernens
 Quae nostro frustra iuncta fuere Lari, 30
 “Numina uicinis habitantia sedibus, inquam,
 Iamque oculis numquam templa uidenda meis

Ainda agora, escorre uma lágrima de meus olhos.
 Já se aproximava a luz do dia em que César ordenara que partisse 5
 Dos limites extremos da Ausônia.³⁴
 Não houvera tempo, nem disposição suficiente para preparar o necessário:
 Meu peito entorpecera pela longa demora.
 Não me preocupei em escolher escravos nem companheiros,
 Nem roupa nem riqueza necessárias ao desterrado. 10
 Fiquei entorpecido tanto quanto quem é atingido pelos fogos de Júpiter
 E continua vivo, não estando ciente de sua própria vida.
 Mas, quando a própria dor removeu esta nuvem de desgraça de meu espírito,
 E, finalmente, meus sentidos restabeleceram-se,
 Prestes a ir, dirijo-me pela última vez a meus tristes amigos, 15
 Que, de muitos, eram apenas um e outro.
 A esposa amorosa abraçava-me choroso, ela própria chorando mais fortemente,
 Caíam-lhe, ininterruptamente, rios de lágrimas pelas faces que não mereciam.
 A minha filha estava longe, na costa Líbica,³⁵
 E não pudera ser informada de meu destino. 20
 Para qualquer lugar que olhasses, as lamentações e os gemidos ressoavam,
 A imagem era a de um funeral não tácito.
 Mulher, homem, também crianças se entristecem com o meu funeral,
 E há lágrimas por todos os cantos da casa.
 Se é lícito servir-se de grandes exemplos no pequeno, 25
 Este era o aspecto de Tróia quando capturada.
 E já as vozes de homens e de cães se aquietavam
 E a altiva lua guiava os cavalos noturnos:
 Erguendo os olhos a ela e distinguindo o Capitólio³⁶ à sua luz,
 Que inutilmente ficava próximo ao nosso lar, 30
 “Divindades habitantes da casa vizinha,” disse,
 “Templos que pelos meus olhos jamais serão vistos de novo,

³⁴ Como Ovídio fala da *extremae...Ausoniae*, presume-se que tenha embarcado no porto de Brindes.

³⁵ A filha de Ovídio, que era esposa de Fido Cornélio, naquele ano procônsul na África (cf. G. Ferrara, 1944, p. 25).

³⁶ Monte de Roma em que estava o templo de Júpiter.

Dique relinquendi quos urbs habet alta Quirini,
 Este salutati tempus in omne mihi!
 Et quamquam sero clipeum post uulnera sumo, 35
 Attamen hanc odiis exonerate fugam
 Caelestique uiro quis me deceperit error
 Dicite, pro culpa ne scelus esse putet,
 Vt, quod uos scitis, poenae quoque sentiat auctor:
 Placato possum non miser esse deo.” 40
 Hac prece adoraui superos ego, pluribus uxor
 Singultu medios impediens sonos.
 Illa etiam ante Lares passis adstrata capillis
 Contigit extinctos ore tremante focos
 Multaque in aduersos effudit uerba Penates 45
 Pro deplorato non ualitura uiro.
 Iamque morae spatium nox praecipitata negabat
 Versaque ab axe suo Parrhasis Arctos erat.
 Quid facerem? Blando patriae retinebar amore,
 Vltima sed iussae nox erat illa fugae. 50
 A! quotiens aliquo dixi properante: “Quid urges?
 Vel quo festinas ire uel unde, uide.”
 A! quotiens certam me sum mentitus habere
 Horam propositae quae foret apta uiae.
 Ter limen tetigi, ter sum reuocatus et ipse 55

E deuses a serem abandonados, os quais a cidade alta de Quirino³⁷ possui,
 Sede saudados por mim para todo o sempre!
 E, ainda que eu tome do escudo tardiamente, depois das feridas, 35
 Todavia, livrai este exílio de ódios
 E disse ao homem celeste que erro me enganou,
 Para que não julgue haver crime em vez de erro,
 Para que o que vós sabeis também saiba o autor do castigo,
 Aplacado o deus, posso não ser miserável.” 40
 Eu, por esta prece, adorei os deuses, com muitas mais minha esposa,
 Entrecortando o soluço suas palavras.
 Além disso, ela, estendida ante os Lares³⁸ com cabelos desgrenhados,
 Tocou os fogos extintos com lábios trementes,
 E dirigiu em profusão suas palavras aos Penates³⁹ adversos, 45
 Que nada valeriam em favor do desgraçado marido.
 E já a noite avançada impedia a demora,
 E a Ursa Parráside⁴⁰ já tinha se voltado em seu eixo.
 Que fazer? O doce amor da pátria retinha-me,
 Mas aquela era a última noite antes do exílio. 50
 Ah! Quantas vezes eu disse para aquele que me apressava: “Por que me apressas?”
 Vê de onde devo partir e para onde me apressas em ir.”
 Ah! Quantas vezes eu menti ter o momento certo
 Que fosse conveniente para o caminho a seguir.
 Três vezes toquei a porta, três vezes fui convidado a voltar; 55

³⁷ Quirino é um dos deuses mais antigos, uma das três divindades arcaicas, cujo culto constitui a base indo-européia da religião romana. É um deus guerreiro, de origem sabina, que ocupa o último lugar na tríada formada por ele, Júpiter e Marte (cf. Grimal, 1997, p. 403a).

³⁸ Eram deuses domésticos, protetores da família e da casa. Na origem, havia apenas dois Lares, filhos de Lara e de Mercúrio, mas com o tempo, esse número cresceu e cada família passou a ter os seus próprios Lares. Eram representados sob a figura de pequenos bonecos de prata, marfim, madeira ou qualquer outro material (cf. Spalding, 1993, p. 82).

³⁹ Eram deuses protetores da família que, quase sempre, se confundiam com os lares. Seu culto privado tornou-se público e, por isso, Roma também tinha seus Penates. Conforme a tradição, foram trazidos de Tróia para Roma por Enéias, portando a inscrição *Magnis dis* (cf. Spalding, 1993, p. 113).

⁴⁰ Calisto, filha de Licáon, rei da Arcádia, foi seduzida por Júpiter, que havia tomado a forma de Diana, no monte árcade, Parrásio. Ficou grávida, foi expulsa do grupo de Diana e metamorfoseada em urso por Juno, inflamada de ciúme. Depois de algum tempo, seu filho Árcade saiu para caçar nas matas de Erimanto, monte da Arcádia, e deparou-se com a urso, sua mãe, que tentou matar. Júpiter, para protegê-la, transformou-a na constelação da Ursa Maior, e Árcade, na constelação de Arcturo ou Bootes (cf. Ov. *Met.* II, 401-530 - sobre a constelação de Arcturo ver I, 4, 1-2 e nota).

Indulgens animo pes mihi tardus erat.
 Saepe “uale” dicto rursus sum multa locutus
 Et quasi discedens oscula summa dedi.
 Saepe eadem mandata dedi meque ipse fefelli
 Respiciens oculis pignora cara meis. 60
 Denique: “Quid propero? Scythia est quo mittimur, inquam,
 Roma relinquenda est: utraque iusta mora est.
 Uxor in aeternum uiuo mihi uiua negatur
 Et domus et fidae dulcia membra domus,
 Quosque ego dilexi fraterno more sodales, 65
 O mihi Thesea pectora iuncta fide!
 Dum licet, amplectar; numquam fortasse licebit
 Amplius; in lucro est quae datur hora mihi.”
 Nec mora, sermonis uerba imperfecta relinquo
 Complectens animo proxima quaeque meo. 70
 Dum loquor et flemus, caelo nitidissimus alto
 Stella grauis nobis Lucifer ortus erat.
 Diuidor haud aliter quam si mea membra relinquam
 Et pars abrumpi corpore uisa suo est.
 Sic doluit Mettus, tum cum in contraria uersos 75
 Vltiores habuit prodicionis equos.
 Tum uero exoritur clamor gemitusque meorum
 Et feriunt maestae pectora nuda manus;

O meu pé, complacente com meu espírito, era vagaroso.
 Muitas vezes dito “adeus”, ainda uma vez falei muitas coisas
 E, como que partindo, dei os últimos beijos.
 Muitas vezes dei as mesmas recomendações e enganei-me a mim mesmo,
 Observando a cara prole com meus olhos. 60
 Finalmente: “Por que me apresso? É para Cítia⁴¹ que somos mandados”, disse,
 “Roma tem de ser abandonada: uma e outra demora é justa.
 A esposa viva é negada a mim, vivo, por todo o sempre
 E a casa e os doces membros de um lar fiel
 E os amigos que amei fraternalmente. 65
 Oh! corações unidos a mim pela fidelidade digna de Teseu!⁴²
 Enquanto me é permitido, hei de abraçá-los: talvez nunca mais seja permitido;
 É lucro a hora que me é dada.”
 Sem demora, deixo para trás as palavras inacabadas,
 Abraçando aqueles que estão mais próximos de mim. 70
 Enquanto falo e choramos, Lúçifer,⁴³ a funesta estrela para mim,
 Nascia, a mais resplandecente no alto céu.
 Não estou de modo diverso dividido do que se deixasse para trás meus membros,
 E uma parte pareceu ser cortada bruscamente do corpo.
 Assim Meto⁴⁴ padeceu, quando teve os cavalos vingadores de sua traição 75
 Voltados em direção oposta.
 É então que se erguem os gritos e os gemidos dos meus,
 E as mão aflitas ferem o peito nu.

⁴¹ Vasta região situada ao norte das terras conhecidas dos antigos, abrangendo parte da Europa e da Ásia.

⁴² Era proverbial o sentimento de lealdade, de amizade (*fides*) que unia Teseu, filho de Egeu, rei de Atenas, a Pirítoo, seu companheiro de aventuras. Teseu resolveu descer com Pirítoo aos Infernos para raptar Perséfone, esposa de Hades, porque havia sido ajudado por ele no rapto de Helena. Ambos acabaram se tornando prisioneiros, mas Teseu conseguiu ser resgatado por Hércules; Pirítoo, por sua vez, ficou preso lá para todo o sempre (cf. Grimal, 1997, pp. 376b-377a - ver I, 5, 18-19).

⁴³ Lúçifer é a designação latina para Fósforo (também conhecido como Heósforo), a estrela da manhã. Aparece com frequência na poesia como a personificação do astro que anuncia a Aurora e traz o dia (cf. Grimal, 1997, p. 178b).

⁴⁴ Meto Fufécio foi amarrado pelas pernas e braços a quatro cavalos que correram em direção oposta, esartejando-o. Essa punição foi infligida pelo rei Tulo Hostílio porque ele tinha sido um aliado desleal dos romanos na guerra contra Veios (cf. Lechi, 1993, p. 91 e Virg. *En.* VIII, 642-645).

Tum uero coniux umeris abeuntis inhaerens
 Miscuit haec lacrimis tristia uerba meis: 80
 “Non potes auelli; simul hinc, simul ibimus, inquit,
 Te sequar et coniux exulis exul ero.
 Et mihi facta uia est et me capit ultima tellus:
 Accedam profugae sarcina parua rati.
 Te iubet e patria discedere Caesaris ira, 85
 Me pietas: pietas haec mihi Caesar erit.”
 Talia temptabat, sicut temptauerat ante,
 Vixque dedit uictas utilitate manus.
 Egredior, siue illud erat sine funere ferri,
 Squalidus, inmissis hirta per ora comis. 90
 Illa dolore amens tenebris narratur obortis
 Semianimis media procubuisse domo,
 Vtque resurrexit foedatis puluere turpi
 Crinibus et gelida membra leuauit humo,
 Se modo, desertos modo complorasse penates, 95
 Nomen et erepti saepe uocasse uiri,
 Nec gemuisse minus quam si nataeque uirique
 Vidisset structos corpus habere rogos,
 Et uoluisse mori, moriendo ponere sensus,
 Respectuque tamen non periisse mei. 100
 Viuat et absentem, quoniam sic fata tulerunt,
 Viuat ut auxilio subleuet usque suo!

É então que a esposa, agarrando os ombros daquele que parte,
 Juntou estas tristes palavras às minhas lágrimas: 80
 “Não podes ser separado violentamente de mim, juntos iremos daqui”, disse,
 “Seguir-te-ei e serei a esposa exilada do exilado.
 O caminho também é feito para mim e a terra mais remota me acolhe:
 Juntar-me-ei como pequena bagagem ao navio prófugo.
 A ira de César ordena que tu deixes a pátria, 85
 A mim o zelo familiar ordena: este zelo⁴⁵ será meu César.”
 Ela tentou tais coisas como tentara anteriormente,
 E a custo deixou-se vencer para ser útil a mim.
 Parto, ou melhor, isto era ser levado à cova sem estar morto,
 Esquálido, os cabelos desalinhados sobre a face, a barba malfeita. 90
 Contam que perdeu os sentidos por causa da dor,
 Tombando semimorta no meio da casa,
 E que quando se reanimou, levantou-se do chão gelado,
 Tendo os cabelos sujos pela poeira imunda,
 Ora lamentando a si própria, ora os Penates abandonados. 95
 E, freqüentemente, chamou pelo nome do marido arrebatado,
 Nem se lamentou menos do que se tivesse visto
 Que as piras erigidas continham o corpo da filha e do marido.
 E desejou morrer; morrendo deixar de sofrer,
 Mas, em atenção a mim, não pereceu. 100
 Viva e, estando eu ausente, já que assim os destinos estabeleceram,
 Viva e socorra-me sempre com seu auxílio!

⁴⁵ A expressão “zelo familiar” traduz aqui o termo latino *pietas*, que significa, de acordo com Lewis & Short (1945), “dutiful conduct towards the gods, one’s parents, relatives, benefactors, country, etc; sense of duty”. Essa palavra aparece mais quatro vezes ao longo do livro I e em três delas foi traduzida por “piedade” (5, 14 e 38; 9, 35). Todavia, essa “piedade” não deve ser compreendida do ponto de vista cristão, como compaixão, dó ou pena, mas sim no sentido romano de cumprimento do dever (qualquer que seja), virtude, justiça, fidelidade e lealdade (Saraiva, 1993). Na elegia 7 (v.11), traduziu-se *pietas* por “fidelidade”.

Tingitur oceano custos Erymanthidos ursae
 Aequareasque suo sidere turbat aquas;
 Nos tamen Ionium non nostra findimus aequor
 Sponte, sed audaces cogimur esse metu.
 Me miserum! Quantis increscunt aequora uentis, 5
 Erutaque ex imis feruet arena uadis!
 Monte nec inferior prorae puppique recuruae
 Insilit et pictos uerberat unda deos.
 Pineae texta sonant, pulsae stridore rudentes,
 Ingemit et nostris ipsa carina malis. 10
 Nauita confessus gelidum pallore timorem,
 Iam sequitur uictus, non regit arte ratem
 Vtque parum ualidus non proficientia rector
 Ceruicis rigidae frena remittit equo,
 Sic, non quo uoluit, sed quo rapit impetus undae, 15
 Aurigam uideo uela dedisse rati.
 Quod nisi mutatas emisit Aeolus auras,
 In loca iam nobis non adeunda ferar;
 Nam procul Illyriis laeua de parte relictis
 Interdicta mihi cernitur Italia. 20
 Desinat in uetitas, quaeso, contendere terras,
 Et mecum magno pareat aura deo!

Banha-se no oceano o guardião da ursa de Erimanto

E as águas do mar turba com seu astro;⁴⁶

Eu, todavia, o mar Jônio sulco, não pela minha

Vontade, mas, audaz, obrigo-me a ser pelo medo.

Oh! como sou infeliz! Com que impetuosos ventos se encapelam os mares, 5

E a areia dos profundos vaus arrancada ferve!

Não menor do que a montanha, à proa e à popa recurva,

Lança-se a onda e açoita os deuses pintados.⁴⁷

Os pinhos entretecidos rangem; os calabres se agitam com um ruído estridente,

E geme por meus males a própria nau. 10

O piloto, confessando um gélido temor com a palidez,

Já segue vencido, não mais comanda a nau com arte.

E como um pouco valoroso cavaleiro que as inúteis

Rédeas afrouxa do cavalo de pescoço rijo,

Assim, não para onde quis, mas para onde arrasta o ímpeto da onda, 15

Vejo o piloto as velas largar à nau.

Se não enviar Éolo⁴⁸ ventos contrários,

A locais, que já não devem ser por mim tocados, serei levado;

Pois, ao longe, deixada do lado esquerdo a Ilíria,⁴⁹

A interdita Itália é por mim avistada. 20

Que desista de me arremessar, rogo, a lugares proibidos

E que, comigo, o vento seja submisso ao magno deus!⁵⁰

⁴⁶ O guardião da Ursa Maior é a constelação vizinha de Arcturo ou Bootes (ver nota a I, 3, 48). Nessa constelação há uma estrela mais brilhante cujo aparecimento e ocaso, acreditava-se, anunciavam terríveis tempestades (cf. Velloso, 1945, p. 40).

⁴⁷ Era costume pintar, na popa, a imagem da divindade que era protetora da nau (ver I, 10, 2 e nota).

⁴⁸ É o rei dos Ventos que habitava na ilha Eólia.

⁴⁹ A Ilíria, separada da Itália pelo mar Adriático (considerado, como comenta G. Ferrara (1944, p. 33) uma continuação do Jônio), estendia-se até os limites da Grécia. A nau do poeta, que se encontrava no mar Jônio, por causa da borrasca, estava sendo lançada de volta para o mar Adriático e, conseqüentemente, para as costas da Itália.

⁵⁰ Ovídio novamente equipara César a um deus (ver, I, 2, 12) e, aqui, a um “magno” deus. Mais abaixo, no verso 26, Nasão estabelece uma nítida comparação entre César e Júpiter.

Dum loquor, et timeo pariter cupioque repelli,
 Increpuit quantis uiribus unda latus!
 Parcite, caerulei, uos parcite, numina ponti, 25
 Infestumque mihi sit satis esse Iouem!
 Vos animam saeuae fessam subducite morti,
 Si modo, qui periit, non periisse potest!

5

O mihi post nullos numquam memorande sodales,
 Et cui praecipue sors mea uisa sua est,
 Attonitum qui me, memini, carissime, primus
 Ausus es alloquio sustinuisse tuo,
 Qui mihi consilium uiuendi mite dedisti, 5
 Cum foret in misero pectore mortis amor,
 Scis bene cui dicam positus pro nomine signis,
 Officium nec te fallit, amice, tuum.
 Haec mihi semper erunt imis infixae medullis
 Perpetuusque animae debitor huius erro, 10
 Spiritus in uacuas prius hic tenuandus in auras
 Ibit et in tepido deseret ossa rogo
 Quam subeant animo meritorum obliuia nostro
 Et longa pietas excidat ista die.
 Di tibi sint faciles et opis nullius egentem 15
 Fortunam praestent dissimilemque meae!
 Si tamen haec nauis uento ferretur amico,

Enquanto falo, temo e igualmente desejo ser desviado,
Fez estrondar com imensa força a onda ao flanco!
Poupei-me, vós, poupei-me, ó numes do cerúleo mar, 25
E que me baste ser Júpiter hostil!
Vós, meu espírito fatigado privai de uma morte atroz,
Se, todavia, quem já morreu, não ter morrido pode!⁵¹

5

Ó tu⁵² que nunca debes ser por mim lembrado depois de nenhum outro amigo
E a quem, sobretudo, minha sorte pareceu sua,
A mim atônito, lembro-me, caríssimo, foste o primeiro
Que ousaste confortar com tuas palavras,
Que a mim o afetuoso conselho de viver deste, 5
Quando havia no mísero peito o amor da morte,
Sabes bem a quem falo, colocando, ao invés do nome, sinais,
Não te esqueces, amigo, de teu dever.
Estas coisas estarão sempre cravadas no mais fundo de meu coração
E um eterno devedor desta vida te serei, 10
E, primeiro, este espírito nas suaves brisas irá se dispersar
E na tépida fogueira abandonará os ossos
Antes que chegue a minh'alma o esquecimento de teus benefícios
E que esta tua piedade desvaneça durante os longos dias.
Que os deuses te sejam propícios e que uma sorte de nenhum auxílio 15
Carente e diversa da minha te concedam!
Se, todavia, esta nau fosse conduzida por um vento amigo,

⁵¹ Ovídio novamente faz referência ao desterro, através da metáfora da morte. Além disso, mantém o paradoxo já configurado na elegia 2, ao sugerir que, mesmo estando morto, encontra-se vivo (ver I, 2, 72).

⁵² Tanto Lechi (1993, p. 98) quanto André (1987, p. 18) sugerem que esta elegia ou pode ser dirigida ao poeta Caro, a quem é endereçada a *ex Pont.* IV, 13, ou ao poeta Celso, de quem Ovídio chora a morte na *ex Pont.* I, 9. Além dessas possibilidades, G. Ferrara (1944, p. 34) comenta que Lorentz (*De amic. in Ov. trist. pers.*, p. 17 ss.), adotando a opinião de Loers expressa na sua edição dos *Tristia*, sustentada também por Koch (*Prosop. Ovid. Elem.* p. 27), diz ser essa dirigida a Sesto Pompeu. Contudo, Ferrara sugere que ela é dirigida a Celso.

Ignoraretur forsitan ista fides:
 Thesea Pirithous non tam sensisset amicum,
 Si non infernas uiuus adisset aquas; 20
 Vt foret exemplum ueri Phoeus amoris,
 Fecerunt furiae, tristis Oresta, tuae;
 Si non Euryalus Rutulos cecidisset in hostes,
 Hyrtacidae Nisi gloria nulla foret.
 Scilicet ut fuluum spectatur in ignibus aurum, 25
 Tempore sic duro est inspicienda fides.
 Dum iuuat et uultu ridet fortuna sereno,
 Indelibatas cuncta secuntur opes;
 At simul intonuit, fugiunt nec noscitur ulli
 Agminibus comitum qui modo cinctus erat; 30
 Atque haec exemplis quondam collecta priorum
 Nunc mihi sunt propriis cognita uera malis.
 Vix duo tresue mihi de tot superestis amici;
 Cetera fortunae, non mea turba fuit.
 Quo magis, o pauci, rebus succurrite laesis, 35
 Et date naufragio litora tuta meo;
 Neue metu falso nimium trepidate timentes

Talvez ficasse ignorada essa tua lealdade:
 Pirítoos não teria sentido Teseu tão seu amigo⁵³
 Se vivo não viesse às águas infernais; 20
 Que fosse exemplo o Foceu de verdadeira amizade,
 Fizeram teus furores, ó triste Orestes;⁵⁴
 Se Euríalo não tivesse caído em meio aos inimigos rútu-
 los, De Niso Hitárcida nenhuma glória haveria.⁵⁵
 Certamente, como se testa o fulvo ouro no fogo, 25
 Assim, em tempos difíceis deve-se provar a lealdade.
 Enquanto é propícia e sorri a fortuna com um semblante sereno,
 Tudo segue a prosperidade indelibada;
 Mas basta tropeçar, fogem e por ninguém é conhecido
 Aquela que, pouco antes, por legiões de amigos era rodeado, 30
 Mas, outrora colhidas nos exemplos dos antigos,
 Agora são por mim conhecidas estas verdades com meus próprios males.
 Apenas dois ou três amigos de tantos restais,
 Os demais estavam do lado da fortuna, não do meu.
 Tanto mais, ó poucos, trouxe auxílio aos meus reveses 35
 E dai ao meu naufrágio um litoral seguro;
 E não vos atemorizeis em demasia com um falso medo, temerosos

⁵³ Cf. nota a I, 3, 66.

⁵⁴ Orestes, após o assassinato de seu pai Agamêmnon, cometido por Egisto e Clitemnestra, sua mãe, foi levado por Electra, sua irmã, para a Fócida, onde foi criado pelo rei Estrófilo juntamente com seu filho Pílates. Quando se tornou adulto, foi incumbido por Apolo de vingar a morte de seu pai matando os assassinos. Então, partiu para Argos junto com Pílates, que, como um bom amigo, o ajudou na vingança. Após esse episódio, Orestes foi tomado de loucura (cf. Grimal, 1997, pp. 338b-339a).

⁵⁵ Niso, companheiro de Enéias, é célebre por sua amizade a Euríalo. Quando Enéias havia se retirado pela Itália em busca de alianças para a guerra, Turno, rei dos rútu-los (povo da Itália central) pegou em armas contra os troianos. Então, Niso e Euríalo foram incumbidos de encontrar Enéias para preveni-lo do que estava acontecendo. Ao longo do percurso, mataram muitos rútu-los que dormiam, mas, durante a madrugada, foram surpreendidos por um grupo de cavaleiros. Procuraram, então, refúgio nos bosques e acabaram se separando um do outro. Sentindo o amigo ameaçado, Niso abandonou seu esconderijo e morreu ao tentar vingar a morte de Euríalo. As cabeças dos dois jovens foram alçadas em estacas e conduzidas à vista dos troianos (cf. *En. IX*). Com essa citação, como comentou informalmente Vasconcellos, “o poeta arrola o episódio de Niso e Euríalo, inventado por Virgílio, em meio a casos mitológicos de longa tradição: dá estatuto de mito, pois, ao mito inventado por um poeta recente”. Esse comentário parece completar o de Lechi (1993, p. 101): “Alle due coppie di amici esemplari del mito greco ne segue una di ambito prettamente romano, che aveva trovato consacrazione nel libro IX dell’*Eneide*”.

Hac offendatur ne pietate deus.
 Saepe fidem aduersis etiam laudauit in armis
 Inque suis amat hanc Caesar, in hoste probat. 40
 Causa mea est melior, qui non contraria foui
 Arma, sed hanc merui simplicitate fugam.
 Inuigiles igitur nostris pro casibus oro,
 Deminui siqua numinis ira potest.
 Scire meos casus si quis desiderat omnes, 45
 Plus quam quod fieri res sinit ille petit.
 Tot mala sum passus quot in aethere sidera lucent
 Paruaque quot siccus corpora puluis habet;
 Multaque credibili tulimus maiora ratamque,
 Quamuis acciderint, non habitura fidem; 50
 Pars etiam quaedam mecum moriatur oportet
 Meque uelim possit dissimulante tegi.
 Si uox infragilis, pectus mihi firmitus aere
 Pluraque cum linguis pluribus ora forent,
 Non tamen idcirco complecterer omnia uerbis 55
 Materia uires exuperante meas.
 Pro duce Neritio, docti, mala nostra, poetae,
 Scribite: Neritio nam mala plura tuli.
 Ille breui spatio multis errauit in annis
 Inter Dulichias Iliacasque domos: 60
 Nos freta sideribus totis distantia mensos

De que por esta piedade seja ofendido o deus.
Muitas vezes, também louvou a lealdade nas armas inimigas
E nos seus César a aprecia, no inimigo aprova. 40
Minha causa é melhor, porque as armas inimigas
Não apoiei, mas este exílio mereci pela ingenuidade.
Que veles, pois, pelas minhas desventuras, rogo,
Se de algum modo a ira do nume pode ser apaziguada.
Todas as minhas desventuras, se alguém deseja saber, 45
Mais do que aquilo que a situação permite ser divulgado ele busca.
Tantos males padeci quantas estrelas no céu brilham
E quantos diminutos grãos a seca areia contém;
Muitas coisas mais graves do que o crível padeci,
E, embora tenham acontecido, não teriam credibilidade assegurada; 50
Uma certa parte disso também convém que morra comigo
E, dissimulando-a, quisera eu que pudesse ser ocultada.
Se uma voz inquebrantável e um peito mais forte do que o bronze
E mais bocas com mais línguas eu tivesse,
Mesmo assim, todavia, não abarcaria tudo com palavras 55
Por o assunto superar minhas forças.
Em vez do rei de Nérito,⁵⁶ ó doutos poetas, meus males
Descrevei: pois coisas piores do que o Nerício suportei.
Ele, em curto espaço, por muitos anos errou
Entre suas sedes dulíquias⁵⁷ e ilíacas: 60
A mim, navegando mares de todas as constelações distantes,⁵⁸

⁵⁶ Ulisses é também chamado de Nerício porque Nérito, ilha do mar Jônio, fazia parte dos seus Estados.

⁵⁷ Dulíquio, ilha do Jônio, próxima a Ítaca, fazia parte do reino de Ulisses.

⁵⁸ O verso latino - *Nos freta sideribus totis distantia mensos* - dá margem a várias interpretações. A tradução que apresentamos sugere, hiperbolicamente, por Ovídio considerar Tomos uma cidade dos confins do mundo, que o exilado percorreu mares distantes do mundo conhecido, visto que eles estão além de todas as constelações já vistas. Então, diferentemente de Ulisses que se manteve sob o mesmo céu pátrio durante toda a sua jornada (cf. I, 5, 59-60), o exilado navegou por mares diferentes e distantes do pátrio até chegar a seu destino. Essa tradução está baseada na expressão virgiliana *extra sidera tellus* (*En.*, VI, 796), interpretada como “‘terra além dos astros do Zodíaco’, isto é, além do mundo conhecido até então”. André (1987, p. 20) traduz o verso por “moi, j’ai parcouru des mers que séparent tous les astres”, parecendo interpretar que o exilado percorreu “águas distantes quanto a todos os mares”, i. é, “águas que estão separadas por todos os mares”; com isso, André sugere que Roma e Tomos estão situadas nos limites do mundo. Della Corte (1972, p. 16), por sua vez, não o interpreta assim, ao sugerir, com sua tradução - “la sorte mi ha portato a vagare per mari distanti fra loro per tutto/ il tratto del cielo” - que em Tomos o poeta se encontra sob outro céu, muito diverso do

Detulit in Geticos Caesaris ira sinus.
 Ille habuit fidamque manum sociosque fideles;
 Me profugum comites deseruere mei.
 Ille suam laetus patriam uictorque petebat; 65
 A patria fugi uictus et exul ego;
 Nec mihi Dulichium domus est Ithaceue Samosue,
 Poena quibus non est grandis abesse locis,
 Sed quae de septem totum circumspicit orbem
 Montibus, imperii Roma deumque locus. 70
 Illi corpus erat durum patiensque laborum,
 Inualidae uires ingenuaeque mihi.
 Ille erat adsidue saeuis agitatus in armis;
 Adsuetus studiis mollibus ipse fui.
 Me deus oppressit nullo mala nostra leuante; 75
 Bellatrix illi diua ferebat opem,
 Cumque minor Ioue sit tumidis qui regnat in undis,
 Illum Neptuni, me Iouis ira premit.
 Adde quod illius pars maxima ficta laborum;
 Ponitur in nostris fabula nulla malis. 80
 Denique quaesitos tetigit tamen ille penates,
 Quaeque diu petiit, contigit arua tamen;
 At mihi perpetuo patria tellure carendum,
 Ni fuerit laesi mollior ira dei.

Levou a ira de César para os litorais géticos.
 Ele teve não só um fiel exército como também companheiros fiéis;
 A mim banido meus companheiros abandonaram.
 Ele feliz e vitorioso a sua pátria demandava; 65
 Da pátria vencido e exilado parto eu;
 Não é meu lar Dulíquio ou Ítaca ou Samos,⁵⁹
 De cujos lugares estar longe não é grande castigo,
 Mas Roma, que observa todo o orbe de suas sete
 Colinas, do império e dos deuses a sede. 70
 Ele tinha um corpo forte e resistente aos labores,
 Forças débeis e fracas tenho eu.
 Ele incessantemente se exercitava nas impetuosas armas;
 Acostumado a delicadas ocupações eu fui.
 A mim um deus perseguiu, sem nenhum a aliviar nossos males; 75
 A ele a diva guerreira levava auxílio
 E, sendo inferior a Jove aquele que reina sob as túmidas ondas,
 A ele a ira de Netuno perseguiu, a mim a de Jove.
 Acresce que uma grande parte de seus labores foi inventada;
 Não se conta em nossos males nenhuma fábula. 80
 Por fim, todavia, ele tocou os procurados penates
 E os campos que há muito buscava finalmente encontrou;
 Mas, devo-me privar para sempre da terra pátria,
 Se não se tornar mais branda a ira do deus ofendido.

céu da pátria. Lechi (1993, p. 103), na sua tradução - “me, dopo un percorso attraverso mari che distano intere costellazioni” - propõe a mesma interpretação de Della Corte, como depreendemos de seu comentário a esse verso: “Allude al diverso cielo sotto cui si trova Tomi, più a settentrione e quindi più all’Orsa” (*id.*, *ibid.*, nota 14). Velloso (1952, p. 46), assim como nós, propõe “percorrendo mares distantes de todas as constelações”.

⁵⁹ Esta, de acordo com G. Ferrara (1944, p. 38), não é a ilha de Samos do mar Egeu, mas a homérica do mar Jônio, a maior do grupo, vizinha a Ítaca.

Nec tantum Clario est Lyde dilecta poetae

Nec tantum Coe Bittis amata suo est,

Pectoribus quantum tu nostris, uxor, inhaeres,

Digna minus misero, non meliore uiro.

Te mea subposita ueluti trabe fulta ruina est; 5

Si quid adhuc ego sum, muneris omne tui est.

Tu facis ut spolium non sim nec nuder ab illis

Naufragii tabulas qui petiere mei.

Vtque rapax stimulante fame cupidusque cruoris

Incustoditum captat ouile lupus, 10

Aut ut edax uultur corpus circumspicit ecquod

Sub nulla positum cernere possit humo,

Sic mea nescio quis, rebus male fidus acerbis,

In bona uenturus, si paterere, fuit.

Hunc tua per fortis uirtus summouit amicos, 15

Nulla quibus reddi gratia digna potest.

Ergo quam misero, tam uero teste probaris,

Hic aliquod pondus si modo testis habet.

Nec probitate tua prior est aut Hectoris uxor

Aut comes extincto Laodamia uiro. 20

Tu si Maeonium uatem sortita fuisses,

Nem foi tão cara Lide ao poeta de Claro⁶⁰

Nem foi tão amada Bátis pelo de Cós⁶¹

Quanto tu, ó minha esposa, estás gravada em nosso coração,

Digna de um marido menos infeliz, mas não melhor.

Por ti, sotoposta como uma trave, minha ruína foi sustentada; 5

Se ainda eu sou alguma coisa, tudo é graças a ti.

Tu fazes que eu não seja uma presa, nem despojado por aqueles

Que os restos de meu naufrágio almejaram.

Como, rapaz, estimulado pela fome e ávido por sangue,

O lobo captura o redil de ovelhas sem guarda, 10

Ou como o voraz abutre observa se algum corpo

Insepulto consegue descobrir,

Assim, um não sei quem, nada confiável nas adversidades,

Meus bens assaltaria, se tivesses permitido.

Tua coragem o repeliu, com a ajuda de fortes amigos, 15

Aos quais nenhum agradecimento digno pode ser dado.

Portanto és elogiada por uma testemunha tanto verdadeira quanto infeliz,

Se, todavia, algum peso esta testemunha possui.

À tua probidade, não foi superior nem a mulher de Heitor⁶²

Nem Laodamia,⁶³ companheira de seu marido morto. 20

Se te coubesses por sorte o vate Meônio,⁶⁴

⁶⁰ Antímaco, poeta de Claro, pequena cidade vizinha a Cólofon, viveu na primeira metade do século IV a. C. Segundo a tradição (cf. Lechi, 1993, p. 106), depois da morte de sua mulher Lide, escreveu um poema (hoje perdido) em dois livros, que narra, em metro elegíaco, a história de um amor infeliz.

⁶¹ Cós faz referência ao famoso poeta elegíaco Filetas, que viveu entre os séculos IV e III a. C. Considerado um cânone da poesia alexandrina, cantou em versos sua amada Bátis.

⁶² Andrômaca, após a Guerra de Tróia, tornou-se escrava de Neoptólemo, filho de Ulisses, que, ao morrer, deixou-a para Heleno, irmão de Heitor. Enéias, no canto III da *Eneida*, encontra-a fazendo um sacrifício solene junto ao túmulo de Heitor, inconformada com seu destino (cf. vv. 294-343).

⁶³ Esposa de Protesilau, que, logo após seu casamento, perdeu o marido na guerra de Tróia (ele foi o primeiro dos gregos a morrer). Como Laodamia o amasse demais, pediu aos deuses que o restituíssem por apenas três horas (o mesmo fez Protesilau). Quando findou o tempo determinado e o marido teve de partir, Laodamia, não suportando o sofrimento da perda, suicidou-se em seus braços (cf. Grimal, 1997, p. 276a).

⁶⁴ Cf. I, 1, 47 e nota.

Penelopes esset fama secunda tuae,
 Siue tibi hoc debes, nullo pia facta magistro,
 Cumque noua mores sunt tibi luce dati,
 Femina seu princeps omnes tibi culta per annos 25
 Te docet exemplum coniugis esse bonae,
 Adsimilemque sui longa adsuetudine fecit,
 Grandia si paruis adsimilare licet.
 Ei mihi, non magnas quod habent mea carmina uires,
 Nostraque sunt meritis ora minora tuis. 30
 Si quid et in nobis uiui fuit ante uigoris,
 Extinctum longis occidit omne malis!
 Prima locum sanctas heroidas inter haberes,
 Prima bonis animi conspicerere tui.
 Quantumcumque tamen praeconia nostra ualebunt, 35
 Carminibus uiues tempus in omne meis.

7

Si quis habes nostri similes in imagine uultus,
 Deme meis hederas, Bacchica sertae, comis!
 Ista decent laetos felicia signa poetas:
 Temporibus non est apta corona meis.
 Hoc tibi dissimula, senti tamen, optime, dici, 5
 In digito qui me fersque refersque tuo

A fama de Penélope⁶⁵ seria secundária à tua.
 Ou isto a ti deves, tornando-te pia sem nenhum mestre,
 Já que bons costumes te foram dados à primeira luz,
 Ou uma nobre mulher⁶⁶ venerada por ti durante todos os anos 25
 Te ensina a ser o exemplo de boa esposa
 E semelhante a si pela longa convivência te fez,
 Se é lícito comparar grandes coisas a pequenas.
 Ai de mim! porque não têm grande estro meus versos,
 E minha boca é inferior a teus méritos. 30
 E se algum vívido vigor existiu antes em mim,
 Tudo aniquilado acabou pelos males duradouros.
 Terias o primeiro lugar dentre as veneráveis heroínas
 E a primeira seria considerada pelas qualidades de teu espírito.
 Todavia, quanto quer que valham meus elogios, 35
 Pelos meus versos viverás para todo sempre.

7

Se, quem quer que sejas, tiveres um rosto igual ao nosso em retrato,
 Tira de meu cabelo as heras, coroa báquica!⁶⁷
 Esses felizes adornos convêm aos venturosos poetas:
 À minha situação não é própria essa coroa.
 Que isto te foi dito oculta, ó ótimo amigo, mas escuta, 5
 Tu que em teu dedo me conduzes e reconduzes

⁶⁵ Esposa de Ulisses, famosa pela fidelidade conjugal que a tornou célebre na lenda e literatura latinas. Como é sabido, durante os vinte anos de ausência do marido, Penélope conservou-se fiel aos votos matrimoniais e não sucumbiu aos pretendentes, como as outras mulheres dos heróis (cf. Grimal, 1997, p. 364b).

⁶⁶ Provavelmente Livia, esposa de Augusto.

⁶⁷ De acordo com Lechi (1993, p. 110), na origem, a coroa báquica era um ornamento que condecorava o vencedor dos concursos teatrais. Depois, passou a distinguir os poetas em geral, por causa da relação existente entre Baco e a atividade poética.

Effigiemque meam fuluo complexus in auro
 Cara relegati, quae potes, ora uides.
 Quae quotiens spectas, subeat tibi dicere forsā:
 “Quam procul a nobis Naso sodalis abest!” 10
 Grata tua est pietas, sed carmina maior imago
 Sunt mea quae mando qualiacumque legas,
 Carmina mutatas hominum dicentia formas,
 Infelix domini quod fuga rupit opus.
 Haec ego discedens, sicut bene multa meorum, 15
 Ipse mea posui maestus in igne manu;
 Vtque cremasse suum fertur sub stipite natum
 Thestias et melior matre fuisse soror,
 Sic ego non meritos mecum peritura libellos
 Imposui rapidis, uiscera nostra, rogis, 20
 Vel quod eram Musas, ut crimina nostra, perosus,
 Vel quod adhuc crescens et rude carmen erat.
 Quae quoniam non sunt penitus sublata, sed extant –
 Pluribus exemplis scripta fuisse reor –,
 Nunc precor ut uiuant et non ignaua legentem 25
 Otia delectent admoneantque mei.
 Nec tamen illa legi poterunt patienter ab ullo,
 Nesciet his summam si quis abesse manum;
 Ablatum mediis opus est incudibus illud
 Defuit et scriptis ultima lima meis. 30

E, tendo engastado minha efígie no fulvo ouro,
 A cara face do relegado que podes, vês.
 Todas as vezes que a contemplares, talvez te ocorra dizer:
 “Quão longe de nós o amigo Nasão está!” 10
 É agradável tua fidelidade, mas minha melhor imagem são meus
 Versos, os quais, quaisquer que sejam, recomendo que leias,
 Versos que cantam as metamorfoses dos homens,
 Obra que o infeliz exílio de seu senhor interrompeu.
 Essa, ao partir, bem como muitos de meus versos, 15
 Eu mesmo, consternado, com minhas mãos lancei ao fogo;
 E como se conta que seu filho sob um tição cremara
 A Testíade⁶⁸ e que fora melhor irmã do que mãe,
 Assim eu os inocentes livros, minhas entranhas,
 Que deviam perecer comigo, lanço à voraz fogueira, 20
 Ou porque às Musas tinha ódio, motivo de meus crimes,
 Ou porque ainda estava imperfeito e tosco o poema.
 Eles não foram totalmente destruídos, mas sobrevivem -
 Porque em muitos exemplares foram copiados, penso -,
 Agora imploro que vivam e que os frutos de meu não inativo ócio 25
 Deleitem o leitor e o façam lembrar-se de mim.
 Todavia, eles não poderão ser lidos com tolerância por alguém,
 Se este não souber que faltou a última demão;
 Aquela obra foi furtada em meio à forja.⁶⁹
 E a última lima⁷⁰ faltou aos meus escritos, 30

⁶⁸ Altéia, filha de Téstitio, rei da Etólia, é mãe de Meleagro. Sete dias após o nascimento do filho, as Parcas, divindades que tecem o destino, predisseram que o menino morreria se o tição que jogaram no fogo queimasse até o fim. Altéia imediatamente o tirou do fogo e o guardou. Quando da caçada de Cálidon, Meleagro matou seus tios, então sua mãe lançou ao fogo o tição e o matou (cf. Ov. *Met.* VIII,445, 525).

⁶⁹ Ovídio utiliza aqui a metáfora da bigorna (*incus*) para dizer que seus versos foram tomados de si em meio aos retoques, quando ainda estavam sendo aperfeiçoados. Essa imagem já aparecia na *Arte poética* de Horácio: (...) *delere iubebat/ et male tornatos incudi reddere uersus* (vv. 440-441 - “ordenava [Quintílio] destruir/ os versos mal torneados e trazê-los de volta à bigorna”).

⁷⁰ Ovídio retoma também a metáfora da lima (*lima*), que já estava presente na *Arte Poética* de Horácio: *Nec uirtute foret clarisue potentius armis/ quam lingua Latium, si non offenderet unum/ quemque poetarum limae labor et mora.* (...) (vv. 289-291 - “Não seria mais poderoso pela coragem ou pelas afamadas armas/ o Lácio do que pela língua, se não desagradasse a cada um/ dos poetas o trabalho da lima e a demora.”).

Et ueniam pro laude peto, laudatus abunde,
Non fastiditus si tibi, lector, ero.

Hos quoque sex uersus, in prima fronte libelli
Si praeponendos esse putabis, habe:

“Orba parente suo quicumque uolumina tangis,
His saltem uestra detur in urbe locus;
Quoque magis faueas, haec non sunt edita ab ipso,
Sed quasi de domini funere rapta sui.
Quicquid in his igitur uitii rude carmen habebit,
Emendaturus, si licuisset, eram.”

8

In caput alta suum labentur ab aequore retro
 Flumina, conuersis Solque recurret equis,
 Terra feret stellas, caelum findetur aratro,
 Vnda dabit flammas et dabit ignis aquas,
 Omnia naturae praepostera legibus ibunt, 5
 Parsque suum mundi nulla tenebit iter,
 Omnia iam fient fieri quae posse negabam
 Et nihil est de quo non sit habenda fides.
 Haec ego uaticinor, quia sum deceptus ab illo
 Laturum misero quem mihi rebar opem. 10
 Tantane te, fallax, cepere obliuia nostri,
 Adflictumque fuit tantus adire timor,
 Vt neque respiceres nec solarere iacentem,

Peço indulgência e não louvor, serei muitíssimo louvado
 Se não for por ti, ó leitor, desprezado.
 Também estes seis versos, na frente do primeiro livro,
 Se julgares que devem ser colocados, guarda:
 “Quem quer que toques os volumes privados de seu pai, 35
 Ao menos lhes seja dado um lugar na vossa cidade;
 E para que sejas mais indulgente, estes não foram publicados pelo próprio autor,
 Mas quase que arrancados do funeral de seu senhor foram.
 Portanto, qualquer defeito que tiver a tosca poesia deles,
 Eu teria retocado, se fosse possível.” 40

8

Para a sua nascente retornarão do mar os profundos
 Rios, e, voltados os cavalos, o Sol retrocederá,⁷¹
 A terra suportará as estrelas, o céu será sulcado pelo arado,
 A onda lançará chamas e lançará o fogo águas,
 Tudo caminhará contra as leis da natureza, 5
 E parte alguma do mundo manterá seu caminho,
 Já já acontecerá tudo o que negava ser possível acontecer
 E não há nada em que não se deva acreditar.
 Isto eu vaticino, porque fui iludido por aquele⁷²
 Que julgava trazer a mim, infeliz, auxílio. 10
 De ti, falaz, se apoderou um esquecimento tão grande de mim,
 E tiveste um temor tão grande de te aproximar de um aflito,
 Que não tens olhado nem consolado a mim, abatido,

⁷¹ O Sol era representado por um jovem de grande beleza, cuja cabeça estava circundada por raios que formavam uma espécie de cabeleira de ouro. Percorria o céu num carro de fogo, puxado por quatro cavalos fogosos: Pírois, Eoo, Éton e Flégon, cujos nomes evocam a idéia de chama, fogo ou luz (cf. Grimal, 1997, p. 202b).

⁷² Não se sabe ao certo a identidade desse amigo. G. Ferrara (1944, p. 48) comenta que Merkel (*Trist.* I, 8, 33) e Graeber (*Unters. ii. Ov. Brief.* p. 9) dizem que essa elegia é dirigida a Macro, companheiro de Ovídio na viagem para a Sicília e Ásia (*ex P.* II, 10, 21 e ss.), como também cogita a possibilidade de ser o poeta Pompeu Macro, a quem é endereçada a elegia 18, do livro II dos *Amores*.

Dure, neque exequias prosequerere meas?	
Illud amicitiae sanctum et uenerabile nomen	15
Re tibi pro uili sub pedibusque iacet?	
Quid fuit, ingenti prostratum mole sodalem	
Visere et adloquii parte leuare tui	
Inque meos si non lacrimam demittere casus,	
Pauca tamen ficto uerba dolore pati	20
Idque, quod ignoti faciunt, uale dicere saltem,	
Et uocem populi publicaue ora sequi,	
Denique lugubres uultus numquamque uidendos	
Cernere supremo dum licuitque die	
Dicendumque semel toto non amplius aeuo	25
Accipere et parili reddere uoce “uale”?	
At fecere alii nullo mihi foedere iuncti	
Et lacrimas animi signa dedere sui.	
Quid, nisi conuictu causisque ualentibus essem	
Temporis et longi uinctus amore tibi?	30
Quid, nisi tot lusus et tot mea seria nosses,	
Tot nossem lusus seriaque ipse tua?	
Quid, si dumtaxat Romae mihi cognitus esses,	
Adscitus totiens in genus omne loci?	
Cunctane in aequoreos abierunt irrita uentos?	35
Cunctane Lethaeis mersa feruntur aquis?	
Non ego te genitum placida reor urbe Quirini,	
Vrbe meo quae iam non adeunda pede est,	
Sed scopulis, Ponti quos haec habet ora sinistri,	
Inque feris Scythiae Sarmaticisque iugis;	40

Ó cruel, nem tens acompanhado minhas exéquias?
 E aquele nome santo e venerável da amizade, 15
 Para ti, jaz sob os pés como coisa vil?
 O que era para ti um amigo prostrado pelo grande peso
 Visitar e confortar com algumas de tuas palavras
 E, se não vertesses uma única lágrima sobre minhas desventuras,
 Poder, todavia, proferir algumas poucas palavras com uma dor fingida 20
 E ao menos isto, o que os desconhecidos fazem, dizer adeus
 E seguir a boca do povo e a voz de todos,
 Finalmente, a lúgubre fisionomia que nunca mais poderia ser vista
 Olhar no último dia, enquanto foi permitido
 E, a dizer uma só vez, não mais por todo o sempre, 25
 Receber e responder com igual voz: “adeus”?
 Mas o fizeram outros por nenhum laço a mim ligados
 E lágrimas em sinal de seu sentimento verteram.
 E se não estivesse por convivência, por fortes
 Motivos e por um amor de longa data ligado a ti? 30
 E se tantos prazeres e tantos encargos meus não conhecesses,
 E eu mesmo tantos prazeres e encargos teus não conhecesse?
 E se somente em Roma por mim tivesses sido conhecido,
 Tu, convidado tantas vezes para todo tipo de lugar?
 Tudo foi anulado e dispersou-se nos ventos do mar? 35
 Tudo é levado imerso nas águas do Lete?⁷³
 Eu não te julgo nascido na pacífica cidade de Quirino,⁷⁴
 Na cidade que já não pode ser percorrida por meus pés,
 Mas nos rochedos que esta costa do sinistro Ponto possui,
 E nos montes selvagens da Cítia e da Sarmácia;⁷⁵ 40

⁷³ Lete, o Esquecimento, é filha de Éris (a Discórdia) e, segundo uma tradição, mãe de Cáritas (as Graças). Deu o seu nome à Fonte do Esquecimento, localizada nos Infernos, de cuja água os mortos bebiam a para se esquecerem da sua vida terrena (cf. Grimal, 1997, pp. 274b-275a).

⁷⁴ Cf. I, 3, 33 e nota.

⁷⁵ Cítia, ver I, 3, 61; Sarmácia, ver I, 2, 82.

Et tua sunt silicis circum praecordia uenae,
Et rigidum ferri semina pectus habet;
Quaeque tibi quondam tenero ducenda palato
Plena dedit nutrix ubera, tigris erat.
Aut mala nostra minus quam nunc aliena putares, 45
Duritiaeque mihi non agerere reus.
Sed quoniam accedit fatalibus hoc quoque damnis,
Vt careant numeris tempora prima suis,
Effice peccati ne sim memor huius et illo
Officium laudem, quo queror, ore tuum. 50

9

Detur inoffenso uitae tibi tangere metam
Qui legis hoc nobis non inimicus opus,
Atque utinam pro te possent mea uota ualere,
Quae pro me duros non tetigere deos!
Donec eris sospes, multos numerabis amicos: 5
Tempora si fuerint nubila, solus eris.
Aspicias ut ueniant ad candida tecta columbae,
Accipiat nullas sordida turris aues.

Há veias de pedra em torno de teu coração,
 E grânulos de ferro teu duro peito possui;
 E a ama, que outrora a ti, para serem sugados pela tenra
 Boca, deu os peitos cheios, era um tigre.
 Ou não considerarias agora nossos males menos que os de um estranho 45
 E não serias por mim acusado de insensibilidade.
 Mas, porque se ajuntou também isto aos danos fatais,
 Que os primeiros tempos estão privados de uma parte sua,⁷⁶
 Faz que não me lembre desta falta
 E que louve teus méritos com a mesma boca com que me queixo. 50

9

Que te seja concedido atingir sem danos a meta da vida⁷⁷
 Tu que lês esta minha obra não como um inimigo,
 E oxalá possam para ti meus votos valer,
 Os quais, em meu favor, não tocaram os insensíveis deuses!
 Enquanto fores afortunado, enumerarás muitos amigos: 5
 Se os tempos estiverem nebulosos, sozinho ficarás.
 Vês como vêm ao alvo teto as pombas
 E não recebe ave alguma a enegrecida torre.

⁷⁶ O verso latino - *Vt careant numeris tempora prima suis* - apresenta dificuldade de entendimento devido, em grande parte, à expressão *carere numeris suis*. Seguindo a interpretação de G. Ferrara (1944, p. 51) para *numeris* (=partibus), *carere numeris* (“essere incompleti”) e *tempora prima* (“sott. amicitiae nostrae”), traduzi essa expressão por “estar privado de sua parte”, sugerindo tal sentido para o verso: “como você me desconsiderou após minha desgraça, nossa antiga amizade, no tempo em que era bem-aventurado, ficou incompleta, esquecida no passado”. Visto a difícil tradução deste verso, elencarei algumas: Della Corte (1972, p. 19) propõe “che i primi momenti (della nostra amicizia) manchino del loro completamento”; Lechi (1993, p. 119), “che la prima parte della mia vita non ha trovato compimento” (interpreta-o como “poiché la mia vita non ha potuto concludersi con la prima parte, quando era felice, e di prolungarsi, hai tempo per cambiare atteggiamento etc.”); André (1987, p. 26), “que ma vie ne s’est pas terminée avec sa première partie”; Velloso (1952, p. 54), “que os tempos passados não tenham merecido consideração”, e Melville (1995, p. 19), “That those years of our youth should fall and fail”.

⁷⁷ De acordo com G. Ferrara (1944, 52), é impossível dizer ao certo a quem é dirigida esta elegia. Autores como Lorentz (*De am. Ov.*, p. 47 ss.) e Henning (*De Ov. poet. sod.*, p. 26), segundo Ferrara, dizem ter sido endereçada a Caro, poeta que cantou os feitos de Hércules.

Horrea formicae tendunt ad inania numquam;
 Nullus ad amissas ibit amicus opes; 10
 Vtque comes radios per solis euntibus umbra est,
 Cum latet hic pressus nubibus, illa fugit,
 Mobile sic sequitur fortunae lumina uulcus,
 Quae simul inducta nube teguntur, abit.
 Haec precor ut semper possint tibi falsa uideri; 15
 Sunt tamen euentu uera fatenda meo.
 Dum stetimus, turbae quantum satis esset, habebat
 Nota quidem, sed non ambitiosa domus;
 At simul impulsus est, omnes timere ruinam
 Cautaque communi terga dedere fugae. 20
 Saeua neque admiror metuunt si fulmina quorum
 Ignibus adflari proxima quaeque solent.
 Sed tamen in duris remanentem rebus amicum
 Quamlibet inuiso Caesar in hoste probat
 Nec solet irasci – neque enim moderatior alter – 25
 Cum quis in aduersis, si quid amauit, amat.
 De comite Argolici postquam cognouit Orestae
 Narratur Pyladen ipse probasse Thoas;
 Quae fuit Actoridae cum magno semper Achille,
 Laudari solita est Hectoris ore fides; 30
 Quod pius ad Manes Theseus comes iret amico,
 Tartareum dicunt indoluisse deum;

As formigas nunca se dirigem às tulhas vazias;
 Nenhum amigo se aproximará das riquezas perdidas; 10
 Como é companheira a sombra dos que caminham pelos raios de sol
 E, quando este se esconde encoberto por nuvens, ela foge,
 Assim o volúvel vulgo segue as luzes da fortuna
 E, logo que estas são tocadas pela nuvem densa, foge.
 Rogo que estas coisas possam te parecer sempre falsas; 15
 No meu caso, todavia, devem ser reconhecidas como verdadeiras.
 Enquanto prosperei, quanto bastasse de gente tinha
 Minha casa, certamente conhecida, mas não suntuosa;
 Mas, logo que foi abalada, todos temeram a ruína
 E as cautas costas deram numa fuga comum. 20
 E nem me admiro se temem os atrozes raios por cujos
 Fogos se costuma queimar o que está próximo.
 Mas, todavia, o amigo fiel nas adversidades,
 Mesmo no inimigo mais odioso, César admira.
 Nem costuma ficar irado - pois ninguém é mais tolerante - 25
 Se alguém, nas adversidades, o que amou, continua a amar.
 Depois de informado sobre o companheiro do argólico Orestes,
 Conta-se que a Pílates o próprio Toante⁷⁸ louvou;
 O Actórida sempre teve para com o grande Aquiles
 O que costumava ser louvado pela boca de Heitor:⁷⁹ a lealdade, 30
 Porque o pio Teseu⁸⁰ foi aos infernos como companheiro
 De um amigo, dizem que o deus tartáreo se afligira;

⁷⁸ Depois da absolvição de seu crime, Orestes foi aconselhado pela pitonisa a ir a Táuris procurar a estátua de Ártemis (Diana) para se livrar completamente da loucura. Juntamente com Pílates, chegou ao reino do rei Toante e foram presos. Ajudados por Ifigênia, sacerdotisa de Ártemis, conseguiram convencer o rei de que não deveriam ser sacrificados porque precisavam da estátua para o rito de purificação. Tentaram fugir, mas foram arrebatados de volta para Táuris por Posêidon; quando Toante estava prestes a pegar a estátua, Atena pediu para que cessasse a perseguição (cf. Grimal, 1997, 339b - ver I, 5, 22 e nota).

⁷⁹ Pátroclo, filho de Menécio e neto de Actor, é o companheiro fiel de Aquiles (a amizade - *fides* - de ambos era considerada proverbial). Foram criados juntos por Peleu, pai do grande herói grego, na Tessália. Pátroclo foi morto na guerra de Tróia por Heitor, filho de Príamo, que mais tarde seria alvo da vingança de Aquiles: este o matou e, trespassando seus tornozelos, amarrou-o a seu carro e arrastou-o em torno da cidade de Tróia ante os olhares de seus conterrâneos (cf. Grimal, 1997, 358b-359ab e Virg. *En.* II, 270-279).

⁸⁰ Sobre Teseu, ver I, 3, 66.

Euryali Nisique fide tibi, Turne, relata
 Credibile est lacrimis inmaduisse genas.
 Est etiam in miseris pietas et in hoste probatur. 35
 Ei mihi, quam paucos haec mea dicta mouent!
 Is status, haec rerum nunc est fortuna mearum
 Debeat ut lacrimis nullus adesse modus.
 At mea sunt, proprio quamuis maestissima casu,
 Pectora processu facta serena tuo. 40
 Hoc ego uenturum iam tum, carissime, uidi,
 Ferret adhuc istam cum minus aura ratem.
 Siue aliquod morum seu uitae labe carentis
 Est pretium, nemo pluris emendus erat;
 Siue per ingenuas aliquis caput extulit artes, 45
 Quaelibet eloquio fit bona causa tuo.
 His ego commotus dixi tibi protinus ipsi :
 “Scena manet dotes grandis, amice, tuas.”
 Haec mihi non ouium fibrae tonitrusue sinistri,
 Linguae seruatae pennaue dixit auis. 50
 Augurium ratio est et coniectura futuri;
 Hac diuinaui notitiamque tuli.
 Quae quoniam uera est, tota tibi mente mihique
 Gratulor ingenium non latuisse tuum.
 At nostrum tenebris utinam latuisset in imis! 55
 Expediit studio lumen abesse meo,
 Vtque tibi prosunt artes, facunde, seuerae,
 Dissimiles illis sic nocuere mihi.
 Vita tamen tibi nota mea est; scis artibus illis

A lealdade de Niso e Euríalo tendo sido a ti, Turno,⁸¹ relatada,
 É crível terem-se umedecido tuas faces com lágrimas.
 Há também piedade para os desgraçados e no inimigo é aprovada. 35
 Ai de mim! quão poucos estes meus dizeres comovem!
 Tal é a situação, tal é agora a fortuna das minhas coisas,
 Que nenhum limite deveria haver para as lágrimas.
 Mas, ainda que abatidíssimo esteja pela própria desgraça,
 Meu peito sereno por tuas ações tornou-se. 40
 Isto desde aquela época eu já previ, caríssimo, que te aconteceria,
 Até mesmo quando uma brisa suave conduzia essa tua nau.
 Se há para os costumes ou para uma vida isenta de manchas
 Algum valor, ninguém mais considerado devia ser;
 Ou se alguém se sobressaiu com as artes liberais, 45
 Qualquer causa torna-se boa com tua eloquência.
 Eu, com isto comovido, de pronto disse a ti mesmo:
 “Um grande cenário, amigo, está reservado a teus dotes”.
 Estas coisas nem as entranhas das ovelhas, nem trovões da esquerda,
 Nem o canto, nem o vôo da ave observada me disse.⁸² 50
 A razão é o agouro e a previsão do futuro;
 Por ela vaticinei e o conhecimento alcancei.
 Já que isto é verdade, contigo e comigo, de todo coração,
 Congratulo-me por teu engenho não ter ficado esquecido.
 Mas, oxalá que o nosso ficasse oculto nas mais profundas trevas! 55
 Seria mais vantajoso que a luz estivesse distante do meu trabalho,
 E, como são úteis a ti as severas artes, ó facundo,
 Assim, as distintas delas me prejudicaram.
 Minha vida, todavia, te é conhecida; sabes que daquelas artes

⁸¹ Sobre Niso, Euríalo e Turno, ver nota a I, 5, 24.

⁸² A arte da Divinação era formada pelos *haruspicia* e pelos *auguria*. Os *haruspicia* consistiam no exame das entranhas das vítimas e os *auguria*, na observação do canto e do vôo das aves, bem como dos fenômenos meteorológicos, como os raios e trovões. Se os fenômenos naturais procedessem do lado esquerdo, ou seja, do oriente, região de luz, eram considerados pelos romanos “bons augúrios”, e os que procedessem do lado direito, do ocidente, região das trevas, eram tidos como “maus augúrios”.

Auctoris mores abstinuisse sui; 60
 Scis uetus hoc iuueni lusum mihi carmen et istos,
 Vt non laudandos, sic tamen esse iocos.
 Ergo, ut defendi nullo mea posse colore,
 Sic excusari crimina posse puto.
 Qua potes, excusa, nec amici desere causam: 65
 Quo bene coepisti, sic pede semper eas.

10

Est mihi, sitque precor, flauae tutela Mineruae,
 Nauis et a picta casside nomen habet.
 Siue opus est uelis, minimam bene currit ad auram;
 Siue opus est remo, remige carpit iter.
 Nec comites uolucris contenta est uincere cursu; 5
 Occupat egressas quamlibet ante rates.
 Et patitur fluctus fertque adsilientia longe
 Aequora nec saeuis icta fatiscit aquis.
 Illa Corinthiacis primum mihi cognita Cenchris
 Fida manet trepidae duxque comesque fugae; 10
 Perque tot euentus et iniquis concita uentis
 Aequora Palladio numine tuta fuit.
 Nunc quoque tuta, precor, uasti secet ostia Ponti,
 Quasque petit, Getici litoris intret aquas.
 Quae simul Aeoliae mare me deduxit in Helles 15

Os costumes de seu autor eram diferentes. 60
 Sabes que aquele antigo poema foi um gracejo de minha juventude e que seus
 Versos, mesmo que não devam ser louvados, ainda assim são jogos.
 Portanto, assim como ser defendidos não possam sob nenhum pretexto,
 Julgo que possam meus crimes ser escusados.
 Escusa como podes e não abandones a causa do amigo: 65
 Continues sempre assim, com o pé com que bem começaste.

10

Há para mim, e que haja rogo, a proteção da flava Minerva:
 A nau traz seu nome pelo elmo pintado.⁸³
 Se é preciso velas, corre bem ao mínimo vento;
 Ou se é preciso o remo, com o remeiro põe-se a caminho.
 Nem se contenta em vencer suas companheiras numa veloz corrida; 5
 Precede as embarcações, ainda que tenham saído antes.
 E suporta as ondas e resiste às águas que se atiram
 Ao longe e nem se fende abalada pelas impetuosas águas.
 Ela, por mim conhecida primeiramente em Cêncreas de Corinto,⁸⁴
 Continua uma condutora fiel e companheira deste inquieto exílio; 10
 E, durante tantos reveses e águas agitadas pelos ventos
 Contrários, do nume Paládio⁸⁵ foi protegida.
 Ainda agora protegida, rogo, que sulque as entradas do vasto Ponto
 E que entre nas águas que demanda do litoral gético.
 Logo que ela me levou ao mar de Hele eólia⁸⁶ 15

⁸³ A imagem da divindade (no caso, a de Minerva, que se identifica com a grega Palas Atena, ver abaixo v. 12 - “Paládio”), sob cuja proteção se colocavam os navios, era trazida na popa, onde havia um sacrário. Também se costumava pintar na proa a insígnia que representava esse deus protetor (aqui, o elmo).

⁸⁴ Cêncreas era um porto situado na costa oriental (no golfo Sarônico) do istmo de Corinto.

⁸⁵ O Paládio é uma estátua divina, dotada de propriedades mágicas, que se pensava representar a deusa grega Palas Atena.

⁸⁶ Hele é a filha de Átamas, por isso neta de Éolo, e de Néfele. Tentou fugir da morte e do ódio da madrasta Ino num carneiro voador, mas caiu no mar, no estreito que passou a se chamar desde então Helesponto. Hoje o mar de Hele é o mar de Mármara (cf. Grimal, 1997, p. 197a).

Et longum tenui limite fecit iter,
 Fleximus in laeuum cursus et ab Hectoris urbe
 Venimus ad portus, Imbria terra, tuos.
 Inde leui uento, Serynthia litora nacta,
 Threiciam tetigit fessa carina Samon; 20
 Saltus ab hac contra breuis est Tempyra petenti.
 Hac dominum tenuis est illa secuta suum;
 Nam mihi Bistonios placuit pede carpere campos.
 Hellespontiacas illa relegit aquas
 Dardaniamque petit auctoris nomen habentem 25
 Et te, ruricola Lampsace tuta deo,
 Quodque per angustas uectae male uirginis undas
 Seston Abydena separat urbe fretum,
 Hincque Propontiacis haerentem Cyzicon oris,
 Cyzicon, Haemoniae nobile gentis opus, 30
 Quaeque tenent Ponti Byzantia litora fauces:

E um longo caminho traçou com um tênue sulco,
Desviamos o curso para a esquerda e, da cidade de Heitor,⁸⁷
Chegamos a teus portos, ó terra ímbria.⁸⁸
Dali, pelo ligeiro vento alcançando os litorais zeríntios,
A cansada nau atingiu a Samotrácia;⁸⁹ 20
Desta é breve o trajeto para quem busca Tempira,⁹⁰ na margem oposta.
Ela até aqui acompanhou o seu senhor;
Pois decidi atravessar a pé os campos bistônios.⁹¹
Ela retornou às águas helespônticas
E demandou a Dardânia, que tem o nome de seu fundador,⁹² 25
E a ti, ó Lâmpsaco, protegida pelo deus dos campos,⁹³
E o mar que, pelas ondas do estreito da virgem mal
Conduzida⁹⁴, separa Sesto da cidade abidena,⁹⁵
Dali para Cízico, situada na costa propontíaca,
Cízico, obra notável do povo hemônio,⁹⁶ 30
E para os litorais bizantinos⁹⁷ que encerram as entradas do Ponto:

⁸⁷ Ílio (ou Tróia) era uma cidade da Tróade (noroeste da Ásia Menor), situada na região sul do Helesponto.

⁸⁸ A ilha de Imbros, segundo Lechi (1993, p. 127), encontrava-se na frente de Tróia e era rota para quem desejava dirigir-se da embocadura do Helesponto até a Samotrácia.

⁸⁹ Zerinto era uma pequena cidade da Samotrácia, ilha montanhosa que se localiza no nordeste do mar Egeu, ao norte da Grécia, situada à frente de Imbros.

⁹⁰ Tempira era uma pequena vila ao sul da Trácia (atual região da Bulgária), próxima ao mar.

⁹¹ Segundo André (1987, p. 31), os bistônios (ou trácios) habitavam em torno do lago homônimo, na costa meridional da Trácia (ver I, 10, 48 e nota) .

⁹² A Dardânia, fundada por Dárdano, progenitor dos troianos e filho de Zeus e Electra, localizava-se entre Tróia e Ábidos.

⁹³ Lâmpsaco era uma cidade marítima, situada no nordeste da Ásia Menor, ao lado de Ábidos, onde Priapo, deus dos campos, era adorado.

⁹⁴ Sobre Hele, ver nota a I, 10, 15.

⁹⁵ Ábidos era uma cidade marítima da Tróade, defronte a Sesto, no estreito de Galípole, hoje Aveo ou Aidos, um dos Dardanelos.

⁹⁶ Cízico era uma cidade situada na costa sudoeste do mar Propôntis (hoje Mar de Mármara), perto do istmo que liga a península montanhosa de Arctoneso (hoje Kapi Dagi) à costa meridional. Era famosa por seu porto, pois esse ficava entre o Mar Negro e o Egeu, por seu centro comercial, bem como por suas muralhas e torres de mármore. Foi fundada por Cízico, filho do tessálio Eneu. Os tessálios também são chamados de hemônios graças a Hémon, o pai mítico da Tessália, região do nordeste da Grécia, banhada pelo mar Egeu e situada ao sul da Macedônia e a leste do Epiro (cf. Lechi, 1993, pp. 128-129; Grant, 1997, pp. 204-205; G. Ferrara, 1944, p. 61; Velloso, 1952, p. 60 e Grimal, 1997, p. 94b).

⁹⁷ De Bizâncio, depois Constantinopla.

Hic locus est gemini ianua uasta maris.
 Hanc precor euincat propulsaque flatibus Austri
 Transeat instabiles strenua Cyaneas
 Thyniacosque sinus et ab his per Apollinis urbem 35
 Arta sub Anchiali moenia tendat iter.
 Inde Mesembriacos portus et Odeson et arces
 Praetereat dictas nomine, Bacche, tuo,
 Et quos Alcathoi memorant e moenibus ortos
 Sedibus his profugos constituisse Larem; 40
 A quibus adueniat Miletida sospes ad urbem,
 Offensi quo me detulit ira dei!
 Haec si contigerint, merita cadet agna Mineruae;
 Non facit ad nostras hostia maior opes.
 Vos quoque, Tyndaridae quos haec colit insula fratres, 45
 Mite, precor, duplici numen adesse uiae!
 Altera namque parat Symplegadas ire per artas,
 Scindere Bistonias altera puppis aquas.
 Vos facite ut uentos, loca cum diuersa petamus,
 Illa suos habeat, nec minus illa suos! 50

Este lugar é a imensa porta para os dois mares.⁹⁸
 Rogo que supere esta e que, impelida pelos sopros do Austro,
 Ultrapasse ligeira as flutuantes Ciâneas⁹⁹
 E o golfo tiníaco¹⁰⁰, e deste, pela cidade de Apolo,¹⁰¹ 35
 Dirija o curso sob as estreitas muralhas de Anquíalo.¹⁰²
 Dali, pelos portos messembríacos¹⁰³ e por Odessa¹⁰⁴ e pelas cidadelas
 Chamadas pelo teu nome, ó Baco,¹⁰⁵ passe
 E, por aqueles, procedentes das muralhas de Alcátœ, que, prófugos,
 Dizem, nestas sedes, terem estabelecido seu Lar;¹⁰⁶ 40
 Dali chegue salva à cidade milésia,¹⁰⁷
 Para onde me lançou a ira do deus ofendido!
 Se estas coisas acontecerem, será imolada uma ovelha a Minerva beneméríta;
 Aos meus recursos não cabe uma hóstia melhor.
 Vós também, irmãos tindáridas,¹⁰⁸ aos quais esta ilha venera, 45
 Rogo, sede um nume propício a esta dúplici viagem!
 Pois uma se prepara para ir pelas estreitas Simplégadas,¹⁰⁹
 A outra nau para sulcar as águas bistônias.¹¹⁰
 Vós, fazei, ainda que demandemos direções opostas,
 Que seus ventos tenha uma e, não menos, a outra. 50

⁹⁸ Propôntis e o Ponto Euxino.

⁹⁹ As Ciâneas (ou Simplégadas - ver I, 10, 47; hoje Urek Jaki) eram duas ilhas na entrada do Ponto Euxino.

¹⁰⁰ Segundo André (1987, p. 31) a Tínia era uma cidade da Trácia, perto do Ponto Euxino, que fazia fronteira com a Turquia e com a Bulgária.

¹⁰¹ A Apolônia (hoje Sozopol, na Bulgária) era uma cidade ao norte da Trácia no Ponto Euxino e foi fundada pelos milésios. Era famosa pelo Colosso de Apolo que Luculo transportou para Roma.

¹⁰² Anquíalo (hoje Pomorie), fundada pelos apolônios, era uma pequena cidade marítima e fortificada da Trácia, ao norte da Apolônia.

¹⁰³ A cidade de Messêmbria (hoje Nesebar, na Bulgária), situada no Ponto Euxino, foi fundada pelos habitantes de Mégara.

¹⁰⁴ Odessa (hoje Varna, na Bulgária) foi fundada pelos milésios e estava situada na costa oeste do Ponto Euxino.

¹⁰⁵ Dionisópolis (hoje Balcik, na Bulgária) estava situada na maior e mais fértil ilha do grupo das Cíclades no mar Egeu, ao sul de Delos e leste de Paros. Também foi fundada pelos milésios.

¹⁰⁶ Ovídio faz referência aqui a Calátis, fundada pelo povo oriundo de Alcátœ. Esta última cidade, também conhecida por Mégara, possui tal nome porque seu fundador foi Alcátœo, filho de Pélope.

¹⁰⁷ É a cidade de Tomos, também fundada pelos milésios (ver nota a I, 2, 85).

¹⁰⁸ Cástor e Pólux, que eram considerados divindades náuticas, também são chamados de tindáridas por serem filhos de Leda, mulher de Tíndaro. Segundo G. Ferrara (1944, p. 62), seu culto confunde-se com o dos Cabírios, que os Pelasgos tinham difundido no arquipélago e na Samotrácia, onde se encontrava o poeta.

¹⁰⁹ Ver I, 10, 34 e nota.

¹¹⁰ A nau do poeta o transportaria à Bistônia (Trácia), de onde prosseguiria via terra (cf. Lechi, 1993, p. 131).

Littera quaecumque est toto tibi lecta libello,
 Est mihi sollicito tempore facta uiae.
 Aut haec me, gelido tremere cum mense decembri,
 Scribentem mediis Hadria uidit aquis,
 Aut, postquam bimarem cursu superaui Isthmon 5
 Alteraque est nostrae sumpta carina fugae.
 Quod facerem uersus inter fera murmura ponti,
 Cycladas Aegaeas obstupuisse puto.
 Ipse ego nunc miror tantis animique marisque
 Fluctibus ingenium non cecidisse meum. 10
 Seu stupor huic studio siue est insania nomen,
 Omnis ab hac cura cura leuata mea est.
 Saepe ego nimborum dubius iactabar ab Haedis,
 Saepe minax Steropes sidere pontus erat,
 Fuscabatque diem custos Atlantidos Vrsae, 15
 Aut Hyadas seris hauserat Auster aquis;
 Saepe maris pars intus erat: tamen ipse trementi
 Carmina ducebam qualiacumque manu.
 Nunc quoque contenti stridunt Aquilone rudentes,
 Inque modum tumuli concaua surgit aqua. 20

Qualquer letra que, neste livrinho, foi por ti lida,
 Foi feita por mim em tempo de agitada viagem:
 Ou esta, quando tremia no gélido mês de dezembro,
 Viu-me escrever o Adriático em meio a suas águas,
 Ou, depois de superarmos, em nosso curso, o Istmo banhado por dois mares,¹¹¹ 5
 Ao tomarmos uma outra nau rumo ao nosso exílio.
 Por eu fazer versos entre os ferozes murmúrios do mar,
 Acho que as Cíclades egéias¹¹² ficaram estupefatas.
 Eu mesmo agora me admiro que, com tamanhas agitações de meu espírito
 E do mar, meu engenho não tenha perecido. 10
 Se arroubo ou se insânia é o nome para esta ocupação,
 Por este trabalho, todo meu afã foi atenuado.
 Muitas vezes eu, incerto, dos tempestuosos Cabritos¹¹³ era um brinquete,
 Muitas vezes o mar, com a constelação de Estéroe,¹¹⁴ fazia-se ameaçador,
 E ofuscava o dia o guardião da Ursa Atlândida,¹¹⁵ 15
 Ou o Austro esvaziara as Híades¹¹⁶ de suas águas vespertinas;
 Muitas vezes, parte do mar dentro estava: mas eu mesmo,
 Com as mãos trementes, escrevia quaisquer versos.
 Agora também rangem os tesos calabres pelo Aquilão,¹¹⁷
 E a côncava onda, ao modo de um outeiro, alevanta-se. 20

¹¹¹ Istmo de Corinto, banhado pelo mar Egeu e Jônio.

¹¹² Ilhas do mar Egeu, assim chamadas porque fazem um círculo em torno de Delos.

¹¹³ Cabritos é o nome de um grupo de três estrelas da constelação de Auriga (ou do Cocheiro), situada entre as Plêiades e a Ursa Maior. Essa constelação é normalmente associada ao mau tempo por surgir com a estação de chuvas da primavera.

¹¹⁴ A Estéroe é uma das sete estrelas que compõem a constelação das Plêiades, cujo desaparecimento, em novembro, anunciava o inverno e o período de tempestade (cf. G. Ferrara, 1944, p. 66 e André, 1987, p. 33). Essa constelação aparece em maio, tempo favorável à navegação - seu nome provém da palavra grega *pléo* “navegar” (cf. Commelin, 1955, p. 105).

¹¹⁵ (Sobre o “guardião”, ver nota ao verso I, 4, 1). Segundo Lechi (1993, p. 133), existe uma tradição mítica mais rara que diz ser Calisto filha de Nictéu, descendente de uma das Plêiades de Atlas. Logo, essa é a mesma Ursa invocada na elegia 4 (ver nota ao verso 1), mudou-se apenas o epíteto de “Erimantéia” para “Atlândida”.

¹¹⁶ As Híades são estrelas irmãs das Plêiades e seu surgimento, no mês de novembro, anunciava o período de mau tempo outonal (Lechi, 1993, p. 133).

¹¹⁷ Vento boreal que vinha da Trácia, lugar para onde avançava a nau (cf. G. Ferrara, 1944, pp. 66-67).

Ipse gubernator tollens ad sidera palmas
 Exposcit uotis inmemor artis opem.
 Quocumque aspexi, nihil est nisi mortis imago,
 Quam dubia timeo mente timensque precor.
 Attigero portum, portu terrebor ab ipso: 25
 Plus habet infesta terra timoris aqua.
 Nam simul insidiis hominum pelagique laboro
 Et faciunt geminos ensis et unda metus:
 Ille meo uereor ne speret sanguine praedam,
 Haec titulum nostrae mortis habere uelit. 30
 Barbara pars laeua est auidaeque adsueta rapinae,
 Quam cruor et caedes bellaque semper habent,
 Cumque sit hibernis agitatum fluctibus aequor,
 Pectora sunt ipso turbidiora mari.
 Quo magis his debes ignoscere, candide lector, 35
 Si spe sunt, ut sunt, inferiora tua.
 Non haec in nostris, ut quondam, scribimus hortis,
 Nec, consuete, meum, lectule, corpus habes.
 Iactor in indômito, brumali luce, profundo;
 Ipsaque caeruleis charta feritur aquis. 40
 Improba pugnat hiems indignaturque quod ausim
 Scribere se rigidas incutiente minas.
 Vincat hiems hominem; sed eodem tempore, quaeso,
 Ipse modum statuam carminis, illa sui!

O próprio timoneiro, levantando as mãos para o céu,
 Implora com votos auxílio, esquecido de sua arte.
 Para onde quer que olhe, nada há senão a imagem da morte,
 A qual temo e temendo, com o espírito incerto, rogo.
 Terei atingido o porto, pelo próprio porto serei atemorizado: 25
 Causa mais temor a terra do que a água hostil.
 Pois padeço, ao mesmo tempo, com as insídias dos homens e do pélagos,
 E a espada¹¹⁸ e a onda tornam o medo duplo:
 Receio que aquela espere a presa de meu sangue,
 E que esta deseje ter a honra de nossa morte. 30
 É bárbaro o lado esquerdo,¹¹⁹ acostumado às ávidas rapinas,
 Onde o cruor e o massacre e a guerra imperam,
 E, embora seja agitada pelas ondas hibernais a água,
 Meu peito mais conturbado está do que o próprio mar.
 Tanto mais, cândido leitor, deves perdoar estes, 35
 Se são, como são, inferiores à tua expectativa.
 Estes, não em nossos jardins, como outrora, escrevemos,
 Nem, ó leito¹²⁰ habitual, meu corpo tens.
 Sou um brinquedo, à luz do inverno, do mar indômito;
 E o próprio papiro é golpeado pelas águas cerúleas. 40
 A feroz procela ataca e indigna-se porque ouse
 Escrever com ela lançando terríveis ameaças.
 Que a procela vença o homem; mas, eu rogo, ao mesmo tempo que
 Ponha fim aos meus versos, ela, a si.

¹¹⁸ Segundo G. Ferrara (1944, p. 67), é a espada de dois gumes usada pelos bárbaros.

¹¹⁹ É a costa ocidental do Ponto Euxino (cf. I, 2, 83).

¹²⁰ Conforme G. Ferrara (1944, p. 68) e André (1987, p. 34), *lectulus* ou *lectus lucubratorius* era um tipo de divã que fazia parte do gabinete de estudos, onde se deitava para ler e escrever.

LIVRO II

LIBER SECVNDVS

Quid mihi uobiscum est, infelix cura, libelli,
Ingenio perii qui miser ipse meo?
Cur modo damnatas repeto, mea crimina, Musas?
An semel est poenam commeruisse parum?
Carmina fecerunt ut me cognoscere uellet 5
Omine non fausto femina uirque meo:
Carmina fecerunt, ut me moresque notaret
Iam demi iussa Caesar ab Arte meos.
Deme mihi studium, uitae quoque crimina demes.
Acceptum refero uersibus esse nocens. 10
Hoc pretium curae uigilatorumque laborum
Cepimus: ingenio est poena reperta meo.
Si saperem, doctas odissem iure sorores,
Numina cultori perniciose suo.
At nunc – tanta meo comes est insania morbo! – 15
Saxa malum refero rursus ad icta pedem,
Scilicet ut uictus repetit gladiator arenam
Et redit in tumidas naufraga puppis aquas.
Forsitan, ut quondam Teut/rantia regna tenenti,
Sic mihi res eadem uulnus opemque feret, 20

LIVRO II

O que tenho convosco, ó infeliz afã, meus livros,
Eu que, desgraçado, pereci pelo meu próprio engenho?
Por que retorno às já condenadas Musas, meu crime?
Acaso é pouco ter merecido o castigo uma vez?
Os versos fizeram que desejassem me conhecer, 5
Por um infeliz agouro, homens e mulheres.
Os versos fizeram que a mim e meus costumes censurasse
César pela minha *Arte*, ora proscrita.¹²¹
Tira-me essa paixão¹²² e também os crimes de minha vida tirarás;
Reconheço ser culpado pelos meus versos. 10
Este prêmio pelo zelo e vigílias laboriosas recebi:
A pena, produto de meu engenho.
Se fosse prudente, odiaria com razão as dotas irmãs¹²³,
Divindades funestas a seu cultor.
Mas agora – tamanha é a insânia companheira de meu mal! – 15
Bato novamente o nefasto pé na mesma pedra,¹²⁴
Assim como o vencido gladiador retorna à arena
E volta em túmidas águas o navio já naufragado.
Talvez, como outrora ao que regia o reino de Teutrante¹²⁵,
Assim a mesma coisa me trará a ferida e a cura, 20

¹²¹ Ovídio faz referência à *Arte de amar*, obra que foi retirada das bibliotecas públicas por ser considerada indecente (cf. *Tr.* III, 1, 59 e ss).

¹²² Ou seja, o apreço, o gosto (*studium*, no original) pela literatura, pela poesia.

¹²³ As Musas, filhas de Mnemósine e Zeus, eram nove irmãs que presidiam a música, a poesia, a ciência, as artes, enfim, “ao Pensamento em todas as suas formas: eloquência, persuasão, sabedoria, história, matemáticas, astronomia” (Grimal, 1997, pp. 319-320). Eram elas Calíope, a primeira dentre todas em dignidade, como comenta Grimal, Clío, Polímina, Euterpe, Terpsícore, Érato, Melpómene, Tália e Urânia

¹²⁴ De acordo com Lechi, (1993, p. 139, nota 3), essa metáfora proverbial, presente também no mundo grego, expressa tanto o mau agouro do pé que bate na pedra, quanto a reincidência no mesmo erro. Mas o mais interessante é a provável ambigüidade da palavra *pedem*, que pode evocar o pé métrico, no caso, o mesmo da *Arte de amar*.

¹²⁵ Télefo, sucessor de Teutrante no reino da Mísia (para o mito de Télefo, ver nota a I, 1, 100).

Musaque, quam mouit, motam quoque leniet iram.
 Exorant magnos carmina saepe deos.
 Ipse quoque Ausonias Caesar matresque nurusque
 Carmina turrigeræ dicere iussit Opi;
 Iusserat et Phoebæ dici quo tempore ludos 25
 Fecit quos aetas aspicit una semel.
 His, precor, exemplis tua nunc, mitissime Caesar,
 Fiat ab ingenio mollior ira meo!
 Illa quidem iusta est, nec me meruisse negabo –
 Non adeo nostro fugit ab ore pudor –, 30
 Sed, nisi peccassem, quid tu concedere posses?
 Materiam ueniae sors tibi nostra dedit.
 Si, quotiens peccant homines, sua fulmina mittat
 Iuppiter, exiguo tempore inermis erit.
 Nunc ubi detonuit strepituque exterruit orbem, 35
 Purum discussis aera reddit aquis.
 Iure igitur genitorque deum rectorque uocatur,
 Iure capax mundus nil Ioue maius habet.
 Tu quoque, cum patriæ rector dicare paterque,
 Vtere more dei nomen habentis idem. 40
 Idque facis nec te quisquam moderatius unquam
 Imperii potuit frena tenere sui.
 Tu ueniam parti superatae saepe dedisti,
 Non concessurus quam tibi uictor erat.

E a Musa a excitada ira, que provocou, abrandará:
 Aplacam amiúde os versos aos grandes deuses.
 O próprio César também as mães e noras Ausônias
 Ordenou que declamassem versos à turrígera Ópis,¹²⁶
 E ordenara, ainda, que a Febo fossem cantados quando promoveu 25
 Os jogos, que só uma geração viu uma única vez.¹²⁷
 Peço, com esses exemplos, que tua cólera agora,
 Ó clementíssimo César, abrande-se por meu engenho!
 Ela, em verdade, é justa, que a mereci não negarei
 – O pudor não deixou a tal ponto minha face –, 30
 Mas, se não tivesse errado, o que tu poderias perdoar?
 Minha sorte te deu pretexto para o perdão.
 Se, todas as vezes que os homens erram, seus raios lançar
 Júpiter, em pouco tempo estará sem armas.
 Agora, depois de trovejar muito e com estrondo aterrar o mundo, 35
 Límpido volta a tornar o ar, dissipando as águas.
 Com razão, pois, pai e senhor dos deuses é chamado,
 Com razão no vasto mundo nada há maior que Jove.
 Também tu, quando te nomearam senhor da pátria e pai¹²⁸,
 Adota o caráter do deus que porta o mesmo título. 40
 E assim fazes, nunca ninguém com mais moderação que tu
 Pôde manter as rédeas de seu governo.
 Tu o perdão ao partido vencido muitas vezes deste,
 O qual nenhum vencedor te concederia.¹²⁹

¹²⁶ Ópis, deusa romana da Abundância, era identificada com Cíbele, a *Magna Mater*, que é geralmente representada com a cabeça coroada de torres (cf. Grimal, 1997, p. 338a; 85b – 86a). De acordo com Lechi (1993, p. 140, nota 7), não está atestada nenhuma festividade religiosa relacionada à deusa Ópis, mas poderia tratar-se de uma celebração excepcional.

¹²⁷ Faz referência aos *ludi saeculares*, um conjunto de ritos que Augusto fez celebrar em 17 a.C., para marcar o início de uma nova época. Nessa ocasião, Horácio compôs o seu *carmen saeculare*, um hino em honra a Apolo e Diana (Lechi, 1993, p. 141, nota 8).

¹²⁸ Augusto recebeu o título de *pater patriae* em 2 a.C.

¹²⁹ Ovídio alude a um valor essencial da ideologia da época de Augusto, a *clementia*. Augusto se vangloria de sua clemência e generosidade para com os vencidos da guerra civil, através de sua célebre frase *uictorque omnibus ueniam petentibus ciuibus peperci* – “e vencedor, poupei a todos os cidadãos que pediram perdão” (*Res G.*, III, 1, 14-15 – Gagé, Paris, 1950 e Cortés, Madrid, 1994 – para referência completa, ver bibliografia).

Diuitiis etiam multos et honoribus auctos 45
 Vidi qui tulerant in caput arma tuum;
 Quaeque dies bellum, belli tibi sustulit iram;
 Parsque simul templis utraque dona tulit;
 Vtque tuus gaudet miles quod uicerit hostem,
 Sic uictum cur se gaudeat hostis habet. 50
 Causa mea est melior, qui nec contraria dicor
 Arma nec hostiles esse secutus opes.
 Per mare, per terras, per tertia numina iuro,
 Per te, praesentem conspicuumque deum,
 Hunc animum fauisse tibi, uir maxime, meque, 55
 Qua sola potui, mente fuisse tuum.
 Optaui peteres caelestia sidera tarde
 Parsque fui turbae parua precantis idem;
 Et pia tura dedi pro te cumque omnibus unus
 Ipse quoque adiuui publica uota meis. 60
 Quid referam libros illos quoque, crimina nostra,
 Mille locis plenos nominis esse tui?
 Inspice maius opus, quod adhuc sine fine tenetur,
 In non credendos corpora uersa modos:
 Inuenies uestri praeconia nominis illic, 65
 Inuenies animi pignora multa mei.
 Non tua carminibus maior fit gloria nec quo,

Também vi, acrescidos de riquezas e honras, muitos 45
 Que levantaram armas contra tua cabeça;
 No mesmo dia findou a guerra e tua cólera bélica,
 E cada partido¹³⁰, conjuntamente, oferendas aos templos levaram.
 Como teu soldado se alegra de ter vencido o inimigo,
 O inimigo tem por que se alegrar de ter sido vencido. 50
 Minha causa é melhor, não sou acusado de ter seguido
 Armas adversárias nem forças inimigas.¹³¹
 Juro pelo mar, pela terra, pelas divindades terceiras¹³²
 E por ti, um deus presente e visível,
 Que este coração te apoiou, ó varão supremo, 55
 E que em espírito (somente com esse pude) era teu.¹³³
 Pedi que só mais tarde alcançasses os astros celestes,
 Fui pequena parte da multidão que rogava o mesmo,
 E pios incensos ofereci em teu favor, e ainda, sozinho,
 Secundei os votos públicos com todos os meus.¹³⁴ 60
 Para que dizer que meus livros, também aqueles, meu crime,¹³⁵
 Estão repletos, em mil lugares, de teu nome?
 Examina minha maior obra, até agora inacabada,¹³⁶
 Os corpos transformados de modo inacreditável:
 Encontrarás ali a apologia de vosso nome, 65
 Encontrarás muitas provas de meu sentimento.
 Tua glória não se torna maior pelos meus versos,

¹³⁰ Vencedores e vencidos.

¹³¹ Ovídio já havia apresentado esse argumento em I, 5, 41-42: *Causa mea est melior, qui non contraria foui/ Arma...* “Minha causa é melhor, porque as armas inimigas/ Não apoiei...”

¹³² Os tradutores e comentadores divergem quanto à interpretação de *tertia numina*, uns as consideram divindades pertencentes ao mundo dos Infernos, outros do céu: os tradutores André (1987, p. 38), Montero (2002, p. 60), e Velloso (1952, p. 68) as interpretam como divindades infernais, Della Corte (1972, p. 26) e o comentador G. Ferrara (1942, p. 75, nota ao verso 53), como celestiais, pois, de acordo com Ferrara, *per mare* seria equivalente a *per numina maris* (Netuno), *per terra*, a *per Inferos* (Plutão), como são denominados nas *Met.* VII, 248, *terrena numina* “os deuses subterrâneos” e, conseqüentemente, os *tertia numina* aos *Superi*, os deuses celestiais.

¹³³ Ovídio alude ao fato de não ter participado ativa e concretamente com Augusto de nenhuma campanha militar.

¹³⁴ De acordo com Lechi (1993, p. 143, nota 16) e Ferrara (1942, p. 75, nota ao v. 58), Ovídio, nos versos 57 a 60, alude aos votos do povo romano em prol da saúde de Augusto, na ocasião de uma doença que o acometeu (cf. Suet., *Aug.*, 57 e 59)

¹³⁵ Nova alusão à *Arte de amar*.

¹³⁶ As *Metamorfoses*.

Vt maior fiat, crescere possit, habet.
 Fama Ioui superest: tamen hunc sua facta referri
 Et se materiam carminis esse iuuat, 70
 Cumque Gigantei memorantur proelia belli,
 Credibile est laetum laudibus esse suis.
 Te celebrant alii quanto decet ore tuasque
 Ingenio laudes uberiore canunt.
 Sed tamen, ut fuso taurorum sanguine centum, 75
 Sic capitur minimo turis honore deus.
 A ! ferus et nobis crudelior omnibus hostis,
 Delicias legit qui tibi cumque meas,
 Carmina ne nostris quae te uenerantia libris
 Iudicio possent candidiore legi. 80
 Esse sed irato quis te mihi posset amicus?
 Vix tunc ipse mihi non inimicus eram.
 Cum coepit quassata domus subsidere, partes
 In proclinatas omne recumbit onus;
 Cunctaque fortuna rimam faciente dehiscunt, 85
 Ipsa suo quaedam pondere tracta ruunt.
 Ergo hominum quaesitum odium mihi carmine, quosque
 Debuit, est uultus turba secuta tuos.
 At, memini, uitamque meam moresque probabas
 Illo, quem dederas, praetereuntis equo. 90
 Quod si non prodest et honesti gloria nulla
 Redditur, at nullum crimen adeptus eram.
 Nec male commissa est nobis fortuna reorum,

Nem tem onde crescer para se tornar maior.
A fama de Jove é imensa: a esse, contudo, agrada
Serem seus feitos lembrados e ser matéria de poesia, 70
E, quando se narram as batalhas da guerra contra os Gigantes,¹³⁷
É de se crer que fique feliz com os louvores a si.
Outros te celebram com quanta eloquência te convém,
E tuas glórias com o mais fecundo engenho narram.
Mas, todavia, tanto com o sangue derramado de cem touros, 75
Quanto com a ínfima oferenda de incenso, o deus se compraz.
Ah! foi-nos feroz e um inimigo mais cruel de todos
Quem quer que te tenha lido minhas frivolidades¹³⁸,
Para meus versos, que em nossos livros te veneram,
Não poderem ser lidos com um juízo mais favorável. 80
Mas quem poderia ser meu amigo, estando tu irado?
Então, até eu a custo não me era um inimigo.
Quando começa a desabar uma casa arruinada,
Sobre as partes inclinadas recai todo o peso,
E tudo, fazendo a fortuna uma fenda, racha-se 85
E desmorona, arrastado por seu próprio peso.
Assim, granjeei o ódio dos homens com meus versos,
A turba, como devia, guiou-se pelo teu semblante.
Mas, lembro-me, minha vida e costumes aprovavas,
Quando, no cavalo que deras, desfilava.¹³⁹ 90
Se isso não importa e valor algum minha honestidade
Tenha, não cometi, todavia, nenhum crime.
Não nos foi mal confiada a sorte dos réus,¹⁴⁰

¹³⁷ Referência à *Gigantomaquia*, a guerra dos Gigantes e dos primeiros deuses.

¹³⁸ Meus versos amorosos.

¹³⁹ Ovídio pertencia à Ordem Equestre. Nos Idos de julho, Augusto passava em revista os cavaleiros romanos, que desfilavam lentamente diante do Censor, para que pudesse fazer a inspeção e identificação. Esse procedimento era denominado *transuectio equitum* (cf. Lechi, 1993, p. 146, nota 23; André, 1987, p. 40, nota 1 e G. Ferrara, 1942, p. 78, nota ao v. 90).

¹⁴⁰ Segundo André (1987, p. 40, nota 2), essa passagem é uma alusão às funções de Ovídio como membro dos *tresviri capitales*: cuidar da fiscalização das prisões e execução das sentenças.

Lisque decem deciens inspicienda uiris.
 Res quoque priuatas statui sine crimine iudex, 95
 Deque mea fassa est pars quoque uicta fide.
 Me miserum! potui, si non extrema nocerent,
 Iudicio tutus non semel esse tuo.
 Vltima me perdunt imoque sub aequore mergit
 Incolumem totiens una procella ratem, 100
 Nec mihi pars nocuit de gurgite parua, sed omnes
 Pressere hoc fluctus Oceanusque caput.
 Cur aliquid uidi? cur noxia lumina feci?
 Cur imprudenti cognita culpa mihi?
 Inscius Actaeon uidit sine ueste Dianam: 105
 Praeda fuit canibus non minus ille suis;
 Scilicet in Superis etiam fortuna luenda est
 Nec ueniam laeso numine casus habet.
 Illa nostra die, qua me malus abstulit error,
 Parua quidem periit, sed sine labe domus, 110
 Sic quoque parua tamen patrio dicatur ut aeuo
 Clara nec ullius nobilitate minor,
 Et neque diuitiis nec paupertate notanda,
 Vnde sit in neutrum conspiciendus eques.
 Sit quoque nostra domus uel censu parua uel ortu, 115
 Ingenio certe non latet illa meo.
 Quo uidear quamuis nimium iuuenaliter usus,
 Grande tamen toto nomen ab orbe fero
 Turbaque doctorum Nasonem nouit et audet

Nem o litígio que deve ser julgado pelos centúnvios.¹⁴¹

Também as causas civis¹⁴² decidi, como juiz, sem erros, 95

E a parte vencida também reconheceu minha boa-fé.

Ai de mim! se os acontecimentos finais não me tivessem arruinado,

Poderia estar, não só uma vez, assegurado por teu julgamento.

Os últimos fatos me perdem e no imo oceano submerge

Uma única procela a nau tantas vezes ilesa; 100

Não uma pequena parte do pélagos me prejudicou, mas todas

As ondas e o Oceano esmagaram esta cabeça.

Por que vi algo? Por que tornei meus olhos culpados?

Por que por mim, imprudente, foi conhecida a culpa?

Actéon viu sem querer Diana despida: 105

Nem por isso deixou de ser presa para seus próprios cães;¹⁴³

É que entre os deuses mesmo a fatalidade deve ser expiada:

Ofendida a divindade, nem o acaso tem perdão.

Naquele dia quando um funesto erro me arrebatou,

Minha casa, sem dúvida pequena, mas sem máculas, desabou, 110

Mesmo modesta, é tal que se diz ilustre pelos antepassados,

Não é inferior em nobreza a nenhuma outra,

E não é notável nem pelas riquezas ou pobreza:

Independente disso um cavaleiro deve ser considerado.

Embora minha casa seja modesta, quer pelas posses ou origem, 115

Ela certamente não é, graças ao meu engenho, obscura.

Mesmo que pareça ter dele abusado de forma demasiado jovial,

Grande, contudo, é o nome que levo pelo mundo inteiro.

E a turba de doutos conhece Nasão

¹⁴¹ Os *cetumviri* constituíam um tribunal de cem homens que julgavam questões civis, sobretudo relativas à propriedade ou à transferência de bens patrimoniais (cf. Lechi, 1993, p. 146, nota 24; G. Ferrara, 1942, p. 78, nota ao v. 94 e André, 1987, p. 40, nota 3).

¹⁴² As *res priuatae* eram causas civis, julgadas por um cidadão escolhido pelo pretor e que fosse do agrado de ambas as partes (G. Ferrara, 1945, p. 78, nota ao v. 95).

¹⁴³ Actéon, segundo a versão seguida por Ovídio, viu sem querer, enquanto caçava, Diana banhando-se nua em uma nascente. A deusa, irritada, transformou-o em um veado e o lançou em meio aos seus próprios cães enfurecidos (cf. Grimal, 1997, p. 5b e Ov. *Met.* III, 131 e ss.). Segundo Lechi (1993, p. 147, nota 27), o fato de Diana ter se vingado de Actéon por ele ter cometido involuntariamente um ato insultuoso (vê-la banhar-se nua) constitui um dos mais famosos exemplos da literatura de desmedida punição divina.

Non fastiditis adnumerare uiris. 120
 Corruit haec igitur Musis accepta, sub uno,
 Sed non exiguo crimine lapsa domus;
 Atque ea sic lapsa est ut surgere, si modo laesi
 Ematuruerit Caesaris ira, queat.
 Cuius in euentu poenae clementia tanta est 125
 Venerit ut nostro lenior illa metu.
 Vita data est citraque necem tua constitit ira,
 O princeps parce uiribus use tuis.
 Insuper accedunt te non adimente paternae,
 Tanquam uita parum muneris esset, opes. 130
 Nec mea decreto damnasti facta senatus,
 Nec mea selecto iudice iussa fuga est;
 Tristibus inuectus uerbis, – ita principe dignum –
 Vltus es offensas, ut decet, ipse tuas.
 Adde quod edictum, quamuis inmite minaxque, 135
 Attamen in poenae nomine lene fuit:
 Quippe relegatus, non exul dicor in illo
 Priuaque fortunae sunt tibi uerba meae.
 Nulla quidem sano grauior mentisque potenti
 Poena est quam tanto displicuisse uiro, 140
 Sed solet interdum fieri placabile numen;
 Nube solet pulsa candidus ire dies.
 Vidi ego pampineis oneratam uitibus ulmum
 Quae fuerat saeui fulmine tacta Iouis.
 Ipse licet sperare uetes, sperabimus usque, 145
 Hoc unum fieri te prohibente potest.
 Spes mihi magna subit, cum te, mitissime princeps,
 Spes mihi, respicio cum mea facta, cadit.
 Ac ueluti uentis agitantibus aera non est
 Aequalis rabies continuusque furor, 150
 Sed modo subsidunt intermissique silescunt

E ousa contá-lo entre os homens não desprezíveis. 120
 Desmoronou, assim, essa casa benquista das Musas,
 Destruída por uma única, mas não pequena, acusação;
 E caiu de tal forma que só pode se reerguer
 Apenas se a ira do ofendido César se amainar.
 Sua clemência é tanta na hora do castigo, 125
 Que ela veio mais branda que eu temia.
 A vida me deste, tua ira se deteve aquém da morte,
 Ó príncipe, fizeste pouco uso de teu poder!
 Acrescem, ademais, por não os tirar, os bens paternos,
 Como se a vida não fosse uma grande dádiva. 130
 Não me condenaste por uma decisão do senado,
 Nem meu desterro foi ordenado por um juiz especial,
 Investindo com severas palavras (como é digno de um príncipe),
 Tu mesmo vingaste, como convém, as ofensas contra ti.
 Ademais, este edito, por mais cruel e ameaçador, 135
 Foi, todavia, leve ao nomear a pena:
 Porque sou nele chamado relegado, e não exilado,
 E te serves de palavras especiais para o meu caso.
 Pena alguma, decerto, é mais dura ao sensato e dono
 De seu juízo, que ter desagradado a tão grande homem; 140
 Mas costuma, amiúde, tornar-se aplacável a divindade:
 O dia, dissipada a nuvem, costuma voltar mais resplandecente.
 Eu vi de pânpanos de vides coberto um olmo
 Que fora atingido pelo raio do sevo Jove.
 Embora tu me proibas ter esperança, terei esperança sempre, 145
 Somente isso se pode fazer contra tua vontade.
 Grande esperança me toma, quando penso em ti, clementíssimo príncipe,
 Minha esperança, porém, quando penso no que fiz, sucumbe.
 E como aos ventos que agitam o ar não é
 Sempre igual a raiva e contínua a fúria, 150
 Ora diminuem e intermitentes se aquietam,

Vimque putes illos deposuisse suam,
 Sic abeunt redeuntque mei uariantque timores
 Et spem placandi dantque negantque tui.
 Per Superos igitur qui dent tibi longa dabuntque 155
 Tempora, Romanum si modo nomen amant,
 Per patriam quae te tuta et segura parente est,
 Cuius, ut in populo, pars ego nuper eram,
 Sic tibi, quem semper factis animoque mereris,
 Reddatur gratae debitus Vrbis amor ! 160
 Liuia sic tecum sociales compleat annos !
 Quae, nisi te, nullo coniuge digna fuit,
 Quae si non esset, caelebs te uita deceret,
 Nullaque, cui posses esse maritus, erat.
 Sospite sic te sit natus quoque sospes et olim 165
 Imperium regat hoc cum seniore senex !
 Vt faciuntque tui, sidus iuuenale, nepotes,
 Per tua perque tui facta parentis eant !
 Sic adsueta tuis semper Victoria castris
 Nunc quoque se praestet notaque signa petat, 170
 Ausoniumque ducem solitis circumuolet alis,
 Ponat et in nitida laureaserta coma,
 Per quem bella geris, cuius nunc corpore pugnas,
 Auspicium cui das grande deosque tuos,
 Dimidioque tui praesens et respicis urbem, 175
 Dimidio procul es saeuaque bella geris

E pensarias¹⁴⁴ que perderam suas forças,
 Assim vão e voltam e variam os meus temores
 E a esperança de te aplacar dão e tiram.
 Pelos deuses supremos, então, que te dêem, e darão, vida 155
 Longa, se, todavia, lhes é caro o nome de Roma,
 Pela pátria, que está protegida e segura sendo tu o pai,
 Da qual, como cidadão, fiz parte até há pouco,
 Seja-te, assim, ofertado o amor que te deve a grata Cidade,
 O qual sempre mereceste por teus feitos e espírito! 160
 Que Lúvia viva contigo longos anos em comum!¹⁴⁵
 A qual, senão de ti, foi digna de esposo algum;
 Se não fosse ela, uma vida de celibato te conviria,
 Nenhuma outra, de que pudesses ser marido, haveria.
 Seja, junto contigo, venturoso também o filho¹⁴⁶ e, um dia, 165
 Já velho, contigo mais velho, governe este império.
 E que teus netos¹⁴⁷, jovens astros, como já fazem,
 Sigam os teus passos e os de teu pai!
 Que a Vitória, sempre costumeira em teus arraiais,
 Também agora se manifeste e alcance as conhecidas insígnias, 170
 E circunde o general ausônio com as asas de sempre¹⁴⁸
 E ponha na fúlgida coma a coroa de louros;
 Por meio dele fazes a guerra, com seu corpo combates agora,
 A ele um grande auspício dás e teus deuses,
 – Com metade de ti estás presente e assistes a cidade, 175
 Com a outra estás longe e comandas guerras cruéis –

¹⁴⁴ Nesse verso, indeterminamos semanticamente o sujeito pela segunda pessoa do singular, como o faz o verso latino – *Vimque putes illos deposuisse suam* (cf. nota a I, 2, 20).

¹⁴⁵ Lúvia foi, segundo Suetônio (*Aug.* 62), a quarta mulher de Augusto. Conta-se que ele a desposou depois de tê-la tirado de seu marido Tibério Cláudio Nero.

¹⁴⁶ Tibério, filho do primeiro casamento de Lúvia com Tibério Cláudio Nero, foi adotado por Augusto em 4 d. C. (Lechi, 1993, p. 152, nota 32).

¹⁴⁷ Druso, filho de Tibério, e Germânico, neto e filho adotivo de Tibério.

¹⁴⁸ Ovídio alude às campanhas militares comandadas por Tibério na Dalmácia e Panônia, entre 6 e 9 d.C.

Hic tibi sic redeat superato uictor ab hoste
 Inque coronatis fulgeat altus equis !
 Parce, precor, fulmenque tuum, fera tela, reconde,
 Heu ! nimium misero cognita tela mihi. 180
 Parce, pater patriae, nec nominis inmemor huius
 Olim placandi spem mihi tolle tui !
 Non precor ut redeam, quamuis maiora petitis
 Credibile est magnos saepe dedisse deos; –
 Mitius exilium si das propiusque roganti, 185
 Pars erit ex poena magna leuata mea.
 Vltima perpetior medios eiectus in hostes,
 Nec quisquam patria longius exul abest.
 Solus ad egressus missus septemplicis Histri
 Parrhasiae gelido uirginis axe premor. 190
 Ciziges et Colchi Metereaue turba Getaeque
 Danuuii mediis uix prohibentur aquis.
 Cumque alii causa tibi sint grauiore fugati,
 Vltior nulli quam mihi terra data est;
 Longius hac nihil est, nisi tantum frigus et hostes, 195
 Et maris adstricto quae coit unda gelu.
 Hactenus Euxini pars est Romana sinistri,
 Proxima Bastarnae Sauromataeque tenent;
 Haec est Ausonio sub iure nouissima uixque

Que a ti retorne vitorioso do inimigo vencido
 E nos coroados cavalos resplandeça excelso!¹⁴⁹
 Clemência, suplico, e teu raio, fera arma, recolhe,
 Ai! arma por mim, infeliz, muitíssimo conhecida. 180
 Clemência, ó pai da pátria, e, esquecido esse título,
 Não me tolhas a esperança de um dia te aplacar!
 Não peço para voltar, embora seja crível que os grandes
 Deuses muitas vezes deram mais do que se pede,
 Se um exílio mais leve e próximo dás ao suplicante, 185
 Grande parte de minha pena será mitigada.
 Lançado em meio aos inimigos, padeço aflições extremas,
 Ninguém está exilado mais longe de sua pátria.
 Só eu fui enviado às fozes do Istro de sete bocas¹⁵⁰
 E pelo gélido eixo da Virgem Parrásia sou oprimido.¹⁵¹ 190
 Cízicos, colcos, a turba meteréia e getas¹⁵²
 Estão apenas separados pelas águas interpostas do Danúbio.
 Embora outros tenham sido por ti banidos por motivos mais graves,
 A ninguém que não a mim foi destinada terra mais distante;
 Mais além dessa nada há senão apenas frio e inimigos 195
 E ondas do mar congeladas pelo frio glacial.
 Até aqui é romana a parte esquerda do Ponto,
 Bastarnos e sármatas ocupam as proximidades,¹⁵³
 Esta é a última terra sob domínio ausônio,

¹⁴⁹ Faz referência ao triunfo, cerimônia em que o general vitorioso desfilava em cortejo até o Capitólio.

¹⁵⁰ O Danúbio (Istro), segundo G. Ferrara (1942, 85, nota ao v.189), que agora desemboca no mar por três fozes principais, tinha na época sete desembocaduras.

¹⁵¹ A constelação da Ursa Maior, que fica próxima à estrela polar (*gelido axe* – “gélido eixo”), é aqui denominada Virgem Parrásia, por causa de Calisto (para o mito de Calisto, ver nota a I, 3, 48).

¹⁵² Os cízicos são citados por Plínio (*N.H.* 6, 19) como um povo sármata (cf. nota a I, 10, 30); os colcos habitavam as costas calcasianas (André, 1987, 444, nota 2) e a *turba meterea* era, talvez, uma tribo nômade oriunda do Cáucaso, sobre a qual não se sabe muito (G. Ferrara, 1942, 85, nota ao verso 191).

¹⁵³ Os bastarnos eram um povo belicoso de origem germânica; os sármatas eram habitantes do norte do Danúbio, entre o Tânaís (hoje, rio Don) e o Vístula (G. Ferrara, 1942, 85, nota ao v. 198).

Haeret in imperii margine terra tui. 200
 Vnde precor supplex ut nos in tuta releges,
 Ne sit cum patria pax quoque adempta mihi,
 Ne timeam gentes quas non bene summouet Hister,
 Neue tuus possim ciuis ab hoste capi;
 Fas prohibet Latio quemquam de sanguine natum 205
 Caesaribus saluis barbara uincla pati.
 Perdiderint cum me duo crimina, carmen et error,
 Alterius facti culpa silenda mihi:
 Nam non sum tanti renouem ut tua uulnera, Caesar,
 Quem nimio plus est indoluisse semel. 210
 Altera pars superest qua turpi carmine factus
 Arguor obsceni doctor adulterii.
 Fas ergo est aliqua caelestia pectora falli,
 Et sunt notitia multa minora tua.
 Vtque deos caelumque simul sublime tuenti 215
 Non uacat exiguis rebus adesse Ioui,
 De te pendentem sic dum circumspicis orbem,
 Effugiunt curas inferiora tuas.
 Scilicet imperii princeps statione relictā
 Imparibus legeres carmina facta modis? 220
 Non ea te moles Romani nominis urget,
 Inque tuis umeris tam leue fertur onus
 Lusibus ut possis aduertere numen ineptis,
 Excutiasque oculis otia nostra tuis.
 Nunc tibi Pannonia est, nunc Illyris ora domanda; 225
 Rhaetica nunc praebent Thraciaeque arma metum;

E custosamente jaz nas margens de teu império. 200
 Suplicante, peço-te, daqui nos relegues a um local seguro,
 Para que, com a pátria, não me seja tirada até a paz,
 Para que não tema os povos que o Istro mal rechaça
 E não possa eu, teu cidadão, ser capturado pelo inimigo;
 A lei proíbe que alguém nascido com sangue latino, 205
 Enquanto vivam os Césares, sofram as prisões bárbaras.
 Tendo-me arruinado dois crimes, um poema e um erro,
 A culpa de um deles devo calar,
 Pois quem sou eu para reabrir tuas feridas, ó César,
 Já é demais teres sofrido uma só vez. 210
 Resta o outro, pelo qual sou acusado de ter me tornado,
 Com meu poema imoral, mestre de obsceno adultério.¹⁵⁴
 Podem, então, os corações celestes, de algum modo, se enganar:
 Muitas coisas são indignas de teu conhecimento.
 Como Jove, que guarda ao mesmo tempo os deuses e o sublime céu, 215
 Não tem tempo de se preocupar com coisas irrelevantes,
 Tu, enquanto vigias o mundo que de ti depende,
 Fogem aos teus cuidados as miudezas.
 Com efeito, príncipe do império, abandonando teu posto,
 Lerias meus versos feitos em metros desiguais?¹⁵⁵ 220
 Não te preme uma tal grandeza do nome de Roma
 Nem em teus ombros se sustenta um peso tão leve,
 Que possas voltar tua atenção a fúteis diversões
 E deitar teus olhos sobre minhas ociosidades.
 Ora Panônia, ora as costas da Ilíria devem ser por ti conquistadas,¹⁵⁶ 225
 Ora as armas réticas e trácias oferecem perigo,

¹⁵⁴ Nova referência à obra *Arte de amar*.

¹⁵⁵ O dístico elegíaco.

¹⁵⁶ Ovídio, neste verso, começa a enumerar as campanhas militares do Império de Augusto, para demonstrar sua vastidão e grandeza (vv. 225-230): a revolta na Panônia e Dalmácia, controlada por Tibério (6 a 9 d.C.); a conquista da Récia e da Trácia por Tibério e Druso em 15 a.C.; o protetorado romano na Armênia a partir de 6 a.C.; o armistício com os partas, povo de proverbial ferocidade, em 20 a.C. e as campanhas militares de Tibério na Germânia em 8-7 a.C e 4-5 d.C. (cf. André, 1987, p. 46, notas 1 e 2 e Montero, 2002, p. 66, nota 17).

Nunc petit Armenius pacem; nunc porrigit arcus
 Parthus eques timida captaque signa manu;
 Nunc te prole tua iuuenem Germania sentit
 Bellaque pro magno Caesare Caesar obit. 230
 Denique, ut in tanto quantum non extitit umquam
 Corpore, pars nulla est quae labet imperii.
 Vrbs quoque te et legum lassat tutela tuarum
 Et morum, similes quos cupis esse tuis.
 Non tibi contingunt quae gentibus otia praestas, 235
 Bellaque cum multis inrequieta geris.
 Mirer in hoc igitur tantarum pondere rerum,
 Te nunquam nostros euoluisse iocos?
 At si, quod mallet, uacuum tibi forte fuisset,
 Nullum legisses crimen in Arte mea. 240
 Illa quidem fateor frontis non esse seuerae
 Scripta nec a tanto principe digna legi;
 Non tamen idcirco legum contraria iussis
 Sunt ea Romanas erudiuntque nurus.
 Neue quibus scribam possis dubitare libellos, 245
 Quattuor hos uersus e tribus unus habet:
 "Este procul, uittae tenues, insigne pudoris,
 Quaeque tegis medios instita longa pedes!
 Nil nisi legitimum concessaque furta canemus,
 Inque meo nullum carmine crimen erit." 250
 Ecquid ab hac omnes rigide submouimus Arte,
 Quas stola contingi uittaque sumpta uetat?
 –At matrona potest alienis artibus uti,
 Quoque trahat, quamuis non doceatur, habet –

Ora o armênio busca a paz, ora estende o cavaleiro parta,
 Com as mãos trêmulas, os arcos e as insígnias conquistadas,
 Ora a Germânia, graças a teu filho, te sente jovem
 E, pelo grande César, César trava combates.¹⁵⁷ 230
 Enfim, neste império de corpo tão grande quanto jamais
 Existiu, não há nenhuma parte que se abale.
 A Cidade também te fatiga e a defesa de tuas leis
 E costumes, que desejas iguais aos teus.
 Não te alcança a calma que concedes aos povos, 235
 E contínuas guerras travas com muitos.
 Poderia, então, me admirar que com o peso de tantas
 Preocupações nunca lesses os meus gracejos?
 Mas se acaso, o que preferiria, tivesses tido tempo,
 Nada de criminoso terias lido em minha *Arte*. 240
 De fato, confesso, tais escritos não são de caráter austero
 Nem dignos de serem lidos por tão grande príncipe;
 Todavia, não são por isso contrários aos preceitos das leis
 Nem instruem as esposas romanas.
 E para que não duvides a quem escrevi tais livros, 245
 Estes quatro versos um dos três traz:¹⁵⁸
 “Ficai longe, ó tênues fitas, insígnia do pudor,
 E tu, ó longa veste, que encobres metade do pés,¹⁵⁹
 Nada, senão legítimo, e amores permitidos contarei,
 E em meu poema nada de criminoso haverá.” 250
 Acaso dessa *Arte* não afastei rigorosamente todas
 Que o traje e a fita usados proibem serem tocadas?
 – Mas a matrona pode se valer de regras alheias
 E, embora não seja a instruída, tem de onde as tirar.

¹⁵⁷ Grande César: Augusto; César: Tibério.

¹⁵⁸ São os versos do proêmio da *Arte de amar* (I, 31-34) que Ovídio cita; todavia ele faz uma ligeira, mas significativa, modificação no verso 33, *Nos Venerem tutam concessaque furta canemus* (“Cantarei o prazer seguro e as transgressões permitidas”), o qual aparece nos *Tristes*, *Nil nisi legitimum concessaque furta canemus*.

¹⁵⁹ A veste longa (*stola*), adornada por uma barra (*instita*), e as fitas (*uittae*) que cingiam os cabelos constituíam a vestimenta canônica das matronas (Lechi, 1993, p. 160, nota 50).

Nil igitur matrona legat, quia carmine ab omni 255
 Ad delinquendum doctior esse potest.
 Quodcumque attigerit, si qua est studiosa sinistri,
 Ad uitium mores instruet inde suos:
 Sumpserit Annales – nihil est hirsutius illis –,
 Facta sit unde parens Ilia nempe leget; 260
 Sumpserit "Aeneadum genetrix" ubi prima, requiret
 Aeneadum genetrix unde sit alma Venus.
 Persequar inferius, modo si licet ordine ferri,
 Posse nocere animis carminis omne genus;
 Non tamen idcirco crimen liber omnis habebit: 265
 Nil prodest quod non laedere possit idem.
 Igne quid utilius? Si quis tamen urere tecta
 Comparat, audaces instruit igne manus;
 Eripit interdum, modo dat medicina salutem;
 Quaeque iuuat monstrat quaeque sit herba nocens. 270
 Et latro et cautus praecingitur ense uiator:
 Ille sed insidias, hic sibi portat opem;
 Discitur innocuas ut agat facundia causas:
 Protegit haec sontes inmeritosque premit.
 Sic igitur carmen, recta si mente legatur, 275
 Constabit nulli posse nocere meum.
 "At quasdam uitio". Quicumque hoc concipit, errat,
 Et nimium scriptis *ad*rogat ille meis.
 Vt tamen hoc fatear, ludi quoque semina praebent
 Nequitiae: tolli tota theatra iube! 280
 Peccandi causam multis quam saepe dederunt,
 Martia cum durum sternit arena solum.

Nada, pois, leia a matrona, porque qualquer poema 255
 Pode ensiná-la a se corromper;
 E qualquer um que tocar, se for propensa à perversão,
 Daí instruirá sua conduta para vício:
 Se pegar os *Anais* – nada há mais duro que eles –,
 Decerto lerá como Ília se tornou mãe;¹⁶⁰ 260
 Se pegar o começo, “genitora dos Enéadas”, questionará¹⁶¹
 Como a alma Vênus é mãe dos Enéadas.
 Provarei mais abaixo, se é lícito narrar em ordem,
 Que todo gênero de poesia pode ser nocivo ao espírito;
 Mas nem por isso todo livro conterà um crime: 265
 Tudo que é útil também pode ser nocivo.
 Que é mais útil que o fogo? Se alguém, contudo, se prepara
 Para incendiar casas, mune com fogo as mãos audazes;
 Ora a medicina dá a saúde, ora a tira,
 E mostra qual erva ajudará e qual é nociva. 270
 Tanto o ladrão quanto o cauto viajante se cingem do ferro:
 Aquele leva ciladas; este, sua defesa.
 Aprende-se eloquência para defender causas justas,
 Esta protege os culpados e os inocentes oprime.
 Assim, portanto, se for lido corretamente, será evidente 275
 Que meu poema a ninguém pode lesar.
 “Mas corrompo algumas”. Quem quer que conceba isso, erra
 E arroga muito valor a meus escritos.
 Mesmo que admita isso, até os jogos oferecem germes
 De imoralidade: ordena serem fechados todos os teatros! 280
 Deram, amiúde, a muitos o ensejo de pecar,
 Ao recobrir o duro solo a areia de Marte.¹⁶²

¹⁶⁰ No livro I dos *Anais*, Ênio relata como Ília, ou Réia Sílvia, embora fosse uma Vestal, engravidou de Marte, dando à luz Rômulo e Remo.

¹⁶¹ O poema didático *De rerum natura* de Lucrécio começa invocando Vênus como a mãe dos romanos, os descendentes de Enéias (*Aeneadum genetrix*). Como se sabe, Enéias, patriarca mítico do povo romano, era filho de Vênus.

¹⁶² Alude ao lugar em que combatiam os gladiadores, o qual era coberto por areia (*arena Martia*).

Tollatur Circus: non tuta licentia circi est.
 Hic sedet ignoto iuncta puella uiro.
 Cum quaedam spatientur in hoc ut amator eodem 285
 Conueniat, quare porticus ulla patet?
 Quis locus est templis augustior? haec quoque uitet,
 In culpam si qua est ingeniosa suam!
 Cum steterit Iouis aede, Iouis succurret in aede
 Quam multas matres fecerit ille deus. 290
 Proxima adoranti Iunonis templa subibit
 Paelicibus multis hanc doluisse deam.
 Pallade conspecta, natum de crimine uirgo
 Sustulerit quare quaeret Erichthonium.
 Venerit in magni templum, tua munera, Martis: 295
 Stat Venus Vltori iuncta, uir ante fores;
 Isidis aede sedens, cur hanc Saturnia quaeret
 Egerit Ionio Bosphorioque mari;
 In Venerem Anchises, in Lunam Latmius heros,
 In Cererem Iasion qui referatur erit. 300
 Omnia peruersas possunt corrumpere mentes:
 Stant tamen illa suis omnia tuta locis.

Elimine-se o circo: não é segura sua licenciosidade,
 Lá a moça senta junto a um rapaz desconhecido.¹⁶³
 Por que o pórtico fica aberto, quando certas mulheres 285
 Ali passeiam para se encontrarem com o amante?¹⁶⁴
 Que lugar é mais sacro que os templos? Até esses deve evitar
 Se ela for ardilosa em seu delito!
 Quando estiver no templo de Jove, lembrará, nesse templo,
 Quantas mulheres engravidou aquele deus. 290
 Virá à mente da que reverencia o templo vizinho de Juno
 Que essa deusa sofreu com tantas rivais.
 Olhando Palas, perguntará por que a virgem
 Criou Erictônio, nascido de um crime.¹⁶⁵
 Se for ao templo do potente Marte, dádiva tua, 295
 Vênus está ao lado do Vingador, o marido¹⁶⁶ ante a porta;
 Sentando-se no templo de Ísis, perguntará por que Satúrnica
 Acossou-a pelo mar Jônio e do Bósforo;¹⁶⁷
 Será lembrado diante de Vênus Anquises; da Lua,
 O herói Latmo; de Ceres, Jasão.¹⁶⁸ 300
 Todas estas coisas podem corromper as mentes pervertidas:
 No entanto, todas elas estão a salvo, em seu devido lugar.

¹⁶³ O próprio Ovídio ensinara como seduzir uma mulher no circo (*Ars amat.* I, 135 e ss.).

¹⁶⁴ Os pórticos, adornados de estátuas e pinturas e providos de bancos, eram lugares de passeio e de encontros. Em geral eram contíguos aos teatros, pois serviam como abrigo para os espectadores em dias de chuva, já que os teatros eram a céu aberto (G. Ferrara, 1942, p. 93, nota ao v. 286).

¹⁶⁵ Erictônio, um dos primeiros reis de Atenas, nasceu de uma tentativa de violação da deusa Palas Atena, intentada por Hefesto. O deus coxo, apaixonado por Palas, tentou estuprá-la, mas não obteve sucesso, pois a deusa se defendeu; contudo, um pouco do esperma do deus caiu em sua perna. Enojada, a deusa limpou a secreção com um pano de lã e o lançou à Terra que, fecundada, deu a luz a um filho que foi acolhido e nomeado por Palas (cf. Grimal, 1997, p. 145 ab).

¹⁶⁶ Hefesto.

¹⁶⁷ Ísis, divindade egípcia representada sob a forma de uma vaca, era amiúde identificada com Io. Esta jovem de Argos, sacerdotisa de Juno, caiu nas graças de Júpiter e foi por ele amada. O deus, para evitar que a ira de sua enciumada mulher recaísse sobre Io, transformou-a em uma vaca muito alva, mas Juno a entregou a Argo, o guardião de cem olhos. Depois que Argo foi eliminado por Mercúrio, Juno, enfurecida, enviou um inseto para atormentá-la. Então Io começou a correr por toda a Grécia, percorreu as costas do golfo que, por sua causa, recebeu o nome de golfo Jônico, atravessou o mar no estreito que separa a costa da Europa e da Ásia, dando-lhe o nome de Bósforo (em grego, “passagem da vaca”), até que chegou ao Egito onde foi bem recebida e deu à luz o filho que concebera de Júpiter, Épafo (Grimal, 1997, p. 251ab; cf. Ov. *Met.* I, 582 e ss.).

¹⁶⁸ Ovídio recorda, nos versos 229 e 300, alguns amores de deusas com mortais: Vênus e Anquises, de cuja relação nasceu Enéias; o amor do herói Jasão e da deusa da agricultura Ceres (Deméter), narrado na *Odisséia* (V, 25 e ss.), e o de Lua e Endímion, um jovem pastor que Lua fez cair em sono profundo e perene, sobre o monte Latmos, na Cária, para que ela pudesse admirar sua beleza quando quisesse (Lechi, 1993, p. 165, 62).

Et procul ab scripta solis meretricibus Arte
 Submouet ingenuas pagina prima manus.
 Quaecumque erupit qua non sinit ire sacerdos, 305
 Protinus huic dempti criminis ipsa rea est.
 Nec tamen est facinus uersus euoluere molles;
 Multa licet castae non facienda legant.
 Saepe supercilii nudas matrona seueri
 Et Veneris stantes ad genus omne uidet; 310
 Corpora Vestales oculi meretricia cernunt
 Nec domino poenae res ea causa fuit.
 At cur in nostra nimia est lasciuiua Musa,
 Curue meus cuiquam suadet amare liber?
 Nil nisi peccatum manifestaue culpa fatenda est: 315
 Paenitet ingenii iudiciiue mei.
 Cur non, Argolicis potius quae concidit armis,
 Vexata est iterum carmine Troia meo?
 Cur tacui Thebas et mutua uulnera fratrum,
 Et septem portas sub duce quamque suo? 320
 Nec mihi materiam bellatrix Roma negabat,
 Et pius est patriae facta referre labor.
 Denique, cum meritis impleueris omnia, Caesar,
 Pars mihi de multis una canenda fuit;
 Vtque trahunt oculos radiantia lumina solis, 325
 Traxissent animum sic tua facta meum.
 Arguor inmerito. Tenuis mihi campus aratur;
 Illud erat magnae fertilitatis opus.
 Non ideo debet pelago se credere, si qua
 Audet in exiguo ludere cumba lacu. 330
 Forsan et hoc dubitem numeris leuioribus aptus
 Sim satis, in paruos sufficiamque modos.

A primeira página arreda para longe da *Arte*, escrita
 Só para meretrizes, as honestas mãos.

Qualquer mulher que entra onde o sacerdote não autoriza, 305
 Logo, eximido este, torna-se só ela a culpada do erro.

Não é, todavia, um crime ler versos amorosos,
 Podem as castas ler muitas coisas que não devem fazer.

Amiúde a matrona de olhar severo vê mulheres nuas
 Prontas para todo tipo de prazer; 310

Os olhos da Vestais vêem os corpos das meretrizes
 E isso não é motivo para castigar seu dono.

Ora, por que a lascívia é excessiva na minha poesia
 E por que meu livro persuade todos a amar?

Nada, senão o erro e a culpa evidente, devo confessar: 315
 Arrependo-me pelo meu engenho e discernimento.

Por que não antes Tróia, que sucumbiu pelas armas argólicas,¹⁶⁹
 Mais uma vez não padeceu em meus versos?¹⁷⁰

Por que calei Tebas e as feridas comuns aos irmãos
 E as sete portas, cada qual sob um comando?¹⁷¹ 320

Nem a belicosa Roma me negava assunto,
 E pio é o labor de narrar os feitos da pátria.

Enfim, como tudo está repleto de teus méritos, ó César,
 Alguma parte dentre tantas devia ter cantado;

Assim como os reluzentes raios de sol atraem os olhos, 325
 Teriam atraído teus feitos meu espírito.

Acusam-me injustamente. Aro um humilde campo,
 Aquele tipo de obra exigia grande fertilidade.

Se alguma canoa se aventura a brincar num pequeno lago,
 Nem por isso deve confiar-se ao pélagos. 330

Talvez também isto eu coloque em dúvida: se sou em versos ligeiros
 Bastante hábil, se tenho fôlego para breves composições.

¹⁶⁹ A armada grega é assim chamada, porque era comandada por Agamêmnon, rei de Argos.

¹⁷⁰ O advérbio novamente (*iterum*) indica que Tróia já foi cantada anteriormente por Virgílio.

¹⁷¹ Alude à guerra dos Sete contra Tebas, na qual Polínices e Etéocles travaram entre si um combate mortal.

At si me iubeas domitos Iouis igne Gigantes
 Dicere, conantem debilitabit onus.
 Diuitis ingenii est inmania Caesaris acta 335
 Condere, materia ne superetur opus.
 Et tamen ausus eram, sed detractare uidebar,
 Quodque nefas, damno uiribus esse tuis.
 Ad leue rursus opus, iuuenalia carmina, ueni
 Et falso moui pectus amore meum. 340
 Non equidem uellem, sed me mea fata trahebant,
 Inque meas poenas ingeniosus eram.
 Et mihi, quod didici? cur me docuere parentes
 Litteraque est oculos ulla morata meos?
 Haec tibi me inuisum lasciui fecit ob Artes 345
 Quas ratus es uetitos sollicitasse toros.
 Sed neque me nuptae didicerunt furta magistro,
 Quodque parum nouit, nemo docere potest.
 Sic ego delicias et mollia carmina feci,
 Strinxerit ut nomen fabula nulla meum; 350
 Nec quisquam est adeo media de plebe maritus
 Vt dubius uitio sit pater ille meo.
 Crede mihi, distant mores a carmine nostro –
 Vita uerecunda est Musa iocosa mea –
 Magnaque pars mendax operum est et ficta meorum: 355
 Plus sibi permisit compositore suo.
 Nec liber indicium est animi, sed honesta uoluntas
 Plurima mulcendis auribus apta ferens.
 Accius esset atrox, conuiua Terentius esset,
 Essent pugnaces qui fera bella canunt. 360
 Denique composui teneros non solus amores:

Mas se me ordenas cantar os Gigantes vencidos com o raio
 De Jove, o peso me debilitará ao tentar.
 Só alguém de fecundo engenho para narrar as notáveis 335
 Proezas de César, para que a obra esteja à altura da matéria.
 Tentara, contudo, mas achei que te aviltava e que,
 Coisa indigna!, era um dano à tua potência.
 De novo à produção ligeira, aos versos juvenis, voltei
 E com um amor enganoso perturbei meu coração. 340
 Certamente não queria, mas meus fados me arrastavam
 E para minha punição era engenhoso.
 Ai de mim! por que aprendi? Por que meus pais me educaram
 E algumas letras detiveram meus olhos?
 Esta lascívia fez-me odioso a ti, graças à *Arte*, 345
 Que julgaste ter incitado os leitos interditos.
 Mas as esposas não aprenderam com este mestre o adultério,
 Ninguém pode ensinar o que pouco sabe.
 Eu compus frivolidades e versos licenciosos
 Sem que nenhum boato maculasse minha reputação. 350
 E não há nenhum marido, nem dentre o povo, que tenha
 Dúvida de sua paternidade por minha culpa.
 Crê em mim, minha conduta difere de minha poesia:
 A vida é honesta, minha Musa é jocosa;
 Grande parte de minhas obras é fantasiosa e fictícia 355
 E se permitiu mais que ao seu autor.
 Não é o livro indício de caráter, mas de uma boa intenção,
 Que traz muitas coisas próprias para deleitar os ouvidos.
 Ácio seria cruel, Terêncio seria um comensal¹⁷²
 E belicosos os que cantam guerras atrozes. 360
 Enfim, não fui o único a escrever ternos amores:

¹⁷² Ácio era autor de tragédias e Terêncio, de comédias. É interessante o termo usado para predicar o comediógrafo Terêncio, uma vez que *conuiu* (“comensal”) faz referência ao tipo da personagem comum das comédias (*fabulae palliatae*), o parasita (do gr. *παράσιτος*, “o que come junto, conviva, comensal, papa-jantares”), o qual vive à custa alheia e está sempre presente em festins e banquetes.

Composito poenas solus amore dedi.
 Quid nisi cum multo Venerem confundere uino
 Praecepit lyrici Teia Musa senis?
 Lesbica quid docuit Sappho nisi amare puellas? 365
 Tuta tamen Sappho, tutus et ille fuit.
 Nec tibi, Battiade, nocuit quod saepe legenti
 Delicias uersu fassus es ipse tuas.
 Fabula iucundi nulla est sine amore Menandri,
 Et solet hic pueris uirginibusque legi. 370
 Ilias ipsa quid est aliud nisi adultera de qua
 Inter amatorem pugna uirumque fuit?
 Quid prius est illi flamma Briseidos utque
 Fecerit iratos rapta puella duces?
 Aut quid Odyssea est nisi femina propter amorem, 375
 Dum uir abest, multis una petita iuris?
 Quis nisi Maeonides Venerem Martemque ligatos
 Narrat, in obsceno corpora pressa toro?
 Vnde nisi indicio magni sciremus Homeri
 Hospitis igne duas incaluisse deas? 380
 Omne genus scripti grauitate tragoedia uincit:
 Haec quoque materiam semper amoris habet.
 Num quid in Hippolyto nisi caecae flamma nouercae?
 Nobilis est Canace fratris amore sui.
 Quid? non Tantalides agitante Cupidine currus 385

Mas só eu fui punido por escrever sobre o amor.
Que, senão juntar os prazeres de Vênus a muito vinho,
Ensina a Musa do lírico ancião de Teos?¹⁷³
Que ensinou a lésbia Safo, senão a amar as moças? 365
A salvo, contudo, ficou Safo, a salvo também aquele.
Nem a ti, filho de Bato, prejudicou o que amiúde ao leitor¹⁷⁴
Tu mesmo confessaste em verso: teus amores.
Peça alguma do espirituoso Menandro é privada de amor,¹⁷⁵
E ele costuma ser lido por rapazes e moças. 370
Que é a própria *Ilíada* senão uma adúltera¹⁷⁶
Que causou a luta entre o amante e o marido?¹⁷⁷
E o que há em seu início: a paixão por Briseida
E como a jovem raptada deixou coléricos os generais?
Ou que é a *Odisséia*, senão uma mulher, por causa do amor 375
Desejada de muitos homens, enquanto seu marido está longe?¹⁷⁸
Quem, senão o Meônida, canta Vênus e Marte enredados,
Com seus corpos entrelaçados em um leito obsceno?¹⁷⁹
Onde, senão pela revelação do grande Homero, saberíamos
Que duas deusas arderam de paixão pelo hóspede?¹⁸⁰ 380
Todo gênero de escrita a tragédia supera em gravidade:
Também ela traz sempre um assunto amoroso.
Acaso o que há em *Hipólito*, senão a paixão da cega madrasta?
Cânace é célebre por seu amor ao irmão.¹⁸¹
O quê? O ebúrneo Tantálida, com Cupido dirigindo o carro, 385

¹⁷³ Anacreonte.

¹⁷⁴ Calímaco.

¹⁷⁵ Menandro, nascido em Atenas (342/341-291/290 a. C.), foi o mais importante representante da Comédia Nova e também o principal modelo do teatro cômico romano, principalmente das peças de Plauto e de algumas de Terêncio.

¹⁷⁶ Helena.

¹⁷⁷ Príamo e Menelau, respectivamente.

¹⁷⁸ Penélope e Ulisses.

¹⁷⁹ Alusão a Homero, supostamente nascido na região da Meônia, que cantou os amores de Marte e Vênus em conhecido episódio da *Odisséia* (VIII, 266 e ss.).

¹⁸⁰ Circe e Calipso, as que se apaixonaram por Ulisses.

¹⁸¹ Cànace, filha de Éolo, viveu uma relação incestuosa com seu irmão Macareu.

Pisaeam Phrygiis uexit eburnus equis?
 Tingeret ut ferrum natorum sanguine mater,
 Concitus a laeso fecit amore dolor.
 Fecit amor subitas uolucres cum *paelice* regem
 Quaeque suum luget nunc quoque mater Ityn. 390
 Si non Aeropen frater sceleratus amasset,
 Auersos Solis non legeremus equos.
 Impia nec tragicos tetigisset Scylla cothurnos,
 Ni patrium crinem desecuisset amor.
 Qui legis Electran et egentem mentis Orestem, 395
 Aegisthi crimen Tyndaridosque legis.
 Nam quid de tetrico referam domitore Chimaerae,
 Quem leto fallax hospita paene dedit?
 Quid loquar Hermionem, quid te, *Schoeneia* uirgo,
 Teque, Mycenaean Phoebas amata duci? 400
 Quid Danaen Danaesque nurum matremque Lyaei

Não arrastou em frígios cavalos Piséia?¹⁸²
 Foi a dor causada por um amor ultrajado que fez
 A mãe tingir a espada com o sangue dos filhos.¹⁸³
 Transformou o amor em velozes aves o rei com a amante,
 E a mãe que ainda chora seu Ítis.¹⁸⁴ 390
 Se o celerado irmão não tivesse amado Aéroe,
 Não leríamos que os cavalos do Sol recuaram.¹⁸⁵
 Nunca os coturnos trágicos teria usado a ímpia Sila,
 Se o amor não a fizesse cortar o cabelo paterno.¹⁸⁶
 Tu que lês *Electra* e o insano *Orestes* 395
 Também lês o crime de Egisto e da Tindárida.¹⁸⁷
 Com efeito, que direi do severo vencedor da Quimera,
 Que uma pérfida hospedeira quase levou à morte?¹⁸⁸
 O que falarei de Hermíone, de ti, virgem Esquenéia,¹⁸⁹
 E de ti, ó Febéia, amada do general Miceno?¹⁹⁰ 400
 O que de Dânae, e da nora de Dânae, e da mãe de Lieu?¹⁹¹

¹⁸² Pélops, filho de Tântalo, possuía um ombro de marfim, por esse membro ter sido comido por Deméter, quando seu pai o esquartejou e o serviu como comida aos deuses. Depois que os deuses reconstituíram seu corpo, Pélops foi amado por Possêidon, que o levou ao céu, onde se tornou escanção dos deuses. Foi, contudo, devolvido a terra por ajudar seu pai a roubar o néctar e a ambrosia dos imortais, para dar tais substâncias aos homens. Mas Possêidon, tornando-se seu protetor, deu-lhe dois cavalos alados e o ajudou, ainda, na sua luta contra Enômao, rei de Pisa, pela posse de sua filha Hipodâmia. (Grimal, 1997, p. 363ab).

¹⁸³ Medéia matou os filhos por ter sido traída e abandonada por seu marido Jasão.

¹⁸⁴ Procne, para se vingar de seu marido Tereu, o qual tinha violado sua irmã Filomena e cortado sua língua, matou o filho Ítis, cozinhou-o e o serviu como comida a Tereu. Quando descobriu, tentou matar Procne e Filomela, mas ambas foram salvas pelos deuses, que as transformaram em pássaros; Tereu foi metamorfoseado em poupa (Grimal, 1997, p. 173ab, verbete **Filomela**).

¹⁸⁵ Aéroe, esposa de Atreu, deixou-se seduzir pelo cunhado Tiestes, do qual teve vários filhos. Atreu, em vingança à traição, matou as crianças, cozinhou-as e serviu a seu irmão. O Sol, horrorizado com tal espetáculo, fez voltar os seus cavalos para trás (Lechi, 1993, p. 173, 85).

¹⁸⁶ Sila, por amor a Mínos, cortou uma mecha do cabelo de ouro de seu pai Niso, o qual o tornava invencível (Montero, 2002, p. 73, 28). Os “coturnos” eram os sapatos usados pelos atores da encenação da tragédia.

¹⁸⁷ Clitemnestra, filha de Tíndaro, traiu o marido Agamêmnon, quando estava combatendo na guerra de Tróia, com Egisto, filho de Tiestes e de Pelopéia. Egisto passou a controlar o palácio de Agamêmnon em sua ausência e, quando ele voltou, maquinou sua morte conjuntamente com a esposa (cf. Grimal, 1997, pp. 96b-97a e 132).

¹⁸⁸ Estenebéia, mulher do rei Preto, apaixonou-se por Belerofonte, que estava hospedado em sua casa. Como ele recusou seu amor, Estenebéia queixou-se ao marido, dizendo que ele a quis seduzir. Preto, então, enviou Belerofonte para junto de seu sogro Ióbates, para que ele o matasse. O rei da Lícia pediu a Belerofonte que matasse a Quimera, pensando que esse não seria bem sucedido, mas Belerofonte matou o monstro (Grimal, 1997, p. 59b).

¹⁸⁹ Hermíone, filha de Menelau e de Helena; Atalanta, a virgem filha de Esqueneu.

¹⁹⁰ Cassandra, sacerdotisa de Febo, foi amada por Agamêmnon, rei de Micenas.

¹⁹¹ Dânae, sua nora Andrômeda (esposa de Perseu) e Sêmele, mãe de Baco, também chamado Lieu.

Haemonaque et noctes cui coiere duae?
 Quid Peliae generum, quid Thesea quive Pelasgum
 Iliacam tetigit de rate primus humum?
 Huc Iole Pyrrhique parens, huc Herculis uxor, 405
 Huc accedat Hylas Iliacusque puer.
 Tempore deficiat, tragicos si persequar ignes,
 Vixque meus capiet nomina nuda liber.
 Est et in obscenos commixta tragoedia risus,
 Multaque praeteriti uerba pudoris habet. 410
 Nec nocet auctori mollem qui fecit Achillem
 Infregisse suis fortia facta modis.
 Iunxit Aristides Milesia crimina secum,
 Pulsus Aristides nec tamen urbe sua est;
 Nec qui descripsit corrumpi semina matrum, 415
 Eubius, impurae conditor historiae,
 Nec qui composuit nuper Sybaritica fugit,
 Nec qui concubitus non tacuere suos;
 Suntque ea doctorum monumentis mixta uirorum,
 Muneribusque ducum publica facta patent. 420
 Neue peregrinis tantum defender ab armis,
 Et Romanus habet multa iocosa liber,

E de Hémon e daquele para quem a noite se duplicou?¹⁹²
 O que do genro de Pélias, o que de Teseu ou daquele Pelasgo¹⁹³,
 Que primeiro atingiu em uma nau a terra ilíaca?
 Aqui Íole e a mãe de Pirro, ali a esposa de Hércules,¹⁹⁴ 405
 Acrescente-se também Hilas e o jovem troiano.¹⁹⁵
 Tempo me faltaria, se elencasse todas as paixões trágicas,
 E mal caberiam no meu livro apenas os nomes.
 Até a tragédia se misturou a risos obscenos,
 E contém muitas palavras despudoradas. 410
 Não lesou ao autor, que fez de Aquiles um efeminado,
 Ter, com seus versos, diminuído os valorosos feitos.
 Aristides reuniu consigo os vícios de Mileto,
 E, todavia, não foi Aristides expulso de sua cidade;¹⁹⁶
 Nem o que ensinou como destruir o feto materno, 415
 – Êubio, criador de um relato impuro –¹⁹⁷
 Nem quem há pouco escreveu a *Sibarita* foram desterrados,
 Nem os que não calaram seus casos amorosos.
 E elas se misturam às obras dos homens doutos,
 E, com a munificência dos generais, são acessíveis a todos. 420
 E, para não ser defendido apenas com armas estrangeiras,
 Também as obras romanas contêm muitas frivolidades.

¹⁹² Hémon, filho de Creonte, cometeu suicídio por amor a Antígona. Ovídio alude, também, ao episódio da noite de amor de Júpiter e de Alcmena, mulher de Anfitrião. Júpiter, para poder desfrutar mais da companhia de Alcmena, tornou a noite mais longa; dessa união nasceu Hércules (cf. Plauto, *Anfitrião*).

¹⁹³ Admeto, genro de Pélias, foi salvo por sua mulher Alceste, que aceitou ser sacrificada em seu lugar. Protesilau foi o primeiro grego a sucumbir na guerra de Tróia, logo após saltar de sua nau.

¹⁹⁴ Íole, filha do rei de Ecália, Êurito, foi oferecida por seu pai como prêmio de um concurso de tiro ao arco, que foi ganho por Hércules (Grimal, 1997, p. 252b). Deidamia, mãe de Pirro (Neoptólemo). Dejanira, a legítima esposa de Hércules.

¹⁹⁵ Hilas, companheiro de Hércules na expedição dos Argonautas. Ganimedes é um jovem troiano por quem Júpiter se apaixonou, tendo-o levado ao Olimpo, onde se tornou o escanção dos banquetes divinos.

¹⁹⁶ Aristides de Mileto (séc. II a.C.) é o autor das *fabulae Milesiae*, obra perdida, composta de seis livros que trazem um conjunto de contos de caráter licencioso. Tais livros foram bem acolhidos em Roma (a obra foi traduzida por Cornélio Sisena, ver II, 444 e nota), onde o nome *fabula Milesia* passou a caracterizar um certo tipo de narração que põe em jogo o elemento erótico, como a narrativa da matrona de Éfeso, presente nos caps. 111 e 112 do *Satyricon* de Petrónio (Lechi, 1993, p. 177, nota 107).

¹⁹⁷ Êubio é um autor pouco conhecido que teria escrito um tratado sobre técnicas de aborto (G. Ferrara, 1942, p. 104, nota ao v. 416).

Vtque suo Martem cecinit grauis Ennius ore,
 Ennius ingenio maximus, arte rudis,
 Explicat ut causas rapidi Lucretius ignis, 425
 Casurumque triplex uaticinatur opus,
 Sic sua lasciuo cantata est saepe Catullo
 Femina cui falsum Lesbia nomen erat;
 Nec contentus ea, multos uulgauit amores,
 In quibus ipse suum fassus adulterium est. 430
 Par fuit exigui similisque licentia Calui,
 Detexit uariis qui sua furta modis.
 Quid referam Ticidae, quid Memmi carmen, apud quos
 Rebus adest nomen nominibusque pudor?
 Cinna quoque his comes est Cinnaque procacior Anser 435
 Et leue Cornifici parque Catonis opus.
 Et quorum libris modo dissimulata Perillae
 Nomine, nunc legitur dicta, Metelle, tuo.
 Is quoque Phasiacas Argon qui duxit in undas,
 Non potuit Veneris furta tacere suae. 440
 Nec minus Hortensi nec sunt minus inproba Serui
 Carmina: quis dubitet nomina tanta sequi?
 Vertit Aristiden Sisenna nec obfuit illi
 Historiae turpes inseruisse iocos;

E como o grave Ênio cantou Marte com um tom próprio¹⁹⁸,
 Ênio, grande no engenho, rude na arte,
 Como explica Lucrécio as causas do fogo devorador 425
 E vaticina o fim da tríplice estrutura,¹⁹⁹
 Assim foi amiúde cantada pelo lascivo Catulo a mulher,
 A quem deu o nome fictício de Lésbia;
 Não contente com ela, divulgou muitos outros amores,
 Com os quais ele mesmo confessou ser adúltero. 430
 Igual e similar foi a licenciosidade do pequeno Calvo,²⁰⁰
 Que revelou seus amores em versos variados.
 Que direi de Tícida e da poesia de Mêmio, em quem²⁰¹
 Cada coisa tem seu nome e todo nome nos envergonha?
 Também Cina lhes faz companhia e Ânser, mais obsceno que Cina,²⁰² 435
 E a obra ligeira de Cornifício e, igualmente, a de Catão,²⁰³
 E aqueles em cujos livros se lê ora dissimulada pelo nome
 Perila, ora celebrada pelo teu próprio, Metelo.²⁰⁴
 Mesmo aquele que nas ondas do Faso conduziu Argos²⁰⁵
 Não pôde calar seus amores furtivos. 440
 Não menos indecentes são os versos de Hortênsio, nem menos
 Os de Sérvio: quem hesitaria em seguir esses grandes nomes?²⁰⁶
 Sisena traduziu Aristides: não lhe causou dano
 Ter intercalado torpes gracejos em sua História;²⁰⁷

¹⁹⁸ Autor dos *Anais*.

¹⁹⁹ Os três elementos que compõem o universo: o céu, a terra e a água (cf. *De rerum natura* vv. 92 e ss.).

²⁰⁰ O poeta Calvo era famoso por sua baixa estatura (cf. Cat. 53, 5).

²⁰¹ Tícida foi um poeta elegíaco que cantou sua amada Metela, que pode ser Cecília Metela, com o nome fictício de Perila (ver v.437 e nota; Lechi, 1993, p. 179, nota 115). Mêmio, escritor de poesia erótica e político protetor de Lucrécio (Montero, 2002, p. 75, nota 34).

²⁰² Cina, um poeta amigo de Catulo, escreveu um poemeto intitulado *Smyrna*, no qual narrou os incestuosos amores de Mirra. Ânser foi um poeta erótico (G. Ferrara, 1942, p. 106, nota ao v. 435).

²⁰³ A Cornifício, um poeta muito pouco conhecido, é dirigido o *carmen* 38 de Catulo. Catão, contemporâneo de Cícero, foi professor de gramática e autor de versos (G. Ferrara, 1942, p. 106, nota ao v. 436).

²⁰⁴ *Metelle* (Metelo) faz referência ao sobrenome da famosa *gens Caecilia* (G. Ferrara, 1942, p. 107, nota ao v. 438). Ovídio alude ao fato de outros escritos, além de Tícida (ver nota ao v. 433), terem cantando Metela sob o falso nome de Perila.

²⁰⁵ Públio Terêncio Varrão Atacino, autor das *Argonáuticas* e de poemas eróticos.

²⁰⁶ O orador Hortênsio e Sérvio também escreviam versos eróticos.

²⁰⁷ Cornélio Sisena, político e orador, traduziu as *fabulae Milesiae*, já mencionadas em nota a II, 214.

Non fuit obprobrio celebrasse Lycorida Gallo, 445
 Sed linguam nimio non tenuisse mero.
 Credere iuranti durum putat esse Tibullus,
 Sic etiam de se quod neget illa uiro.
 Fallere custodes *idem* docuisse fatetur
 Seque sua miserum nunc ait arte premi. 450
 Saepe uelut gemmam dominae signumue probaret,
 Per causam meminit se tetigisse manum.
 Vtque refert, digitis saepe est nutuque locutus
 Et tacitam mensae duxit in orbe notam,
 Et quibus e sucis abeat de corpore liuor 455
 Impresso fieri qui solet ore docet.
 Denique ab incauto nimium petit ille marito
 Se quoque uti seruet, peccet ut illa minus.
 Scit cui latretur, cum solus obambulet ipse,
 Cui totiens clausas excreet ante fores, 460
 Multaque dat furti talis praecepta docetque
 Qua nuptae possint fallere ab arte uiros;
 Non fuit hoc illi fraudi legiturque Tibullus
 Et placet et iam te principe notus erat.
 Inuenies eadem blandi praecepta Properti, 465
 Destructus minima nec tamen ille nota est.
 His ego successi, quoniam praestantia candor
 Nomina uiuorum dissimulare iubet.
 Non timui, fateor, ne, qua tot iere carinae,
 Naufraga seruatis omnibus una foret. 470
 Sunt aliis scriptae quibus alea luditur artes

Não foi vergonhoso a Galo ter celebrado Licóride, 445
 Mas não ter freado a língua por excesso de vinho.²⁰⁸
 Tibulo julga difícil confiar nos juramentos da amante,
 Pois ela igualmente nega ao marido sobre ele próprio.²⁰⁹
 Confessa ele mesmo ter ensinado a enganar os vigias,
 E agora se diz infeliz e oprimido por sua própria arte.²¹⁰ 450
 Amiúde, sob o pretexto de apreciar a pedraria ou o anel,
 Recorda-se de ter tocado a mão da amada.²¹¹
 Como menciona, muitas vezes falou com gestos e acenos
 E, sobre a mesa redonda, traçou tácitos sinais;²¹²
 E ensina com que ungüento se tira do corpo a mancha 455
 Que costuma resultar da pressão dos lábios.²¹³
 Por fim, pede ao incautíssimo marido que também
 Defenda a si mesmo para que ela seja menos infiel.²¹⁴
 Sabe para quem são os latidos, quando caminha só,²¹⁵
 E para quem tantas vezes escarra ante a cerrada porta, 460
 De tal adultério dá muitos preceitos e ensina com qual arte
 Podem as esposas enganar os maridos.
 Mas isso não lhe foi danoso, lê-se Tibulo,
 E agrada, e, em teu principado, já era conhecido.
 Encontrarás os mesmos preceitos no deleitável Propércio: 465
 Não foi, contudo, tocado pela mínima censura.
 Destes eu fui o sucessor, já que o bom senso ordena que omita
 Os ilustres nomes dos vivos.
 Não temi, confesso, que onde tantas naus passaram,
 São e salvas, uma só pudesse naufragar. 470
 Outros escreveram sobre as técnicas de se jogar a sorte

²⁰⁸ Cornélio Galo, amigo de Virgílio, é célebre por seus poemas a Licóride.

²⁰⁹ Cf. Tib. I, 6, 7-8.

²¹⁰ Cf. Tib. I, 6, 9-10.

²¹¹ Cf. Tib. I, 6, 25-26.

²¹² Cf. Tib. I, 6, 19-20.

²¹³ Cf. Tib. I, 6, 13-14.

²¹⁴ Cf. Tib. I, 6, 15-16.

²¹⁵ Cf. Tib. I, 6, 32.

– Hoc est ad nostros non leue crimen auos –,
 Quid ualeant tali, quo possis plurima iactu
 Figere damnosos effugiasue canes,
 Tessera quos habeat numeros, distante uocato 475
 Mittere quo deceat, quo dare missa modo,
 Discolor ut recto grassetur limite miles,
 Cum medius gemino calculus hoste perit,
 Vt † mage uelle † sequens sciat et reuocare priorem,
 Nec tuto fugiens incommitatus eat, 480
 Parua sit ut ternis instructa tabella lapillis
 In qua uicisse est continuasse suos,
 Quique alii lusus – neque enim nunc persequar omnes –
 Perdere, rem caram, tempora nostra solent.
 Ecce canit formas alius iactusque pilarum, 485
 Hic artem nandi praecipit, ille trochi;
 Composita est aliis fucandi cura coloris;
 Hic epulis leges hospitioque dedit;
 Alter humum de qua fingantur pocula monstrat
 Quaeque docet liquido testa sit apta mero. 490
 Talia luduntur fumoso mense decembri,
 Quae damno nulli composuisse fuit.

– E isso não é um crime leve para nossos avós –
 Quanto valem os ossos, com que lances podes fazer
 Mais pontos ou como evitares o azarado cão,²¹⁶
 Quais números tem o dado, como, evocando o número faltante, 475
 Convém jogá-los e como passar os já lançados,²¹⁷
 Como mover o peão de cor diferente em linha reta,²¹⁸
 Quando se perde uma peça em meio a dois inimigos,
 Como †...† possa seguir e fazer recuar a primeira,²¹⁹
 E que não vá, ao fugir em segurança, sozinha, 480
 Como se deve dispor as três pedrinhas no pequeno tabuleiro,
 E é vencedor aquele que alinhar as suas sobre ele,
 E outros jogos – não os citarei todos agora –
 Que o tempo, um bem precioso, costumam nos fazer perder.
 Eis um outro que canta os tipos de bola e suas jogadas; 485
 Este ensina a arte de nadar, aquele do aro,²²⁰
 Outros escrevem sobre o cuidado com a maquiagem;²²¹
 Aquele ditou as regras dos banquetes e recepções,
 Um outro indica o barro com que são feitos os copos
 E ensina qual vaso é próprio para o vinho puro. 490
 Tais coisas são escritas no fumoso mês de dezembro,²²²
 E a ninguém prejudicou tê-las composto.

²¹⁶ Os *tali* eram dados de forma alongada, feitos de ossos de alguns animais, que tinham somente as quatro faces longas numeradas, respectivamente 1, 3, 4 e 6. Cada jogador possuía quatro ossos e ganhava quem obtinha a soma maior de pontos. O pior resultado, denominado *canis*, era quando saíam os quatro números iguais (principalmente a sequência de 1), e o melhor, chamado *Venus* ou *iactus uenereus* ou ainda *basilicus*, era quando cada peça apresentava um número diferente. (cf. G. Ferrara, 1942, p. 110, nota ao v. 473-4 e Lechi, 1993, p. 184, nota 133).

²¹⁷ A *tessera* era um dado cúbico como o nosso, numerada nas seis faces (de 1 a 6). Jogava-se com três dados; o melhor lance era quando a soma dava dezoito e o pior, três. (cf. G. Ferrara, 1942, p. 110, nota ao v. 475 e Lechi, 1993, p. 184, nota 134).

²¹⁸ Alude ao *ludus latrunculorum*, que lembra os nossos jogos de dama e xadrez (G. Ferrara, 1942, p. 111, nota ao v. 477).

²¹⁹ A frase *male uelle* é aqui indecifrável. A tradição manuscrita apresenta algumas variantes (*mare, mage, bellare*, ou mesmo *dare bella*), mas nenhuma delas elucida o texto, e as tentativas de interpretação são, em verdade, arbitrárias (G. Ferrara, 1942, 111, nota ao v. 479 e Lechi, 1993, p. 185, nota 137).

²²⁰ Um jogo grego que consistia em arremessar o aro, por meio de um bastão curvo na extremidade (cf. Prop. III, 14, 6; Hor. *Ode* III, 24, 67).

²²¹ O próprio Ovídio escreveu um poemeto sobre esse tema (*Medicamina faciei femineae*).

²²² Em dezembro, aconteciam as *Saturnais*. Esse mês era denominado *fumosus*, porque, graças ao frio intenso, em todas as casas havia um fogo aceso nessa época (G. Ferrara 1942, p. 112, nota ao v. 491).

His ego deceptus non tristia carmina feci,
 Sed tristis nostros poena secuta iocos.
 Denique nec uideo tot de scribentibus unum 495
 Quem sua perdiderit Musa: repertus ego.
 Quid, si scripsissem mimos obscena iocantes
 Qui semper uetiti crimen amoris habent,
 In quibus assidue cultus procedit adulter.
 Verbaque dat stulto callida nupta uiro? 500
 Nubilis hoc uirgo matronaque uirque puerque
 Spectat, et ex magna parte senatus adest.
 Nec satis incestis temerari uocibus aures,
 Adsuescunt oculi multa pudenda pati;
 Cumque fefellit amans aliqua nouitate maritum, 505
 Plauditur et magno palma fauore datur.
 Quoque minus prodest, scena est lucrosa poetae,
 Tantaque non paruo crimina praetor emit.
 Inspice ludorum sumptus, Auguste, tuorum
 Empta tibi magno talia multa leges. 510
 Haec tu spectasti spectandaque saepe dedisti –
 Maestas adeo comis ubique tua est! –
 Luminibusque tuis, totus quibus utitur orbis,
 Scenica uidisti lentus adulteria.
 Scribere si fas est imitantes turpia mimos, 515
 Materiae minor est debita poena meae.
 An genus hoc scripti faciunt sua pulpita tutum,
 Quodque licet mimis scena licere dedit?
 Et mea sunt populo saltata poemata saepe,
 Saepe oculos etiam detinuere tuos. 520

Iludido com tudo isso, também eu compus versos não tristes.
 Mas a meus gracejos seguiu um triste castigo.
 Enfim, não vejo um entre tantos escritores 495
 Que sua Musa o tenha arruinado: somente eu.
 Que seria se eu tivesse escrito mimos cheios de indecências,²²³
 Que tratam, amiúde, dos crimes amorosos,
 Onde o amante sempre aparece bem apanhado,
 E a astuta esposa engana o estúpido marido? 500
 A esses, a núbil donzela, as matronas, os homens e crianças
 Assistem, e o senado, em grande parte, comparece.
 Não basta serem os ouvidos profanados com palavras imorais:
 Os olhos se acostumam a suportar muitas infâmias.
 E quando o amante, com alguma novidade, engana o marido, 505
 Aplaude-se e a palma é dada com grande ovação.
 E quanto mais inútil, mais lucrativa para o poeta é a peça:
 O pretor compra a um alto preço tamanhos crimes.
 Examina os gastos dos espetáculos, Augusto,
 E verás que muitos te custaram caro demais. 510
 Tu amiúde os viste e para serem vistos os deste,
 – Tão grande e generosa é em tudo tua majestade! –
 E com teus olhos, de que se serve o mundo inteiro,
 Assististe, indiferente, aos adultérios cênicos.
 Se é lícito escrever mimos que reproduzem infâmias 515
 Ao meu assunto cabe uma pena menor.
 Acaso o palco torna seguro esse tipo de escrita,
 E é o teatro que permitiu a liberdade aos mimos?
 Também meus poemas foram, amiúde, dançados ao público,²²⁴
 E também, muitas vezes, detiveram teus olhos. 520

²²³ O mimo, gênero teatral predileto do público na época republicana, eram farsas que, de forma muito satírica, pois não respeitavam nem os deuses, que eram ridicularizados, representavam cenas e situações da vida cotidiana; diferentemente da comédia e da tragédia, os papéis femininos eram representados por mulheres (cf. Lechi 1993, p. 187, nota 142 e G. Ferrara, 1942, p. 113, nota ao v. 497).

²²⁴ No tempo de Augusto era comum que as poesias fossem recitadas, ou melhor, interpretadas, com dança e acompanhamento musical (cf. Lechi, 1993, p. 188, nota 145 e G. Ferrara, 1942, p. 114, nota ao v. 519).

Scilicet in domibus nostris ut prisca uirorum
 Artificis fulgent corpora picta manu,
 Sic, quae concubitus uarios Venerisque figuras
 Exprimat, est aliquo parua tabella loco;
 Vtque sedet uultu fassus Telamonius iram 525
 Inque oculis facinus barbara mater habet,
 Sic madidos siccant digitis Venus uda capillos
 Et modo maternis tecta uidetur aquis.
 Bella sonant alii telis instructa cruentis,
 Parsque tui generis, pars tua facta canunt. 530
 Inuida me spatio natura coercuit arto,
 Ingenio uires exiguasque dedit.
 Et tamen ille tuae felix Aeneidos auctor
 Contulit in Tyrios arma uirumque toros,
 Nec legitur pars ulla magis de corpore toto 535
 Quam non legitimo foedere iunctus amor.
 Phyllidis hic idem teneraeque Amaryllidis ignes
 Bucolicis iuuenis luserat ante modis.
 Nos quoque iam pridem scripto peccauimus isto:
 Supplicium patitur non noua culpa nouum; 540
 Carminaque edideram, cum te delicta notantem
 Praeterii totiens inrequietus eques.
 Ergo quae iuuenis mihi non nocitura putau
 Scripta parum prudens, nunc nocuere seni.
 Sera redundauit ueteris uindicta libelli, 545
 Distat et a meriti tempore poena sui.
 Ne tamen omne meum credas opus esse remissum,
 Saepe dedi nostrae grandia uela rati.
 Sex ego Fastorum scripsi totidemque libellos,
 Cumque suo finem mense uolumen habet, 550

Decerto, em nossas casas, como se destacam antigas imagens
 Dos antepassados, pintadas pela mão do artista,
 Também há um pequeno quadrinho em algum lugar²²⁵
 Que retrata vários coitos e posições amorosas;
 E como Telamônio está sentado, revelando na face a cólera, 525
 E a bárbara mãe traz nos olhos o crime,²²⁶
 Vênus, toda banhada, seca com os dedos o cabelo molhado
 E aparece coberta somente pelas águas maternais.
 Alguns guerras celebram, repletas de armas sanguinárias;
 Uns cantam os feitos de tua linhagem, outros, os teus. 530
 A invejosa natureza me limitou a um espaço restrito
 E débeis forças ao meu engenho proporcionou.
 E, não obstante, aquele afortunado autor da tua *Eneida*
 Conduziu as armas e o varão aos leitos tírios,²²⁷
 E de todo o poema nenhuma parte é mais lida 535
 Que esse amor estreitado por laços ilegítimos.
 O mesmo os amores de Fílis e da doce Amarílis antes
 Cantou, quando jovem, em versos bucólicos.
 Eu também, outrora, já pequei com esses escritos:
 Um castigo novo é dado a uma culpa não nova; 540
 E já tinha publicado o poema, quando eu, um incansável
 Cavaleiro, desfilei tantas vezes diante de ti que censuravas os delitos.
 Assim, jovem pouco prudente, julguei que esses escritos
 Não me lesariam, agora lesaram-me na velhice.
 Tarde recaiu sobre mim a punição desse antigo livro, 545
 E distante está a pena do tempo em que teve valor.
 Não creias, contudo, ser toda minha obra leviana,
 Amiúde dei a minha nau grandes velas.
 Seis mais seis livros dos *Fastos* escrevi,
 E junto com o mês cada volume chega ao fim, 550

²²⁵ Sobre esses quadrinhos licenciosos ver Plínio *N. H.*, 35, 72, Suetônio, *Tib.* 44 e o próprio Ovídio, *Ars amat.*, II, 679.

²²⁶ Ajax, filho de Télamon, e Medéia.

²²⁷ Ovídio faz clara alusão ao início do poema virgiliano ao utilizar *arma uirumque*.

Idque tuo nuper scriptum sub nomine, Caesar,
 Et tibi sacratum sors mea rupit opus.
 Et dedimus tragicis scriptum regale cothurnis,
 Quaeque grauis debet uerba cothurnus habet,
 Dictaque sunt nobis, quamuis manus ultima coeptis 555
 Defuit, in facies corpora uersa nouas.
 Atque utinam reuoces animum paulisper ab ira,
 Et uacuo iubeas hinc tibi pauca legi
 Pauca quibus prima surgens ab origine mundi
 In tua deduxi tempora, Caesar, opus! 560
 Aspicias quantum dederis mihi pectoris ipse
 Quoque fauore animi teque tuosque canam.
 Non ego mordaci destrinxi carmine quemquam,
 Nec meus ullius crimina uersus habet.
 Candidus a salibus suffusis felle refugi: 565
 Nulla uenenato littera mixta ioco est.
 Inter tot populi, tot scriptis, milia nostri,
 Quem mea Calliope laeserit unus ero.
 Non igitur nostris ullum gaudere Quiritem
 Auguror, at multos indoluisse malis; 570
 Nec mihi credibile est quemquam insultasse iacenti,
 Gratia candori si qua relata meo est.
 His precor atque aliis possint tua numina flecti,
 O pater, o patriae cura salusque tuae,
 Non ut in Ausoniam redeam, nisi forsitan olim, 575
 Cum longo poenae tempore uictus eris,
 Tutius exilium pauloque quietius oro,
 Vt par delicto sit mea poena suo.

E a essa obra, escrita há pouco em teu nome, ó César,
 E a ti consagrada, minha sorte interrompeu.
 Também um régio escrito legamos aos coturnos trágicos,²²⁸
 E a linguagem que lhe cabe possui a grave tragédia.
 Cantei, ainda, embora faltasse ao intento uma última demão, 555
 Os corpos metamorfoseados em novas figuras.²²⁹
 Oxalá que por um instante afastes a ira do peito,
 E ordenes que, em teu ócio, te sejam lidas umas partes,
 As poucas em que, começando pela origem do mundo,
 Conduzi a obra até teus tempos, ó César! 560
 Verás quanta inspiração tu mesmo me deste
 E com que entusiasmo a ti e aos teus canto.
 Eu a ninguém ofendi com poemas mordazes,
 Crimes de ninguém há em meus versos.
 Decente, evitei os picantes gracejos cheios de fel: 565
 Nenhuma letra se mistura ao envenenado escárnio.
 De tantos milhares de concidadãos, de tantos escritos,
 Serei eu o único que minha Calíope terá lesado.
 Presumo, então, que romano algum se alegra com meus
 Infortúnios, mas que muitos se condoeram; 570
 Não creio que alguém tenha rido da minha queda,
 Se algum mérito tem minha inocência.
 Por essas e outras razões, rogo, possa dobrar-se tua vontade,
 Ó pai, providência e salvação da tua pátria!
 Não para que eu volte à Itália, senão talvez um dia, 575
 Quando pela longa duração da pena fores vencido,
 Apenas um exílio um pouco mais seguro e tranqüilo, peço,
 Para que minha pena seja igual ao respectivo delito.

²²⁸ A tragédia *Medea*, que se perdeu, foi escrita provavelmente entre 12 e 8 a.C. e obteve um notável sucesso (ver Lechi 1993, p. 193, nota 152).

²²⁹ Referência às *Metamorfoses*.

LIVRO III

LIBER TERTIVS

1

"Missus in hanc uenio timide liber exulis urbem:

Da placidam fesso, lector amice, manum

Neue reformida ne sim tibi forte pudori!

Nullus in hac charta uersus amare docet.

Haec domini fortuna mei est ut debeat illam 5

Infelix nullis dissimulare iocis.

Id quoque, quod uiridi quondam male lusit in aeuo,

Heu! nimium sero damnat et odit opus.

Inspice quid portem! nihil hic nisi triste uidebis,

Carmine temporibus conueniente suis. 10

Clauda quod alterno subsidunt carmina uersu,

Vel pedis hoc ratio uel uia longa facit.

Quod neque sum cedro flauus nec pumice leuis,

Erubui domino cultior esse meo.

Littera suffusas quod habet maculosa lituras, 15

Laesit opus lacrimis ipse poeta suum.

Siqua uidebuntur casu non dicta latine,

In qua scribebat barbara terra fuit.

Dicite, lectores, si non graue, qua sit eundum

Quasque petam sedes hospes in urbe liber." 20

Haec ubi sum furtim lingua titubante locutus,

Qui mihi monstraret, uix fuit unus, iter:

"Di tibi dent, nostro quod non tribuere poetae,

Molliter in patria uiuere posse tua!

Duc age! namque sequar, quamuis terraque marique 25

LIVRO III

1

“Enviado a esta Cidade, eu, livro de um exilado, chego receoso:

Estende, leitor amigo, tua mão benevolente a alguém exausto
E não temas que eu te possa envergonhar!

Verso algum destas páginas ensina a amar.

Tal é a sorte de meu senhor que não pode, infeliz, 5

Dissimulá-la com nenhum gracejo.

Também aquela obra, que desgraçadamente compôs outrora,

Em seus verdes anos, ai! tarde demais, ele a condena e odeia.

Olha o que trago, nada verás aqui, senão tristezas,

Estão os versos adequados às circunstâncias. 10

Se o manco poema tropeça com versos desiguais,

É em razão da medida do pé ou da longa viagem.²³⁰

Se não estou tingido pelo cedro nem polido com pomes,

É que me envergonharia de ter mais esmero que meu senhor.

Se as letras apresentam manchas e borrões espalhados, 15

É que o próprio poeta, em lágrimas, maculou sua obra.

Caso, porventura, algumas expressões não pareçam latim,

Era bárbara a terra na qual escrevia.

Dizei, leitores, se não vos é penoso, para onde se deve ir

E quais casas procurar um livro estrangeiro na Cidade.” 20

Logo que disse isso furtivamente, com voz titubeante,

Houve apenas um que me mostrasse o caminho:

“Que os deuses te dêem, o que não permitiram a nosso poeta:

Poder viver tranqüilamente em tua pátria!

Conduz-me, pois, eu te seguirei, embora cansado venha, 25

²³⁰ O adjetivo “manco” refere-se ao metro utilizado no dístico elegíaco: a alternância entre um hexâmetro e um pentâmetro. A metáfora criada por esse adjetivo cabe bem ao duplo sentido da palavra “pé” (cf. I, 1, 16).

Longinquo referam lassus ab orbe pedem."
 Paruit et ducens: "Haec sunt fora Caesaris, inquit,
 Haec est a sacris quae uia nomen habet;
 Hic locus est Vestae, qui Pallada seruat et ignem;
 Haec fuit antiqui regia parua Numae." 30
 Inde petens dextram: "Porta est, ait, ista Palati,
 Hic *Stator*, hoc primum condita Roma loco est."
 Singula dum miror, uideo fulgentibus armis
 Conspicuos postes tectaque digna deo.
 Et "Iouis haec, dixi, domus est?" Quod ut esse putarem, 35
 Augurium menti querna corona dabat.
 Cuius ut accepi dominum: "Non fallimur, inquam,
 Et magni uerum est hanc Iouis esse domum.
 Cur tamen opposita uelatur ianua lauro,
 Cingit et augustas arbor opaca fores? 40
 Num quia perpetuos meruit domus ista triumphos?
 An quia Leucadio semper amata deo est?
 Ipsane quod festa est an quod facit omnia festa?
 Quam tribuit terris, pacis an ista nota est?
 Vtque uiret semper laurus nec fronde caduca 45
 Carpitur, aeternum sic habet illa decus?
 Causa superpositae scripto est testata coronae:
 Seruatos ciues indicat huius ope.
 Adice seruatis unum, pater optime, ciuem
 Qui procul extremo pulsus in orbe latet, 50
 In quo poenarum quas se meruisse fatetur

Por terra e mar, de um mundo distante.”

Obedeceu e me conduzindo: “Estes são os fóruns de César”, disse,²³¹

“Esta é a via que leva o nome dos cortejos sacros;²³²

Este é o templo de Vesta, que guarda o Paládio e o fogo;²³³

Este foi o pequeno palácio do antigo Numa.”²³⁴ 30

Dali voltou-se à direita: “Esta é a porta do Palatino”, disse,

“Este Júpiter *Stator*: neste lugar, outrora, foi fundada Roma.”

Contemplando um a um, vejo pelas fulgentes armas

Conspícuos umbrais e tetos dignos de um deus,

E disse: “Esta é a casa de Jove?” Pensei que fosse 35

Por me dar tal indício a coroa de carvalho.

Logo que soube de quem era: “Não me engano”, disse,

“É sem dúvida esta a casa do grande Jove.

Mas por que está coberta de louros a frente da porta

E cinge a augusta entrada a frondosa árvore? 40

Acaso porque mereceu tal morada os triunfos eternos

Ou porque sempre foi cara ao deus Leucádio?²³⁵

Talvez porque ela seja festiva ou torne tudo uma festa?

Ou isso é um sinal da paz que distribui ao mundo?

E, tal o loureiro que sempre verdeja e nunca se enfraquece 45

Pelas folhas caídas, tem ela uma glória imortal?

O motivo da coroa sobreposta está declarado na inscrição:

Testemunha os cidadãos salvos graças a este homem.

Ajunta aos já salvos, ótimo pai, mais um cidadão,

Que, longe banido, vive ignorado nos confins do mundo, 50

Nisso, à punição que confessa merecer

²³¹ O Fórum de Júlio César foi edificado em 46 a.C. e o Fórum contíguo de Augusto em 2 a.C. (André, 1987, p. 64, nota 1). De acordo com Lechi (1993, p. 198, nota 6), Ovídio descreve o itinerário já presente no livro VIII (vv. 337 e ss.) da *Eneida*, quando Evandro mostra a Enéias aqueles que seriam posteriormente lugares famosos da cidade de Roma, e em Propércio (IV, 1).

²³² É a Via Sacra, a estrada mais antiga e importante de Roma, que ia do Fórum ao Capitólio.

²³³ Cabia às Virgens Vestais cuidar do fogo sagrado, o qual nunca se podia apagar, e do Paládio, estátua de Palas que, segundo a lenda, foi trazida ao Lácio por Enéias.

²³⁴ Numa Pompílio, antigo rei romano.

²³⁵ Havia um templo do deus Apolo na ilha de Lêucade; o louro, símbolo da vitória, era a planta consagrada a essa divindade.

Non facinus causam, sed suus error habet.
 Me miserum! uereorque locum, uereorque potentem,
 Et quatitur trepido littera nostra metu.
 Aspicias exsanguis chartam pallere colore? 55
 Aspicias alternos intremuisse pedes?
 Quandocumque, precor, nostro placere parenti
 Isdem <et> sub dominis aspiciare domus!"
 Inde tenore pari gradibus sublimia celsis
 Ducor ad intonsi candida templa dei, 60
 Signa peregrinis ubi sunt alterna columnis,
 Belides et stricto barbarus ense pater,
 Quaeque uiri docto ueteres cepere nouique
 Pectore lecturis inspicienda patent.
 Quaerebam fratres exceptis scilicet illis 65
 Quos suus optaret non genuisse pater;
 Quaerentem frustra custos e sedibus illis
 Praepositus sancto iussit abire loco.
 Altera templa peto uicino iuncta theatro:
 Haec quoque erant pedibus non adeunda meis. 70
 Nec me, quae doctis patuerunt prima libellis,
 Atria Libertas tangere passa sua est.
 In genus auctoris miseri fortuna redundat,
 Et patimur nati quam tulit ipse fugam.
 Forsitan et nobis olim minus asper et illi, 75
 Euictus longo tempore Caesar erit.
 Di, precor, atque adeo – neque enim mihi turba roganda est –
 Caesar, ades uoto, maxime diue, meo!

Deu motivo não um crime, mas seu erro.
 Ai de mim! Receio este lugar, receio o soberano,
 E treme-se minha letra com inquietante medo.
 Vês pela cor exangue o papel amarelar? 55
 Vês os alternados pés tremerem?
 Algum dia, imploro, sejam propícia a meu pai²³⁶
 E sob os mesmos senhores te reveja, ó casa!”
 Dali, no mesmo passo, por inúmeros degraus
 Conduz-me ao excelso marmóreo templo do intonso deus,²³⁷ 60
 Onde se alternam, entre colunas estrangeiras, estátuas
 Das Bélides e do bárbaro pai, empunhando a espada,²³⁸
 E estão à disposição para quem quiser ler obras que com doura
 Inspiração antigos e novos autores conceberam.
 Procurava meus irmãos, exceto, é claro, aqueles, 65
 Que desejaria seu pai não ter gerado;
 Ao que procurava em vão, o guardião dessa sede
 Ordenou deixar o sacro lugar.
 Outros templos procuro ao lado do teatro vizinho:
 Também esses não podiam ser por meus pés visitados.²³⁹ 70
 Nem a mim estes que antes se abriram aos doutos livros,
 Seus átrios, permitiu a Liberdade tocar.
 Sobre a prole a sorte do infeliz autor recai
 E nós, os filhos, padecemos o mesmo exílio que sofreu.
 Talvez um dia, menos severo conosco e com ele 75
 Será César, aplacado pelo longo tempo.
 Deuses, suplico, e sobretudo – pois não posso rogar a todos –
 Tu, César, deus máximo, atende a minha prece!

²³⁶ O livro considerado como filho do autor já aparece em I, 1, 107.

²³⁷ Apolo, segundo Lechi (1993, p. 200, nota 15), era representado com os cabelos compridos para realçar sua eterna juventude. Seu templo, que ficava sobre o Palatino, foi inaugurado em 28 a.C.

²³⁸ As colunas do templo de Apolo traziam imagens da Danaides (netas de Belo, por isso também Bélides) e de seu cruel pai Dânao, que incitou as cinquenta filhas a matarem seus respectivos maridos na noite de núpcias.

²³⁹ Alude aos três teatros existentes em Roma: o de Balbo, o de Pompeu e o de Marcelo; a biblioteca, que surgiu em 23 a.C. por iniciativa de Augusto, estava situada no pórtico de Otávia, próxima ao teatro de Marcelo. (Lechi, 1993, p. 203, nota 20).

Interea, quoniam statio mihi publica clausa est,
Priuato liceat delituisse loco. 80
Vos quoque, si fas est, confusa pudore repulsae
Sumite plebeiae carmina nostra, manus.

2

Ergo erat in fatis Scythiam quoque uisere nostris,
Quaeque Lycaonio terra sub axe iacet!
Nec uos, Pierides, nec stirps Letoia, uestro
Docta sacerdoti turba tulistis opem.
Nec mihi quod lusi uero sine crimine prodest 5
Quodque magis uita Musa iocata mea est;
Plurima sed pelago terraque pericula passum
Vstus ab adsiduo frigore Pontus habet.
Quique fugax rerum securaque in otia natus,
Mollis et inpatiens ante laboris eram, 10
Vltima nunc patior, nec me mare portubus orbum
Perdere diuersae nec potuere uiae;
Suffecitque malis animus: nam corpus ab illo
Accepit uires uixque ferenda tulit.
Dum tamen et terris dubius iactabar et undis, 15
Fallebat curas aegraque corda labor;
Vt uia finita est et opus requieuit eundi,
Et poenae tellus est mihi tacta meae,
Nil nisi flere libet nec nostro parciior imber
Lumine de uerna quam niue manat aqua. 20
Roma domusque subit desideriumque locorum,

Nesse ínterim, como me é vedado o espaço público,
Seja-me permitido esconder em local privado. 80
Vós também, mãos plebéias, se é lícito, meus versos
Cobertos de pejo pela repulsa recebei.

2

Estava, então, em meus fados ver também a Cítia²⁴⁰
E a terra que sob o eixo licaônio jaz!²⁴¹
Nem vós, Piérides, nem o filho de Latona,²⁴² doutas
Divindades, ao vosso sacerdote trouxestes ajuda.
Nem me é vantagem ter gracejado sem crime legítimo 5
E ter sido minha Musa mais brincalhona que minha vida;
Mas a mim, que por mar e terra muitos perigos sofri,
Retém o Ponto, queimado pelo frio constante.
E eu que fugia das obrigações, nascido para ócios tranqüilos,
E que antes era fraco e inapto para o trabalho, 10
O extremo agora padeço, nem o mar privado de portos,
Nem os remotos caminhos puderam me arruinar,
E resistiu aos males meu espírito: ora, disso o corpo
Tomou forças e suportou o que é difícil suportar.
Incerto, todavia, ao ser jogado por terras e mares, 15
Driblava as preocupações e o aflito coração o trabalho;
Quando a viagem terminou e a fadiga do percurso cessou,
E foi tocada por mim a terra de meu castigo,
Nada senão chorar me consola, e não menos copiosas são as lágrimas
De meus olhos que a água que escorre da neve na primavera. 20
Vem à mente Roma, minha casa, a saudade dos lugares,

²⁴⁰ Cítia, ver nota a I, III, 61.

²⁴¹ Licáon é pai de Calisto, que foi transformada na constelação da Ursa Maior (ver II, 190 e nota).

²⁴² As Musas são também chamadas Piérides por terem nascido no monte Piério, na Tessália; Apolo, protetor das artes e ciências, é filho de Latona.

Quicquid et amissa restat in Vrbe mei.
 Ei mihi, quo totiens nostri pulsata sepulcri
 Ianua sub nullo tempore aperta fuit!
 Cur ego tot gladios fugi totiensque minata 25
 Obruit infelix nulla procella caput?
 Di, quos exerior nimium constanter iniquos,
 Participes irae quos deus unus habet,
 Exstimulate, precor, cessantia fata meique
 Interitus clausas esse uetate fores. 30

3

Haec mea si casu miraris epistula quare
 Alterius digitis scripta sit, aeger eram,
 Aeger in extremis ignoti partibus orbis
 Incertusque meae paene salutis eram.
 Quem mihi nunc animum dira regione iacenti 5
 Inter Sauromatas esse Getasque putes?
 Nec caelum patior nec aquis adsueuimus istis,
 Terraque nescio quo non placet ipsa modo.
 Non domus apta satis, non hic cibus utilis aegro,
 Nullus Apollinea qui leuet arte malum, 10
 Non qui soletur, non qui labentia tarde
 Tempora narrando fallat, amicus adest.
 Lassus in extremis iaceo populisque locisque,
 Et subit adfecto nunc mihi quicquid abest.
 Omnia cum subeant, uincis tamen omnia, coniunx, 15
 Et plus in nostro pectore parte tenes.
 Te loquor absentem, te uox mea nominat unam;

E tudo que resta de mim na Cidade que perdi.
 Ai de mim! porque tantas vezes foi a porta de meu sepulcro
 Batida, mas em nenhum momento aberta!
 Por que de tantas espadas escapei e nenhuma tempestade, 25
 Frequentemente mais ameaçadora, encobriu esta infeliz cabeça?
 Ó deuses, que sinto amiúde demasiado adversos,
 E que compartilham da ira de um único deus,
 Apressai, imploro, os lentos fados e de minha morte
 Não permitais que as portas sejam fechadas! 30

3

Se acaso te²⁴³ admiras de esta minha carta ser escrita
 Por mãos alheias, é porque estou doente,
 Doente nos confins de um mundo desconhecido
 E quase incerto sobre minha cura.
 Qual me seja o espírito, prostrado em bárbara região, 5
 Entre os sármatas e getas, podes imaginar?
 Não suporto o clima, nem me acostumo com esta água,
 A própria terra, não sei como, não me agrada.
 A casa é pouco cômoda, não há aqui alimento adequado a um doente,
 Não há ninguém que cure com a arte de Apolo os males,²⁴⁴ 10
 Não há um amigo que me console, que, conversando,
 Mate o tempo que corre lentamente.
 Acho-me esgotado entre povos e lugares mais longínquos,
 E lembro-me, agora enfermo, de tudo que está longe.
 Mesmo que tudo me venha à mente, ó esposa, a tudo prevaleces, 15
 E da maior parte de meu coração és dona.
 Falo-te ausente, minha voz invoca unicamente a ti;

²⁴³ Ovídio endereça esta elegia a sua mulher, que ficou em Roma.

²⁴⁴ Apolo também era protetor das artes médicas.

Nulla uenit sine te nox mihi, nulla dies.
 Quin etiam sic me dicunt aliena locutum
 Vt foret amenti nomen in ore tuum. 20
 Si iam deficiam subpressaue lingua palato
 Vix instillato restituenda mero,
 Nuntiet huc aliquis dominam uenisse, resurgam,
 Spesque tui nobis causa uigoris erit.
 Ergo ego sum dubius uitae, tu forsitan istic 25
 Lucundum nostri nescia tempus agis.
 Non agis, adfirmo; liquet hoc, carissima, nobis
 Tempus agi sine me non nisi triste tibi.
 Si tamen inpleuit mea sors quos debuit annos
 Et mihi uiuendi tam cito finis adest, 30
 Quantum erat, o magni, morituro parcere, diui,
 Vt saltem patria contumularer humo?
 Vel poena in tempus mortis dilata fuisset,
 Vel praecepisset mors properata fugam!
 Integer hanc potui nuper bene reddere lucem: 35
 Exul ut occiderem nunc mihi uita data est.
 Tam procul ignotis igitur moriemur in oris
 Et fient ipso tristia fata loco;
 Nec mea consueto languescent corpora lecto,
 Depositum nec me qui fleat ullus erit; 40
 Nec dominae lacrimis in nostra cadentibus ora
 Accedent animae tempora parua meae;
 Nec mandata dabo, nec cum clamore supremo
 Labentes oculos condet amica manus,
 Sed sine funeribus caput hoc, sine honore sepulcri 45
 Indeploratum barbara terra teget!
 Ecquid, ubi audieris, tota turbabere mente

Nem noite me chega sem ti, nem dia.
 Até quando, dizem, proferia desatinos
 Estava em minha boca delirante teu nome. 20
 Se agora estivesse a morrer e minha língua, colada ao palato,
 Mal pudesse ser reanimada por gotas de vinho,
 E alguém anunciasse a vinda de minha senhora, levantaria,
 A esperança de te rever me revigoraria.
 Estou, assim, incerto quanto à vida; talvez tu, aí, 25
 Sem saber de mim, felizes momentos vivas.
 Não o fazes, eu sei; é claro, caríssima, que sem mim
 Não vives senão momentos tristes.
 Se, todavia, meu destino cumpriu os anos que lhe cabia
 E rápido se me aproxima o fim da vida, 30
 Seria muito, ó grandes deuses, perdoar o moribundo,
 Para que ao menos seja sepultado em solo pátrio?
 Ou fosse a pena até a hora da morte adiada
 Ou tivesse a morte precoce precedido o exílio!
 Saudável, há pouco eu bem poderia ter deixado este mundo, 35
 Mas, para que morresse exilado, concedeu-me a vida.
 Tão longe, pois, morrerei, em ignotas costas,
 E será triste, pelo próprio lugar, o fim;
 Nem meu corpo desfalecerá em leito familiar,
 Nem haverá ninguém que me chore morto, 40
 Nem pelas lágrimas da esposa caindo em minha boca
 Reanimará por um instante minha alma;
 Nem recomendações farei, nem com o último clamor
 Meus olhos esvaecidos fechará uma mão amiga,²⁴⁵
 Mas sem funerais, sem a honra de um sepulcro, este corpo 45
 Não pranteado a bárbara terra encobrirá!
 Acaso ao ouvires isso não ficarás totalmente perturbada

²⁴⁵ De acordo com Lechi (1993, p. 210, nota 5), era costume fechar os olhos do morto, chamando-lhe pelo nome em voz alta.

Et feries pauida pectora fida manu?
 Ecquid in has frustra tendens tua brachia partes
 Clamabis miseri nomen inane uiri? 50
 Parce tamen lacerare genas, nec scinde capillos!
 Non tibi nunc primum, lux mea, raptus ero.
 Cum patriam amisi, tunc me periisse putato!
 Et prior et grauior mors fuit illa mihi.
 Nunc, si forte potes – sed non potes, optima coniux –, 55
 Finitis gaude tot mihi morte malis!
 Quod potes, extenua forti mala corde ferendo
 Ad quae iam pridem non rude pectus habes.
 Atque utinam pereant animae cum corpore nostrae
 Effugiatque auidos pars mihi nulla rogos! 60
 Nam si morte carens uacua uolat altus in aura
 Spiritus et Samii sunt rata dicta senis,
 Inter Sarmaticas Romana uagabitur umbras
 Perque feros manes hospita semper erit.
 Ossa tamen facito parua referantur in urna: 65
 Sic ego non etiam mortuus exul ero.
 Non uetat hoc quisquam: fratrem Thebana peremptum
 Supposuit tumulo rege uetante soror.
 Atque ea cum foliis et amomi puluere misce
 Inque suburbano condita pone solo, 70
 Quosque legat uersus oculo properante uiator
 Grandibus in tituli marmore caede notis:
 "Hic ego qui iaceo tenerorum lusor amorum
 Ingenio perii Naso poeta meo.
 At tibi qui transis ne sit graue, quisquis amasti, 75
 Dicere: Nasonis molliter ossa cubent."

E baterás com a mão trêmula o peito fiel?
 Acaso, estendendo debalde teus braços nesta direção,
 Gritarás o vão nome do infeliz marido? 50
 Evita, contudo, dilacerar as faces nem arranques os cabelos!
 Não é agora que serei, pela primeira vez, luz minha, de ti arrebatado.
 Quando perdi a pátria, nesse momento, acredita, morri:²⁴⁶
 A primeira e mais grave morte foi para mim essa.
 Agora, se acaso podes – mas não podes, ótima esposa – 55
 Por findarem tantos males, alegra-te com minha morte!
 Isto podes: alivia, suportando com o coração firme, seus males,
 Aos quais já há tempos tens o peito acostumado.
 E oxalá pereça minha alma junto com o corpo
 E nenhuma parte minha escape à pira voraz! 60
 Pois se o espírito, imortal, voa elevado nos ares vazios,
 Se estão certas as palavras do velho de Samos,²⁴⁷
 Entre as almas sarmáticas a romana vagará
 E entre feros manes será sempre estrangeira.
 Faz, todavia, os ossos serem repatriados numa pequena urna: 65
 Assim, embora morto, não serei um exilado.
 Isso ninguém proíbe: o irmão assassinado a irmã Tebana
 Sepultou, mesmo com a proibição do rei.²⁴⁸
 E mistura-os a folhas e pó de amomo²⁴⁹
 E põe-nos em uma tumba nos arredores da cidade; 70
 E versos, que possa ler com o olhar apressado o viandante,
 Com letras garrafais, no mármore do túmulo grava:
 “Eu que aqui repousei, cantor de ternos amores,
 Sou o poeta Ovídio, morto pelo meu próprio engenho.
 Mas tu que passas, seja quem for, se amaste, não te pese 75
 Dizer: que os ossos de Nasão descansem em paz.”

²⁴⁶ Ovídio compara o desterro à morte (ver também o verso I, 1, 6).

²⁴⁷ Pitágoras, nascido em Samos, sustentava a teoria da *metempsicose* ou transmigração das almas.

²⁴⁸ Refere-se a Antígona que, contra a ordem expressa de seu tio Creonte, rei de Tebas, sepultou seu irmão Policíes.

²⁴⁹ Bálsamo usado em rituais funerários (Montero, 2002, p. 88, nota 11).

Hoc satis in titulo est; etenim maiora libelli
 Et diuturna magis sunt monumenta mihi,
 Quos ego confido, quamuis nocuere, daturos
 Nomen et auctori tempora longa suo. 80
 Tu tamen extincto feralia munera semper
 Deque tuis lacrimis umidaserta dato!
 Quamuis in cineres corpus mutauerit ignis,
 Sentiet officium maesta fauilla pium.
 Scribere plura libet, sed uox mihi fessa loquendo 85
 Dictandi uires siccaque lingua negat.
 Accipe supremo dictum mihi forsitan ore,
 Quod tibi qui mittit non habet ipse, "uale!"

4

O mihi care quidem semper, sed tempore duro
 Cognite, res postquam procubere meae,
 Vsibus edocto si quicquam credis amico,
 Viue tibi et longe nomina magna fuge!
 Viue tibi, quantumque potes, praelustria uita: 5
 Saeuum praelustri fulmen ab igne uenit.
 Nam quamquam soli possunt prodesse potentes,
 Non prosit potius si quis obesse potest!
 Effugit hibernas demissa antemna procellas
 Lataque plus paruis uela timoris habent. 10
 Aspicias ut summa cortex leuis innatet unda,
 Cum graue nexa simul retia mergat onus!
 Haec ego si monitor monitus prius ipse fuissem,
 In qua debebam forsitan urbe forem.
 Dum tecum uixi, dum me leuis aura ferebat, 15

Basta isso no epitáfio; pois os livros são para mim
 O maior e mais duradouro monumento,
 Eu confio que, embora me tenham prejudicado, trarão
 Renome ao seu autor e longa existência. 80
 Tu, contudo, ao morto presentes fúnebres sempre
 Oferta, e, úmidas por tuas lágrimas, coroas oferece!
 Ainda que o fogo reduza a cinzas meu corpo,
 Perceberão tua pia devoção meus tristes restos.
 Agradar-me-ia escrever mais, porém a voz está cansada de falar 85
 E, para ditar, a língua seca me nega forças.
 Recebe, talvez pela última vez proferido por minha boca,
 Isto que manda aquele que não a tem: “Saúde”!

4

Ó tu²⁵⁰, sempre a mim caro, mas em tempos difíceis
 Conhecido, após a ruína de minha vida,
 Se algum crédito dás a um amigo calejado pela experiência,
 Vive para ti e para longe dos grandes nomes fuge!
 Vive para ti e, quanto podes, todo esplendor evita: 5
 O sevo raio costuma vir do clarão esplendoroso.
 De fato, ainda que só os poderosos possam ajudar,
 Não o fazem se há alguém que os possa prejudicar!
 Evita as hibernais procelas a verga arriada
 E as grandes velas as temem mais que as pequenas. 10
 Vês como a leve cortiça na superfície da água flutua,
 Quando um grande peso submerge consigo as malhas a ele presas!
 Se sobre isso eu, que ora te aconselho, antes aconselhado fosse,
 Onde devia, na Cidade, talvez estivesse.
 Enquanto vivi contigo, enquanto uma suave brisa me conduzia, 15

²⁵⁰ Esta elegia é dirigida a um amigo desconhecido.

Haec mea per placidas cumba cucurrit aquas.
 Qui cadit in plano – uix hoc tamen euenit ipsum –,
 Sic cadit ut tacta surgere possit humo;
 At miser Elpenor tecto delapsus ab alto
 Occurrit regi debilis umbra suo 20
 Quid fuit ut tutas agitare Daedalus alas,
 Icarus inmensas nomine signet aquas?
 Nempe quod hic alte, demissius ille uolabat:
 Nam pennas ambo non habuere suas.
 Crede mihi, bene qui latuit bene uixit, et intra 25
 Fortunam debet quisque manere suam.
 Non foret Eumedes orbus, si filius eius
 Stultus Achilleos non adamasset equos,
 Nec natum in flamma uidisset, in arbore natas,
 Cepisset genitor si Phaethonta Merops. 30
 Tu quoque formida nimium sublimia semper,
 Propositique, precor, contrahe uela tui!
 Nam pede inoffenso spatium decurrere uitae
 Dignus es et fato candidiore frui.
 Quae pro te uoueam miti pietate mereris 35
 Haesuraque fide tempus in omne mihi.
 Vidi ego te tali uultu mea fata gementem
 Qualem credibile est ore fuisse meo;

Este meu barco por águas calmas vagou.
 Quem cai ao chão – mas isso dificilmente acontece –
 Cai de tal forma que pode se levantar ao tocar o solo;
 Mas o infeliz Elpenor, precipitado de um alto teto,
 Apareceu ao seu rei como uma débil sombra.²⁵¹ 20
 O que houve para que Dédalo batesse suas asas em segurança
 E Ícaro com seu nome marcasse o vasto mar?²⁵²
 Decerto porque este voava alto, aquele mais baixo,
 Já que ambos não tinham penas próprias.
 Acredita-me, quem bem se esconde bem vive, e dentro 25
 De seu destino cada um deve permanecer.
 Não teria Eumedes perdido o filho se o insensato
 Não cobiçasse os cavalos de Aquiles;²⁵³
 Nem o filho entre as chamas veria, nem as filhas em forma de árvore,
 Se Mérope tivesse, como pai, aceitado Faetonte.²⁵⁴ 30
 Também tu deves temer sempre as coisas demasiado elevadas,
 E as velas de teus intentos, suplico, recolhe!
 Pois és digno de percorrer o caminho da vida
 Com os pés livres e gozar uma sorte mais feliz.
 Que eu te faça votos, pela tua doce piedade, mereces, 35
 E pela lealdade que eternamente terás para comigo.
 Eu te vi lamentar minha sorte com tal feição
 Qual se pode crer igual à do meu rosto;

²⁵¹ Elpenor, um dos companheiros de Ulisses, estava a dormir bêbado na varanda do palácio de Circe. Quando o chamaram para ir embora, ele, não se lembrando de onde estava, caiu e morreu instantaneamente. Mais tarde, Ulisses encontrou sua sombra nos infernos (Grimal, 1997, p. 134ab; cf. *Od.* X, 550 e ss.).

²⁵² Para Ícaro e Dédalo, ver nota a I, 1, 90.

²⁵³ O troiano Dólon, o único filho do arauto Eumedes, aceitou espionar o acampamento grego em troca da recompensa oferecida por Heitor: o carro de Aquiles com seus dois cavalos divinos. Todavia, não teve sucesso em sua espionagem e foi morto por Diomedes (Grimal, 1997, 123b; cf. *Il.* X, 314 e ss.).

²⁵⁴ Para Mérope e Faetonte, ver I, 1, 79.

Nostra tuas uidi lacrimas super ora cadentes,
 Tempore quas uno fidaque uerba bibi. 40
 Nunc quoque submotum studio defendis amicum
 Et mala uix ulla parte leuanda leuas.
 Viue sine inuidia mollesque inglorius annos
 Exige, amicitias et tibi iunge pares
 Nasonisque tui, quod adhuc non exulat unum, 45
 Nomen ama; Scythicus cetera Pontus habet.

4b

Proxima sideribus tellus Erymanthidos Vrsae
 Me tenet, adstricto terra perusta gelu.
 Bosphoros et Tanais superant Scythiaequae paludes
 Vixque satis noti nomina pauca loci.
 Vltius nihil est nisi non habitabile frigus. 5
 Heu! quam uicina est ultima terra mihi!
 At longe patria est, longe carissima coniux,
 Quicquid et haec nobis post duo dulce fuit.
 Sic tamen haec adsunt ut, quae contingere non est
 Corpore, sint animo cuncta uidenda meo. 10
 Ante oculos errant domus Vrbsque et forma locorum
 Acceduntque suis singula facta locis.
 Coniugis ante oculos sicut praesentis imago est;

Vi tuas lágrimas sobre minha face caindo,
 Que, junto a tuas fiéis palavras, sorvi. 40
 Agora também o amigo desterrado defendes com afinco
 E os males, em parte, que mal se podem aliviar, alivias.
 Vive longe da inveja, e, sem glórias, anos tranqüilos
 Passa, e amizades iguais a ti contrai,
 E de teu Nasão, a única coisa que até agora não foi banida, 45
 O nome, ama; todo o resto o Ponto crítico encerra.

4b²⁵⁵

A região vizinha à constelação da Ursa de Erimanto²⁵⁶
 Retém-me, terra queimada pelo denso gelo.
 O Bósforo e Tânais estão além e os lagos cíti²⁵⁷
 E alguns nomes de lugares bem pouco conhecidos.
 Mais além nada há senão um frio inabitável. 5
 Ai! quão próximos me são os confins da terra!
 Mas longe está a pátria, longe a dulcíssima esposa
 E tudo que, depois dessas duas, me foi caro.
 Mas isso, que não se pode tocar com o corpo, está tão
 Presente que posso ver tudo em minha mente. 10
 Passam ante os olhos a casa, a Cidade e o perfil dos lugares,
 E cada fato surge em seu respectivo lugar.
 Ante os olhos, como que presente, a imagem da esposa;

²⁵⁵ Esta pequena elegia é considerada pela maioria dos códices continuação da anterior. Mas, além de uma pequena mudança no assunto, ela é endereçada (v. 16) aos amigos do autor em geral, e não a um amigo em particular, como na 4a (cf. Lechi, 1993, pp. 218-219, nota 1 e Montero, 2002, p. 90, nota 15).

²⁵⁶ Calisto, filha de Licáon, rei da Arcádia, foi seduzida por Júpiter, que havia tomado a forma de Diana, no monte árcade, Parrásio. Ficou grávida, foi expulsa do grupo de Diana e metamorfoseada em urso por Juno, inflamada de ciúme. Depois de algum tempo, seu filho Árcade saiu para caçar nas matas de Erimanto, monte da Arcádia, e deparou-se com a urso, sua mãe, que tentou matar. Júpiter, para protegê-la, transformou-a na constelação da Ursa Maior e Árcade, na constelação de Arcturo ou Bootes (cf. Ov. *Met.* II, vv. 401-530).

²⁵⁷ O Bósforo é a passagem (hoje conhecida como o estreito de Kertch) entre o Mar Negro e o Mar de Azov, sendo o último também denominado lagos cíti²⁵⁷ (*Scythiae paludes*) – para a origem mítica do nome do estreito, ver nota a II, 298; Tânais era o antigo nome do rio Don, que faz fronteira entre a Europa e a Ásia.

Illa meos casus ingrauat, illa leuat:
 Ingrauat hoc quod abest, leuat hoc quod praestat amorem 15
 Impositumque sibi firma tuetur onus.
 Vos quoque pectoribus nostris haeretis, amici,
 Dicere quos cupio nomine quemque suo;
 Sed timor officium cautus compescit et ipsos
 In nostro poni carmine nolle puto. 20
 Ante uolebatis gratique erat instar honoris
 Versibus in nostris nomina uestra legi.
 Quod quoniam est anceps, intra mea pectora quemque
 Adloquar et nulli causa timoris ero.
 Nec meus indicio latitantes uersus amicos 25
 Protrahet: occulte, si quis amauit, amet.
 Scite tamen, quamuis longe regione remotus
 Absim, uos animo semper adesse meo;
 Et, qua quisque potest, aliqua mala nostra leuate
 Fidam proiecto neue negate manum. 30
 Prospera sic maneat uobis fortuna nec umquam
 Contacti simili sorte rogetis idem!

5

Vsus amicitiae tecum mihi paruus, ut illam
 Non aegre posses dissimulare, fuit,
 Nec me complexus uinclis propioribus esses
 Naue mea uento forsan eunte suo;
 Vt cecidi cunctique metu fugere ruinam 5
 Versaque amicitiae terga dedere meae,
 Ausus es igne Iouis percussum tangere corpus

Ela meus infortúnios agrava, ela os alivia:
 Agrava por estar longe; alivia pelo amor que me vota 15
 E firme sustenta o fardo a si imposto.
 Vós também estais em meu peito gravados, ó amigos,
 Que a cada um queria chamar pelo próprio nome;
 Mas o cauto medo o dever reprime e creio que
 Também vós não quereis ser citados em meu poema. 20
 Antes desejaríeis e era uma grata honra
 Em meus versos vossos nomes serem lidos.
 Já que isso é perigoso, dentro do meu peito a cada um
 Falarei e a ninguém causarei medo.
 Nem por indícios meu poema os secretos amigos 25
 Revelará: se alguém me amou, ame agora às escondidas.
 Sabei, contudo, que, mesmo ausente, numa remota região
 Afastado, vós em meu coração sempre estareis;
 E, como cada um puder, alguns de meus males aliviai
 E a mim, banido, não negueis a mão leal. 30
 Assim próspera se mantenha a vossa fortuna e nunca,
 Atingidos por uma sorte igual, tendeis de implorar o mesmo!

5

Nossa relação de amizade²⁵⁸ foi curta, tanto que
 Não dificilmente poderias dissimulá-la,
 E não estarias a mim ligado por vínculos mais estreitos
 Se, talvez, minha nau navegasse com vento propício.
 Quando caí e todos por medo de minha ruína fugiram, 5
 E deram as costas a minha amizade,
 Tu te atreveste o corpo pelo raio de Jove golpeado tocar

²⁵⁸ Não se sabe qual seja o destinatário desta elegia. Lechi (1993, p. 223, nota 3) afirma que alguns comentadores pensam ser ela dirigida ao poeta Caro, que também é o destinatário da *Ex P.* IV, 13.

Et deploratae limen adire domus;
 Idque recens praestas nec longo cognitus usu
 Quod ueterum misero uix duo tresue mihi. 10
 Vidi ego confusos uultus uisosque notauī
 Osque madens fletu pallidiusque meo
 Et lacrimas cernens in singula uerba cadentes
 Ore meo lacrimas, auribus illa bibi;
 Brachiaque accepi presso pendentia collo 15
 Et singultantis oscula mixta sonis.
 Sum quoque, care, tuis defensus uiribus absens
 - Scis carum ueri nominis esse loco –
 Multaque praeterea manifesti signa fauoris
 Pectoribus teneo non abitura meis. 20
 Di tibi posse tuos tribuant defendere semper
 Quos in materia prosperiore iuues!
 Si tamen interea quid in his ego perditus oris –
 Quod te credibile est quaerere – quaeris agam,
 Spe trahor exigua, quam tu mihi demere noli, 25
 Tristia leniri numina posse dei.
 Seu temere expecto, siue id contingere fas est,
 Tu mihi, quod cupio, fas, precor, esse proba;
 Quaeque tibi linguae est facundia, confer in illud
 Vt doceas uotum posse ualere meum. 30
 Quo quisque est maior, magis est placabilis irae
 Et faciles motus mens generosa capit.
 Corpora magnanimo satis est prostrasse leoni;
 Pugna suum finem, cum iacet hostis, habet.
 At lupus et turpes instant morientibus ursi 35
 Et quaecumque minor nobilitate fera.
 Maius apud Troiam forti quid habemus Achille?

E do limiar da casa desolada se aproximar;
 E isso fazes, amigo recente e conhecido de não longa data,
 O que apenas dois ou três dos mais antigos fizeram pelo infeliz. 10
 Eu vi teu semblante perturbado e notei teu olhar,
 E teu rosto banhado pelo pranto e mais lívido que o meu;
 E ao ver tuas lágrimas caindo a cada palavra,
 Com minha boca as lágrimas bebi, com os ouvidos, as palavras;
 E acolhi teus braços pendurados ao colo oprimido 15
 E os beijos a soluços misturados.
 E, mesmo ausente, querido, sou por tuas forças defendido
 – Sabes que “querido” está em lugar do nome verdadeiro –
 E muitas provas, além dessas, de evidente apoio
 Tenho, as quais não deixarão meu coração. 20
 O deuses te concedam poder sempre os teus defender,
 Os quais em ocasiões mais felizes possas socorrer!
 Mas se, entanto, o que faço eu perdido por estas costas
 Perguntes – é provável que me perguntes –,
 Por uma exígua esperança sou levado, não ma queiras tirar, 25
 De que a funesta vontade do deus se possa abrandar.
 Se em vão espero, ou se isso pode acontecer,
 Tu para mim, peço, que esse desejo é lícito prova;
 E a eloquência de tua língua emprega nisto:
 Em mostrar que meus votos podem ter força. 30
 Quanto mais poderoso é alguém, mais é aplacável sua ira,
 E toma atitudes generosas um espírito nobre.
 Basta ao magnânimo leão deitar por terra os corpos,
 A luta tem seu fim quando cai o inimigo.
 Mas o lobo e os terríveis ursos se encarniçam 35
 Nos moribundos, e toda fera de inferior nobreza.
 O que temos em Tróia maior que o bravo Aquiles?

Dardanii lacrimas non tulit ille senis.
 Quae ducis Emathii fuerit clementia, Porus
 Dareique docent funeris exsequiae. 40
 Neue hominum referam flexas ad mitius iras,
 Iunonis gener est qui prius hostis erat.
 Denique non possum nullam sperare salutem,
 Cum poenae non sit causa cruenta meae.
 Non mihi quaerenti pessumdare cuncta petium 45
 Caesareum caput est, quod caput orbis erat;
 Non aliquid dixiue elataue lingua loquendo est
 Lapsaque sunt nimio uerba profana mero.
 Inscia quod crimen uiderunt lumina plector,
 Peccatumque oculos est habuisse meum. 50
 Non equidem totam possum defendere culpam,
 Sed partem nostri criminis error habet.
 Spes igitur superest facturum ut molliat ipse
 Mutati poenam condicione loci.
 Hos utinam nitidi Solis praenuntius ortus 55
 Adferat admisso Lucifer albus equo.

Às lágrimas do velho Dardânio ele não resistiu.²⁵⁹

Qual fora a clemência do general emátio, Poro

E o cortejo fúnebre de Dario mostram.²⁶⁰ 40

E, para não falar das cóleras humanas que se mitigaram,

É genro de Juno quem antes era seu inimigo.²⁶¹

Enfim, não posso deixar de esperar alguma salvação,

Já que de sangue não é a causa de minha pena.

Eu não tentei atingir, procurando tudo arruinar, 45

A cabeça de César, cabeça do mundo;

Não disse nada, nem é arrogante minha língua ao falar,

Nem me escaparam, pelo excesso de vinho, blasfêmias.

Porque meus incautos olhos viram um crime sou punido,

E meu pecado foi ter tido olhos. 50

Em verdade não posso defender-me de toda culpa,

Mas parte de meu crime consiste em um erro.

Resta, pois, a esperança de fazer que ele mesmo abrande

O castigo, destinando-me a um lugar diverso.

Oxalá o mensageiro do Sol luzente, o alvo Lúcifer,²⁶² 55

Traga essa aurora com cavalo veloz.

²⁵⁹ Faz referência ao episódio da *Ilíada* em que Aquiles entrega o cadáver de Heitor a seu pai, o rei Príamo, que lhe suplicava, após tê-lo arrastado ao redor das mulharas de Tróia (*Il.*, XXIV, 31 e ss.)

²⁶⁰ Temos aqui dois exemplos da clemência de Alexandre o Grande, rei da Macedônia (também chamada Emátia): Poro, rei da Índia, foi perdoado após ser derrotado por Alexandre, o qual concedeu um solene funeral ao rei da Pérsia, Dario III, após matá-lo (Lechi, 1993, p. 224, nota 5).

²⁶¹ Após a apoteose de Hércules e de sua reconciliação com Juno, foi celebrado o casamento deste herói com Hebe, filha da deusa e de Júpiter (Grimal, 1997, p. 193a).

²⁶² Para Lúcifer, ver I, 3, 71.

Foedus amicitiae nec uis, carissime, nostrae
 Nec, si forte uelis, dissimulare potes.
 Donec enim licuit, nec te mihi carior alter,
 Nec tibi me tota iunctior urbe fuit,
 Isque erat usque adeo populo testatus, ut esset 5
 Paene magis quam tu quamque ego notus, amor;
 Quique est in caris animi tibi candor amicis,
 Cognitus est ipsi, quem colis, iste uiro.
 Nil ita celabas ut non ego conscius essem
 Pectoribusque dabas multa tegenda meis; 10
 Cuique ego narrabam secreti quicquid habebam
 Excepto quod me perdidit unus eras.
 Id quoque si scisses, saluo fruerere sodali
 Consilioque forem sospes, amice, tuo.
 Sed mea me in poenam nimirum fata trahebant: 15
 Omne bonae claudunt utilitatis iter.
 Siue malum potui tamen hoc uitare cauendo,
 Seu ratio fatum uincere nulla ualet,
 Tu tamen, o nobis usu iunctissime longo,
 Pars desiderii maxima paene mei, 20
 Sis memor et, si quas fecit tibi gratia uires,
 Illas pro nobis experiare rogo
 Numinis ut laesi fiat mansuetior ira,
 Mutatoque minor sit mea poena loco,
 Idque ita, si nullum scelus est in pectore nostro 25
 Principiumue mei criminis error habet.
 Nec breue nec tutum quo sint mea dicere casu

Os laços de nossa amizade, ó caríssimo,²⁶³ não queres,
 Nem, se acaso quiseses, podes dissimular.
 Pois, enquanto foi lícito, ninguém me foi mais caro que tu,
 Nem houve em toda cidade alguém mais ligado a ti que eu,
 E esse afeto era tão evidente para as pessoas, que era 5
 Quase mais conhecido que tu e que eu;
 E a candura de tua alma para com os amigos,
 Conhecida também do mesmo homem que veneras.²⁶⁴
 Nada escondias tão bem que eu não soubesse
 E me confiavas muitas coisas que devias guardar no peito; 10
 Eras o único a quem eu contava todos os meus segredos,
 Exceto o que me pôs a perder.
 Se também isso soubesses, terias o companheiro a salvo,
 E eu estaria, ó amigo, por teu conselho incólume.
 Mas meu fado, sem dúvida, me arrastava à condenação: 15
 Eles me fecham todo caminho de útil ajuda.
 Se podia, todavia, este mal evitar acautelando-me,
 Ou se nenhuma razão pode o destino vencer,
 Tu, entanto, ó amigo a mim ligado de longa data,
 Quase a maior parte de minha saudade, 20
 Lembra-te de mim e, se teu conceito te dá algum poder,
 Emprega-o, peço, a meu favor,
 Para que a ira do deus ofendido se torne mais branda
 E, com a mudança de lugar, seja menor minha pena,
 Que seja assim, se não há nenhum crime em meu coração 25
 E se a origem de meu crime é um erro.
 Nem breve nem seguro seria dizer por que acaso

²⁶³ De acordo com André (1987, p. 77, nota 4), graças a uma alusão em *Ex P.* 2, 4 e 2, 7 a uma amizade profunda e cotidiana, ecoada aqui nos vv. 3 e 4, estabeleceu-se como destinatário desta elegia Cúrcio Ático. André também afirma que Graeber propõe Celso como destinatário.

²⁶⁴ Augusto.

Lumina funesti conscia facta mali;
 Mensque reformidat, ueluti sua uulnera, tempus
 Illud, et admonitu fit nouus ipse dolor, 30
 Et quaecumque adeo possunt adferre pudorem,
 Illa tegi caeca condita nocte decet.
 Nil igitur referam nisi me peccasse, sed illo
 Praemia peccato nulla petita mihi
 Stultitiamque meum crimen debere uocari, 35
 Nomina si facto reddere uera uelis.
 Quae si non ita sunt, alium quo longius absim
 Quaere – suburbana haec sit mihi terra – locum.

7

Vade salutatum, subito perarata, Perillam
 Littera, sermonis fida ministra mei!
 Aut illam inuenies dulci cum matre sedentem
 Aut inter libros Pieridasque suas.
 Quicquid aget, cum te scierit uenisse, relinquet, 5
 Nec mora, quid uenias quidue, requiret, agam.
 Viuere me dices, sed sic ut uiuere nolim,
 Nec mala tam longa nostra leuata mora,
 Et tamen ad Musas, quamuis nocuere, reuerti
 Aptaque in alternos cogere uerba pedes. 10
 Tu quoque, dic, studiis communibus ecquid inhaeres
 Doctaque non patrio carmina more canis?

Meus olhos tornaram-se cúmplices de um mal funesto;
 E minha mente teme, como suas próprias feridas, aquela época,
 Com a recordação, renova-se a mesma dor, 30
 E tudo que pode causar uma grande vergonha
 Convém que seja escondido e encoberto por cega noite.
 Nada, então, posso dizer senão que erreí, mas não pretendi,
 Com aquele erro, tirar vantagem alguma,
 E estupidez é como se deve chamar o meu crime, 35
 Se um nome verdadeiro ao fato queres dar.
 Busca, se não é assim, outro lugar mais longe para eu ficar
 Onde esta terra me pareça um subúrbio de Roma.

7

Vai saudar, carta escrita às pressas, Perila,²⁶⁵
 Cúmplice fiel de minhas palavras!
 Ou a encontrarás junto à doce mãe sentada
 Ou entre os livros e suas Piérides.²⁶⁶
 O que esteja fazendo, ao saber de tua vinda, deixará 5
 Sem demora, por que vens ou que faço perguntará.
 Dirás que vivo, mas que assim preferia não viver,
 Que longo espaço de tempo meus males não remediou,
 E que às Musas, embora me tenham prejudicado, voltei-me
 E adequadas palavras reúno em pés alternados.²⁶⁷ 10
 Tu também, diz-lhe, aos estudos em comum te aplicas
 E doutos versos, não do costume paterno, compões?²⁶⁸

²⁶⁵ Elegia dedicada a sua enteada Perila, filha de Fábila, terceira mulher do poeta; assim como Ovídio, dedicava-se à poesia. Lechi (1993, p. 232, 1), contudo, questiona se tal nome grego poderia ser um pseudônimo, como aquele de Metela, mencionado em II, 437 e ss.

²⁶⁶ Piérides, ver III, 2, 3 e nota.

²⁶⁷ Dístico elegíaco.

²⁶⁸ De acordo com Lechi (1993, p. 232, nota 2), a expressão *non patrio more* pode se referir tanto ao fato, incomum em Roma, de uma mulher compor versos, quanto à língua adotada (que não seria o latim). Adotamos aqui uma terceira

Nam tibi cum fatis mores natura pudicos
 Et raras dotes ingeniumque dedit.
 Hoc ego Pegasidas deduxi primus ad undas, 15
 Ne male fecundae uena periret aquae.
 Primus id aspexi teneris in uirginis annis
 Vtque pater natae duxque comesque fui.
 Ergo si remanent ignes tibi pectoris idem,
 Sola tuum uates Lesbia uincet opus. 20
 Sed uereor ne te mea nunc fortuna retardet
 Postque meos casus sit tibi pectus iners.
 Dum licuit, tua saepe mihi, tibi nostra legebam,
 Saepe tui iudex, saepe magister eram;
 Aut ego praebebam factis modo uersibus aures, 25
 Aut, ubi cessares, causa ruboris eram.
 Forsitan exemplo, quia me laesere libelli,
 Tu quoque sis poenae fata secuta meae.
 Pone, Perilla, metum, tantummodo femina nulla
 Neue uir a scriptis discat amare tuis! 30
 Ergo desidiae remoue, doctissima, causas
 Inque bonas artes et tua sacra redi.
 Ista decens facies longis uitabitur annis
 Rugaque in antiqua fronte senilis erit,
 Incietque manum formae damnosa senectus, 35
 Quae strepitus passu non faciente uenit,
 Cumque aliquis dicet: "Fuit haec formosa", dolebis
 Et speculum mendax esse querere tuum.
 Sunt tibi opes modicae, cum sis dignissima magnis,
 Finge sed immensis censibus esse pares; 40

Pois a ti, junto com os fados, costumes pudicos,
 Raros dotes e talento a natureza te deu.
 Este eu primeiro conduzi às ondas de Pégaso,²⁶⁹ 15
 Para que, miseravelmente, a veia de fecunda água não secasse.
 Primeiro o observei em seus tenros anos virginais,
 E, qual um pai com sua filha, fui amigo e mentor.
 Então, se permanece em teu peito o mesmo ardor,
 Só a poeta de Lesbos superará teu trabalho.²⁷⁰ 20
 Mas temo que te detenha agora minha sorte
 E que após meus infortúnios tenhas a alma estéril.
 Enquanto pôde, tuas coisas sempre a mim lia, e eu, a ti, as minhas,
 Sempre era o teu crítico, sempre o mestre;
 Ou eu prestava os ouvidos a teus recentes versos, 25
 Ou, se estavas ociosa, fazia-te corar.
 Talvez, pelo meu exemplo, pois me arruinaram os livros,
 Também tu tenhas seguido o destino de minha punição.
 Deixa, Perila, o medo: basta que nenhuma mulher,
 Nem homem, aprenda por teus escritos a amar! 30
 Afasta, pois, ó doutíssima, as causas de tua inércia
 E às belas artes e a teu sacro afazer volta.
 Esse teu belo rosto será pelos longos anos deformado
 E a ruga senil na velha fronte aparecerá;
 E deitará mão a tua beleza a danosa velhice, 35
 Que chega sem fazer barulho ao andar,
 E quando alguém disser: “Esta foi formosa”, sofrerás
 E de ser teu espelho mentiroso te queixarás.
 Teus recursos são módicos, embora sejas digna de mais,
 Finge, porém, serem iguais a grandes riquezas; 40

interpretação, também contemplada por Lechi: a de que Perila fazia poesia com argumento diverso da de seu padastro, ou seja, de cunho não erótico (cf. também André, 1987, p. 80, nota 1).

²⁶⁹ A fonte de Hipocrene, que começou a jorrar no monte Hélicon após um coice do cavalo alado Pégaso, era consagrada à Musas.

²⁷⁰ Safo.

Nempe dat et quodcumque libet fortuna rapitque,
 Irus et est subito qui modo Croesus erat.
 Singula ne referam, nil non mortale tenemus
 Pectoris exceptis ingeniique bonis.
 En ego, cum caream patria uobisque domoque 45
 Raptaque sint adimi quae potuere mihi,
 Ingenio tamen ipse meo comitorque fruorque:
 Caesar in hoc potuit iuris habere nihil.
 Quilibet hanc saeuo uitam mihi finiat ense,
 Me tamen extincto fama superstes erit, 50
 Dumque suis uictrix omnem de montibus orbem
 Prospiciet domitum Martia Roma, legar.
 Tu quoque, quam studii maneat felicius usus,
 Effuge uenturos, qua potes usque, rogos!

8

Nunc ego Triptolemi cuperem consistere curru,
 Misit in ignotam qui rude semen humum;
 Nunc ego Medae uellem frenare dracones
 Quos habuit fugiens arce, Corinthe, tua;
 Nunc ego iactandas optarem sumere pennas, 5
 Siue tuas, Perseu, Daedale, siue tuas,
 Vt tenera nostris cedente uolatibus aura
 Aspicerem patriae dulce repente solum
 Desertaque domus uultus memoresque sodales

Sem dúvida a fortuna dá e tira o que quer,
 Quem antes era Creso, de repente é um Iro.²⁷¹
 Para não mencionar cada coisa, nada imortal possuímos,
 Exceto os bens do espírito e do engenho.
 Pois bem, embora me falte a pátria, vós e o lar, 45
 E me seja tirado tudo que arrebatou se pôde,
 Do meu engenho sou acompanhado e faço uso.
 César contra isso nenhum poder teve.
 Seja quem me ponha fim à vida com seva espada,
 Depois de minha morte, todavia, restará a fama, 50
 Enquanto a vencedora, de suas colinas, todo o orbe
 Contemplar, a Roma de Marte, lido serei.
 Também tu, para ser mais feliz a prática de tua paixão,
 Foge, como podes, das futuras piras!

8

Agora eu gostaria de estar sobre o carro de Triptólemo,
 Que lançou na inculta terra a primeira semente;²⁷²
 Agora eu queria conduzir os dragões que teve Medéia,
 Ao fugir de tua fortalezas, ó Corinto;²⁷³
 Agora eu gostaria de ter asas para bater, 5
 Sejam as tuas, ó Perseu, ou as tuas, ó Dédalo,²⁷⁴
 Para, com suaves brisas permitindo meu vôo,
 Avistar logo o doce solo pátrio,
 O aspecto da casa abandonada, os fiéis amigos

²⁷¹ Creso foi rei da Lídia, muito conhecido por sua riqueza; Iro é o mendigo que foi morto por Ulisses quando regressou a Ítaca (*Od.*, XVIII, 1 e ss).

²⁷² Por causa da hospitalidade que recebera em Elêusis, na casa de Triptólemo, Deméter deu ao herói um carro puxado por dragões alados, para que ele percorresse o mundo semeando grãos de trigo (Grimal, 1997, pp. 455a-456b).

²⁷³ Depois de matar o rei de Corinto, Creonte, sua filha Creúsa e seus próprios filhos, Medeia foi alçada aos céus no carro do Sol, puxado por dragões alados.

²⁷⁴ Perseu possui sandálias aladas, presente das Ninfas; sobre Dédalo, ver nota a I, 1, 90.

Caraque praecipue coniugis ora meae. 10
 Stulte, quid haec frustra uotis puerilibus optas
 Quae non ulla tibi fertque feretque dies?
 Si semel optandum est, Augusti numen adora
 Et, quem sensisti, rite precare deum.
 Ille tibi pennasque potest currusque uolucres 15
 Tradere: det redditum, protinus ales eris.
 Si precer hoc – neque enim possum maiora rogare –,
 Ne mea sint timeo uota modesta parum.
 Forsitan hoc olim, cum iam satiauerit iram,
 Tum quoque sollicita mente rogandus erit. 20
 Quod minus interea est, instar mihi muneris ampli,
 Ex his me iubeat quolibet ire locis!
 Nec caelum nec aquae faciunt nec terra nec aerae,
 Ei mihi perpetuus corpora languor habet!
 Seu uitiant artus aegrae contagia mentis, 25
 Siue mei causa est in regione mali,
 Vt tetigi Pontum, uexant insomnia uixque
 Ossa tegit macies nec iuuat ora cibus;
 Quique per autumnum percussis frigore primo
 Est color in foliis quae noua laesit hiems, 30
 Is mea membra tenet, nec uiribus adleuor ullis,
 Et numquam queruli causa doloris abest.
 Nec melius ualeo, quam corpore, mente, sed aegra est
 Vtraque pars aequae binaque damna fero.
 Haeret et ante oculos ueluti spectabile corpus 35
 Astat fortunae forma legenda meae;
 Cumque locum moresque hominum cultusque sonumque
 Cernimus, et qui sim qui fuerimque subit,
 Tantus amor necis est, querar ut cum Caesaris ira
 Quod non offensas uindicet ense suas. 40

E, sobretudo, a cara face de minha esposa. 10

Insensato, por que pedes em vão com votos pueris

Isso que nenhum dia te traz nem trará?

Se só uma vez podes pedir, a divindade de Augusto adora

E o deus, que bem conheces, invoca segundo o rito.

Asas e carros alados ele te pode dar: 15

Se te conceder o retorno, asas terás.

Se pedisse isso – pois não posso rogar maiores graças –

Temo que pouco modestos seriam meus votos.

Talvez um dia, quando tiver saciado a ira, também então

Deverá ser rogado com o espírito receoso. 20

Nesse ínterim, algo menor, igual para mim a grandes dádivas:

Que me mande deste lugar para onde quiser!

Nem o céu ou as águas me fazem bem, nem a terra ou o ar,

Ai de mim! uma eterna languidez o meu corpo toma!

Quer a alma enferma contagie meus membros, 25

Quer a causa de meu mal esteja na região,

Desde que toquei o Ponto, atormenta-me a insônia e mal

Cobre os ossos a magreza e não agrada a meu paladar a comida;

A cor outonal das folhas, atingidas pelo primeiro frio

E estragadas pelo novo inverno, 30

Essa é a de meus membros, nada me revigora,

E nunca me falta motivo de lamentosa dor.

Nem está melhor que o corpo o espírito: doentes estão

Ambas as parte por igual e um duplo mal padeço.

Apresenta-se fixa ante os olhos, como um corpo visível, 35

A imagem de minha sorte para ser contemplada;

E quando o lugar, os costumes dos homens, suas vestes e língua

Observo e o que sou e fui me vem à mente,

Tanta é a vontade de morrer, que me queixo da ira de César,

Por suas ofensas não vingar com a espada. 40

At quoniam semel est odio ciuilitus usus,
Mutato leuior sit fuga nostra loco!

9

Hic quoque sunt igitur Graiae – quis crederet? – urbes
Inter inhumanae nomina barbariae;
Huc quoque Mileto missi uenere coloni
Inque Getis Graias constituere domos.
Sed uetus huic nomen positaque antiquius urbe 5
Constat ab Absyrti caede fuisse loco.
Nam rate quae cura pugnacis facta Mineruae
Per non temptatas prima cucurrit aquas
Impia desertum fugiens Medea parentem
Dicitur his remos adplicuisse uadis. 10
Quem procul ut uidit tumulo speculator ab alto,
"Hospes, ait, nosco, Colchide, uela, uenit!"
Dum trepidant Minyae, dum soluitur aggere funis,
Dum sequitur celeres ancora tracta manus,
Conscia percussit meritorum pectora Colchis 15
Ausa atque ausura multa nefanda manu;
Et, quamquam superest ingens audacia menti,
Pallor in attonitae uirginis ore fuit.
Ergo ubi prospexit uenientia uela: "Tenemur
Et pater est aliqua fraude morandus", ait. 20

Mas como uma vez me tratou com moderação em seu ódio,
Com a mudança de lugar, que seja mais leve meu exílio!

9

Há, pois, também aqui cidades graias – quem acreditaria? –²⁷⁵

Entre nomes de inumana barbárie;

Aqui também chegaram colonos de Mileto enviados

E, entre os getas, levantaram casas graias.

Mas o velho nome deste lugar, mais antigo que a fundação 5

Da cidade, é certo que veio do assassinato de Absirto.²⁷⁶

Pois naquela nau, construída sob os cuidados de Minerva guerreira,

Que por mares nunca sulcados, primeira navegou,

A ímpia Medéia, fugindo do pai abandonado,

Dizem, os remos dirigiu a estes litorais. 10

Ao avistá-lo ao longe o sentinela do alto de uma elevação:

“Um estrangeiro”, disse, “conheço as velas, vem da Cólquida!”

Enquanto se apressam os mínias²⁷⁷ e se solta a amarra do molhe,

Enquanto segue às mãos velozes a âncora arrastada,

Ciente de sua culpa, batia no peito Medéia com a mão 15

Que ousou e ousaria tantos crimes nefandos;

E, embora seja enorme a audácia de seu espírito,

A palidez cobria a face da virgem atônita.

Assim, logo que viu se aproximando a vela: “Fomos pegos”,

Disse, “e meu pai devemos deter com algum ardil”. 20

²⁷⁵ Graio, o mesmo que grego.

²⁷⁶ Depois de ajudar Jasão a se apoderar do velo de ouro, Medéia fugiu com ele. Para escapar à perseguição do pai Eetes, rei da Cólquida, ela, após matar e esquartejar o irmão Absirto, espalhou seus membros pelo caminho. Quando Eetes acabou de recolher os pedaços do cadáver, Jasão e Medéia já haviam fugido; então o rei alcançou o porto mais próximo, na cidade de Tomos, onde sepultou o filho (Grimal, 1997, p. 44b). Ovídio narra nesta elegia a origem mítica do nome Tomos, filiando-o à raiz grega *τεω-/τω-*, que está na base de palavras como *τομή*, “o corte”, e *τόμος*, “pedaço cortado” (ver III, 33-34).

²⁷⁷ Assim eram chamados os companheiros de Jasão, que, segundo Lechi (1993, p. 241, nota 3), uma certa tradição os considera descendentes de Mínias, herói epônimo dos habitantes de sua cidade Orcómeno, na Beócia (cf. também Grimal, 1997, p. 313a).

Dum quid agat quaerit, dum uersat in omnia uultus,
 Ad fratrem casu lumina flexa tulit.
 Cuius ut oblata est praesentia: "Vicimus, inquit;
 Hic mihi morte sua causa salutis erit."
 Protinus ignari nec quicquam tale timentis 25
 Innocuum rigido perforat ense latus
 Atque ita diuellit diuulsaque membra per agros
 Dissipat in multis inuenienda locis
 - Neu pater ignoret, scopulo proponit in alto
 Pallentesque manus sanguineumque caput - , 30
 Vt genitor luctuque nouo tardetur et, artus
 Dum legit extinctos, triste moretur iter.
 Inde Tomis dictus locus hic, quia fertur in illo
 Membra soror fratris consecuisse sui.

10

Si quis adhuc istic meminit Nasonis adempti
 Et superest sine me nomen in Vrbe meum,
 Subpositum stellis numquam tangentibus aequor
 Me sciat in media uiuere barbaria.
 Sauromatae cingunt, fera gens, Bessique Getaeque, 5
 Quam non ingenio nomina digna meo!
 Dum tamen aura tepet, medio defendimur Histro:
 Ille suis liquidis bella repellit aquis.
 At cum tristis hiems squalentia protulit ora,
 Terraque marmoreo est candida facta gelu, 10
 Dum parat et Boreas et nix habitare sub Arcto,
 Tum patet has gentes axe tremante premi.

Enquanto pensa no que fazer, vira o rosto para todos os lados,
 Ao irmão, por acaso, voltou os agitados olhos.
 Quando sentiu sua presença: “Vencemos”, disse,
 “Este, com sua morte, será minha salvação.”
 Prontamente traspassa com rija espada o flanco inocente 25
 Do ignaro que não temia tal ato.
 E assim o esquarteja e os membros decepados pelos campos
 Espalha, a fim de serem encontrados em diversos lugares
 – Para que o pai não os ignorasse, num alto rochedo coloca
 As lívidas mãos e a ensangüentada cabeça – 30
 De modo que seu pai se detenha com o novo luto e, enquanto recolhe
 Os extintos membros, retarde seu funesto caminho.
 Daí chamou-se Tomos este lugar, porque, conta-se, foi aqui
 Que os membros de seu irmão a irmã despedaçou.

10

Se alguém aí se lembra ainda de Nasão, o proscrito,
 E sobrevive sem mim meu nome na Cidade,
 Deixado sob as estrelas que nunca tocam o oceano,²⁷⁸
 Saiba que vivo em meio aos bárbaros.
 Os sármatas, fero povo, cercam-me, e os bessos²⁷⁹ e os getas, 5
 Quão indignos são tais nome de meu engenho!
 Porém, se está quente o ar, somos protegidos pelo Istro interposto:
 Ele, fluindo, as guerras repele com suas águas.
 Mas, quando o infausto inverno mostra sua face esquálida,
 E a terra se torna branca pelo gelo marmóreo, 10
 Ao se prepararem o Bóreas²⁸⁰ e a neve para habitar sob a Ursa,
 Então fica claro que este povo é molestado pelo frio pólo.

²⁷⁸ A constelação da Ursa Maior nunca se põe no horizonte (cf. nota a I, 2, 29).

²⁷⁹ Os bessos eram um povo selvagem da Trácia.

²⁸⁰ Vento do norte, da região da constelação da Ursa (cf. *ibid.*).

Nix iacet, et iactam ne sol pluuiæque resoluant,
 Indurat Boreas perpetuamque facit.
 Ergo ubi deliquit nondum prior, altera uenit 15
 Et solet in multis bima manere locis;
 Tantaque commoti uis est Aquilonis ut altas
 Aequet humo turres tectaque rapta ferat.
 Pellibus et sutis arcent mala frigora braxis,
 Oraque de toto corpore sola patent. 20
 Saepe sonant moti glacie pendente capilli,
 Et nitet inducto candida barba gelu;
 Nudaque consistunt formam seruantia testae
 Vina, nec hausta meri, sed data frusta bibunt.
 Quid loquar ut uincti concrecant frigore riui 25
 Deque lacu fragiles effodiantur aquae?
 Ipse papyrifero qui non angustior amne
 Miscetur uasto multa per ora freto
 Caeruleos uentis latices durantibus Hister
 Congelat et tectis in mare serpit aquis; 30
 Quaque rates ierant, pedibus nunc itur et undas
 Frigore concretas ungula pulsat equi;
 Perque nouos pontes subter labentibus undis
 Ducunt Sarmatici barbara plaustra boues.
 Vix equidem credar, sed, cum sint praemia falsi 35
 Nulla, ratam debet testis habere fidem.
 Vidimus ingentem glacie consistere pontum,
 Lubricaque inmotas testa premebat aquas.
 Nec uidisse sat est, durum calcauimus aequor,
 Vndaque non udo sub pede summa fuit. 40

A neve se estende e, precipitada, para que nem sol ou chuva a dissolvam,
 Bóreas a endurece e eterna a torna.

Assim, quando ainda não derreteu a primeira, cai outra 15

E costuma, em muitas lugares, durar dois anos;
 E é tamanha a força do violento Aquilão²⁸¹, que altas
 Torres lança ao chão e os arrancados tetos leva.
 Com peles e cosidas bragas afugentam o frio terrível,²⁸²

E, de todo o corpo, só resta o rosto descoberto. 20

Amiúde, pelo gelo pendurado, tilinta o cabelo ao balançar
 E reluz, branca pelo gelo depositado, a barba;
 Solidifica-se, conservando a forma do jarro, o vinho aberto;
 Não goles de vinho, mas pedaços dele formados bebem.

Que direi dos endurecidos regatos que congelam com o frio 25

E do lago de que se extrai uma água quebradiça?
 Também este, não menos amplo que o rio fértil em papiro²⁸³
 E que se confunde pelas muitas bocas com o vasto mar,
 O Istro, endurecendo os ventos suas águas cerúleas, congela-se

E, com as águas encobertas, corre para o mar; 30

E onde passavam as naus, vai-se agora com os pés,
 E nas ondas duras pelo frio bate o casco do cavalo;
 Por novas pontes, sobre as águas que correm abaixo,
 Puxam os bois sármatas bárbaros carros.

Certamente será difícil crer em mim, mas não havendo vantagem 35

Alguma em mentir, a testemunha merece total confiança.
 Vi o ingente mar coagulado pelo gelo
 E uma lisa casca encerrando as águas imóveis.
 Não me foi suficiente ter visto: pisei o mar endurecido

E a superfície da água sob o pé enxuto estive. 40

²⁸¹ Vento boreal que vinha da Trácia, lugar para onde avançava a nau (cf. G. Ferrara, 1944, pp. 66-67).

²⁸² De acordo com Lechi (1993, p. 245, nota 7), essas eram as vestimentas usadas pelos bárbaros. As *bracae* eram um tipo de calça larga, apertada em baixo, e muito usadas pelos persas, indianos, gauleses, germanos etc (cf. Saraiva.).

²⁸³ O Nilo.

Si tibi tale fretum quondam, Leandre, fuisset,
 Non foret angustae mors tua crimen aquae.
 Tum neque se pandi possunt delphines in auras
 Tollere – conantes dura coercet hiems –
 Et, quamuis Boreas iactatis insonet alis, 45
 Fluctus in obsessio gurgite nullus erit;
 Inclusaeque gelu stabunt in marmore puppes,
 Nec poterit rigidas findere remus aquas.
 Vidimus in glacie pisces haerere ligatos,
 Sed pars ex illis tum quoque uiua fuit. 50
 Siue igitur nimii Bora uis saeua marinas,
 Siue redundatas flumine cogit aquas,
 Protinus aequato siccis Aquilonibus Histro
 Inuehitur celeri barbarus hostis equo;
 Hostis equo pollens longeque uolante sagitta 55
 Vicinam late depopulatur humum.
 Diffugiunt alii nullisque tumentibus agros
 Incustoditae diripiuntur opes,
 Ruris opes paruae, pecus et stridentia plaustra
 Et quas diuitias incola pauper habet. 60
 Pars agitur uinctis post tergum capta lacertis
 Respiciens frustra rura laremque suum;
 Pars cadit hamatis misere confixa sagittis,
 Nam uolucris ferro tinctile uirus inest.
 Quae nequeunt secum ferre aut abducere perdunt 65
 Et cremat insontes hostica flamma casas.
 Tum quoque, cum pax est, trepidant formidine belli,
 Nec quisquam presso uomere sulcat humum.

Se outrora te houvesse, ó Leandro, tal mar,
 Não seria tua morte culpa de um estreito.²⁸⁴
 Nessa época, não podem os curvos golfinhos se alçar aos ares
 – O inverno rigoroso detém suas tentativas –
 E, por mais que ressoe o Bóreas com suas asas agitadas, 45
 Nenhuma onda se formará no bloqueado abismo;
 E presas as quilhas ficarão no mármore glacial,
 Nem poderá as rígidas águas fender o remo.
 Vi peixes imóveis no gelo fixados,
 Mas parte deles ainda vivia. 50
 Assim, se a força cruel do desmedido Bóreas as águas
 Marinhas condensa ou se as do rio transbordadas,
 Logo, aplainado o Istro pelo seco Aquilão,
 Avança o bárbaro inimigo sobre cavalos velozes;
 O inimigo, potente pelos cavalos e setas que voam longe, 55
 Devasta por inteiro a terra vizinha.
 Uns fogem e, como ninguém defende os campos,
 Os haveres desprotegidos são saqueados:
 Os escassos bens do campo, o gado e os rangentes carros,
 E as riquezas que o miserável habitante possui. 60
 Parte é levada presa com os braços amarrados nas costas,
 Volvendo o olhar inutilmente aos campos e seu lar;
 Parte cai, impiedosamente trespassada pelas setas aduncas,
 Pois o ferro alado está untado de veneno.
 O que não podem roubar ou consigo levar, destroem, 65
 E queima a inimiga chama os inocentes casebres.
 Mesmo quando há paz, tremem de medo da guerra,
 E ninguém, fincando o arado, lavra a terra.

²⁸⁴ Leandro, um jovem de Abido, era amante de Hero, sacerdotisa de Vênus, que vivia em Sesto, cidade situada às margens do Helesponto (atual Mar de Mármara), na frente de Abido. Para ver a amante, o jovem atravessava o estreito todas as noites a nado, guiado pela luz da vela que Hero acendia no alto da torre de sua casa. Mas, em uma noite de tempestade, a vela se apagou e Leandro não conseguiu encontrar a costa, vindo a morrer, então, no mar (Grimal, 1997, p. 271b).

Aut uidet aut metuit locus hic quem non uidet hostem;
 Cessat iners rigido terra relictā situ. 70
 Non hic pampinea dulcis latet uua sub umbra,
 Nec cumulant altos feruida musta lacus.
 Poma negat regio, nec haberet Acontius in quo
 Scriberet hic dominae uerba legenda suae.
 Aspiceres nudos sine fronde, sine arbore campos: 75
 Heu loca felici non adeunda uiro!
 Ergo tam late pateat cum maximus orbis,
 Haec est in poenam terra reperta meam!

11

Si quis es, insultes qui casibus, improbe, nostris,
 Meque reum dempto fine cruentus agas,
 Natus es e scopulis et pastus lacte ferino,
 Et dicam silices pectus habere tuum.
 Quis gradus ulterior quo se tua porrigat ira 5
 Restat? quidue meis cernis abesse malis?
 Barbara me tellus et inhospita litora Ponti
 Cumque suo Borea Maenalis ursa uidet.
 Nulla mihi cum gente fera commercia linguae;
 Omnia solliciti sunt loca plena metus; 10
 Vtque fugax audis ceruus deprensus ab ursoris
 Cinctaue montanis ut pauet agna lupis,
 Sic ego belligeris a gentibus undique saeptus
 Terreor hoste meum paene premente latus.

Este país ou vê o inimigo ou o teme sem vê-lo;
 Fica estéril a terra abandonada neste gélido lugar. 70
 Aqui a doce uva não se oculta na sombra das parreiras,
 Nem enchem as fundas cubas o mosto fermentado.
 Esta região não dá frutos, nem teria Acôncio aqui onde
 Escrever as palavras que devia ler sua amada.²⁸⁵
 Verias²⁸⁶ os campos vazios, sem uma folha, sem árvores, 75
 Lugares, ai! que não deve um homem feliz visitar!
 Enfim, embora seja muito extenso o vastíssimo mundo,
 Esta foi a terra encontrada para meu castigo!

11

Se és tu que zombas, pérfido, de meus infortúnios,
 E, cruel, sem trégua me acusas,
 Nascestes de rochas e foste criado com leite de fera,
 E direi que tens pedra em lugar do coração.
 Até que ponto ainda pode chegar tua ira? 5
 Ou que achas que falta a meus males?
 Uma terra bárbara e os inóspitos litorais do Ponto
 E, com seu Bóreas, a Ursa de Mélanos²⁸⁷ me observam.
 Não tenho nenhum trato com a língua deste fero povo,
 Todo lugar está cheio de um inquietante medo; 10
 E como o cervo em fuga capturado por ávidos ursos
 E a ovelha rodeada de lobos monteses temem,
 Assim eu, de todos os lados cercado por povos belicosos,
 Aterrorizo-me, tendo o inimigo quase ao meu lado.

²⁸⁵ Acôncio, que vivia na ilha de Celos, enamorou-se pela beleza de Cidipe e, para conseguir desposá-la, escreveu sobre um marmelo uma frase, com a qual a jovem faria um juramento, em nome de Ártemis, de se casar com ele. Depois, jogou a fruta na direção da moça que a pegou e, inocentemente, a leu em voz alta, ficando, assim, a ele ligada por juramento (Grimal, 1997, p. 4ab; cf. *Ov. Her.* XX e XXI).

²⁸⁶ Sujeito semanticamente indeterminado (ver I, 2, 20 e II, 152).

²⁸⁷ Ménalo é um monte da Arcádia. Sobre o mito da transformação de Calisto na constelação Ursa Maior, ver nota a I, 3, 48.

Vtque sit exiguum poenae quod coniuge cara, 15
 Quod patria careo pignoribusque meis,
 Vt mala nulla feram nisi nudam Caesaris iram,
 Nuda parum nobis Caesaris ira mali est?
 Et tamen est aliquis qui uulnera cruda retractet,
 Soluat et in mores ora diserta meos. 20
 In causa facili cuiuis licet esse diserto
 Et minimae uires frangere quassa ualent.
 Subruere est arces et stantia moenia uirtus:
 Quamlibet ignaui praecipitata premunt.
 Non sum ego quod fueram. Quid inanem proteris umbram? 25
 Quid cinerem saxis bustaque nostra petis?
 Hector erat tunc cum bello certabat, at idem
 Vinctus ad Haemonios non erat Hector equos.
 Me quoque quem noras olim, non esse memento;
 Ex illo superant haec simulacra uiro. 30
 Quid simulacra, ferox, dictis incessis amaris?
 Parce, precor, manes sollicitare meos!
 Omnia uera puta mea crimina, nil sit in illis
 Quod magis errorem quam scelus esse putes,
 Pendimus en profugi – satia tua pectora – poenas 35
 Exilioque graues exiliique loco.
 Carnifici fortuna potest mea flenda uideri:
 Et tamen est uno iudice mersa parum.
 Saeuior es tristi Busiride, saeuior illo
 Qui falsum lento torruit igne bouem, 40
 Quique bouem Siculo fertur donasse tyranno

E ainda que seja um castigo pequeno estar longe 15

Da querida esposa, da pátria e do que me é caro,

Ainda que não tenha outros males, salvo a nua ira de César,

É pouco mal para mim a nua ira de César?

E há, todavia, alguém que as cruas feridas reabre

E lança contra meus costumes sua língua fecunda. 20

Em causa fácil, qualquer um pode ser eloqüente

E mínimas forças bastam para quebrar o que está abalado.

Destruir fortalezas e firmes muros é muito valoroso:

A bel prazer pisam os covardes no que já caiu.

Já não sou o que era. Por que pisas numa sombra vã? 25

Por que em minhas cinzas e túmulo jogas pedra?

Era Heitor quando pelejava na guerra, mas aquele

Amarrado aos cavalos emônios não era Heitor.²⁸⁸

Lembra que também eu não sou quem outrora conheceras;

Daquele homem só resta este fantasma. 30

Por que este fantasma, ó cruel, agrides com amargas palavras?

Deixa, peço, de molestar meus Manes.

Considera verdadeiros todos os meus crimes, nada haja neles

Que possas crer ser mais um erro que um crime,

Pois bem, estou banido – sacia teu coração – suportando penas 35

Graves pelo exílio e pelo lugar do exílio.

Até ao carrasco minha sorte pode parecer digna de choro:

Todavia, para um único juiz, parece ter se afundado pouco.

És mais cruel que o desumano Busíris²⁸⁹, mais cruel que aquele

Que o falso boi queimou em fogo brando,²⁹⁰ 40

E que aquele que, conta-se, deu o boi ao tirano siciliano

²⁸⁸ Aquiles, natural da Tessália, também chamada Emônia, arrastou em volta dos muros de Tróia o cadáver de Heitor, amarrado a seus cavalos (cf. nota a I, 9, 30).

²⁸⁹ Busíris foi um rei egípcio notável por sua crueldade. Conta-se que Frásio, um adivinho de Chipre, aconselhara Busíris a sacrificar a Zeus, todos os anos, um estrangeiro, para acabar com a seca que assolava o Egito. O rei seguiu seu conselho prontamente, sacrificando o próprio Frásio (Grimal, 1997, p. 63b).

²⁹⁰ Fálaris, tirano da Sicília, costumava queimar em um boi de bronze os condenados; o primeiro foi Perilo, o próprio inventor do boi (citado no verso seguinte, 41; Montero, 2002, p. 104, nota 39).

Et dictis artes conciliasse suas:
 "Munere in hoc, rex, est usus, sed imagine maior,
 Nec sola est operis forma probanda mei.
 Aspicias a dextra latus hoc adapertile tauri? 45
 Hac tibi quem perdes coniciendus erit.
 Protinus inclusum lentis carbonibus ure:
 Mugiet et ueri uox erit illa bouis.
 Pro quibus inuentis, ut munus munere penses,
 Da, precor, ingenio praemia digna meo!" 50
 Dixerat, at Phalaris: "Poenae mirande repertor,
 Ipse tuum praesens imbue, dixit, opus!"
 Nec mora, monstratis crudeliter ignibus ustus
 Exhibuit geminos ore gemente sonos.
 Quid mihi cum Siculis inter Scythiamque Getasque? 55
 Ad te, quisquis is es, nostra querela redit.
 Vtque sitim nostro possis explere cruore,
 Quantaque uis auido gaudia corde feras;
 Tot mala sum fugiens tellure, tot aequore passus
 Te quoque ut auditis posse dolere putem. 60
 Crede mihi, si sit nobis collatus Vlixes,
 Neptunine minor est quam Iouis ira fuit.
 Ergo quicumque es, rescindere crimina noli
 Deque graui duras uulnere tolle manus,
 Vtque meae famam tenuent obliuia culpa, 65
 Facta cicatricem ducere nostra sine;
 Humanaeque memor sortis, quae tollit eosdem
 Et premit, incertas ipse uerere uices.
 Et quoniam, fieri quod numquam posse putauit,
 Est tibi de rebus maxima cura meis, 70
 Non est quod timeas: fortuna miserrima nostra est;

E que, com estas palavras, recomendou sua invenção:
 “Este presente, ó rei, é útil, porém é mais que uma imagem:
 Não só a beleza de minha obra deves apreciar.
 Vês que o lado direito do touro é fácil de abrir? 45
 Por aqui, quem quiseses dar à morte, deverás atirar.
 Logo o encerrado com lentas brasas faz queimar:
 Mugirá e sua voz será de um verdadeiro boi.
 Por este invento, para compensares presente com presente,
 Dá, peço, um prêmio digno de meu engenho!” 50
 Assim disse, mas Fálaris: “Ó admirável inventor do suplício,”
 Retrucou, “tu mesmo em pessoa estréia tua obra!”
 Sem demora, cruelmente consumido pelo fogo já mencionado,
 Soltou duplos lamentos com boca lamentosa.²⁹¹
 O que tenho com os sicilianos, entre citas e getas? 55
 Contra ti, sejam quem fores, minha queixa se volta.
 Para que possas com meu sangue saciar tua sede,
 E leves quanta alegria queiras em teu ávido coração,
 Tantos males eu, em fuga, por terra e tantos por mar sofri,
 Que também tu, julgo, ao ouvi-los te condoerias. 60
 Acredita-me, se a mim for comparado Ulisses,
 É menor de Netuno a cólera que foi a de Júpiter.²⁹²
 Então, quem quer que sejas, não reabras meus crimes
 Da dolorosa ferida tira tuas mãos cruéis,
 E, para que o esquecimento atenuie a fama de minha culpa, 65
 Permita que meus atos se cicatrizem;
 Lembrado da sorte humana, que levanta e derruba os mesmos,
 Teme também tu as incertas vicissitudes.
 E já que, o que nunca pensei que pudesse acontecer,
 Tens uma grande preocupação com minha situação, 70
 Não tenhas medo, minha sorte é a mais infeliz:

²⁹¹ “Duplos” aqui faz referência ao grito do homem e ao mugido que ecoava do animal de bronze.

²⁹² O deus Netuno passou a perseguir Ulisses depois que ele furou o olho de seu filho, o ciclope Polifemo. Júpiter aqui faz referência a César.

Omne trahit secum Caesaris ira malum.
Quod magis ut liqueat neue hoc ego fingere credar,
Ipse uelim poenas experiare meas.

12

Frigora iam Zephyri minuunt, annoque peracto
Longior antiquis uisa Maeotis hiems,
Impositamque sibi qui non bene pertulit Hellen
Tempora nocturnis aequa diurna facit.
Iam uiolam puerique legunt hilaresque puellae 5
Rustica quae nullo nata serente uenit,
Prataque pubescunt uariorum flore colorum
Indocilique loquax gutture uernat auis;
Vtque malae matris crimen deponat hirundo,
Sub trabibus cunas tectaque parua facit, 10
Herbaque, quae latuit Cerealibus obruta sulcis,
Exit et expandit molle cacumen humo;
Quoque loco est uitis, de palmite gemma mouetur:
Nam procul a Getico litore uitis abest;
Quoque loco est arbor, turgescit in arbore ramus: 15
Nam procul a Geticis finibus arbor abest.
Otia nunc istic, iunctisque ex ordine ludis
Cedunt uerbosi garrula bella fori.

A ira de César todo mal arrasta consigo.
Para que isso te fique mais evidente e não penses que inventei tudo,
Gostaria que tu mesmo provasses de meu castigo.

12

Os Zéfiro²⁹³ agora amenizam o frio, e, terminado o ano,
Mais longo que os anteriores me pareceu o inverno meótico,²⁹⁴
E aquele que não levou com êxito Hele sobre si
A duração da noite faz igual à do dia.²⁹⁵
Agora a violeta colhem meninos e risonhas meninas, 5
A qual nasceu silvestre, sem que ninguém a semeasse.
E os prados cobrem-se de flores de cores várias,
E a chilreante ave espontaneamente põe-se a gorjear;
E a andorinha, para apagar o crime da ímpia mãe,²⁹⁶
Sob vigas faz seus ninhos e pequenos abrigos, 10
E a erva, que se esconde enterrada nos sulcos de Ceres,²⁹⁷
Brota da terra e mostra o tenro rebento;
E lá onde existe vinha, desponta o gomo da cepa:
Pois longe do litoral gético existe vinha;
Lá onde existe árvore, brota na árvore o ramo: 15
Pois longe dos limites géticos existe árvore.
Aí, agora, há ócios, e a jogos que se sucedem continuamente
Dão lugar as ruidosas disputas do verboso fórum.²⁹⁸

²⁹³ O Zéfiro, que sopra do ocidente, é o vento primaveril por excelência.

²⁹⁴ Dos meotas, isto é, dos cítijs. Alude à lagoa meótica (*maeotis palus*), hoje Mar de Azov, a qual está unida ao Ponto Euxino pelo estreito do Bósforo cimério (cf. Saraiva; ver também III, 4b e nota).

²⁹⁵ A constelação do Carneiro (Áries), a qual indica o início da primavera, originou-se do carneiro do velo de ouro que transportou Hele e seu irmão Frixo, quando fugiam da morte e do ódio da madrastra Ino. Hele, desafortunadamente, caiu no mar, que passou a se chamar Helesponto (atual Mar de Mármara; cf. Lechi, 1993, p. 256, nota 2; Montero, 2002, p. 104, nota 41, André, 1987, p. 91, nota 3).

²⁹⁶ Ver II, 390 e nota.

²⁹⁷ Ceres, identificada com a deusa grega Deméter, presidia à agricultura.

²⁹⁸ Aconteciam, durante a primavera, os *Ludi Cerealis*, *Floralis* e *Megalenses*, correspondendo às festividades dedicadas, respectivamente, a Ceres, Flora e Cibele, divindades relacionadas à vegetação e ao cultivo dos campos (Lechi, 1993, p. 257, nota 4).

Vsus equi nunc est, leuibus nunc luditur armis,
 Nunc pila, nunc celeri uoluitur orbe trochus; 20
 Nunc ubi perfusa est oleo labente iuuentus,
 Defessos artus Virgine tingit aqua.
 Scaena uiget studiisque fauor distantibus ardet,
 Proque tribus resonant terna theatra foris.
 O quater et quotiens non est numerare beatum, 25
 Non interdicta cui licet Vrbe frui!
 At mihi sentitur nix uerno sole soluta,
 Quaeque lacu durae non fodiantur aquae;
 Nec mare concrescit glacie nec, ut ante, per Histrum
 Stridula Sauromates plaustra bubulcus agit. 30
 Incipient aliquae tamen huc adnare carinae
 Hospitaeque in Ponti litore puppis erit.
 Sedulus occurram nautae dictaque salute
 Quid ueniat quaeram quisue quibusue locis.
 Ille quidem mirum ni de regione propinqua 35
 Non nisi uicinas tutus ararit aquas.
 Rarus ab Italia tantum mare nauita transit,
 Litora rarus in haec portubus orba uenit.
 Siue tamen Graeca scierit, siue ille Latina
 Voce loqui – certe gratior huius erit – 40
 (Fas quoque ab ore freti longaeque Propontidos undis
 Huc aliquem certo uela dedisse Noto),
 Quisquis is est, memori rumore uoce referre
 Et fieri famae parsque gradusque potest.
 Is precor auditos possit narrare triumphos 45
 Caesaris et Latio reddita uota Ioui

Ora compete-se a cavalo, ora duela-se com ligeiras armas,
 Ora a bola, ora o aro em giro rápido roda; 20
 Ora os jovens, untados de gorduroso óleo,²⁹⁹
 Os membros cansados banham em água virginal.³⁰⁰
 Os espetáculos florescem e ardem os aplausos conforme gostos diversos
 E, ao invés dos três Fóruns, ressoam os três teatros.³⁰¹
 É feliz quatro vezes, e quantas mais que não se pode contar, 25
 Quem pode desfrutar de Roma, que não lhe é interdita!
 Mas eu só a neve dissolvida pelo sol aprecio,
 E as águas que não mais são extraídas duras do lago;
 Nem o mar se condensa em gelo, nem, como antes, pelo Istro
 Conduz o carreiro sármata os rangentes carros. 30
 Começarão, contudo, a chegar aqui alguns navios
 E alguma nau estrangeira haverá no litoral do Ponto.
 Apressado, irei ao encontro do marinheiro e, saudando-o,
 Por que venha, perguntarei, e quem é e de que lugar.
 Será, por certo, surpreendente que não venha de uma região próxima 35
 E que tenha sulcado, sem perigo, senão as águas vizinhas.
 Raramente um navegante da Itália um mar tão vasto atravessa,
 Raramente a este litoral privado de portos chega.
 Se, todavia, saiba falar grego ou latim
 – Esta língua certamente me será mais agradável – 40
 (É também possível que alguém, da entrada do estreito e das águas
 Do longo Propôntis, com o Noto favorável, velejasse até aqui),³⁰²
 Quem quer que seja, pode contar as novidade com voz memoriosa
 E tornar-se uma parte e o instrumento dos boatos.
 Que saiba e possa, é meu desejo, narrar os triunfos de César 45
 E os votos oferecidos a Júpiter Latino

²⁹⁹ Os atletas se untavam com *ceroma*, unguento composto de óleo e cera (Velloso, 1942, p. 137, nota 4).

³⁰⁰ A *aqua uirgo*, a água mais fresca de Roma, era trazida pelo aqueduto construído por Agripa em 19 a.C. para alimentar as termas (Lechi, 1993, p. 257, nota 6; André, 1987, p. 92 nota 2).

³⁰¹ O Fórum Romano, o de César e o de Augusto; sobre os três teatros, ver III, 1, 70 e nota.

³⁰² Alude ao estreito de Dardanelos e ao Mar de Mármara (Propôntis).

Teque, rebellatrix, tandem, Germania, magni
 Triste caput pedibus subposuisse ducis.
 Haec mihi qui referet, quae non uidisse dolebo,
 Ille meae domui protinus hospes erit. 50
 Ei mihi! iamne domus Scythico Nasonis in orbe est?
 Iamque suum mihi dat pro Lare poena locum?
 Di facite ut Caesar non hic penetrare domumque,
 Hospitium poenae sed uelit esse meae.

13

Ecce superuacuu – quid enim fuit utile gigni? –
 Ad sua natalis tempora noster adest.
 Dure, quid ad miseros ueniebas exulis annos?
 Debueras illis imposuisse modum.
 Si tibi cura mei, uel si pudor ullus inesset, 5
 Non ultra patriam me sequerere meam,
 Quoque loco primum tibi sum male cognitus infans,
 Illo temptasses ultimus esse mihi
 Inque relinquendo, quod idem fecere sodales,
 Tu quoque dixisses tristis in urbe "Vale". 10
 Quid tibi cum Ponto? num te quoque Caesaris ira
 Extremam gelidi misit in orbis humum?
 Scilicet expectas solitum tibi moris honorem,
 Pendeat ex umeris uestis ut alba meis,
 Fumida cingatur florentibus ara coronis 15
 Micaque solemni turis in igne sonet
 Libaque dem proprie genitale notantia tempus
 Concipiamque bonas ore fauente preces?

E que tu, finalmente, ó rebelde Germânia, aos pés do grande
 General tenhas curvado a tua cabeça.
 Quem me contar essas coisas, que lamentarei não ter visto,
 De imediato será um hóspede em minha casa. 50
 Ai de mim! agora a casa de Nasão é no país crítico?
 Agora o lugar de meu castigo é meu Lar?
 Ó deuses, fazei que César não queira que aqui seja meu lar e casa,
 Mas somente hospedagem durante minha condenação!

13

Eis que inútil – de que me serviu ter nascido? –
 Chega a seu tempo o gênio natalício.³⁰³
 Ó cruel, por que tornaste aos infelizes anos de um exilado?
 Devias ter posto fim neles.
 Se te preocupasses comigo ou tivesses algum pudor, 5
 Além da pátria não me seguirias,
 E onde pela primeira vez, que desgraça!, me conhecestes criança,
 Lá deverias ter tentado ser meu último,
 E, na partida, como fizeram os amigos, também tu,
 Desolado, deverias na Cidade ter me dito “adeus”. 10
 Que tens com o Ponto? Acaso a ira de César também a ti
 Enviou a esta terra nos confins de um gélido mundo?
 Certamente esperas as costumeiras homenagens:
 Que uma alva veste penda de meus ombros,
 Que um fumegante altar seja cingido de coroas de flores, 15
 Que grãos de incenso crepitem no fogo solene,
 Que eu ofereça os pães que marcam propriamente o dia natalício
 E formule auspiciosos pedidos com voz propícia?

³⁰³ Esta elegia é sobre o aniversário de Ovídio, cuja data é 20 de março. O *genius natalis* era um deus particular, que acompanhava cada indivíduo desde seu nascimento até a morte (o ritual oferecido a essa divindade está descrito nos vv. 13-18; cf. Saraiva).

Non ita sum positus nec sunt ea tempora nobis
 Aduentu possim laetus ut esse tuo. 20
 Funeris ara mihi ferali cincta cupressu
 Conuenit et structis flamma parata rogis.
 Nec dare tura libet nihil exorantia diuos,
 In tantis subeunt nec bona uerba malis.
 Si tamen est aliquid nobis hac luce petendum, 25
 In loca ne redeas amplius ista precor,
 Dum me terrarum pars paene nouissima, Pontus
 Euxinus falso nomine dictus, habet.

14

Cultor et antistes doctorum sancte uirorum,
 Quid facis ingenio semper amice meo?
 Ecquid, ut incolumem quondam celebrare solebas,
 Nunc quoque ne uidear totus abesse, caues?
 Conficis exceptis ecquid mea carmina solis 5
 Artibus artifici quae nocuere suo?
 Immo ita fac, quaeso, uatum studiose nouorum,
 Quaque potes, retine corpus in Vrbe meum.
 Est fuga dicta mihi, non est fuga dicta libellis,
 Qui domini poenam non meruere sui. 10
 Saepe per externas profugus pater exulat oras,
 Vrbe tamen natis exulis esse licet.

Não estou em posição tal, nem as circunstâncias são tais,
 Que eu possa ficar feliz com tua chegada. 20
 Um altar fúnebre, cingido de funéreo cipreste, a mim
 Convém e a chama pronta em piras dispostas.
 Não me agrada dar incensos que nada pedem aos deuses,
 Em meio a tantos males não me ocorrem palavras auspiciosas.
 Se, todavia, alguma coisa devo neste dia pedir, 25
 Que não voltes mais a este lugar peço,
 Enquanto me detém esta região, quase a última da terra,
 O Ponto, chamado pelo falso nome de Euxino.³⁰⁴

14

Ó cultor e augusto guardião dos homens doutos,
 Que fazes, eterno amigo de meu engenho?³⁰⁵
 Acaso, como outrora incólume costumavas celebrar-me,
 Também agora cuidas que não pareça de todo ausente?
 Reúnes acaso meus versos, com exceção somente 5
 Das *Artes* que ao seu autor prejudicaram?
 Faze-o, então, rogo-te, ó admirador dos poetas novos,
 E, como podes, mantém meu corpo³⁰⁶ na Cidade.
 O exílio foi a mim imposto, não foi o exílio imposto a meus livros,
 Que não mereceram a pena de seu dono. 10
 Amiúde um pai desterrado é banido para litorais extremos,
 Mas aos filhos do exilado permite-se ficar na Cidade.

³⁰⁴ O Ponto recebeu o epíteto de *Euxinus* (“hospitaleiro”) em lugar de *Axenus* (“não hospitaleiro”), como o chamavam antigamente (Montero, 2002, p. 108, nota 45).

³⁰⁵ Esta elegia provavelmente é endereçada ao amigo de Ovídio Gaio Júlio Higino, o qual trabalhava na Biblioteca do Palatino (ver André, 1987, p. 95, nota 1; Lechi, 1993, p. 266, nota 1 e Montero, 2002, p. 108, nota 46). Alguns outros estudiosos, como afirma Lechi (*ibid.*), consideram o destinatário Bruto, o amigo a quem Ovídio faz referência na *Ex P.* III, 9.

³⁰⁶ Ovídio aqui joga com o duplo sentido do vocábulo *corpus*, referindo-se tanto à sua obra quanto a si próprio.

Palladis exemplo de me sine matre creata
 Carmina sunt; stirps haec progeniesque mea est.
 Hanc tibi commendo quae, quo magis orba parente est, 15
 Hoc tibi tutori sarcina maior erit.
 Tres mihi sunt nati contagia nostra secuti;
 Cetera fac curae sit tibi turba palam.
 Sunt quoque mutatae, ter quinque uolumina, formae,
 Carmina de domini funere rapta sui. 20
 Illud opus potuit, si non prius ipse perissem,
 Certius a summa nomen habere manu:
 Nunc incorrectum populi peruenit in ora,
 In populi quicquam si tamen ore meum est.
 Hoc quoque nescio quid nostris abpone libellis, 25
 Diuerso missum quod tibi ab orbe uenit.
 Quod quicumque leget – si quis leget –, aestimet ante
 Compositum quo sit tempore quoque loco.
 Aequus erit scriptis quorum cognouerit esse
 Exilium tempus barbariamque locum, 30
 Inque tot aduersis carmen mirabitur ullum
 Ducere me tristi sustinuisse manu.
 Ingenium fregere meum mala cuius et ante
 Fons infecundus paruaque uena fuit.
 Sed quaecumque fuit, nullo exercente refugit, 35
 Et longo periit arida facta situ.
 Non hic librorum per quos inuiter alarque
 Copia: pro libris arcus et arma sonant.
 Nullus in hac terra, recitem si carmina, cuius
 Intellecturis auribus utar, adest; 40
 Non quo secedam locus est: custodia muri
 Submouet infestos clausaque porta Getas.

A exemplo de Palas³⁰⁷, meus versos de mim nasceram sem mãe:

Essa é a estirpe e progênie minha.

Confio-te esta, que, quanto mais é órfã de pai, 15

Tanto maior a ti, seu tutor, será o peso.

Três dos filhos³⁰⁸ se contagiaram com minha desgraça,

Toma publicamente os demais sob teus cuidados.

Há também quinze volumes das *Metamorfoses*,

Versos arrancados ao funeral de seu dono. 20

Aquela obra poderia, se não me desgraçasse antes,

Ter um renome mais seguro com a última demão:

Agora, imperfeita, chega à boca do povo,

Se ainda está na boca do povo alguma coisa minha.

Também este, qual seja, junta a meus livros, 25

Que enviado de um mundo remoto chega a ti.

Quem o ler – se é que alguém o lerá – considere antes

Em que momento e lugar foi escrito.

Será justo com estes escritos, saberá que são

Do tempo do exílio e de uma terra bárbara. 30

E entre tantas adversidades se admirará que eu ousasse

Traçar algum verso com minha triste mão.

Meu engenho, os males esfrangalharam, cuja fonte

Já antes era pouco fecunda e modesta a veia.

Mas, qual fosse, por não se cultivar, retraiu-se, 35

E seca pela longa inércia pereceu.

Não há aqui muitos livros para me estimular e nutrir:

Em vez de livros, arcos e armas ressoam.

Não há ninguém nesta terra, se eu declamar meus versos,

Que possa me dar ouvidos e compreender; 40

Não há para onde me retirar: a guarda da muralha

E a porta fechada afastam os getas hostis.

³⁰⁷ Palas Atena (Minerva) nasceu, sem mãe, da cabeça de Zeus (Júpiter), a qual foi fendida por Hefesto (Vulcano) com uma machadada.

³⁰⁸ Faz referência aos três livros que compõem a *Arte de amar*.

Saepe aliquod quaero uerbum nomenque locumque,
Nec quisquam est a quo certior esse queam;
Dicere saepe aliquid conanti – turpe fateri! – 45
Verba mihi desunt dedidicique loqui.
Threicio Scythicoque fere circumsonor ore
Et uideor Geticis scribere posse modis.
Crede mihi, timeo ne sint inmixta Latinis
Inque meis scriptis Pontica uerba legas. 50
Qualemcumque igitur uenia dignare libellum,
Sortis et excusa condicione meae.

Às vezes procuro alguma palavra, nome, local,
E não há ninguém que me possa informar.
Ao tentar dizer algo, às vezes – que vergonha confessar! - 45
Faltam-me palavras e já não sei falar.
Estou de todo cercado pela fala trácia e crítica
E parece-me possível escrever em ritmos getas.³⁰⁹
Crê-me, temo que estejam misturadas ao latim
E em meus escritos palavras pânticas leias. 50
Assim, qual seja, tem indulgência com este livro,
E pela condição de minha sorte escusa-o.

³⁰⁹ Ovídio, na *Ex P.* IV, 13, 19-20, afirma tê-lo feito.

LIVRO IV

LIBER QUARTVS

1

Siqua meis fuerint, ut erunt, uitiosa libellis,
Excusata suo tempore, lector, habe!
Exul eram requiesque mihi, non fama petita est,
Mens intenta suis ne foret usque malis.
Hoc est cur cantet uinctus quoque compede fossor, 5
Indocili numero cum grave mollit opus.
Cantat et innitens limosae pronus arenae,
Aduerso tardam qui trahit amne ratem,
Quique refert pariter lentos ad pectora remos,
In numerum pulsa brachia iactat aqua. 10
Fessus ubi incubuit baculo saxoue resedit
Pastor, harundineo carmine mulcet oues.
Cantantis pariter, pariter data pensa trahentis
Fallitur ancillae decipiturque labor.
Fertur et abducta Lyrneside tristis Achilles 15
Haemonia curas attenuasse lyra.
Cum traheret siluas Orpheus et dura canendo
Saxa, bis amissa coniuge maestus erat.
Me quoque Musa leuat Ponti loca iussa petentem;
Sola comes nostrae perstitit illa fugae; 20
Sola nec insidias inter nec militis ensem
Nec mare nec uentos barbariamque timet.
Scit quoque, cum perii, quis me deceperit error,
Et culpam in facto, non scelus, esse meo,

LIVRO IV

1

Se houver alguns defeitos, e haverá, em meus livros,
Tem-nos por justificados, ó leitor, pelo seu momento!
Estava exilado e alento, não fama procurei
Para o espírito não se voltar sempre a seus males.
É por isso que também o enxadeiro preso aos grilhões canta, 5
Quando com rude melodia alivia o árduo trabalho.
Também canta, inclinado e apoiando-se na lodosa areia,
Quem arrasta contra a corrente a vagarosa barca,
E quem leva ao peito ritmadamente os lentos remos
E em cadência move os braços contra a água agitada. 10
Quando fatigado apóia-se ao cajado ou senta-se na pedra,
O pastor o rebanho acalma ao som da flauta.
Ao cantar e fiar simultaneamente a lã que lhe é entregue,
A fadiga a criada engana e esquece.
E conta-se que, após lhe arrebatarem a Lirnessíade³¹⁰, triste Aquiles
Mitigava os tormentos com a lira emônia³¹¹. 15
Quando Orfeu arrastava os bosques e as duras rochas
Com seu canto, infeliz estava com a dupla perda da esposa.
Também a mim que busco as terras destinadas do Ponto a Musa conforta;
Só ela permaneceu companheira de meu exílio, 20
Só ela, em meio a ciladas, nem a espada do soldado,
Nem o mar, nem os ventos ou a barbárie teme.
Também sabe, quando me arruinei, qual erro me iludiu
E que há em minha ação culpa, não crime,

³¹⁰ Briseida, natural de Lirnessos, cidade da Tróada. Tal cativa foi arrebatada a Aquiles por Agamêmnon durante o cerco a Tróia (*Il.* IX, 186 e ss.).

³¹¹ Ver III, 11, 28.

Scilicet hoc ipso nunc aequa, quod obfuit ante, 25
 Cum mecum iuncti criminis acta rea est.
 Non equidem uellem, quoniam nocitura fuerunt,
 Pieridum sacris inposuisse manum.
 Sed nunc quid faciam? uis me tenet ipsa sacrorum
 Et carmen demens carmine laesus amo. 30
 Sic noua Dulichio lotos gustata palato
 Illo quo nocuit grata sapore fuit.
 Sentit amans sua damna fere, tamen haeret in illis,
 Materiam culpaе persequiturque suae.
 Nos quoque delectant, quamuis nocuere, libelli, 35
 Quodque mihi telum uulnera fecit, amo.
 Forsitan hoc studium possit furor esse uideri,
 Sed quiddam furor hic utilitatis habet:
 Semper in obtutu mentem uetat esse malorum,
 Praesentis casus immemoremque facit. 40
 Vtque suum Bacche non sentit saucia uulnus,
 Dum stupet Idaeis exululata modis,
 Sic, ubi mota calent uiridi mea pectora thyrsos,
 Altior humano spiritus ille malo est.
 Ille nec exilium, Scythici nec litora ponti, 45
 Ille nec iratos sentit habere deos;
 Vtque soporiferae biberem si pocula Lethes,
 Temporis aduersi sic mihi sensus abest.
 Iure deas igitur ueneror mala nostra leuantes,

Certamente por isso mesmo agora é favorável: porque antes me lesou 25

Quando comigo foi acusada do mesmo crime.³¹²

Por certo eu não desejaria, já que haveria de me prejudicar,

Ter posto a mão no culto das Piérides³¹³.

Mas que farei agora? A mesma força do culto me domina,

E, louco, amo a poesia, eu que fui pela poesia prejudicado. 30

Assim o ignoto lótus provado pelo paladar dos dulíquios

Agradou pelo mesmo sabor que o tornava nocivo.³¹⁴

Amiúde o apaixonado sabe seus riscos, mas prende-se a eles

E persiste na causa de seu erro.

Também me agradam, embora tenham sido nocivos, os livros, 35

E a arma que me abriu feridas amo.

Talvez essa paixão possa parecer loucura,

Mas essa loucura tem algo de útil:

Impede a mente de sempre contemplar seus males

E a faz esquecer os infortúnios atuais. 40

E como a Bacante não sente a dor de sua ferida,

Enquanto delira ululando ao ritmo ideu,³¹⁵

Assim quando meu peito arde enlevado pelo verde tirso,³¹⁶

Aquela exaltação é maior do que as misérias humanas.

Ela nem o exílio, nem os litorais do Ponto crítico, 45

Nem a ira dos deuses sente haver;

E como se bebesse do cálice do soporífero Letes³¹⁷,

Assim abandona-me a sensação deste tempo adverso.

É justo, pois, que venere as deusas que me aliviam os males,

³¹² Faz referência à acusação de imoralidade que recaiu sobre a obra *Arte de amar*.

³¹³ As Musas estavam divididas em dois grupos principais: as da Trácia, de Piéria, e as da Beócia, que se situavam nas encostas do monte Hélicon. As chamadas Piérides, estão relacionadas ao mito de Orfeu (ver nota ao IV, 1, 18) e ao culto de Dionísio (Baco), as outras estão mais diretamente ligadas a Apolo (Grimal, 1997, p. 320a).

³¹⁴ Alusão ao episódio da *Odisséia* em que se narra a passagem de Ulisses e seus companheiros (os dulíquios) pelo país dos Lotófagos (*Od.* IX, 82 e ss.). Dulíquio é uma ilha do mar Jônio, vizinha a Ítaca, terra de Ulisses.

³¹⁵ As Bacantes, durante os rituais a Baco (Dionísio), enlouqueciam ao ritmo de suas músicas que aqui se qualificam como provenientes do monte Ida da Frigia, onde se desenvolviam os ritos orgiásticos próprios do culto de Cíbele (cf. Lechi, 1993, p. 274, nota 6 e Montero, 2002, p. 113, nota 4).

³¹⁶ O tirso é uma espécie de lança enramada de hera e de parras usada por Baco.

³¹⁷ Rio dos Infernos (Hades) cujas águas causam esquecimento.

Sollicitas comites ex Helicone fugae, 50
 Et partim pelago, partim uestigia terra
 Vel rate dignatas uel pede nostra sequi.
 Sint precor haec saltem faciles mihi; namque deorum
 Cetera cum magno Caesare turba facit,
 Meque tot aduersis cumulant quot litus arenas, 55
 Quotque fretum pisces ouaque piscis habet.
 Vere prius flores, aestu numerabis aristas,
 Poma per autumnum frigoribusque niues
 Quam mala quae toto patior iactatus in orbe,
 Dum miser Euxini litora saeua peto. 60
 Nec tamen, ut ueni, leuior fortuna malorum est:
 Huc quoque sunt nostras fata secuta uias;
 Hic quoque cognosco natalis stamina nostri,
 Stamina de nigro uellere facta mihi.
 Vtque neque insidias capitisque pericula narrem, 65
 Vera quidem, ueri sed grauiora fide,
 Viuere quam miserum est inter Bessosque Getasque
 Illum qui populi semper in ore fuit!
 Quam miserum est porta uitam muroque tueri
 Vixque sui tutum uiribus esse loci! 70
 Aspera militiae iuuenis certamina fugi,
 Nec nisi lusura mouimus arma manu;
 Nunc senior gladioque latus scutoque sinistram,
 Canitiem galeae subicioque meam.
 Nam dedit e specula custos ubi signa tumultus 75
 Induimus trepida protinus arma manu.

Inquietas companheiras de meu exílio vindas do Hélicon³¹⁸, 50
 E que meus passos, parte por mar, parte por terra,
 Em barco ou a pé, se dignaram seguir.
 Sejam-me elas, rogo, ao menos favoráveis! Pois o restante
 Dos deuses estão com o grande César
 E cobrem-me de tantos males quantas são as areias da praia 55
 E quantos são os peixes do mar e as ovas dos peixes.
 Contarás antes as flores na primavera, as espigas no verão,
 As frutas no outono e a neve no inverno,
 Que os males que padeço jogado por todo o orbe,
 Enquanto, infeliz, os funestos litorais do Euxino busco. 60
 Mas nem quando cheguei a sorte de meus males se abrandou:
 Minha sina também seguiu nosso trajeto até aqui;
 Também aqui reconheço os fios de meu nascimento,
 Fios tecidos para mim de negra lã.³¹⁹
 Ainda que não relate as emboscadas e os perigos de vida, 65
 Por certo verdadeiros, porém mais graves do que se acreditaria,
 Que triste viver entre os bessos³²⁰ e os getas
 Para quem sempre foi aclamado pelo povo!
 Que triste defender a vida com uma porta e muralha
 E sequer estar completamente seguro pela fortificação do lugar! 70
 Quando jovem, evitei os árduos combates da milícia
 E não toquei em armas salvo por diversão;
 Agora, já velho, submeto à espada meu flanco,
 Ao escudo a sinistra e minhas cãs ao elmo.
 Pois, logo que o sentinela de seu posto dá sinal de assédio, 75
 De pronto tomamos das armas com a mão trêmula.

³¹⁸ Ver nota a IV, 1, 28.

³¹⁹ Na origem, as Parcas, três irmãs cujos nomes eram Nona, Décuma (Decima) e Morta, eram as promotoras do nascimento, do casamento e da morte, respectivamente. Depois passaram a ser identificadas com o Destino dos homens e converteram-se em fiandeiras da vida e da morte: a primeira segurava o fuso e puxava o fio da vida, a segunda enrolava-o e sorteava o nome de quem devia morrer e a terceira cortava-o impreterivelmente (Brandão, 1993, pp. 240-241).

³²⁰ Ver III, 10, 5.

Hostis habens arcus inbutaque tela uenenis
 Saeuus anhelanti moenia lustrat equo;
 Vtque rapax pecudem, quae se non texit ouili
 Per sata, per siluas fertque trahitque lupus, 80
 Sic, si quem nondum portarum saepe receptum
 Barbarus in campis repperit hostis, habet:
 Aut sequitur captus coniectaque uincula collo
 Accipit, aut telo uirus habente perit.
 Hic ego sollicitae lateo nouus incola sedis: 85
 Heu nimium fati tempora longa mei!
 Et tamen ad numeros antiquaque sacra reuerti
 Sustinet in tantis hospita Musa malis.
 Sed neque cui recitem quisquam est mea carmina, nec qui
 Auribus accipiat verba Latina suis. 90
 Ipse mihi – quid enim faciam? – scriboque legoque,
 Tutaque iudicio littera nostra suo est.
 Saepe tamen dixi: “Cui nunc haec cura laborat?
 An mea Sauromatae scripta Getaeque legent?”
 Saepe etiam lacrimae me sunt scribente profusae 95
 Vmidaeque est fletu littera facta meo,
 Corque uetusta meum, tanquam noua, uulnera, nouit,
 Inque sinum maestae labitur imber aquae.
 Cum uice mutata qui sim fuerimque recordor
 Et tulerit quo me casus et unde subit, 100
 Saepe manus demens, studiis irata sibique
 Misit in arsuros carmina nostra rogos.
 Atque ita de multis quoniam non multa supersunt,
 Cum uenia facito, quisquis es, ista legas!
 Tu quoque non melius quam sunt mea tempora carmen, 105
 Interdicta mihi, consule, Roma, boni!

O inimigo armado com arcos e dardos envenenados
 Circunda feroz os muros em anelante cavalo,
 E qual ávido lobo carrega e arrasta pelas searas
 E bosques a ovelha que não se escondeu no redil, 80
 Assim o bárbaro inimigo detém a quem ainda não acolhido
 Pelo abrigo das portas encontra nos campos:
 Ou segue prisioneiro e grilhões atados ao pescoço
 Recebe ou sucumbe com o dardo envenenado.
 Aqui me refugio, novo habitante deste agitado lugar: 85
 Ai! demasiado longo é o tempo de minha sina!
 Entretanto, aos versos e antigos ritos consegue voltar
 A Musa acolhedora em meio a tantos males.
 Mas não há para quem declamar meus versos, nem quem
 Possa ouvir e compreender palavras latinas. 90
 É para mim mesmo – que fazer, afinal? – que escrevo e leio,
 E meus escritos não têm que temer seu julgamento.
 Mas amiúde digo: “Para quem se empenha tal fadiga?
 Acaso meus versos os sármatas e os getas lerão?”
 Amiúde, também, escorrem-me lágrimas ao escrever 95
 E meus escritos ficam úmidos com meu pranto,
 E meu coração sente como novas as velhas feridas,
 E em meu peito uma torrente de doído pranto cai.
 Quando, com a mudança de sorte, lembro quem sou e quem fui
 E me vem à mente de onde e para onde me levou o destino, 100
 Amiúde minha mão ensandecida, irada com sua paixão e consigo,
 Lança ao fogo ardente meus versos.
 E assim, como de muitos muitos não restem,
 Quem quer que sejas, procura lê-los com indulgência!
 Também tu, meus versos que não são melhores que minha condição, 105
 Acolhe-os bem, Roma a mim interdita!

Iam fera Caesaribus Germania, totus ut orbis,
 Victa potest flexo succubuisse genu,
 Altaque uelentur fortasse Palatia sertis,
 Turaque in igne sonent inficiantque diem,
 Candidaque adducta collum percussa securi 5
 Victima purpureo sanguine pulset humum,
 Donaque amicorum templis promissa deorum
 Reddere uictores Caesar uterque parent,
 Et qui Caesareo iuuenes sub nomine crescunt,
 Perpetuo terras ut domus illa regat; 10
 Cumque bonis nuribus pro sospite Liuia nato
 Munera det meritis saepe datura deis
 Et pariter matres et quae sine crimine castos
 Perpetua seruant uirginitate focos;
 Plebs pia cumque pia laetetur plebe senatus, 15
 Paruaque cuius eram pars ego nuper eques.
 Nos procul expulsos communia gaudia fallunt,
 Famaque tam longe non nisi parua uenit.
 Ergo omnis populus poterit spectare triumphos
 Cumque ducum titulis oppida capta leget 20
 Vinclaque captiua reges ceruice gerentes
 Ante coronatos ire uidebit equos
 Et cernet uultus aliis pro tempore uersos,

Já a fera Germânia ante os Césares, como todo o mundo,
 Pode ter caído de joelhos vencida,³²¹
 E os altos palácios talvez estejam adornados de festões,
 E os incensos no fogo crepitem e enevoem o dia,
 E a alva vítima, ferida no colo pelo golpe do machado, 5
 Bate com purpúreo sangue na terra
 Os dons, prometidos nos templos dos deuses amigos,
 Cuidam os dois Césares vencedores de render,
 E os jovens que crescem sob o nome de César,³²²
 Para que eternamente governe o mundo essa casa; 10
 E com suas castas noras, para ter o filho³²³ a salvo, fará
 Lívía oferendas, e sempre as fará, aos meritosos deuses,
 E igualmente as matronas e as que, sem mácula,
 Em eterna virgindade, guardam os sacros fogos;³²⁴
 E festeje a pia plebe e, com a pia plebe, o Senado, 15
 E os cavaleiros, de quem há pouco era eu pequena parte.
 Desterrado para longe, ignoro a alegria geral:
 A tal distância não chegam senão escassas notícias.
 Todo o mundo, pois, poderá assistir ao triunfo:
 Junto aos títulos dos generais lerá os nomes das cidades conquistadas,³²⁵ 20
 E reis com grilhões ao pescoço servil
 Verá desfilar ante os coroados cavalos,
 E perceberá em uns as faces mudadas pela ocasião

³²¹ Os Césares são Augusto e Tibério. Ovídio faz referência à campanha empreendida por Tibério na Germânia em 11 d.C., a mando de Augusto, para vingar a morte de Varo. Como a vitória definitiva só ocorreria no ano 17 d.C. (data provável da morte do poeta), o triunfo narrado nesta elegia (ver versos seguintes) caracteriza a esperança de Ovídio na vitória romana (ver Lechi, 1993, p. 280 nota 1; Montero, 2002, p. 115, nota 7 e André, 1987, p. 103, nota 1).

³²² Druso (menor) e Germânico, ambos netos de Augusto, nascidos dos filhos do primeiro casamento de Lívía, respectivamente, Tibério e Druso maior (Lechi, 1993, p. 281 nota 4).

³²³ Tibério (ver nota acima).

³²⁴ As vestais.

³²⁵ Nos triunfos, era comum transportar quadros de madeira, nos quais vinham escritos, com grandes caracteres, os feitos de cada general, como o nome de cidades conquistadas e de seus reis, o número de prisioneiros, etc (ver dicionário Torrinha, *sub uoce* **titulus**).

Terribiles aliis inmemoresque sui.
 Quorum pars causas et res et nomina quaeret, 25
 Pars referet, quamuis nouerit illa parum:
 “Hic qui Sidonio fulget sublimis in ostro
 Dux fuerat belli, proximus ille duci.
 Hic qui nunc in humo lumen miserabile fixit
 Non isto uultu, cum tulit arma, fuit. 30
 Ille ferox et adhuc oculis hostilibus ardens
 Hortator pugnae consiliumque fuit.
 Perfidus hic nostros inclusit fraude locorum,
 Squalida promissis qui tegit ora comis.
 Illo qui sequitur dicunt mactata ministro 35
 Saepe recusanti corpora capta deo.
 Hic lacus, hi montes, haec tot castella, tot amnes
 Plena ferae caedis, plena cruoris erant.
 Drusus in his meruit quondam cognomina terris,
 Quae bona progenies digna parente tulit. 40
 Cornibus hic fractis uiridi male tectus ab ulua
 Decolor ipse suo sanguine Rhenus erat.
 Crinibus en etiam fertur Germania passis
 Et ducis inuicti sub pede maesta sedet
 Collaque Romanae praebens animosa securi 45
 Vincula fert illa qua tulit arma manu.”
 Hos super in curru, Caesar, uictore ueheris

E terríveis em outros, como que esquecidas de si.
 Parte do povo indagará as causas, os fatos, os nomes, 25
 Parte responderá, mesmo que saiba pouco:
 “Este que reluz altivo na púrpura sidônia
 Foi o general da guerra, aquele, o mais próximo dele.
 Este que agora fixou o triste olhar no chão
 Não tinha tal semblante quando pegou em armas. 30
 Aquele, cruel e ainda inflamado nos olhos hostis,
 Foi o incitador e conselheiro da guerra.
 Este traidor que cobre a face esquelética com longa cabeleira
 Encurralou os nossos em lugar insidioso.
 Aquele que segue, dizem, é o sacerdote que imolava 35
 Os cativos a um deus que amiúde os recusava.³²⁶
 Este lago, estes montes, estes tantos castelos, tantos rios
 Repletos estavam de cruel carnificina e sangue.³²⁷
 Nestas terras, Druso outrora conquistou sua alcunha,³²⁸
 Valorosa linhagem, digna de seu pai. 40
 Este, com cornos quebrados³²⁹, mal coberto pela verde erva
 E manchado com seu próprio sangue, é o Reno.
 Eis que também a Germânia é ostentada com cabelos desganhados,
 Sentada, infeliz, aos pés do invencível general,
 E, corajosa, estendendo o pescoço ao machado romano, 45
 Traz ferros na mão que trazia armas.”
 Acima de todos, no carro triunfal, César³³⁰, desfilarás

³²⁶ Tácito (*Anais* I, 61, 3) relata que Germânico, ao chegar ao local onde Varo foi derrotado, encontrou, nos bosques vizinhos, junto a altares, corpos imolados de tribunos e centuriões do exército romano.

³²⁷ Nos cortejos triunfais desfilavam representações dos lugares que haviam sido palco das batalhas (Lechi, 1997, p. 282, nota 8 e Montero, 2002, p. 116, nota 9).

³²⁸ Druso maior, irmão de Tibério, recebeu do Senado o sobrenome de Germânico (Suetônio, *Vida de Cláudio* I, 7), por ter comandado a campanha na Germânia de 12 a.C. a 9 d.C., ano de sua morte (Lechi, 1993, p. 282, nota 9, Montero, 2022, p. 116, nota 10 e André, 1987, pp. 168-169, nota 3).

³²⁹ Os rios eram representados nos triunfos como divindades antropomórficas, com chifres sobre a cabeça (isso talvez se deva ao fato de Aquelão, o maior rio da Grécia, assumir a forma de um touro). Aqui os cornos aparecem quebrados, para indicar a destruição e a submissão do povo conquistado (Lechi, 1993, p. 283, nota 11).

³³⁰ Há divergência entre os tradutores quanto à identidade do César aqui citado: Lechi (1993, p. 285, nota 13) o considera Tibério e Della Corte (1972, vol. I, p. 60), Augusto. As duas possibilidades são plausíveis: Tibério, por ter

Purpureus populi rite per ora tui,
 Quaque ibis, manibus circumplaudere tuorum
 Vndique iactato flore tegente uias. 50
 Tempora Phoebea lauro cingetur "Io"que
 Miles "Io" magna uoce "trumphe" canet.
 Ipse sono plausuque simul fremituque calentes
 Quadriiugos cernes saepe resistere equos.
 Inde petes arcem et delubra fauentia uotis, 55
 Et dabitur merito laurea uota Ioui.
 Haec ego submotus, qua possum, mente uidebo:
 Erepti nobis ius habet illa loci.
 Illa per immensas spatiat libera terras,
 In caelum celeri peruenit illa fuga; 60
 Illa meos oculos mediam deducit in Urbem,
 Immunes tanti nec sinit esse boni;
 Inuenietque animus qua currus spectet eburnos:
 Sic certe in patria per breue tempus ero.
 Vera tamen capiet populus spectacula felix 65
 Laetaque erit praesens cum duce turba suo.
 At mihi fingendo tantum longeque remotis
 Auribus hic fructus percipiendus erit,
 Atque procul Latio diuersum missus in orbem
 Qui narret cupido uix erit ista mihi. 70
 Is quoque iam serum referet ueteremque triumphum:
 Quo tamen audiero tempore, laetus ero.
 Illa dies ueniet mea qua lugubria ponam
 Causaque priuata publica maior erit.

De púrpura ante o olhar de teu povo, segundo o rito,
 Por onde passares, serás pelas mãos dos teus aplaudido,
 E flores atiradas de todos os lados cobrirão as ruas. 50
 Tua fronte será coroada com o louro de Febo e o soldado
 Bradará em alta voz “io, io, triunfo!”³³¹.
 Tu verás, excitados com o barulho, aplausos e alarido,
 Os cavalos da quadriga freqüentemente empinarem.
 Daí rumarás à cidadela e ao templo³³² favorável a teus votos 55
 E se ofertará ao meritoso Jove o consagrado louro.
 Tudo isso eu, que fui desterrado, imaginarei como posso,
 Minha mente tem direito a lugares a mim vetados:
 Ela corre livre pela imensa terra
 E em rápido vôo chega ao céu; 60
 Ela meus olhos conduz ao meio da Cidade,
 Não lhes permite a privação de tanto prazer;
 Meu espírito saberá como ver os carros ebúrneos,
 Assim ao menos estarei por pouco tempo na pátria.
 Mas o povo, feliz, assistirá ao espetáculo real, 65
 E alegre estará a turba presente junto a seu chefe.
 Enquanto eu, só com a imaginação e tão remotos
 Ouvidos, deverei desfrutar desse prazer,
 Pois, longe do Lácio, enviado a um mundo distante,
 Mal haverá um que conte tudo o que desejo, 70
 Esse também me contará, já tarde, do triunfo antigo:
 Mas no momento em que o ouvir, ficarei contente.
 Virá o dia em que deporei meu luto,
 E o interesse público será maior que o pessoal.

participado pessoalmente da guerra e por tê-la vencido e Augusto por tê-la ordenado. Em nosso ponto de vista, achamos que Ovídio se referiu a Augusto, já que o exalta a todo o momento nos *Tristes*, para tentar conseguir seu perdão.

³³¹ A exclamação *io*, que consta do original, era tradicionalmente entoada nos triunfos, bem como pelas Bacantes em seus rituais.

³³² O Capitólio e o templo de Júpiter Capitolino, onde terminava a marcha triunfal com um sacrifício de agradecimento, a qual se iniciava no Campo de Marte.

Magna minorque ferae, quarum regis altera Graias,
 Altera Sidonias, utraque sicca, rates,
 Omnia cum summo positae uideatis in axe
 Et maris occiduas non subeatis aquas,
 Aetheriamque suis cingens amplexibus arcem 5
 Vester ab intacta circulus extet humo,
 Aspice illa, precor, quae non bene moenia quondam
 Dicitur Iliades transiluisse Remus,
 Inque meam nitidos dominam conuertite uultus,
 Sitque memor nostri necne referte mihi. 10
 Ei mihi, cur timeam? Quae sunt manifesta requiro.
 Cur iacet ambiguo spes mea mixta metu?
 Crede quod est et uis ac desine tuta uereri,
 Deque fide certa sit tibi certa fides,
 Quodque polo fixae nequeunt tibi dicere flammae, 15
 Non mentitura tu tibi voce refer:
 Esse tui memorem, de qua tibi maxima cura est,
 Quodque potest, secum nomen habere tuum.
 Vultibus illa tuis tamquam praesentis inhaeret
 Teque remota procul, si modo uiuit, amat. 20
 Ecquid, ubi incubuit iusto mens aegra dolori,
 Lenis ab admonito pectore somnus abit?
 Tunc subeunt curae, dum te lectusque locusque
 Tangit et oblitam non sinit esse mei,
 Et ueniunt aestus, et nox immensa uidetur 25

Ó Ursas maior e menor - uma guia as naus graias,
 A outra, as sidônias, ambas, sempre secas -³³³
 Como tudo vedes, assentadas no altíssimo céu,
 E não vos ponde nas águas do mar ocidental,
 E vossa órbita, que envolve com seus giros a etérea morada, 5
 Eleva-se sobre a terra sem tocá-la,
 Olhai, peço, pelas muralhas que outrora, dizem,
 Remo, filho de Ília, transpôs para seu mal;³³⁴
 Volvei vossos olhos luminosos a minha senhora
 E dissei-me se ela se lembra de mim ou não. 10
 Ai de mim! por que temer? Indago o que é evidente.
 Por que vacila minha esperança, misturada a um medo incerto?
 Crê no que é de fato, no que desejas, deixa de temer o certo,
 Em uma fidelidade indubitável, tem indubitável fé,
 E o que os astros não podem te dizer fixos no céu, 15
 Diz tu a ti mesmo com voz que não há de mentir:
 Que se lembra de ti, ela que é tua maior preocupação,
 E guarda consigo teu nome, é tudo que pode.
 Ela tem teu rosto gravado, como se estivesses lá,
 E, longe de ti, se ainda vive, é por te amar. 20
 Acaso, quando tua mente aflita³³⁵ se entrega à dor legítima,
 O suave sono de teu coração cheio de recordações foge?
 Sobrevêm, então, preocupações, enquanto te comovem
 O leito e o quarto, que não te deixam esquecer de mim?
 Tomam-te inquietações, parece a noite não ter fim 25

³³³ Os navegantes gregos (graios) costumavam se guiar pela Ursa Maior, também chamada Hélice, e os fenícios (sidônios), pela Ursa Menor, denominada Cinosura. Ambas são chamadas de “secas” (em latim *sicca*), porque nunca se põem no horizonte, logo, nunca se banham no mar (ver *Tr.* I, 2, 29; André, 1987, p. 106, nota 1, Lechi, 1993, p. 286, nota 1 e Montero, 2002, p. 118, nota 12).

³³⁴ Remo, filho de Réia Sílvia (também chamada Ília, isto é, Troiana), foi morto por Rômulo, ao ultrapassar, contra as ordens do irmão, a vala que esse havia sulcado para demarcar o perímetro da cidade de Roma (Brandão, 1993, p. 258). Assim, as muralhas, aqui, fazem referência a Roma.

³³⁵ Neste passo, Ovídio interpela, diretamente, sua esposa Fábila.

Fessaque iactati corporis ossa dolent?
 Non equidem dubito quin haec et cetera fiant
 Detque tuus maesti signa doloris amor,
 Nec cruciere minus, quam cum Thebana cruentum
 Hectors Thessalico uidit ab axe rapi. 30
 Quid tamen ipse precer dubito, nec dicere possum
 Affectum quem te mentis habere uelim.
 Tristis es? Indignor quod sim tibi causa doloris.
 Non es? Vt amisso coniuge digna fores!
 Tu uero tua damna dole, mitissima coniux. 35
 Tempus et a nostris exige triste malis
 Fleque meos casus: est quaedam flere uoluptas;
 Expletur lacrimis egeriturque dolor.
 Atque utinam lugenda tibi non uita, sed esset
 Mors mea: morte fores sola relictæ mea! 40
 Spiritus hic per te patrias exisset in auras,
 Sparsissent lacrimae corpora nostra piae,
 Supremoque die notum spectantia caelum
 Texissent digiti lumina nostra tui,
 Et cinis in tumulo positus iacuisset auito, 45
 Tactaque nascenti corpus haberet humus;
 Denique, ut *et* vixi, sine crimine mortuus essem.
 Nunc mea supplicio uita pudenda suo est.
 Me miserum, si tu, cum diceris exulis uxor,
 Auertis uultus et subit ora rubor! 50
 Me miserum, si turpe putas mihi nupta uideri!
 Me miserum, si te iam pudet esse meam!
 Tempus ubi est illud quo te iactare solebas
 Coniuge, nec nomen dissimulare uiri?

E os ossos de teu corpo agitado doem exaustos?
 Certamente não duvido que isso e muito mais te suceda
 E que teu amor dê sinal de dor profunda,
 Nem que estejas menos atormentada que a Tebana, quando viu
 Heitor ensangüentado, arrastado pelo carro tessálio.³³⁶ 30
 Mas eu mesmo não sei o que desejo, nem consigo dizer
 Em que estado de espírito gostaria que estivesses.
 Estás triste? Indigna-me ser a causa da tua dor.
 Não estás? Merecerias a perda do marido!
 Aflige-te, então, com tuas perdas, dulcíssima esposa, 35
 E, por meus sofrimentos, passa o teu tempo triste
 E chora a minha sina: há certo prazer em chorar,
 Esgota-se e digere-se com lágrimas a dor.
 Talvez devesse prantear não minha vida, mas minha morte:
 Com minha morte terias sido deixada só! 40
 Acolhido por ti, esta alma subiria aos pátrios ares,
 Banhariam tuas pias lágrimas meu corpo,
 E, no dia supremo, teus dedos cerrariam
 Meus olhos, a contemplar o céu familiar;
 Minhas cinzas seriam depositadas no túmulo de meus avós 45
 E a terra que toquei ao nascer teria meu corpo:³³⁷
 Enfim, sem culpa, tal como vivi, estaria morto.
 Agora minha vida de seu castigo deve envergonhar-se.
 Ai de mim, se, quando te chamam de mulher do exilado,
 Desvias o rosto e o pudor te cora a face! 50
 Ai de mim, se achas infame ser considerada minha esposa!
 Ai de mim, se já te envergonhas de ser minha!
 Onde está aquele tempo em que costumavas te gabar
 De teu marido e não ocultavas o nome dele?

³³⁶ A tebana é Andrômaca, filha de Eécion, rei de Tebas da Mísia, a qual viu seu marido Heitor ser arrastado em volta das muralhas de Tróia pelo carro de Aquiles, que era proveniente de Ftia, na Tessália (*Il.* XXII, 433 e ss.).

³³⁷ Ovídio alude ao gesto com que o pai, levantando o recém-nascido depositado na terra, demonstrava que o reconhecia como filho.

Tempus ubi est illud quo te – nisi non uis illa referri – 55
 Et dici, meministi, iuuit et esse meam?
 Vtque proba dignum est, omni tibi dote placebam:
 Addebat ueris multa fauentis amor,
 Nec quem praeferres – ita res tibi magna uidebar –
 Quemque tuum malles esse, uir alter erat. 60
 Nunc quoque ne pudeat quod sis mihi nupta, tuusque
 Non debet dolor hinc, debet abesse pudor.
 Cum cecidit Capaneus subito temerarius ictu,
 Num legis Euadne erubuisse uiro?
 Nec, quia rex mundi compescuit ignibus ignes, 65
 Ipse suis *Phaethon* infitiandus erat.
 Nec Semele Cadmo facta est aliena parenti
 Quod precibus periit ambitiosa suis.
 Nec tibi, quod saeuis ego sum Iouis ignibus ictus,
 Purpureus molli fiat in ore pudor. 70
 Sed magis in curam nostri consurge tuendi
 Exemplumque mihi coniugis esto bonae
 Materiamque tuis tristem uirtutibus imple!
 Ardua per praeceptis gloria uadit iter.
 Hectora quis nosset, felix si Troia fuisset? 75
 Publica uirtutis per mala facta uia est.
 Ars tua, Tiphys, iacet, si non sit in aequore fluctus;
 Si ualeant homines, ars tua, *Phoebe*, iacet.

Onde está aquele tempo - se me permites recordá-lo - 55

Em que te agradava, lembro, ser chamada de minha e sê-lo?

E, como é digno de uma boa mulher, minhas qualidades te agradavam:

Teu amor parcial acrescia às reais muitas outras,

Não havia outro homem que preferias ou que gostarias

Que fosse teu – eu te parecia tão grande coisa. 60

Também agora não te envergonhes de ser minha esposa,

Deve teu pudor se ausentar, não tua dor.

Quando sucumbiu o temerário Capaneu com o súbito golpe,

Acasoês que Evadne se envergonhou do marido?³³⁸

Nem, porque o rei do mundo conteve o fogo com fogo, 65

Faetonte devia ser renegado pelos seus.³³⁹

Nem Sêmele tornou-se uma estranha para seu pai Cadmo,

Porque, ambiciosa, morreu vítima de seus pedidos.³⁴⁰

Nem te cubra, por ter sido eu golpeado pelos sevos raios de Jove,

O purpúreo rubor a delicada face. 70

Mas, antes, levanta-te com o afã de me defender,

Sê para mim exemplo de ótima mulher

E este triste fardo compensa com tuas virtudes!

A alta glória passa por árduos caminhos.

Quem conheceria Heitor, se Tróia tivesse sido feliz? 75

Pelos males públicos fez-se o caminho da virtude.

Tua arte, Tífis, seria inútil, se não houvesse ondas no mar.³⁴¹

Se os homens fossem sadios, tua arte, Febo, de nada valeria.³⁴²

³³⁸ Edvane, esposa do violento e impiedoso Capaneu, morto pelo raio de Zeus por sua soberba, não suportou sobreviver à morte do marido e, desesperada, lançou-se nas chamas de sua pira funeral (Grimal, 1997, pp. 73b-74a e 126a).

³³⁹ Ver I, 1, 79 e nota.

³⁴⁰ Sêmele, incitada pela ciumenta Hera, pediu a Zeus, seu amante, que se mostrasse toda a sua plenitude. Ele, que lhe prometera satisfazer todos os desejos, acabou por matá-la, pois Sêmele, incapaz de suportar a visão dos raios que o rodeavam, morreu fulminada (Grimal, 1997, p. 414b).

³⁴¹ O mítico piloto da nau dos Argonautas, grande conhecedor dos ventos, do curso dos astros, enfim, da arte da navegação (Grimal, 1997, p. 448b).

³⁴² Apolo também era considerado o deus da medicina.

Quae latet inque bonis cessat non cognita rebus
 Apparet uirtus arguiturque malis. 80
 Dat tibi nostra locum tituli fortuna caputque
 Conspicuum pietas qua tua tollat habet.
 Vtere temporibus quorum nunc munere freta est
 Et patet in laudes area magna tuas.

4

O qui, nominibus cum sis generosus auorum,
 Exuperas morum nobilitate genus,
 Cuius inest animo patrii candoris imago,
 Non careat neruis candor ut iste suis,
 Cuius in ingenio est patriae facundia linguae, 5
 Qua prior in Latio non fuit ulla foro,
 Quod minime uolui, positis pro nomine signis
 Dictus es; ignoscas laudibus ipse tuis.
 Nil ego peccaui; tua te bona cognita produnt;
 Si, quod es, appares, culpa soluta mea est. 10
 Nec tamen officium nostro tibi carmine factum
 Principe tam iusto posse nocere puto.
 Ipse pater patriae – quid enim est ciuilius illo? –
 Sustinet in nostro carmine saepe legi,
 Nec prohibere potest, quia res est publica Caesar, 15
 Et de communi pars quoque nostra bono est.
 Iuppiter ingeniis praebet sua numina uatum,
 Seque celebrari quolibet ore sinit.

A virtude que, na prosperidade, fica oculta, inerte e ignota,
 Aparece e revela-se nas tribulações. 80
 Minha sorte te dá ensejo de renome e teu zelo
 Tem motivo para levantar a cabeça aos olhos de todos.
 Aproveita a ocasião, cujos benefícios te favorecem agora:
 Abre-se um vasto campo para tua glória.

4

Ó tu³⁴³, que, embora ilustre pelo nome dos avós,
 Superas pela nobreza do caráter tua estirpe,
 Tua alma traz a imagem da pureza paterna,
 Sem que tal pureza deixe de ter seu vigor,
 Teu engenho guarda da língua paterna a facúndia, 5
 À qual nenhuma foi superior no fórum romano.
 Sem querer, ao dar indícios em vez do nome,
 Disse quem és; perdoa a teus méritos.
 Em nada pequei; teus reconhecidos dotes te revelam;
 Se apareces qual és, eximo-me da culpa. 10
 Não creio, contudo, que a homenagem a ti prestada em meus versos
 Possa te prejudicar, sendo tão justo o Príncipe³⁴⁴.
 O próprio pai da pátria – afinal, o que é mais civilizado que ele? –
 Permite ser amiúde lido em meus versos,
 Nem pode proibi-lo, pois César é patrimônio de todos, 15
 E do bem comum uma parte também é minha.
 Júpiter concede ao engenho dos poetas sua majestade
 E consente ser celebrado por qualquer boca.

³⁴³ O destinatário desta elegia é identificado com Marco Valério Messala Messalino por comparação com as *Ex P.* I, 7 e II, 2 e pelas referências aqui feitas a seu pai (vv. 5-6 e 27 e ss.), Marco Valério Messala Corvino, homem político e orador, a quem freqüentavam Ovídio, Tibulo, Válgio Rufo, Emílio Macro, entre outros (André, 1987, 110, nota 1, Lechi, 1993, p. 294, nota 1 e Montero, 2002, p. 121, nota 18).

³⁴⁴ Augusto.

Causa tua exemplo superiorum tuta duorum est,
 Quorum hic aspicitur, creditur ille deus. 20
 Vt non debuerim, tamen hoc ego crimen habebo:
 Non fuit arbitrii littera nostra tui.
 Nec noua, quod tecum loquor, est iniuria nostra,
 Incolumis cum quo saepe locutus eram.
 Quo uereare minus ne sim tibi crimen amicus, 25
 Inuidiam, si qua est, auctor habere potest.
 Nam tuus est primis cultus mihi semper ab annis
 – Hoc certe noli dissimulare – pater;
 Ingeniumque meum – potes hoc meminisse – probabat
 Plus etiam quam me iudice dignus eram; 30
 Deque meis illo referebat uersibus ore
 In quo pars magnae nobilitatis erat.
 Non igitur tibi nunc quod me domus ista recepit,
 Sed prius auctori sunt data verba tuo;
 Non data sunt, mihi crede, tamen, sed in omnibus actis, 35
 Vltima si demas, vita tuenda mea est.
 Hanc quoque qua perii culpam scelus esse negabis,
 Si tanti series sit tibi nota mali.
 Aut timor aut error nobis, prius obfuit error;
 At sine me fati non meminisse mei! 40
 Neue retractando nondum coeuntia rumpam
 Vulnera: uix illis proderit ipsa quies.
 Ergo, ut iure damus poenas, sic abfuit omne
 Peccato facinus consiliumque meo.
 Idque deus sentit; pro quo nec lumen ademptum, 45
 Nec mihi detractas possidet alter opes.
 Forsitan hanc ipsam, uiuat modo, finiet olim,
 Tempore cum fuerit lenior ira, fugam.
 Nunc precor hinc alio iubeat discedere, si non

Teu caso está seguro pelo exemplo das duas divindades,
 Das quais uma se vê e a outra se crê que é um deus. 20
 Embora não devesse, eu terei, contudo, esta culpa:
 Meu escrito foi independente de tua vontade.
 E falar contigo não torna nova minha ofensa;
 Quando incólume, sempre nos falávamos.
 Para que não temas que eu, teu amigo, te possa inculpar, 25
 Se há alguma indignação, essa recai sobre teu progenitor.
 Pois sempre venerei, desde meus tenros anos,
 Teu pai – ao menos isto não queiras negar – ;
 Ele louvava – podes lembrar-te – meu talento
 Mais do que, na minha opinião, eu era digno; 30
 E falava de meus versos com aquela boca
 Em que estava parte de sua magnânima nobreza.
 Por ter vossa casa me acolhido, não a ti agora,
 Mas já antes a teu pai induzi ao erro;
 Mas não foi um erro, acredita-me, em todas as ações, 35
 Se tirares as últimas, minha vida é defensável.
 Também esta culpa que me arruinou, não dirias ser um crime,
 Se conhecesses o encadeamento de tamanho mal.
 Ou o medo ou o erro, mais o erro, me prejudicou;
 Mas, permite-me não lembrar o meu destino! 40
 Não quero, ao rememorar, reabrir as feridas
 Ainda não cicatrizadas, a própria quietude não as ajudará.
 Então, assim como sou castigado justamente, não houve nenhum
 Crime ou premeditação em meu erro.
 E isso o sabe o deus³⁴⁵; graças a ele nem me foi tirada a vida, 45
 Nem outrem possui os bens a mim confiscados.
 Talvez ele, se vivo, ponha um dia fim a este desterro
 Quando, com o tempo, se abrandar a ira.
 Agora, imploro que daqui me mande a outro lugar,

³⁴⁵ Augusto.

Nostra uerecundo uota pudore carent. 50
 Mitius exilium pauloque propinquius opto,
 Quique sit a saevo longius hoste locus.
 Quantaque in Augusto clementia, si quis ab illo
 Hoc peteret pro me, forsitan ille daret.
 Frigida me cohibent Euxini litora Ponti: 55
 Dictus ab antiquis Axenus ille fuit;
 Nam neque iactantur moderatis aequora uentis,
 Nec placidos portus hospita nauis adit.
 Sunt circa gentes quae praedam sanguine quaerunt
 Nec minus infida terra timetur aqua. 60
 Illi quos audis hominum gaudere cruore
 Paene sub eiusdem sideris axe iacent;
 Nec procul a nobis locus est, ubi Taurica dira
 Caede pharetratae pascitur ara deae.
 Haec prius, ut memorant, non inuidiosa nefandis 65
 Nec cupienda bonis regna Thoantis erant.
 Hic pro supposita uirgo Pelopeia cerua
 Sacra deae coluit qualiacumque suae.
 Quo postquam, dubium pius an sceleratus, Orestes
 Exactus furiis uenerat ipse suis 70
 Et comes exemplum ueri Phoeus amoris,

Se minhas súplicas não carecem de temeroso respeito. 50
 Um exílio mais brando e um pouco mais perto desejo,
 Num lugar mais longe do inimigo feroz;
 E tanta é a clemência de Augusto, que, se alguém lhe pedisse
 Isso por mim, talvez ele concedesse.
 Os frios litorais do Ponto Euxino me retêm, 55
 Ele, que os antigos chamaram Axeno;³⁴⁶
 Pois não são moderados os ventos que revolvem as águas,
 Nem a portos tranqüilos chega a nau estrangeira.
 Os povos ao redor buscam a presa com sangue,
 E não causa menos medo a terra que o mar traiçoeiro. 60
 Aqueles que, como ouves dizer, gostam de sangue humano
 Vivem quase sob o eixo da mesma constelação;³⁴⁷
 Não longe de mim está o local onde, em Táuris, o altar
 Da deusa de aljava é regado com imolações horrendas.³⁴⁸
 Estes eram antes, como contam, os reinos de Toas, 65
 Não invejados pelos ímpios, nem cobiçado pelos bons.
 Aqui, substituída por uma corça, a virgem Pelopéia
 Celebrou os ritos, quais fossem, a sua deusa.³⁴⁹
 Aqui, o próprio Orestes, se pio ou criminoso não se sabe,
 Depois viera perseguido por suas Fúrias, 70
 Junto, o companheiro focense, modelo de amizade verdadeira;³⁵⁰

³⁴⁶ Ver nota a III, 13, 28.

³⁴⁷ Povos antropofágicos que viviam próximos à Cítia e que são mencionados por Heródoto (IV, 18 e 106) e por Plínio (N. H. IV, 26). A constelação é a Ursa, sob a qual os antigos localizavam a Cítia (André, 1987, p. 112, nota 2 e Lechi, 1993, p. 298 notas 7 e 8).

³⁴⁸ A deusa Diana (Ártemis, na mitologia grega), cujo atributo típico era a aljava, por ser uma grande caçadora, era cultuada em Táuris (atual Criméia) por meio de sacrifícios humanos. Toas (ver verso seguinte), que era rei de Táuris, editou uma lei que prescrevia que fossem imolados à deusa Diana todos os estrangeiros que ali desembarcassem (Commelin, 2000, p. 308).

³⁴⁹ Ifigênia, filha de Agamêmnon, que, por sua vez, é neto de Pélope. Conta-se que Agamêmnon, quando se encontrava com sua frota em Áulis, por ter contrariado a deusa Ártemis, foi aconselhado por Calcas a realizar o sacrifício de sua filha Ifigênia para que se aplacasse a ira da deusa. No momento do sacrifício, porém, a própria deusa apiedou-se dela, colocou em seu lugar, como vítima, uma corça e a levou para Táuris, onde a tornou sua sacerdotisa. A função de Ifigênia era sacrificar à deusa todos os estrangeiros que aportassem em Táuris – ver nota anterior (Grimal, pp. 246b e 247b).

³⁵⁰ Orestes, por ter matado sua mãe Clitemnestra para vingar o assassinio de seu pai Agamêmnon, passou a ser perseguido pelas Fúrias (Erínias), que o atormentavam com remorsos. Para afastá-las, consultou o oráculo de Delfos que lhe vaticinou ir até Táuris e pegar a estátua de Diana. Lá chegando, Orestes e seu companheiro Pílates (filho de Estrófilo,

Qui duo corporibus, mentibus unus erant,
 Protinus euincti tristem ducuntur ad aram
 Quae stabat geminas ante cruenta fores.
 Nec tamen hunc sua mors nec mors sua terruit illum: 75
 Alter ob alterius funera maestus erat.
 Et iam constiterat stricto mucrone sacerdos
 Cinxerat et Graias barbara uitta comas,
 Cum uice sermonis fratrem cognouit et illi
 Pro nece complexus Iphigenia dedit. 80
 Laeta deae signum crudelia sacra perosae
 Transtulit ex illis in meliora locis.
 Haec igitur regio, magni paene ultima mundi,
 Quam fugere homines dique, propinqua mihi est;
 Aque mea terra prope sunt funebria sacra, 85
 Si modo Nasoni barbara terra sua est.
 O utinam uenti quibus est ablatas Orestes
 Placato referant et mea uela deo!

5

O mihi dilectos inter pars prima sodales,
 Vnica fortunis ara reperta meis,
 Cuius ab adloquiis anima haec moribunda reuixit,
 Vt uigil infusa Pallade flamma solet,
 Qui ueritus non es portus aperire fideles 5

Eles, que eram dois corpos e uma só alma,
 Logo foram amarrados e levados ao funesto altar
 Que se encontrava, cruento, ante as portas duplas.
 Mas nem a este sua morte, nem sua morte àquele amedrontou: 75
 Um estava aflito com o fim do outro.
 E já estava pronta com o cutelo em riste a sacerdotisa,
 E a fita bárbara tinha cingido as graias³⁵¹ comas,
 Quando, pela troca de palavras, reconheceu o irmão
 E, em vez da morte, Ifigênia lhe deu abraços. 80
 Alegre, a imagem da deusa que abominava ritos cruéis
 Carregou deste para um lugar melhor.
 Esta região, pois, quase nos confins do vasto mundo,
 Que evitam homens e deuses, é vizinha a mim;
 E, perto de minha terra, há sacrifícios humanos, 85
 Se se pode dizer ser de Ovídio esta terra bárbara.
 Ai! Oxalá os ventos que levaram embora Orestes levem
 De volta, quando se aplacar o deus, minhas velas!

5

Ó primeiro dentre meus diletos amigos,³⁵²
 Único refúgio encontrado por meus infortúnios,
 Cujas consolações este espírito moribundo reanimaram,
 Como acontece à chama vigilante ao verter-se Palas³⁵³,
 Tu, que não hesitaste em abrir portos seguros 5

rei da Fócida) seriam sacrificados (cf. nota anterior), mas Ifigênia reconheceu o irmão Orestes e fugiu com ele e Pílates, levando consigo a estátua de Diana (Grimal, 1997, p. 24a e 338b-339b). O mito que Ovídio narra nos vv. 63-82 constitui o argumento da peça *Ifigênia em Táuris* de Eurípides.

³⁵¹ Gregas.

³⁵² Esta elegia parece ser endereçada a Marco Valério Máximo Cota, filho de Marcos Valério Messala Corvino e irmão de Marcos Valério Messala Messalino (cf. vv. 29-30), o destinatário da elegia anterior (André, 1987, p. 114, 1, Lechi, 1993, p. 302, nota 2 e Montero, 2002, p. 124, nota 21).

³⁵³ Palas está sendo usada metonimicamente no lugar de azeite, pois atribuía-se à deusa Atena a invenção de sua fabricação, bem como a introdução da oliveira na Ática (Grimal, 1997, pp. 53aeb-54a).

Fulmine percussae confugiumque rati,
 Cuius eram censu non me sensurus egentem,
 Si Caesar patrias eripuisset opes,
 Temporis oblitum dum me rapit impetus huius,
 Excidit heu! nomen quam mihi paene tuum! 10
 Tu tamen agnoscis tactusque cupidine laudis
 “Ille ego sum” cuperes dicere posse palam.
 Certe ego, si sineres, titulum tibi reddere uellem
 Et raram famae conciliare fidem.
 Ne noceam grato uereor tibi carmine neue 15
 Intempestius nominis obstet honor.
 Quod licet – hoc tutum est – intra tua pectora gaude
 Meque tui memorem teque fuisse pium,
 Vtque facis, remis ad opem luctare ferendam,
 Dum ueniat placido mollior aura deo, 20
 Et tutare caput nulli seruabile, si non
 Qui mersit Stygia subleuet illud aqua.
 Teque, quod est rarum, praesta constanter ad omne
 Indeclinatae munus amicitiae.
 Sic tua processus habeat fortuna perennes, 25
 Sic ope non egeas ipse iuuesque tuos;
 Sic aequet tua nupta uirum bonitate perenni,
 Incidat et uestro rara querela toro;
 Diligat et semper socius te sanguinis illo
 Quo pius affectu Castora frater amat; 30
 Sic iuuenis similisque tibi sit natus, et illum
 Moribus agnoscat quilibet esse tuum;
 Sic faciat socerum lecto te nata iugali
 Nec tardum iuueni det tibi nomen aui.

E abrigo a esta nau fulminada pelo raio,
 Com cujas riquezas não me sentiria pobre,
 Se César me tivesse arrebatado os bens paternos,
 Enquanto me toma a exaltação e esqueço o momento atual,
 Por pouco, ai de mim, não me escapa teu nome! 10
 Tu, todavia, te reconheces e, movido pelo desejo de glória,
 Desejarias poder dizer abertamente: “Este sou eu”.
 Por certo eu, se me consentisses, gostaria de te render homenagem
 E entregar à fama tua rara lealdade.
 Temo te prejudicar com meus versos de gratidão 15
 E que te faça mal a inoportuna honra de te nomear.
 Alegra-te em teu peito, isto é permitido – e seguro –
 Por ter-me lembrado de ti e tu teres sido fiel,
 E, como vens fazendo, rema com força para me trazer ajuda,
 Até que, aplacado o deus, sobre uma brisa mais suave, 20
 E defende minha cabeça, que ninguém pode salvar, caso não
 A resgate quem a afundou nas águas estíguas³⁵⁴.
 E tu, o que é raro, mostra-te sempre fiel a todo
 Dever de uma amizade inabalável.
 Que teu destino se encha de contínuos sucessos, 25
 E que tu não careças de ajuda e possas ajudar os teus;
 Que tua esposa se iguale ao marido em perpétua bondade,
 E que raras desavenças recaiam sobre teu leito;
 Que teu irmão de sangue sempre te considere
 Com o mesmo afeto com que o fiel irmão ama Castor;³⁵⁵ 30
 Que teu jovem filho seja igual a ti, e que qualquer um
 O reconheça como teu por seus costumes;
 Que tua filha te torne sogro com suas núpcias,
 E logo te dê o nome de avô, ainda na tua juventude.

³⁵⁴ O Estige é o rio dos Infernos. Observamos que Ovídio novamente compara o exílio à morte (cf. II, 3, 53 e nota e I, 1, 6).

³⁵⁵ A amizade dos irmãos Máximo Cota e Messala Messalino (cf. nota ao v.1 desta elegia) é comparada à proverbial lealdade existente entre os irmãos Castor e Pólux, filhos de Júpiter e Leda.

Tempore ruricolae patiens fit taurus aratri
 Praebet et incuruo colla premenda iugo;
 Tempore paret equus lentis animosus habenis
 Et placido duros accipit ore lupos;
 Tempore Poenorum compescitur ira leonum 5
 Nec feritas animo quae fuit ante manet;
 Quaeque sui monitis obtemperat Inda magistri
 Belua, seruitium tempore uicta subit.
 Tempus ut extensis tumeat facit uua racemis,
 Vixque merum capiant grana quod intus habent; 10
 Tempus et in canas semen producit aristas,
 Et ne sint tristi poma sapore cauet;
 Hoc tenuat dentem terras renouantis aratri,
 Hoc rigidas silices, hoc adamanta terit,
 Hoc etiam saeuas paulatim mitigat iras, 15
 Hoc minuit luctus maestaque corda leuat.
 Cuncta potest igitur tacito pede lapsa uetustas
 Praeterquam curas attenuare meas.
 Vt patria careo, bis frugibus area trita est,
 Dissiluit nudo pressa bis uua pede; 20
 Nec quaesita tamen spatio patientia longo est,
 Mensque mali sensum nostra recentis habet.
 Scilicet et ueteres fugiunt iuga saeva iuuenci,
 Et domitus freno saepe repugnat equus.
 Tristior est etiam praesens aerumna priore: 25
 Vt sit enim sibi par, creuit et aucta mora est.
 Nec tam nota mihi, quam sunt, mala nostra fuerunt;
 Nunc magis hoc quo sunt cognitiora grauant.
 Est quoque non nihilum uires adferre recentes

Com o tempo, o touro passa a suportar o arado do lavrador
 E estende a cerviz ao peso do jugo recurvo;
 Com o tempo, o fogoso cavalo obedece às rédeas flexíveis
 E aceita na boca mansa o duro bridão;
 Com o tempo, aplaca-se a fúria dos leões púnicos 5
 E nem a ferocidade que lhes era peculiar se mantém;
 E a fera indiana³⁵⁶ que obedece às ordens de seu domador,
 Vencida, com o tempo, põe-se a servir.
 O tempo faz com que a uva grane nos cachos crescidos
 E mal possam as bagas conter o vinho dentro de si. 10
 O tempo também produz a semente nas alvas espigas
 E cuida para que os frutos não tenham um sabor amargo;
 Ele corrói o dente do arado que revolve a terra,
 Gasta as duras pedras e os diamantes,
 Também os sevos rancores pouco a pouco abrandam 15
 E alivia o luto e os corações aflitos acalma.
 Tudo, pois, pode o passar silencioso do tempo
 Atenuar, exceto meus afãs.
 Desde que a pátria me falta, duas vezes malharam-se grãos na eira,
 Duas vezes esmagou-se a uva ao macerá-la o pé desnudo; 20
 Não adquirir, contudo, resignação neste longo tempo
 E meu espírito tem a sensação de ser o mal recente.
 Por certo, também os bois mais velhos rejeitam amiúde o jugo
 E o cavalo domado amiúde recusa o freio.
 É mais triste, ademais, meu sofrimento atual que o de antes, 25
 Pois, embora seja o mesmo, cresceu e agravou-se com o tempo.
 Não sabia tanto de meus males quanto sei agora:
 Atualmente, pesam-me mais por conhecê-los melhor.
 Não é pouco, também, adquirir novas forças

³⁵⁶ O elefante.

Nec praeconsumptum temporis esse malis. 30
 Fortior in fulua nouus est luctator harena
 Quam cui sunt tarda brachia fessa mora;
 Integer est melior nitidis gladiator in armis,
 Quam cui tela suo sanguine tincta rubent.
 Fert bene praecipites nauis modo facta procellas; 35
 Quamlibet exiguo soluitur imbre uetus.
 Nos quoque, quae ferimus, tulimus patientius ante,
 Quae mala sunt longa multiplicata die.
 Credite, deficio, nostroque a corpore quantum
 Auguror, accedunt tempora parua malis. 40
 Nam neque sunt uires nec qui color esse solebat;
 Vix habeo tenuem, quae tegat ossa, cutem.
 Corpore sed mens est aegro magis aegra, malique
 In circumspectu stat sine fine sui.
 Vrbis abest facies, absunt, mea cura, sodales, 45
 Et, qua nulla mihi carior, uxor abest.
 Vulgus adest Scythicum bracataque turba Getarum.
 Sic me, quae uideo non uideoque, mouent.
 Vna tamen spes est, quae me soletur in istis,
 Haec fore morte mea non diuturna mala. 50

7

Bis me sol adiit gelidae post frigora brumae,
 Bisque suum tacto Pisce peregit iter.
 Tempore tam longo cur non tua dextera uersus
 Quamlibet in paucos officiosa fuit?

E não estar esgotado pelos males do tempo. 30

É mais forte na fulva arena o lutador novo,
 Que aquele cujos braços estão fatigados de tanto lutar;
 É melhor o gladiador incólume nas reluzentes armas,
 Que aquele cujos dardos estão vermelhos com seu sangue.

Suporta bem a força da tempestade a nau há pouco construída, 35
 A já velha faz-se em pedaços com qualquer chuvinha.

Eu, outrora, também suportei com mais paciência o que agora padeço:
 Meus males se multiplicaram com o longo passar dos dias.
 Acreditei, estou sucumbindo, e, pelo meu corpo, tanto quanto
 Prevejo, pouco tempo resta para meus males. 40

Pois não tenho as forças nem a cor habitual,
 Tenho apenas uma pele fina que mal cobre os ossos.
 O espírito, contudo, está mais doente que o adoentado corpo,
 Imóvel, na contemplação sem fim de seu mal.

Longe está a face de Roma, longe, os amigos que amo, 45
 E longe está a mais cara de todas para mim, a esposa.

Aqui estão o povo da Cítia e a turba de getas trajados de bragas³⁵⁷.
 Assim, o que vejo e o que não vejo me atormentam.

Mas tenho uma única esperança para me consolar nestes reveses:
 Meus males, por minha morte, não serão perpétuos. 50

7

Duas vezes o sol me visitou após o frio do gélido inverno,
 Duas vezes, passando por Peixes³⁵⁸, completou seu curso.
 Em tão longo tempo, por que tua destra não foi atenciosa,
 Ainda que em poucas linhas?

³⁵⁷ Ver III, 10, 19 e nota.

³⁵⁸ A constelação de Peixes indica o término do inverno do segundo ano após a chegada de Ovídio em Tomos; o sol entra nessa constelação em fevereiro e sai em março, época do início da primavera (André, 1987, p. 117, nota 1 e Montero, 2002, p. 127, nota 26).

Cur tua cessauit pietas scribentibus illis, 5
 Exiguus nobis cum quibus usus erat?
 Cur, quotiens alicui *chartae* sua uincula dempsi,
 Illam speraui nomen habere tuum?
 Di faciant ut saepe tua sit epistula dextra
 Scripta, sed ex multis reddita nulla mihi! 10
 Quod precor esse liquet; credam prius ora Medusae
 Gorgonis anguineis cincta fuisse comis,
 Esse canes utero sub uirginis, esse Chimaeram,
 A truce quae flammis separet angue leam,
 Quadrupedesque hominis cum pectore pectora iunctos, 15
 Tergeminumque uirum tergeminumque canem
 Sphingaque et *Harpyias* serpentipedesque Gigantes
 Centimanumque Gyan semibouemque uirum.
 Haec ego cuncta prius quam te, carissime, credam
 Mutatum curam deposuisse mei. 20
 Innumeri montes inter me teque uiaeque
 Fluminaque et campi nec freta pauca iacent.
 Mille potest causis, a te quae littera saepe
 Missa sit, in nostras rara uenire manus.

Por que acabou tua amizade³⁵⁹, se me escrevem aqueles 5

Com quem tinha pouca relação?

Por que sempre que tirei o lacre de alguma carta

Esperava que ela tivesse teu nome?

Façam os deuses que amiúde tua destra me tenha escrito

Cartas, mas, de muitas, nenhuma me tenha sido entregue! 10

É claro que é isso! Acreditaria antes na frente da Górgona

Medusa cingida de cabelo de serpente,

Em cães sob o ventre de uma jovem³⁶⁰, na existência da Quimera,

Com as chamas separando da fera serpente a leoa³⁶¹,

Nos quadrúpedes cujos peitos se ligam a peitos humanos,³⁶² 15

No homem de três corpos e no cão de três corpos,³⁶³

Na Esfinge³⁶⁴, nas Harpias³⁶⁵, nos Gigantes pés de serpente³⁶⁶,

Em Giges de cem mãos³⁶⁷ e no homem meio touro³⁶⁸.

Acreditaria antes em tudo isso que tu, caríssimo,

Mudado, não te preocupasses mais comigo. 20

Inúmeras montanhas e estradas e rios e campos

E não poucos mares estão entre nós.

Pode ser por mil razões que poucas das cartas que sempre

Me envias tenham chegado a minhas mãos.

³⁵⁹ O vocábulo “amizade” traduz aqui o termo latino *pietas* (sobre a significação desse vocábulo, ver nota a I, 3, 86).

³⁶⁰ Cila foi transformada por Circe em um monstro marinho, cujas virilhas eram cingidas pelos seis cães que devoraram seis companheiros de Ulisses, por causa do ódio que Cila nutria pela feiticeira e amante do herói grego (Ov. *Met.* XIII, 900-XIV, 74).

³⁶¹ A Quimera, na descrição das *Metamorfoses* IX, 647-648, possui peito e cara de leoa, cauda de serpente e chamas, separando essas duas partes.

³⁶² Os Centauros.

³⁶³ Gerião e Cérbero. O primeiro era um gigante com três corpos a partir da cintura, o segundo, o cão de três cabeças que guardava as portas dos Infernos (Grimal, 1997, p. 83a e 183b).

³⁶⁴ Monstro feminino que possuía cabeça de mulher, peito, patas e cauda de leão e asas como uma ave de rapina (Grimal, 1997, p. 149b).

³⁶⁵ São três gênios alados – Aelo ou Nicótoe, Ocípete e Celeno – cujos nomes revelam sua natureza: “borrasca”, “voa depressa” e “obscura”, respectivamente. Eram representadas como mulheres providas de asas ou como aves com cabeça de mulher e garras afiadas (Grimal, 1997, p. 192ab).

³⁶⁶ Os gigantes são seres enormes que possuem uma força descomunal e um aspecto aterrador: cabeleira espessa, barba hirsuta e suas pernas são corpos de serpente (Grimal, 1997, p. 184a).

³⁶⁷ É um dos Hecatonquiros, gigantes de cem braços, concebidos da união da Terra com o Céu (Grimal, 1997, p. 185a).

³⁶⁸ Minotauro.

Mille tamen causas scribendo uince frequenter, 25
Excusem ne te semper, amice, mihi!

8

Iam mea cycneas imitantur tempora plumas
Inficit et nigras alba senecta comas;
Iam subeunt anni fragiles et inertior aetas,
Iamque parum firmo me mihi ferre graue est.
Nunc erat ut posito deberem fine laborum 5
Viure me nullo sollicitante metu,
Quaeque meae semper placuerunt otia menti
Carpere et in studiis molliter esse meis
Et paruam celebrare domum ueteresque Penates
Et quae nunc domino rura paterna carent, 10
Inque sinu dominae carisque sodalibus inque
Securus patria consenuisse mea.
Haec mea sic quondam peragi sperauerat aetas;
Hos ego sic annos ponere dignus eram.
Non ita dis uisum, qui me terraque marique 15
Actum Sarmaticis exposuere locis.
In caua ducuntur quassae naualia puppes,
Ne temere in mediis dissoluantur aquis;
Ne cadat et multas palmas inhonestet adeptus,
Languidus in pratis gramina carpit equus; 20
Miles, ubi emeritis non est satis utilis annis,
Ponit ad antiquos, quae tulit arma, Lares.
Sic igitur tarda uires minuenta senecta
Me quoque donari iam rude tempus erat;

Vence, contudo, essas mil razões, escrevendo com freqüência, 25
Para que não precise sempre, ó amigo, te desculpar!

8

Já minhas têmporas imitam a plumagem dos cisnes
E tinge as negras comas a alva velhice;
Já avançam os frágeis anos e a idade mais inerte,
E já, pouco firme, é-me penoso sustentar-me.
Era agora, findos os trabalhos, que deveria 5
Viver sem nenhum medo a me inquietar,
Gozar os ócios que sempre deleitaram minh'alma,
Dedicar-me a meus estudos com tranqüilidade,
Freqüentar o modesto lar e os antigos Penates
E os campos paternos, agora privados de seu dono, 10
E no seio da esposa, entre os caros amigos,
A salvo em minha pátria envelhecer.
Esperara, outrora, terminar assim esta minha vida,
Estes anos assim os merecia passar.
Os deuses quiseram diferente, eles que, impelindo-me por terra 15
E mar, aportaram-me na região da Sarmácia.
A côncavos estaleiros levam-se as naus danificadas,
Para não serem temerariamente despedaçadas em meio às águas;
Para que não caia e desonre os muitos troféus que conquistou,
O cavalo nos prados, lânguido, as ervas pasta; 20
O soldado, findo seu tempo de milícia, quando não é mais muito útil,
Depõe junto aos antigos Lares as armas que empunhou.
Assim, pois, diminuídas as forças pela tarda velhice,
Já era tempo de também me presentear com o bastão;³⁶⁹

³⁶⁹ Era costume romano que os gladiadores recebessem do pretor uma vara ou espada de madeira, como sinal de terem sido dispensados do serviço.

Tempus erat nec me peregrinum ducere caelum 25
 Nec siccam Getico fonte leuare sitim,
 Sed modo, quos habui, uacuos secedere in hortos,
 Nunc hominum uisu rursus et urbe frui.
 Sic animo quondam non diuinante futura
 Optabam placide uiuere posse senex. 30
 Fata repugnarunt, quae, cum mihi tempora prima
 Mollia praebuerint, posteriora grauant.
 Iamque decem lustris omni sine labe peractis
 Parte premor uitae deteriore meae,
 Nec procul a metis quas paene tenere uidebar 35
 Curriculo grauis est facta ruina meo.
 Ergo illum demens in me saeuire coegi,
 Mitius inmensus quo nihil orbis habet
 Ipsaque delictis uicta est clementia nostris!
 Nec tamen errori uita negata meo est, 40
 Vita procul patria peragenda sub axe Boreo,
 Qua maris Euxini terra sinistra iacet.
 Haec mihi si Delphi Dodonaque diceret ipsa,
 Esse uideretur uanus uterque locus.
 Nil adeo ualidum est, adamas licet alliget illud, 45
 Vt maneat rapido firmitus igne Iouis.
 Nil ita sublime est supraque pericula tendit,
 Non sit ut inferius subpositumque deo.
 Nam quamquam uitio pars est contracta malorum,
 Plus tamen exitii numinis ira dedit. 50
 At vos admoniti nostris quoque casibus este,
 Aequantem Superos emeruisse uirum!

Era tempo não de eu respirar um ar estrangeiro 25
 Nem matar a árida sede em uma fonte gética,
 Mas sim de me recolher aos quietos jardins que possuía,
 E agora novamente gozar da vista dos homens e da cidade.
 Assim, outrora, não adivinhando meu espírito o futuro,
 Augurava poder viver tranqüilamente quando velho. 30
 O destino se opôs, ele que, embora se me mostrasse brando
 Nos primeiros tempos, pesou sobre os seguintes,
 E agora que se passaram dez lustros sem qualquer mancha,
 Sou atormentado na pior fase de minha vida;
 Não longe das metas que parecia quase atingir, 35
 Uma grande ruína se abateu sobre meu carro.
 Eu, pois, insensato, constrangi-o a se encolerizar contra mim,
 Ele, a quem nada, no mundo inteiro, supera em doçura,
 E sua clemência foi vencida por meus delitos.
 A vida, contudo, não me foi negada por meu erro, 40
 Longe da pátria deverei passar a vida, sob o pólo boreal,
 Onde se estende a margem sinistra³⁷⁰ do mar Euxino.
 Se isso me tivessem predito Delfos e a própria Dodona,³⁷¹
 Pareceriam vãos um e outro oráculo.
 Nada é tão sólido, mesmo reforçado com aço, 45
 Que possa resistir ao violento raio de Jove.
 Nada é tão elevado e paira sobre os perigos,
 Que não seja inferior e sujeito a um deus.
 Pois, embora parte dos males fosse obtida por meu erro,
 A ira da divindade, contudo, tornou maior o flagelo. 50
 E vós, ficai também advertidos, por meus infortúnios,
 De serem merecedores de um homem igual aos deuses!

³⁷⁰ O adjetivo latino *sinistra* alude tanto à localização geográfica - a margem esquerda (em relação a quem navega do estreito de Bósforo para cima) do Ponto Euxino (atual Mar Negro) quanto ao trágico destino de Ovídio, por significar também “de mau agouro”, “funesto” (ver I, 2, 83 e 11, 31).

³⁷¹ Delfos e Dodona são duas cidades gregas, famosas por seus oráculos.

Si licet et pateris, nomen facinusque tacebo
 Et tua Lethaeis acta dabuntur aquis,
 Nostraque uincetur lacrimis clementia seris.
 Fac modo te pateat paenituisse tui!
 Fac modo te damnes cupiasque eradere uitae 5
 Tempora, si possis, Tisiphonaea tuae.
 Sin minus, et flagrant odio tua pectora nostro,
 Induet infelix arma coacta dolor.
 Sim licet extremum, sicut sum, missus in orbem,
 Nostra suas isto porriget ira manus. 10
 Omnia, si nescis, Caesar mihi iura reliquit,
 Et sola est patria poena carere mea,
 Et patriam, modo sit sospes, speramus ab illo:
 Saepe Iouis telo quercus adusta uiret.
 Denique uindictae si sit mihi nulla facultas, 15
 Pierides uires et sua tela dabunt.
 Quod Scythicis habitem longe summotus in oris
 Siccaeque sint oculis proxima signa meis,
 Nostra per immensas ibunt praeconia gentes,
 Quodque querar, notum, qua patet orbis, erit. 20
 Ibit ad occasum quicquid dicemus ob ortu,
 Testis et Hesperiae uocis Eous erit;
 Trans ego tellurem, trans altas audiar undas,
 Et gemitus uox est magna futura mei.
 Nec tua te sontem tantummodo saecula norint: 25
 Perpetuae crimen posteritatis eris.
 Iam feror in pugnās et nondum cornua sumpsī,

Se for possível e permitires, o nome e o crime calarei,³⁷²
 E teus atos serão atirados às águas do Letes,
 E minha clemência será vencida por tuas lágrimas tardias.
 Faz apenas que fique claro que te arrependes,
 Faz ver que te condenas e desejas apagar, se podes, 5
 De tua vida esse momento de Tisífone³⁷³.
 Se não o fizeres e teu peito arder de ódio por mim,
 Tomará das armas contra vontade minha dor infeliz.
 Mesmo que enviado, como estou, aos confins do mundo,
 Minha cólera estenderá suas mãos até aí. 10
 Todos os direitos, se ignoras, César deixou-me,
 Minha única pena é me privar da pátria,
 E a pátria, conquanto viva, espero dele,
 Amiúde o carvalho abrasado pelo raio de Jove reverdece.
 Enfim, se não houver nenhuma possibilidade de me vingar, 15
 As Piérides me darão forças e suas armas.
 Ainda que viva longe, relegado nos litorais cítricos,
 E próximas estejam de meus olhos as secas contelações³⁷⁴,
 Minha declaração se espalhará por todos os povos,
 E minhas queixas serão conhecidas por onde se estende o mundo. 20
 Irá do nascente ao poente tudo que disser,
 E da voz da Hespéria será testemunha o Oriente;
 Serei ouvido além da terra e além do alto mar,
 E há de ser grande a voz de meu lamento.
 Não somente tua época te saberá culpado: 25
 Por toda a posteridade serás acusado.
 Já sou impelido a lutar e ainda não tomei da corneta,

³⁷² Esta elegia, assim como a III, 11 e V, 8, é dirigida a um inimigo desconhecido, que se pode identificar com o destinatário do *Ibis* (André, 1987, p. 12, n. 1, Lechi, 1993, p. 318, n. 1 e Montero, 2002, p. 130, n.31).

³⁷³ Tisífone é uma das Fúrias (ou Erínias), as divindades vingadoras, que perseguiram os criminosos para os atormentar.

³⁷⁴ A Ursa Maior e Menor - ver IV, 3, 2 e nota.

Nec mihi sumendi causa sit ulla uelim.
 Circus adhuc cessat, spargit iam toruus harenam
 Taurus et infesto iam pede pulsat humum. 30
 Hoc quoque, quam uolui, plus est: cane, Musa, receptus,
 Dum licet huic nomen dissimulare suum.

10

Ille ego qui fuerim, tenerorum lusor amorum,
 Quem legis, ut noris, accipe, posteritas.
 Sulmo mihi patria est gelidis uberrimus undis
 Milia qui nouies distat ab Vrbe decem.
 Editus hic ego sum, nec non, ut tempora noris, 5
 Cum cecidit fato consul uterque pari.
 Si quid id est, usque a proauis uetus ordinis heres,
 Non modo fortunae munere factus eques.
 Nec stirps prima fui, genito sum fratre creatus
 Qui tribus ante quater mensibus ortus erat. 10
 Lucifer amborum natalibus affuit idem;
 Vna celebrata est per duo liba dies:
 Haec est armiferae festis de quinque Mineruae,
 Quae fieri pugna prima cruenta solet.
 Protinus excolimur teneri curaue parentis 15
 Imus ad insignes Urbis ab arte uiros.
 Frater ad eloquium uiridi tendebat ab aeuo,

Quisera eu que nenhum motivo houvesse para tomá-la.
 O circo ainda se cala; já, olhando de esguelha, escarva a areia
 O touro e já bate com pé ameaçador o solo. 30
 Isto também é mais do que desejei: toca, ó Musa, a retirada,
 Enquanto é possível ocultar seu nome.

10³⁷⁵

Escuta, ó posteridade, para que saibas
 Aquele que fui, o cantor de ternos amores, que tu lês.
 Sulmona é minha pátria, riquíssima em águas frescas,
 Nove vezes dez milhas distante de Roma.
 Nasci nesse lugar, e, para que saibas a época, 5
 Quando sucumbiram ambos os cônsules por igual sina.³⁷⁶
 Se tiver algum valor, sou, de meus bisavôs, um velho herdeiro de sua ordem,
 Não me tornei há pouco um cavaleiro por um favor do destino.
 Não fui o primogênito, nasci depois de meu irmão,
 Que quatro vezes três meses antes viera à luz. 10
 A mesma estrela assistiu ao nascimento de nós dois
 E um único dia foi celebrado com dois bolos:³⁷⁷
 É este, dos cinco dias de festa da armífera Minerva,
 O primeiro em que acontecem os sangrentos combates.³⁷⁸
 Desde a infância, fomos educados e, por cuidado de nosso pai, 15
 Enviados até os mestres de Roma, ilustres por sua arte.³⁷⁹
 Desde a flor da idade, meu irmão inclinava-se à eloquência,

³⁷⁵ Esta elegia é uma autobiografia de Ovídio, em que encontramos muitos dados sobre sua vida.

³⁷⁶ Ovídio faz referência aos cônsules Hircio e Pansa, que morreram combatendo contra Antônio na guerra de Módena, no ano 43 a.C. (André, 1987, p. 122, nota 3; Lechi, 1993, p. 322, nota 1 e Montero, 2002, p. 131, nota 36).

³⁷⁷ O *libum* era uma espécie de bolo ou pão oferecido em sacrifícios e cerimônias, como o ritual da comemoração do nascimento (ver III, 13, 17).

³⁷⁸ Durante as Quinquátrias, festividade em honra a Minerva que começava em 19 de março e durava cinco dias, eram comuns as disputas entre gladiadores, a partir do segundo dia de celebração (Grimal, 1997, p. 312b e Brandão, 1993, pp. 138-139). Ovídio, então, nasceu no dia 20 de março.

³⁷⁹ Aurélio Fusco e Pórcio Latrão, como sabemos por Sêneca, o Pai (*Contr.* 2, 2, 8).

Fortia uerbosi natus ad arma fori.
At mihi iam puero caelestia sacra placebant
Inque suum furtim Musa trahebat opus. 20
Saepe pater dixit: “Studium quid inutile temptas?
Maeonides nullas ipse reliquit opes.”
Motus eram dictis totoque Helicone relicto
Scribere temptabam uerba soluta modis.
Sponte sua carmen numeros ueniebat ad aptos, 25
Et quod temptabam scribere uersus erat.
Interea tacito passu labentibus annis
Liberior fratri sumpta mihiq̄ue toga est,
Induiturque umeris cum lato purpura clauo,
Et studium nobis, quod fuit ante, manet. 30
Iamque decem uitae frater geminauerat annos,
Cum perit, et coepi parte carere mei.
Cepimus et tenerae primos aetatis honores
Eque uiris quondam pars tribus una fui.
Curia restabat: clauī mensura coacta est. 35
Maius erat nostris viribus illud onus.
Nec patiens corpus, nec mens fuit apta labori,
Sollicitaeque fugax ambitionis eram;

Nascido para duras contendas do fórum loquaz.
Mas a mim, ainda criança, deleitavam os ritos sublimes,
A Musa furtivamente arrastava-me a sua arte. 20
Meu pai amiúde dizia: “Por que tentas um estudo inútil?
Nem o próprio Meônida³⁸⁰ deixou bem algum.”
Abalavam-me tais dizeres e, abandonado todo o Hélicon,³⁸¹
Arriscava palavras livres de metro:
Mas, por si, vinha a poesia no metro adequado, 25
E o que tentava escrever saía em verso.³⁸²
Neste ínterim, transcorridos os anos a passo silencioso,
Eu e meu irmão tomamos a toga viril,³⁸³
Reveste-nos os ombros a púrpura do laticlavo,³⁸⁴
Mas nossa inclinação permanece a mesma de antes. 30
Já tinha meu irmão duplicado seus dez anos de vida
Quando morreu, e pela primeira vez perdi parte de mim.
Obtive as primeiras honras da juventude³⁸⁵
E fiz outrora parte dos triúmviros.³⁸⁶
Restava a Cúria³⁸⁷: mas a largura da púrpura diminuiu;³⁸⁸ 35
Era aquele peso maior que minhas forças.
Não era resistente o corpo, nem o espírito apto ao trabalho,
E eu fugia à atribulada ambição;

³⁸⁰ Homero, nascido na Meônia (Lídia) – (cf. I, 1, 47 e II, 378).

³⁸¹ Monte da Beócia consagrada a Apolo e às Musas. Ovídio faz aqui referência à atividade poética.

³⁸² Ver Sêneca, o Pai, *Controuersiae* II, 2, 8, sobre a tendência de Ovídio de escrever poesia.

³⁸³ Os jovens romanos vestiam-se com a *toga praetexta* até os dezessete anos, quando começavam a usar a *toga liberior* (ou *uirilis*) (Fredouille, 1996, p. 204).

³⁸⁴ Na época imperial, os jovens patrícios que aspirassem à carreira política recebiam, junto com a toga viril, o laticlavo (*latus clauus*), uma larga faixa de púrpura que era colocada sobre a túnica, usada, a princípio, somente pelos senadores e seus descendentes (André, 1987, p. 122, nota 4; Lechi, 1993, p. 324, nota 9 e Montero, 2002, p. 132, nota 38).

³⁸⁵ I.e., os primeiros cargos da carreira pública e política (*cursus honorum*).

³⁸⁶ Eram magistrados judiciais, encarregados de supervisionar as prisões e execuções (André, 1987, p. 122, nota 5; Lechi, 1993, p. 324, nota 10 e Montero, 2002, p. 132, nota 39).

³⁸⁷ A Cúria era o local onde o Senado se reunia, era também o lugar onde aconteciam as assembléias das cidades das províncias e da Itália e reuniões em geral (Fredouille, 1996, pp. 74-75). Aqui, é sinônimo de Senado.

³⁸⁸ Ovídio relata sua renúncia à carreira política, ao referir-se ao tamanho da faixa, pois, ao invés de receber o laticlavo, faixa distintiva dos Senadores (ver nota acima ao verso 29), ele recebeu o angusticlavo (*angustus clauus*), faixa de púrpura mais estreita que caracterizava a ordem equestre.

Et petere Aoniae suadebant tuta sorores
 Otia iudicio semper amata meo. 40
 Temporis illius colui fouique poetas,
 Quotque aderant uates, rebar adesse deos.
 Saepe suas Volucres legit mihi grandior aeuo,
 Quaeque nocet serpens, quae iuuat herba, Macer;
 Saepe suos solitus recitare Propertius ignes 45
 Iure sodalicii quo mihi iunctus erat;
 Ponticus heroo, Bassus quoque clarus iambis
 Dulcia conuictus membra fuere mei,
 Et tenuit nostras numerosus Horatius aures,
 Dum ferit Ausonia carmina culta lyra. 50
 Vergilium uidi tantum, nec auara Tibullo
 Tempus amicitiae fata dedere meae.
 Successor fuit hic tibi, Galle, Propertius illi,
 Quartus ab his serie temporis ipse fui.
 Vtque ego maiores, sic me coluere minores, 55
 Notaque non tarde facta Thalia mea est.
 Carmina cum primum populo iuuenilia legi,
 Barba resecta mihi bisue semelue fuit.
 Mouerat ingenium totam cantata per urbem

E as irmãs aônias³⁸⁹ induziam-me a procurar
 Os tranqüilos ócios, sempre por mim amados. 40
 Os poetas daquele tempo cultivei e favoreci,
 E quantos fossem os vates presentes, julgava todos deuses.
 Freqüentemente suas *Aves* leu para mim Macro, que era mais velho,
 E quais serpentes matam e quais ervas curam;³⁹⁰
 Freqüentemente costumava recitar-me seus ardores Propércio³⁹¹, 45
 Que se ligara a mim por laços de amizade;
 Pôntico, célebre pelo verso heróico, e Basso, pelos iambos,
 Foram ambos caros membros de meu círculo;³⁹²
 Horácio, de ritmos fecundo, encantou meus ouvidos
 Ao entoar na lira ausônia seus doutos versos. 50
 Virgílio, apenas vi; a Tibulo, os avaros fados
 Não deram tempo para minha amizade.³⁹³
 Este, Galo, foi teu sucessor, e Propércio dele;
 Desses, sou o quarto na seqüência do tempo.³⁹⁴
 Como cultivei os mais antigos, também os jovens a mim, 55
 Sem tardar tornou-se conhecida minha Talia.³⁹⁵
 A primeira vez que li em público meus versos juvenis,³⁹⁶
 Minha barba fora cortada uma ou duas vezes.
 Movera-me o engenho aquela mulher, cantada por toda a Cidade,

³⁸⁹ A Aônia é o antigo nome da Beócia, região em que se situa o monte Hélicon, consagrado às Musas (ver IV, 10, 23).

³⁹⁰ O poeta didático Emílio Macro (± 70-16 a.C.) escreveu um livro sobre pássaros (*Ornithogonia*), um tratado sobre animais (*Theriaca*), provavelmente os peçonhentos, como as cobras, e um sobre ervas medicinais (antídotos - *Alexipharmaca*) – (Della Corte, 1973, p. 310).

³⁹¹ Famoso poeta elegíaco.

³⁹² Propércio dedica duas elegias a Pôntico (I, 7 e 9), mencionado como autor de uma certa *Tebaida*, poema épico que narrava a guerra contra Tebas, o qual não chegou até nós (o verso heróico é o hexâmetro). O poeta iâmbico Basso também é citado por Propércio (I, 4).

³⁹³ Virgílio e Tibulo morrem no mesmo ano e mês, em setembro de 19 a.C. (Conte, 1992, nos capítulos dedicados a cada um dos poetas). Ovídio, então, tinha na época 24 anos.

³⁹⁴ Cornélio Galo nasceu em 69, Tibulo entre 55 e 50, Propércio entre 49 e 47 e Ovídio em 43 a.C. (*id.*, *ibid.*).

³⁹⁵ A Musa que presidia a comédia e a poesia ligeira (Grimal, 1997, p. 426b).

³⁹⁶ Segundo Manguel (1997, p. 281), o qual discute o papel da leitura na Roma do primeiro século da era cristã, baseando-se nas cartas de Plínio, o Moço, a leitura pública das obras realizada pelos próprios autores tornou-se uma cerimônia da moda na Roma do primeiro século de nossa era. Era tão comum e difundida essa prática da leitura pública em Roma, que Marcial, em seu epigrama III, 44, faz uma crítica a esse hábito: *Nam tantos, rogo, quis ferat labores?/Et stanti legis et legis sedenti, / currenti legis et legis cacanti.* (“Quem poderia, pergunto-te, suportar tão grandes fadigas?/ Lê quando estou sentado e lê quando estou em pé, / lê quando estou correndo e lê quando estou cagando”).

Nomine non uero dicta Corinna mihi. 60
 Multa quidem scripsi, sed quae uitiosa putau
 Emendaturis ignibus ipse dedi.
 Tunc quoque, cum fugerem, quaedam placitura cremaui,
 Iratus studio carminibusque meis.
 Molle Cupidineis nec inexpugnabile telis 65
 Cor mihi quodque leuis causa moueret erat.
 Cum tamen hic essem minimoque accenderer igni,
 Nomine sub nostro fabula nulla fuit.
 Paene mihi puero nec digna nec utilis uxor
 Est data, quae tempus per breue nupta fuit; 70
 Illi successit quamuis sine crimine coniux,
 Non tamen in nostro firma futura toro;
 Vltima, quae mecum seros permansit in annos,
 Sustinuit coniux exulis esse uiri.
 Filia me mea bis prima fecunda iuuenta, 75
 Sed non ex uno coniuge, fecit auum.
 Et iam complerat genitor sua fata nouemque
 Addiderat lustris altera lustra nouem.
 Non aliter fleui quam me fleturus ademptum
 Ille fuit. Matri proxima iusta tuli. 80
 Felices ambo tempestiueque sepulti,
 Ante diem poenae quod periere meae!
 Me quoque felicem, quod non uiuentibus illis
 Sum miser et de me quod doluere nihil!
 Si tamen extinctis aliquid nisi nomina restant 85
 Et gracilis structos effugit umbra rogos,
 Fama, parentales, si uos mea contigit, umbrae,
 Et sunt in Stygio crimina nostra foro,

Que chamei pelo falso nome de Corina.³⁹⁷ 60
De fato muito escrevi, mas o que julguei ruim
Atirei ao fogo reparador.
Também, quando fui desterrado, queimei o que podia agradar,
Enfurecido com minha paixão e versos.
Mole, meu coração não era invencível às flechas 65
De Cupido, qualquer coisa o comovia.
Embora fosse assim e me abrasasse à menor faísca,
Em meu nome boato algum correu.
Quase criança, uma mulher nem digna nem útil
Deram-me, foi minha esposa por pouco tempo; 70
Sucedeu-a uma outra que, embora sem mácula,
Não se demoraria em nosso leito;
A última, que esteve comigo nos avançados anos,
Suportou ser esposa de um homem exilado.
Minha filha, fecunda na primeira juventude, 75
Fez-me duas vezes avô, mas não do mesmo marido.
Já completara meu pai seu destino, ao somar
Nove lustros a outros nove;³⁹⁸
Não de outro modo chorei que ele me choraria
Morto. Em seguida suportei os funerais de minha mãe. 80
Ambos felizes e sepultados a tempo,
Pois se foram antes do dia de minha punição!
Feliz também eu, desgraçado quando não mais vivem,
Pois de mim nada padeceram!
Se, todavia, aos mortos resta algo além de nomes 85
E fuge à pira ardente a tênue sombra,
Se notícias minhas, ó manes paternos, chegaram até vós
E meus crimes são comentados no fórum estígio,³⁹⁹

³⁹⁷ Alusão aos *Amores*.

³⁹⁸ O pai de Ovídio parece ter morrido com 90 anos.

³⁹⁹ Ovídio leva aos Infernos o Fórum, uma espécie de praça central da cidade onde se celebravam reuniões políticas e julgamentos, bem como o lugar em que as pessoas se encontravam para conversar, marcar encontros, pôr-se a par das

Scite, precor, causam – nec uos mihi fallere fas est –
 Errorem iussae, non scelus, esse fugae. 90
 Manibus hoc satis est! ad uos, studiosa, reuertor
 Pectora quae uitae quaeritis acta meae.
 Iam mihi canities pulsus melioribus annis
 Venerat antiquas miscueratque comas.
 Postque meos ortus Pisaea uinctus oliua 95
 Abstulerat decies praemia uictor eques,
 Cum maris Euxini positos ad laeua Tomitas
 Quaerere me laesi principis ira iubet.
 Causa meae cunctis nimium quoque nota ruinae
 Indicio non est testificanda meo. 100
 Quid referam comitumque nefas famulosque nocentes?
 Ipsa multa tuli non leuiora fuga.
 Indignata malis mens est succumbere seque
 Praestitit inuictam uiribus usa suis;
 Oblitusque mei ductaeque per otia uitae 105
 Insolita cepi temporis arma manu
 Totque tuli terra casus pelagoque quot inter
 Occultum stellae conspicuumque polum.
 Tacta mihi tandem longis erroribus acto
 Iuncta pharetratis Sarmatis ora Getis. 110
 Hic ego finitimis quamuis circumsoner armis,
 Tristia, quo possum, carmine fata leuo.
 Quod, quamuis nemo est cuius referatur ad aures,
 Sic tamen absumo decipioque diem.

Sabei, rogo – não vos posso enganar – que o motivo
 De ter sido banido foi um erro, não um crime. 90
 Isso basta aos manes! Volto-me a vós, corações
 Sequiosos de saber fatos de minha vida.
 Já, passados os melhores anos, chegaram-me as cãs,
 E às comas de outrora se mesclaram.
 Após meu nascimento, coroado com a oliveira piséia, 95
 O cavaleiro vencedor já conquistara dez vezes os prêmios,⁴⁰⁰
 Quando para Tomos, à esquerda do mar Euxino,
 Ordenou-me ir a cólera do príncipe ofendido.
 O motivo de minha ruína, bem conhecido de todos,
 Não precisa ser atestado por mim. 100
 Que direi dos amigos infames e dos fâmulos traiçoeiros?
 Coisas não mais leves que o próprio exílio suportei.
 Meu espírito recusou sucumbir a tais golpes,
 E, usando de suas forças, mostrou-se invencível;
 Esquecido de mim e da vida em ócios que levava, 105
 Tomei, com mão não acostumada, as armas da ocasião⁴⁰¹,
 E tantos infortúnios sofri, por terra e mar, quantas, entre o pólo
 Oculto e o visível, são as estrelas.
 Toquei, finalmente, após tanto vagar, a costa dos sármatas,
 Próxima aos getas que portam aljava. 110
 Aqui, embora zunam a meu redor as armas vizinhas,
 Meus tristes fados, quanto posso, com a poesia alivio.
 Embora não haja ninguém para cujos ouvidos possa recitá-la,
 Todavia, assim engano e passo os dias.

novidades, etc. Na origem, o Fórum era o local destinado ao mercado, mas logo se tornou o centro vital dos assuntos privados e públicos dos romanos. Os principais monumentos eram levantados ao redor dessa praça pública (Fredouille, 1996, p. 106).

⁴⁰⁰ Para dizer sua idade, 50 anos quando do exílio, Ovídio faz referência aos jogos olímpicos (em Pisa, localiza-se Élide, vizinha a Olímpia), que aconteciam a cada cinco anos, na contagem dos romanos. Para André (1987, p. 162, nota 2), o cômputo romano do intervalo das Olimpíadas difere do grego (a cada quatro anos), devido ao fato de elas começarem em julho, completando cinco dos anos romanos, que começam em janeiro. Para Lechi (1983, p. 328, nota 21), os romanos traçaram uma equivalência entre o intervalo das Olimpíadas e o *lustrum*, período de cinco anos do cargo de censor.

⁴⁰¹ Ver IV, 1, 71-86.

Ergo, quod uiuo durisque laboribus obsto 115
 Nec me sollicitae taedia lucis habent,
 Gratia, Musa, tibi! Nam tu solacia praebes,
 Tu curae requies, tu medicina uenis.
 Tu dux et comes es; tu nos abducis ab Histro,
 In medioque mihi das Helicone locum. 120
 Tu mihi, quod rarum est, uiuo sublime dedisti
 Nomen, ab exequiis quod dare fama solet.
 Nec, qui detrectat praesentia, liuor iniquo
 Vllum de nostris dente momordit opus.
 Nam tulerint magnos cum saecula nostra poetas, 125
 Non fuit ingenio fama maligna meo,
 Cumque ego praeponam multos mihi, non minor illis
 Dicor et in toto plurimus orbe legor.
 Si quid habent igitur uatum praesagia ueri,
 Protinus ut moriar, non ero, terra, tuus. 130
 Sive fauore tuli siue hanc ego carmine famam,
 Iure tibi grates, candide lector, ago.

Portanto, se vivo e resisto a duras fadigas, 115
 E o desgosto de uma vida perturbada não me toma,
 Dou-te graças, ó Musa! Pois tu me dás conforto,
 Tu és o repouso de meus afãs, tu vens como remédio;
 Tu és minha condutora e companheira, tu me levas do Istro
 E me dás um lugar em meio ao Hélicon. 120
 Tu me deste, ainda vivo, o que é raro, grande renome,
 Que a fama só costuma dar após a morte.
 Nem a inveja, que despreza as obras do momento,
 Mordeu trabalho algum dos meus com seu dente injusto.
 Pois, ainda que nosso século tenha produzido grandes poetas, 125
 Não foi malévola a fama com meu talento.
 E, embora coloque muitos acima de mim, não me julgam
 Menor que eles e sou muito lido em todo o universo.
 E, se algo de verdade têm os presságios dos vates,
 Tão logo morra, não serei teu, ó terra. 130
 Se por teu favor trago tal fama, ou pela poesia,
 Com justiça rendo-te graças, benévolo leitor.

LIVRO V

LIBER QUINTVS

1

Hunc quoque de Getico, nostri studiose, libellum
 Litore praemissis quattuor adde meis!
Hic quoque talis erit qualis fortuna poetae:
 Inuenies toto carmine dulce nihil.
Flebilis ut noster status est, ita flebile carmen, 5
 Materiae scripto conueniente suae.
Integer et laetus laeta et iuuenalia lusi;
 Illa tamen nunc me composuisse piget.
Vt cecidi, subiti perago praeconia casus
 Sumque argumenti conditor ipse mei, 10
Vtque iacens ripa deflere Caystrius ales
 Dicitur ore suam deficiente necem,
Sic ego Sarmaticas longe proiectus in oras
 Efficio tacitum ne mihi funus eat.
Delicias si quis lasciuaque carmina quaerit, 15
 Praemoneo, nunquam est scripta quod ista legat.
Aptior huic Gallus blandique Propertius oris,
 Aptior, ingenium come, Tibullus erit.
Atque utinam numero non nos essemus in isto!
 Ei mihi, cur umquam Musa iocata mea est? 20
Sed dedimus poenas Scythicique in finibus Histri
 Ille pharetrati lusor Amoris abest.
Quod superest, animos ad publica carmina flexi
 Et memores iussi nominis esse sui.

LIVRO V

1

Também este livrinho, meu admirador, ajunta
Aos quatro outros enviados do litoral gético!
Também este será tal qual a sorte do poeta:
Não encontrarás em toda poesia nenhuma amenidade.
Como é lamentosa minha situação, também é lamentosa a poesia, 5
Adapta-se a forma ao conteúdo.
Ileso e alegre, com versos alegres e juvenis me divertia:
Agora, contudo, pesa-me tê-los composto.
Como caí, faço a narração de minha súbita ruína
E eu mesmo sou de meu assunto o autor. 10
E como a ave do Caístro, prostrada sobre a margem,
Conta-se, chora sua morte com débil canto,⁴⁰²
Assim eu, banido para longe, nos litorais sarmáticos,
Faço com que meu funeral⁴⁰³ não passe em silêncio.
Se alguém busca prazeres e versos licenciosos, 15
Previno, não há por que ler estes escritos.
Para isso, Galo será melhor e Propércio de canto suave,
E melhor Tibulo, gracioso talento.
Oxalá não fizesse parte desse número!
Ai de mim, por que minha Musa um dia gracejou? 20
Mas sofro o castigo, e, longe, nos confins do Istro cítico⁴⁰⁴
Está aquele jocoso cantor do Amor, de aljava.
Quanto ao resto, volvi o espírito aos versos de interesse público,
E obriguei-o a não esquecer seu nome.

⁴⁰² O rio Caístro, da Lídia, era famoso por seus cisnes (ver *Il.II*, 459 e ss.), que costumavam cantar ao morrer (sobre o canto, ver Platão, *Phedon*, 80).

⁴⁰³ Ovídio já havia relacionado anteriormente seu exílio a uma espécie de morte em vida (ver *I*, 1, 6 e *III*, 3, 53 e ss.).

⁴⁰⁴ Danúbio inferior.

Si tamen ex uobis aliquis tam multa requiret 25
 Vnde dolenda canam, multa dolenda tuli.
 Non haec ingenio, non haec componimus arte:
 Materia est propriis ingeniosa malis.
 Et quota fortunae pars est in carmine nostrae?
 Felix qui patitur quae numerare potest! 30
 Quot frutices siluae, quot flauas Thybris harenas,
 Mollia quot Martis gramina campus habet,
 Tot mala pertulimus, quorum medicina quiesque
 Nulla nisi in studio est Pieridumque mora.
 "Quis tibi, Naso, modus lacrimosi carminis?" inquis. 35
 Idem fortunae qui modus huius erit.
 Quod querar, illa mihi pleno de fonte ministrat
 Nec mea sunt, fati uerba sed ista mei.
 At mihi si cara patriam cum coniuge reddas,
 Sint uultus hilares simque quod ante fui; 40
 Lenior inuicti si sit mihi Caesaris ira,
 Carmina laetitiae iam tibi plena dabo.
 Nec tamen, ut lusit, rursus mea littera ludet:
 Sit semel illa ioco luxuriata meo!
 Quod probet ipse, canam, poenae modo parte leuata 45
 Barbariam rigidos effugiamque Getas.
 Interea nostri quid agant nisi triste libelli?
 Tibia funeribus conuenit ista meis.
 "At poteras, inquis, melius mala ferre silendo
 Et tacitus casus dissimulare tuos." 50
 Exigis ut nulli gemitus tormenta sequantur,
 Acceptoque graui uulnere flere uetas?
 Ipse Perilleo Phalaris permisit in aere

Se, todavia, algum de vós perguntar de onde vêm 25
 Os tantos pesares que canto, tamanhos pesares sofri.
 Não os escrevi com estro nem com arte,
 O assunto condiz com meus próprios males.
 E que parte de minha sorte está nestes versos?
 É feliz quem pode enumerar o que sofre! 30
 Quantas árvores têm as matas, quanta areia ocre, o Tibre,
 Quanta relva macia tem o campo de Marte,
 Tantos males padeci, aos quais não há remédio nem descanso,
 Senão no trabalho e no convívio das Piérides.
 “Qual será o fim, Ovídio, de teu canto lacrimoso?”, perguntarás. 35
 O mesmo que houver para esta minha sorte.
 É ela que me ministra as queixas de uma fonte copiosa,
 E estas não são palavras minhas, mas de meu destino.
 Mas, se me devolveres a pátria, junto com a cara esposa,
 Teria o rosto risonho e seria o que fui antes; 40
 Se mais branda me for a ira do invencível César,
 Prontamente te ofertarei versos cheios de alegria.
 Meus escritos, porém, não serão mais frívolos como foram:
 Que seja só uma vez que excederam em frivolidades!
 Cantarei o que ele aprovar se mitigada parte da pena 45
 Puder escapar à barbárie e aos ferozes gets.
 Mas agora do que tratarão meus livros, senão de tristeza?
 Esta flauta⁴⁰⁵ convém ao meu funeral.
 “Mas poderias”, dizes, “suportar melhor os males em silêncio
 E, calado, ocultar teus infortúnios.” 50
 Exiges que nenhum gemido acompanhe minhas torturas,
 E proíbes chorar a quem suportou tamanha ferida?
 Até Fálaris permitiu soltar mugidos no bronze de Perilo

⁴⁰⁵ Mais uma vez Ovídio relaciona o exílio com a morte: a *tibia* era o instrumento romano de sopro, associado à flauta, que acompanhava o cortejo fúnebre (André, 1987, p. 131, nota 1 e Lechi, 1993, p. 338, nota 6). Aqui, provavelmente faz referência ao caráter queixoso da elegia e ao acompanhamento original do verso.

Edere mugitus et bouis ore queri.
 Cum Priami lacrimis offensus non sit Achilles, 55
 Tu fletus inhibes durior hoste meos?
 Cum faceret Nioben orbam Latonia proles,
 Non tamen et siccas iussit habere genas.
 Est aliquid fatale malum per uerba leuare.
 Hoc querulam Procnen Alcyonenque facit; 60
 Hoc erat, in gelido quare Poeantius antro
 Voce fatigaret Lemnia saxa sua.
 Strangulat inclusus dolor atque exaestuat intus
 Cogitur et uires multiplicare suas.
 Da ueniam potius, uel totos tolle libellos, 65
 Sic mihi quod prodest si tibi, lector, obest.
 Sed neque obesse potest, ulli nec scripta fuerunt
 Nostra nisi auctori perniciosa suo.
 "At mala sunt." Fateor. Quis te mala sumere cogit
 Aut quis deceptum ponere sumpta uetat? 70
 Ipse nec emendo, sed ut hic deducta legantur;
 Non sunt illa suo barbariora loco,
 Nec me Roma suis debet conferre poetis:
 Inter Sauromatas ingeniosus eram.
 Denique nulla mihi captatur gloria quaeque 75
 Ingeniis stimulos subdere fama solet.
 Nolumus adsiduis animum tabescere curis,
 Quae tamen inrumpunt quoque uetantur eunt.
 Cur scribam, docui. Cur mittam, quaeritis, isto?

E lamentar-se pela boca do touro.⁴⁰⁶

Enquanto Aquiles não se indignou com as lágrimas de Príamo,⁴⁰⁷ 55

Tu, mais duro que um inimigo, coíbes meu choro?

Embora a prole de Latona privasse Níobe dos filhos,

Não ordenou, todavia, que tivesse as faces secas.⁴⁰⁸

É alguma coisa aliviar com palavras um revés fatal.

Isso fez de Procne e Alcíone lamentosas;⁴⁰⁹ 60

Era por isso que o filho de Peante, no gélido antro,

Atormentava com seus gritos as pedras de Lemnos.⁴¹⁰

A dor reprimida sufoca e arde por dentro,

E é forçada a multiplicar suas forças.

Dá-me, antes, o perdão ou descarta todos os meus livros, 65

Se o que me conforta, a ti, leitor, faz mal.

Mas não pode fazer mal, meus escritos não foram nocivos

A ninguém, senão a seu autor.

“Mas são ruins”. Reconheço. Quem te obriga a escolher os maus,

Ou quem te proíbe, se decepcionado, deixá-los após a escolha? 70

Eu não os retoco, mas que sejam lidos como escritos aqui;

Eles não são mais bárbaros que sua terra.

Roma não me deve comparar a seus poetas:

Entre os sármatas sou engenhoso.

Enfim, nenhuma glória ambiciono, nem a fama 75

Que costuma estimular os talentos.

Não quero consumir meu espírito com freqüentes afãs,

Que, todavia, invadem e vão aonde não devem.

Expliquei por que escrevo. Por que vos envio? perguntais,

⁴⁰⁶ Ver III, 11, 39-54 e notas aos vv. 40 e 54.

⁴⁰⁷ Ver III, 5, 38 e nota.

⁴⁰⁸ Níobe, orgulhosa por ter muitos filhos, disse ser superior a Latona por esta ter apenas dois. A deusa, ofendida com a declaração, pediu aos filhos Apolo e Diana que matassem toda a sua prole. Níobe, cheia de dor, fugiu para o monte Sípilo, onde foi transformada em uma rocha que não parava de verter água (Ov. *Met.* VI, 146 e ss; Grimal, 1997, pp. 331b-332a).

⁴⁰⁹ Para o mito de Procne, ver nota a II, 390. Alcíone, filha de Éolo, desesperada com a morte do marido Ceíce, transformou-se em um pássaro homônimo de canto lamentoso (Ov. *Met.* XI, 384-749).

⁴¹⁰ Filoctetes, filho de Peante, foi picado por uma serpente em Tênedos, a caminho de Tróia. Como sua ferida exalava um odor fétido, ele foi abandonado pelos gregos na ilha de Lemnos (Grimal, 1997, p. 172a).

Vobiscum cupio quolibet esse modo.

80

2

Ecquid, ubi e Ponto noua uenit epistula, palles,

Et tibi sollicita soluitur illa manu?

Pone metum: ualeo corpusque, quod ante laborum

Impatiens nobis inualidumque fuit,

Sufficit, atque ipso uexatum induruit usu.

5

An magis infirmo non uacat esse mihi?

Mens tamen aegra iacet nec tempore robora sumpsit,

Adfectusque animi, qui fuit ante, manet,

Quaeque mora spatioque suo coitura putauit

Vulnera non aliter quam modo facta dolent.

10

Scilicet exiguis prodest annosa uetustas;

Grandibus accedunt tempore damna malis.

Paene decem totis aluit Poeantius annis

Pestiferum tumido uulnus ab angue datum.

Telephus aeterna consumptus tabe perisset,

15

Si non, quae nocuit, dextra tulisset opem.

Et mea, si facinus nullum commisimus, opto,

Vulnera qui fecit, facta leuare uelit.

Contentusque mei iam tandem parte doloris

Exiguum pleno de mare demat aquae.

20

Detrahat ut multum, multum restabit acerbi;

É que convosco desejo estar de qualquer modo.

80

2

Acaso, quando chega do Ponto uma nova carta,

Empalideces e a abres com mão trêmula?⁴¹¹

Deixa o medo, estou bem; e meu corpo, que antes

Não suportava as fadigas e estava sem forças,

Resiste e, habituado aos mesmos tormentos, revigora:

5

Ou será que não tenho ocasião de estar mais doente?

A alma, contudo, está doente, nem tomou forças com o tempo,

E o estado de espírito é o mesmo de antes,

E as feridas, que se fechariam, achei, com a espera e em seu tempo,

Doem como se abertas neste instante.

10

Por certo, um longo transcorrer de anos ameniza pequenos males,

Os grandes, com o tempo, agravam-se.

Por quase dez anos inteiros, o Peânncio alimentou

A infecta ferida causada por uma tímida serpente.⁴¹²

Télefo, consumido por uma chaga eterna, teria morrido,

15

Se a destra que o feriu não lhe trouxesse o remédio.⁴¹³

E minhas feridas, se nenhum crime cometi, espero

Que as queira tratar quem as abriu;

E, já satisfeito, enfim, com parte de meu sofrimento,

Retire deste copioso mar um pouco de água.

20

Ainda que retire muito, muito do amargor restará;

⁴¹¹ Considera-se que Ovídio dirige esta elegia a sua mulher (André, 1987, p. 132, nota 1; Lechi, 1993, p. 342, nota 1 e Montero, 2002, p. 140, nota 7).

⁴¹² Filoctetes, ver a nota a V, 1, 62.

⁴¹³ Sobre o mito de Télefo e a comparação que Ovídio entre si e Télefo, bem como entre Augusto e Aquiles (vv.17-18 abaixo), ver nota a I, 1.

Parsque meae poenae totius instar erit.
 Litora quot conchas, quot amoena rosaria flores,
 Quotue soporiferum grana papauer habet,
 Silua feras quot alit, quot piscibus unda natatur, 25
 Quot tenerum pennis aera pulsat auis,
 Tot premor aduersis, quae si comprehendere coner,
 Icariae numerum dicere coner aquae.
 Vtque uiae casus, ut amara pericula ponti,
 Vt taceam strictas in mea fata manus, 30
 Barbara me tellus orbisque nouissima magni
 Sustinet et saeuo cinctus ab hoste locus.
 Hinc ego traicerer – neque enim mea culpa cruenta est –,
 Esset, quae debet, si tibi cura mei.
 Ille deus, bene quo Romana potentia nixa est, 35
 Saepe suo uictor lenis in hoste fuit.
 Quid dubitas et tuta times? accede rogaque!
 Caesare nil ingens mitius orbis habet.
 Me miserum! quid agam, si proxima quaeque relinquunt?
 Subtrahis effracto tu quoque colla iugo? 40
 Quo ferar? Vnde petam lassissimas solacia rebus?
 Ancora iam nostram non tenet ulla ratem.
 Videris; ipse sacram, quamuis inuisus, ad aram
 Confugiam: nullas summouet ara manus.

Uma pena parcial valerá por uma inteira.
 Quantas são as conchas da praia, as flores da mimosa roseira,
 Ou quantas sementes tem a soporífera papoula,
 Quantas feras a selva alimenta, quantos peixes nadam nas águas, 25
 Com quantas penas o pássaro bate no leve ar,
 Tantas adversidades me oprimem, que, se tentasse contar,
 Seria como contar as gotas do mar de Ícaro.⁴¹⁴
 Ainda que silencie os riscos do caminho, os amargos perigos do mar
 E as mãos armadas para me matar, 30
 É uma terra bárbara, a mais remota do vasto mundo,
 Que me retém, um lugar cercado por cruéis inimigos.
 Eu daqui seria transferido – pois não é de sangue minha culpa –,
 Se tu me desses a atenção devida.
 Aquele deus, em que bem se apóia a potência romana, 35
 Foi amiúde um vencedor indulgente com seu inimigo.
 Por que hesitas e temes o certo? Procura-o e implora!
 Nada em todo o mundo é mais clemente que César.
 Pobre de mim! O que farei, se os mais próximos me abandonam?
 Tu também retiras o pescoço do roto jugo? 40
 Aonde ir? Onde buscar conforto para meus sofrimentos?
 Já nenhuma âncora segura minha nau.
 Tu verás; eu, embora mal visto, junto ao sacro altar
 Refugiar-me-ei: a mão de ninguém o altar rechaça.

⁴¹⁴ Mar Egeu; sobre Ícaro, ver I, 1, 90.

2b

Alloquor en absens absentia numina supplex,
Si fas est homini cum Ioue posse loqui.
Arbiter inperii, quo certum est sospite cunctos
Ausoniae curam gentis habere deos,
O decus, o patriae per te florentis imago, 5
O uir non ipso, quem regis, orbe minor,
Sic habites terras et te desideret aether!
Sic ad pacta tibi sidera tardus eas!
Parce, precor, minimamque tuo de fulmine partem
Deme! Satis poenae, quod superabit, erit. 10
Ira quidem moderata tua est uitamque dedisti,
Nec mihi ius ciuis nec mihi nomen abest,
Nec mea concessa est aliis fortuna, nec exul
Edicti uerbis nominor ipse tui.
Omniaque haec timui, quia me meruisse uidebam; 15
Sed tua peccato lenior ira meo est.
Arua relegatum iussisti uisere Ponti,
Et Scythicum profuga scindere puppe fretum.
Iussus ad Euxini deformia litora ueni
Aequoris – haec gelido terra sub axe iacet. 20
Nec me tam cruciat numquam sine frigore caelum
Glebaque canenti semper obusta gelu,
Nesciaque est uocis quod barbara lingua latinae
Graecaque quod Getico uicta loquela sono est,
Quam quod finitimo cinctus premor undique Marte 25
Vixque breuis tutos murus ab hoste facit.
Pax tamen interdum est, pacis fiducia numquam:
Sic hic nunc patitur, nunc timet arma locus.

Eis que ausente a ausentes numes dirijo-me suplicante,
 Se se permite aos homens poder com Jove falar.
 Ó Senhor do Império, por tua bem-aventurança é certo que todos
 Os deuses cuidam do povo ausônio.
 Ó glória, ó espelho da pátria que por ti floresce, 5
 Ó homem, não menor que o próprio mundo que governas,
 Que habites a terra e te espere o éter!
 Que aos a ti prometidos astros vás tarde!
 Perdoa, suplico, e de uma ínfima parte de teu raio
 Livra-me! Já será bastante a pena que restar. 10
 Tua ira, certamente, foi moderada: deste-me a vida,
 Nem os direitos de cidadão, nem o nome me foi tirado,
 Nem meus bens foram entregues a outrem, nem sou nomeado
 Exilado pelos termos de teu edito.
 Tudo isso temi, porque achava que o merecia; 15
 Mas tua ira foi mais leve que meu erro.
 Relegado, mandaste-me conhecer as regiões do Ponto
 E o mar crítico sulcar em nau proscrita.
 Cumprindo ordens, aos horrendos litorais do mar Euxino
 Cheguei – esta terra que jaz sob o gélido pólo. 20
 Não me atormenta tanto o clima, nunca sem frio,
 Nem o solo pelo alvo gelo sempre queimado,
 Nem que sejam estranhas à língua bárbara as palavras latinas
 E que a fala grega seja dominada pelo acento gético,
 Quanto estar de todos os lados oprimido por uma guerra vizinha 25
 E mal sermos defendidos do inimigo por um pequeno muro.
 Às vezes, contudo, há paz, nunca segurança na paz:
 Assim este lugar ora as guerras suporta, ora as teme.

⁴¹⁵ Algumas edições unem esta elegia à anterior, com o argumento de que a súplica que segue na elegia 2b já foi preparada e motivada pela elegia 2, embora os manuscritos tragam duas elegias independentes (André, 1987, p. 134, nota 1; Lechi, 1993, p. 342, nota 7 e Montero, 2002, p. 141, nota 10).

Hinc ego dum muter, uel me Zancloa Charybdis
Deuoret, atque suis ad Styga mittat aquis, 30
Vel rapidae flammis urar patienter in Aetnae,
Vel freta Leucadii mittar in alta dei!
Quod petimus, poena est: neque enim miser esse recuso,
Sed precor ut possim tutius esse miser.

3

Illa dies haec est, qua te celebrare poetae,
Si modo non fallunt tempora, Bacche, solent,
Festaque odoratis innectunt tempora sertis,
Et dicunt laudes ad tua uina tuas.
Inter quos, memini, dum me mea fata sinebant, 5
Non inuisa tibi pars ego saepe fui,
Quem nunc subpositum stellis Cynosuridos Vrsae
Iuncta tenet crudis Sarmatis ora Getis,
Quique prius mollem uacuumque laboribus egi
In studiis uitam Pieridumque choro, 10
Nunc procul a patria Geticis circumsonor armis,
Multa prius pelago multaque passus humo.
Siue mihi casus, siue hoc dedit ira deorum,
Nubila nascenti seu mihi Parca fuit,

Desde que seja afastado daqui, que Caríbdis de Zancleia
 Me devore e de suas águas me atire ao Estige,⁴¹⁶ 30
 Ou, sem reclamar, que arda nas chamas do impetuoso Etna,
 Ou me atirem nos mares profundos do deus de Leucádia.⁴¹⁷
 O que peço é um castigo: pois não recuso uma vida infeliz,
 Mas suplico poder em lugar mais seguro viver infeliz.

3

É hoje o dia, se não me engana a data,
 Em que te costumam celebrar, Baco, os poetas,
 Suas fronte festivas cingem com guirlandas perfumadas
 E entoam teus louvores ante teu vinho.⁴¹⁸
 Dentre eles, lembro-me, enquanto me permitiam os fados, 5
 Fui amiúde parte, não desagradável a ti,
 Agora, sob a constelação da Ursa de Cinosura⁴¹⁹, têm-me
 A região dos sármatas, vizinha aos ferozes getas,
 Eu que antes levei uma vida tranqüila e sem fadigas,
 Entre meus estudos e no coro das Piérides, 10
 Agora, longe da pátria, estou cercado pelo zunido das armas géticas.
 Antes, ainda, muitas coisas por mar e muitas por terra padeci.
 Quer o acaso, quer a ira dos deuses me tenha destinado isso,
 Ou nebulosa foi-me ao nascer a Parca,

⁴¹⁶ O monstro Caríbdis, que habitava o rochedo próximo a Zancleia (antigo nome de Messina), o qual se estende ao longo do estreito localizado entre a Itália e a Sicília, costumava engolir e depois expelir os navios que ali passassem (Grimal, 1997, p. 74b).

⁴¹⁷ Há sobre o promontório da ilha de Leucádia um antigo santuário consagrado ao deus Apolo. Em épocas de festividades em honra ao deus, costumavam lançar ao mar uma vítima humana, que logo foi substituída por um condenado (Lechi, 1993, p. 346, nota 10). Ademais, acreditava-se que, se as pessoas apaixonadas pulassem desse promontório ao mar, ficariam incólumes e poderiam se libertar da paixão (a poeta Safo é aconselhada por uma Náiade a pular desse promontório para se libertar de seu amor avassalador por Fáon; ver Ov. *Her.* XV, 165 e ss).

⁴¹⁸ Ovídio faz menção às *Liberalia*, festa em homenagem a Baco, também chamado Líber (ou Líbero), celebrada em 17 de março (Ov. *Fast.* III, 713-807).

⁴¹⁹ Cinosura era a ninfa do monte Ida, em Creta, que foi transformada por Zeus na constelação da Ursa Menor (Grimal, 1997, p. 91a).

Tu tamen e sacris hederæ cultoribus unum	15
Numine debueras sustinuisse tuo.	
An dominae fati quicquid cecinere sorores,	
Omne sub arbitrio desinit esse dei?	
Ipse quoque ætherias meritis inuectus es arces,	
Quo non exiguo facta labore uia est.	20
Nec patria est habitata tibi, sed adusque niuosum	
Strymona uenisti Marticolamque Geten	
Persidaque et lato spatiantem flumine Gangen	
Et quascumque bibit decolor Indus aquas.	
Scilicet hanc legem nentes fatalia Parcae	25
Stamina bis genito bis cecinere tibi.	
Me quoque, si fas est exemplis ire deorum,	
Ferreæ sors uitæ difficilisque premit.	
Illo nec leuius cecidi, quem magna locutum	
Reppulit a Thebis Iuppiter igne suo.	30
Vt tamen audisti percussum fulmine uatem,	
Admonitu matris condoluisse potes,	
Et potes aspiciens circum tua sacra poetas	
"Nescio quis nostri" dicere "cultor abest."	
Fer, bone Liber, opem! sic altera degraue't ulmum	35
Vitis et incluso plena sit uua mero!	

Tu⁴²⁰, contudo, com tua divindade, deverias proteger 15
 Um dos sacros cultores de tua hera⁴²¹.
 Acaso o que cantam as irmãs senhoras do destino,
 Deixa tudo de estar sob a vontade do deus?
 Também te alçaste, por teus méritos, à morada etérea,
 Para onde o caminho foi aberto com não pouco esforço. 20
 Tu não habitaste a pátria, mas até o nevoso Estrímon
 Vieste e junto aos getas cultores de Marte,
 Até a Pérsia e ao Ganges que se abre em largo curso,
 E até as águas que o Indo de cor estranha alimenta.⁴²²
 Com efeito, tal lei as Parcas, ao tecer os estames fatais, 25
 Duas vezes a ti cantaram, duas vezes nascido.⁴²³
 A mim também, se é permitido comparar-me aos deuses,
 Oprime uma sorte de vida férrea e difícil;
 Não cai mais suavemente do que aquele cuja soberba
 Fez Júpiter expulsá-lo de Tebas com seu fogo.⁴²⁴ 30
 Quando, todavia, soubeste que o vate se feriu com o raio,
 Podes ter-te condoído com a menção de tua mãe,
 E podes, vendo os poetas em torno a teus ritos,
 Dizer: “Não sei qual adorador meu aqui não está”.
 Traga-me, bom Líber, ajuda! Que uma segunda vinha pese sobre 35
 O olmeiro e túrgida esteja a uva pelo vinho que contém!⁴²⁵

⁴²⁰ Baco.

⁴²¹ Essa planta, assim como a videira, era consagrada a Baco. Os poetas costumavam coroar-se com ela.

⁴²² Nos versos 21 a 24, Ovídio narra brevemente algumas das viagens de Dioniso (Baco), antes de alcançar as *aetherias arces* (“moradas celestes”). Enlouquecido por Hera, ciumenta pelo fato de ele ser filho de Zeus com Sêmele, dirigiu-se, após ter passado pelo Egito e Síria, à Trácia (região do rio Estrímon, hoje Estruma), onde foi mal recebido pelo rei Licurgo. Da Trácia, partiu para a Pérsia e para a Índia, onde empreendeu uma vitoriosa batalha, seguida de um cortejo triunfal (dizem ser essa a origem mítica dos triunfos – Grimal, 1997, p. 122a).

⁴²³ Quando Sêmele, grávida de seis meses de Dioniso, morreu fulminada (ver nota a IV, 3, 67-68), Zeus, para salvar o rebento, tirou-o do ventre da mãe e terminou de gerá-lo em sua própria coxa (Ov. *Fast.* III, 715-718). Por isso, diz-se que Dioniso é o deus “duas vezes nascido”.

⁴²⁴ Capaneu, um dos sete príncipes de Argos que assediaram Tebas, costumava proclamar que não temia os deuses. No primeiro ataque contra a cidade, morreu incendiado por um raio de Zeus, ao tentar escalar a muralha de Tebas (ver nota a IV, 3, 63-64 – Grimal, 1997, pp. 73b-74a).

⁴²⁵ Ovídio, aqui, ao referir-se ao principal atributo de Baco, o vinho, fala do cultivo da uva, bem conhecido por ele, por ser a vinicultura a principal atividade de Sulmona, sua cidade natal. Costumava-se plantar duas mudas de videira junto ao olmeiro para que esse lhes desse sustentação durante o crescimento (André, 1987, p. 169, nota 5 da p. 137).

Sic tibi cum Bacchis Satyrorum gnaua iuuentus
 Adsit, et adtonito non taceare sono!
 Ossa bipenniferi sic sint male pressa Lycurgi,
 Impia nec poena Pentheos umbra uacet! 40
 Sic micet aeternum uicinaque sidera uincat
 Coniugis in caelo clara corona tuae!
 Huc ades et casus releues, pulcherrime, nostros,
 Vnum de numero me memor esse tuo!
 Sunt dis inter se commercia: flectere tempta 45
 Caesareum numen numine, Bacche, tuo!
 Vos quoque, consortes studii, pia turba, poetae,
 Haec eadem sumpto quisque rogare mero!
 Atque aliquis uestrum Nasonis nomine dicto
 Adponat lacrimis pocula mixta suis 50
 Admonitusque mei, cum circumspexerit omnes,
 Dicat: "Vbi est nostri pars modo Naso chori?"
 Idque ita, si uestrum merui candore fauorem
 Nullaque iudicio littera laesa meo est,
 Si, ueterum digne ueneror cum scripta uirorum, 55
 Proxima non illis esse minora reor.
 Sic igitur dextro faciatis Apolline carmen!
 Quod licet, inter uos nomen habete meum!

Que a ágil turba de jovens Sátiros com as Bacantes
 Te acompanhem e não te calem os delirantes gritos!⁴²⁶
 Que os ossos de Licurgo, o do bipene, estejam bem enterrados,⁴²⁷
 E a ímpia sombra de Penteu não fique sem castigo!⁴²⁸ 40
 Que brilhe para sempre e ofusque as estrelas vizinhas
 No céu a fúlgida coroa de tua mulher!⁴²⁹
 Vem aqui e alivia, ó belíssimo, nossa sorte
 E lembra que sou um de teus seguidores!
 Os deuses mantêm relações entre si: tenta dobrar, 45
 Com tua vontade, a vontade de César!
 Vós também, ó poetas, companheiros de paixão, turba fiel,
 Essas mesmas coisas, ao beber vinho, pedi cada qual!
 E algum de vós, dito o nome de Nasão,
 Levante o copo misturado com suas lágrimas 50
 E, lembrado de mim, após olhar para todos ao redor, diga:
 “Onde está Nasão, há pouco membro de nosso coro?”
 E assim seja, se, por minha bondade, mereci vossa afeição,
 E nenhum escrito prejudiquei com minha crítica,
 Se, quando venero com justiça as obras dos antigos escritores, 55
 Não julgo as atuais menores que elas.
 Assim, possais fazer poesia com o amparo de Apolo,
 E, o que se permite, guardai entre vós o meu nome!

⁴²⁶ As Bacantes e os Sátiros faziam parte do cortejo de Dioniso. Os Sátiros eram divindades da natureza, muitas vezes representados com a parte inferior do corpo como a de um cavalo (ou bode), e a superior, igual à de um homem (Grimal, 1997, p. 413b).

⁴²⁷ Licurgo, rei da Trácia, proibiu Dioniso de passar por suas terras para chegar à Índia e capturou seu séquito, as Bacantes e os Sátiros. Dioniso, como vingança a tal afronta, priva-o da razão. Ele, então, mata seu filho a machadada, pensando ser ele uma videira (*idem, ibidem*, p. 282 a,b).

⁴²⁸ Penteu, rei de Tebas, opôs-se ao culto de Dioniso (às Bacanais) e foi dilacerado pelas Bacantes, entre as quais estava Agave, sua mãe (*idem, ibidem*, p. 366 a,b).

⁴²⁹ Ariadne, ao se casar com Dioniso, ganhou de presente de Vênus uma coroa de ouro feita por Vulcano, a qual se transformou depois em uma constelação (Ov. *Fast.* III, 459-516).

Litore ab Euxino Nasonis epistula ueni

Lassaue facta mari lassaue facta uia.

Qui mihi flens dixit: "Tu, cui licet, aspice Romam!

Heu! quanto melior sors tua sorte mea est!"

Flens quoque me scripsit: nec qua signabar, ad os est

5

Ante, sed ad madidas gemma relata genas.

Tristitiae causam siquis cognoscere quaerit,

Ostendi solem postulat ille sibi

Nec frondem in siluis nec aperto mollia prato

Gramina, nec pleno flumine cernit aquam;

10

Quid Priamus doleat mirabitur, Hectore raptō

Quidue Philoctetes ictus ab angue gemat.

Di facerent utinam talis status esset in illo

Vt non tristitiae causa dolenda foret!

Fert tamen, ut debet, casus patienter amaros

15

More nec indomiti frena recusat equi,

Nec fore perpetuam sperat sibi numinis iram

Conscius in culpa non scelus esse sua.

Saepe refert sit quanta dei clementia cuius

Se quoque in exemplis adnumerare solet:

20

Nam quod opes teneat patrias, quod nomina ciuis,

Denique quod uiuat, munus habere dei.

Te tamen – o, si quid credis mihi, carior illi

Do litoral euxino, eu, a carta de Nasão, chego,
 Debilitada pelo mar, debilitada pelo caminho.⁴³⁰
 Chorando, disse-me: “Tu, que podes, contempla Roma!
 Ai! Como tua sorte é melhor que a minha!”
 Também chorando escreveu-me, e a pedra que me selou 5
 Não foi antes levada à boca, mas às faces molhadas.⁴³¹
 Se alguém quer saber a causa de sua tristeza,
 É como se pedisse que lhe mostrasse o sol,
 E não pudesse ver a folhagem nos bosques, nem a relva macia
 Nos prados abertos, nem a água no rio em cheia;⁴³² 10
 Pasmará por Príamo se condoer quando Heitor foi arrastado⁴³³
 E Filoctetes gemer, picado pela serpente.⁴³⁴
 Quisessen os deuses que seu estado fosse tal,
 Que não precisasse deplorar a causa de sua tristeza!
 Sofre, todavia, como se deve, o amargo destino com paciência 15
 E não recusa, como o cavalo indômito, os freios,
 Espera que não lhe será eterna a ira do nume,
 Consciente de que em seu erro não há crime.⁴³⁵
 Amiúde conta quão grande é a clemência do deus,
 A cujos exemplos também costumar se somar: 20
 Pois conservar os bens de família, a posição de cidadão,
 Enfim, estar vivo, considera ele um dom do deus.
 A ti, contudo, ó mais caro de todos para ele, se um pouco crês em mim,

⁴³⁰ Nesta elegia é a própria carta que fala em primeira pessoa (também na elegia que abre o livro III o interlocutor é o *liber*). Considera-se, como afirma André (1987, p. 138, nota 2), que o destinatário seja Cúrcio Ático, o mesmo da elegia III, 6, que, por consequência, é o mesmo das *Pônticas* II, 4 e 7 (ver nota a III, 6, 1), por causa da semelhança entre os vv. 23-24 e 27-30 desta elegia com os vv. 3 e 20 da elegia III, 6. Alguns, como comenta ainda André, consideram os vv. 29-30 desta elegia um sinal claro da identidade do destinatário (sobretudo por causa do adjetivo toponímico *Attica*).

⁴³¹ Costumava-se marcar a cera que lacravam as cartas com a pedra do anel, a qual era molhada antes com a saliva para evitar que se grudasse (Lechi, 1993, p. 354, nota 2).

⁴³² Isto é, o motivo de seu exílio parecia ser tão evidente, que, se alguém o indagasse, era porque não podia ver nada a um palmo de seu nariz.

⁴³³ Ver nota a III, 5, 38.

⁴³⁴ Ver nota a V, 1, 62.

⁴³⁵ Cf. I, 2, 97 e ss.

Omnibus – in toto pectore semper habet;
 Teque Menoetiaden, te, qui comitatus Oresten, 25
 Te uocat Aegiden Euryalumque suum;
 Nec patriam magis ille suam desiderat et quae
 Plurima cum patria sentit abesse sibi
 Quam uultus oculosque tuos, o dulcior illo
 Melle quod in ceris Attica ponit apis. 30
 Saepe etiam maerens tempus reminiscitur illud
 Quod non praeuentum morte fuisse dolet;
 Cumque alii fugerent subitae contagia cladis
 Nec uellent ictae limen adire domus,
 Te sibi cum paucis meminit mansisse fidelem, 35
 Si paucos aliquis tresue duosue uocat.
 Quamuis adtonitus, sensit tamen omnia nec te
 Se minus aduersis indoluisse suis.
 Verba solet uultumque tuum gemitusque referre
 Et te flente suos emaduisse sinus, 40
 Quam sibi praestiteris, qua consolatus amicum
 Sis ope, solandus cum simul ipse fores.
 Pro quibus adfirmat fore se memoremque piumque,
 Siue diem uideat, siue tegatur humo,
 Per caput ipse suum solitus iurare tuumque, 45
 Quod scio non illi uilius esse suo.
 Plena tot ac tantis referetur gratia factis,
 Nec sinet ille tuos litus arare boues.
 Fac modo constanter profugum tueare! quod ille,
 Qui bene te nouit, non rogat, ipsa rogo. 50

Ele te traz sempre em todo o seu coração;
 Meneciada, companheiro de Orestes, Egida 25
 E o seu Euríalo ele te chama;⁴³⁶
 Não deseja mais sua pátria e tudo que
 Sabe distante junto com a pátria
 Que teu semblante e olhos, ó mais doce que o mel
 Depositado nos favos pelas abelhas áticas. 30
 Amiúde, ainda, relembra entristecido aquele tempo
 Que lamenta não ter prevenido com a morte;
 E, quando os outros fugiam do contágio da súbita catástrofe
 E não queriam se aproximar do limiar da casa em ruínas,
 Lembra que tu, com poucos, permaneceste fiel, 35
 Se alguém chama poucos dois ou três.
 Embora atordoadado, percebeu tudo, que tu
 Não sofrerias menos que ele os seus reveses.
 Costuma lembrar tuas palavras, teu semblante e lamentos,
 E que, chorando, molhaste-lhe o peito, 40
 Como o ajudaste, com quanto afincos consolaste o amigo,
 Quando tu mesmo deverias ser consolado.
 Por isso assevera que será lembrado e respeitado,
 Quer veja o dia, quer esteja coberto pela terra,
 Costuma jurar por sua própria cabeça e pela tua, 45
 Que, sei, não vale menos que a sua.
 Por tantas e tamanhas ações te renderá uma imensa gratidão,
 E não deixará que teus bois lavrem areia.⁴³⁷
 Procura sempre defender o desterrado! Isso que ele,
 Que te conhece bem, não pede, eu mesma peço. 50

⁴³⁶ Ovídio dá a seu amigo nomes de personagens míticos (e/ou literários como no caso de Euríalo na *Eneida*) de lealdade exemplar: Pátroclo, filho de Menécio e companheiro de Aquiles; Pílates, companheiro de Orestes; Teseu, filho de Egeu e companheiro de Pirítoo, e Euríalo, companheiro de Niso, respectivamente - ver I, 5, 19-20 (Teseu e Pirítoo), I, 5, 21-22 (Orestes e Pílates), I, 5, 23-24 (Niso e Euríalo) e I, 9, 29-30 (Aquiles e Pátroclo).

⁴³⁷ *Arare litus* é uma expressão proverbial utilizada para dizer que uma ação é inútil e sem sentido.

Annuus adsuetum dominae natalis honorem
 Exigit: ite, manus, ad pia sacra meae.
 Sic quondam festum Laertius egerat heros
 Forsan in extremo coniugis orbe diem.
 Lingua fauens adsit, nostrorum oblita malorum, 5
 Quae, puto, dedidicit iam bona uerba loqui,
 Quaeque semel toto uestis mihi sumitur anno,
 Sumatur fatis discolor alba meis;
 Araque gramineo uiridis de caespite fiat
 Et uelet tepidos nexa corona focos! 10
 Da mihi tura, puer, pingues facientia flammis,
 Quodque pio fusum stridat in igne merum.
 Optime natalis, quamuis procul absumus, opto
 Candidus huc uenias dissimilisque meo;
 Si quod et instabat dominae miserabile uulnus, 15
 Sit perfuncta meis tempus in omne malis;
 Quaeque graui nuper plus quam quassata procella est,
 Quod superest, tutum per mare nauis eat!
 Illa domo nataque sua patriaque fruatur –
 Erepta haec uni sit satis esse mihi –, 20
 Quatenus et non est in caro coniuge felix,
 Pars uitae tristi cetera nube uacet!
 Viuat ametque uirum, quoniam sic cogitur, absens
 Consumatque annos, sed diuturna, suos;
 Adicerem et nostros, sed ne contagia fati 25
 Corrumpan timeo, quos agit ipsa, mei.
 Nil homini certum est: fieri quis posse putaret
 Vt facerem in mediis haec ego sacra Getis?
 Aspice ut aum tamen fumos e ture coortos

O aniversário natalício da esposa a homenagem costumeira

Exige: ide, mãos minhas, aos sacros rituais.

Assim outrora o herói Laércio⁴³⁸ talvez celebrara,

Nos confins do mundo, a festa de sua mulher.

Que minha língua, esquecida de nossos males, se cale; 5

Já não mais sabe, julgo, pronunciar palavras de sorte,

Seja vestida a alva túnica, destoante da cor de meus fados,

Ela que é por mim usada uma só vez em todo ano;

E que se erga um verdejante altar de céspide gramíneo

E cubra a coroa trançada os tépidos fogos! 10

Dá-me incenso, ó garoto, que produza espessas chamas,

E o vinho que, vertido, estile no fogo.

Caro Natalício, embora esteja longe, desejo

Que chegues aqui radiante e diferente do meu.

Se algum golpe nefasto pairava sobre minha esposa, 15

Seja por meus males livre para todo o sempre;

E a nau, há pouco mais do que sacudida por uma terrível procela,

Percorra o caminho que resta em um mar tranqüilo!

Que ela desfrute da casa, de sua filha e da pátria,

– É o bastante terem arrancado tudo isso só de mim, 20

E já que não é feliz pelo marido que lhe é tão caro,

Que o restante de sua vida não tenha triste nuvem!

Viva e ame à distância o marido, pois assim se obriga,

E, longeva, consuma seus dias;

Adicionaria, ainda, os meus, mas temo que o contágio 25

De meu destino corrompa os que ainda lhe restam.

Nada para o homem é certo: quem podia pensar que me encontraria

A celebrar tal ritual em meio aos getas?

Observa, entanto, que a fumaça exalada do incenso,

⁴³⁸ Ulisses, filho de Laerte.

In partes Italas et loca dextra ferat. 30
 Sensus inest igitur nebulis quas exigit ignis.
 Consilio fugiunt aethera, Ponte, tuum.
 Consilio commune sacrum cum fiat in ara
 Fratribus alterna qui periere manu,
 Ipsa sibi discors, tamquam mandetur ab illis, 35
 Scinditur in partes atra fauilla duas.
 Hoc, memini, quondam fieri non posse loquebar,
 Et me Battiades iudice falsus erat.
 Omnia nunc credo, cum tu non stultus ab Arcto
 Terga, uapor, dederis Ausoniamque petas. 40
 Haec ergo lux est, quae si non orta fuisset,
 Nulla fuit misero festa uidenda mihi.
 Edidit haec mores illis heroisin aequos,
 Quis erat Eetion Icariusque pater;
 Nata pudicitia est, mores probitasque fidesque, 45
 At non sunt ista gaudia nata die,
 Sed labor et curae fortunaque moribus inpar,
 Iustaque de uiduo paene querela toro.
 Scilicet aduersis probitas exercita rebus
 Tristi materiam tempore laudis habet: 50
 Si nihil infesti durus uidisset Vlixes,
 Penelope felix, sed sine laude, foret.
 Victor Echionias si uir penetrasset in arces,
 Forsitan Euadnen uix sua nosset humus;
 Cum Pelia genitae tot sint, cur nobilis una est? 55

O vento carrega para regiões da Itália e lugares propícios. 30

Há, pois, uma sensibilidade na nuvem que o fogo produz.

Não por acaso, Ponto, fogem de teu céu.

Não por acaso, quando se celebra no altar um sacrifício comum

Aos irmãos que morreram um pela mão do outro,

O mesmo fumo atro, como se fosse por eles ordenado, 35

Discordante de si mesmo, divide-se em dois.⁴³⁹

Isso, lembro-me, outrora dizia que não podia acontecer

E que o Batíada, na minha opinião, era mentiroso.⁴⁴⁰

Agora acredito em tudo, pois tu, ó fumaça não tola,

Deste as costas à Ursa e te diriges à Ausônia. 40

Este é, pois, o dia que, se não tivesse nascido,

Nenhuma festividade eu, um desgraçado, veria.

Este gerou virtudes condizentes com aquelas heroínas

Cujos pais eram Eécion e Ícaro;⁴⁴¹

Nasceram a pureza, as virtudes, a retidão e a fidelidade, 45

Mas não nasceram neste dia contentamentos,

E sim labor, e preocupações, e uma sorte destoante de tuas virtudes,

E queixas justas de um leito quase viúvo.

Por certo a retidão experimentada nas adversidades,

Em momentos infelizes, é digna de louvor: 50

Se nada adverso tivesse visto o implacável Ulisses,

Penélope seria feliz, mas não teria glória.

Se vitorioso entrasse o marido na cidadela de Equíon,⁴⁴²

Talvez somente sua terra conheceria Evadne;⁴⁴³

Sendo tantas as filhas de Pélias, por que só uma é conhecida? 55

⁴³⁹ Etéocles e Polínicos, filhos de Édipo, mataram-se um ao outro em disputa ao trono de Tebas. Conta-se que quando eram feitos sacrifícios fúnebres em honra aos dois irmãos, as chamas e a fumaça se bipartiam para marcar o ódio eterno de ambos (André, 1987, p. 142, nota 1 e Lechi, 1993, p. 360, nota 5).

⁴⁴⁰ Calímaco, filho de Bato, contou a lenda da chama bipartida no livro IV das *Aitia*.

⁴⁴¹ Respectivamente, Andrômaca e Penélope, ambas consideradas exemplos de esposas fiéis.

⁴⁴² Equíon é um dos homens nascidos dos dentes de dragão semeados por Cadmo, fundador de Tebas e seu sogro (Grimal, 1997, p. 143a). Sobre o assédio de Capaneu contra Tebas e sua morte ver nota a V, 3, 30.

⁴⁴³ Sobre Evadne, ver IV, 3, 63-64 e nota.

Nempe fuit misero nupta quod una uiro.
 Effice ut Iliacas tangat prior alter harenas:
 Laodamia nihil cur referatur erit;
 Et tua, quod malles, pietas ignota maneret,
 Implere uenti si mea uela sui. 60
 Di tamen et Caesar dis accessure, sed olim,
 Aequarint Pylios cum tua fata dies,
 Non mihi qui poenam fateor meruisse, sed illi
 Parcite quae nullo digna dolore dolet!

6

Tu quoque, nostrarum quondam fiducia rerum,
 Qui mihi confugium, qui mihi portus eras,
 Tu quoque suscepti curam dimittis amici
 Officiiue pium tam cito ponis onus?
 Sarcina sum, fateor, quam si non tempore nostro 5
 Depositurus eras, non subeunda fuit.
 Fluctibus in mediis nauem, Palinure, relinquis?
 Ne fuge, neue tua sit minor arte fides!
 Numquid Achilleos inter fera proelia fidi
 Deseruit leuitas Automedontis equos? 10
 Quem semel excepit, numquam Podalirius aegro

Certamente porque foi a única a se casar com um marido infeliz.⁴⁴⁴
 Faz com que outro toque por primeiro as areias ilíacas:
 Laodamia não teria por que ser lembrada;⁴⁴⁵
 E tua lealdade, o que preferirias, permaneceria desconhecida,
 Se inflassem minhas velas ventos favoráveis. 60
 Ó deuses, contudo, e tu, César, que te juntarás aos deuses, não agora,
 Somente quando teu destino se igualar em dias ao do Pílio,⁴⁴⁶
 Poupai não a mim, que confesso ter merecido o castigo,
 Mas a ela, que sofre, sem merecer sofrimento algum!

6

Também tu⁴⁴⁷, outrora a confiança de meus assuntos,
 Que me eras um refúgio, que me eras um porto seguro,
 Também tu abandonas o desvelo pelo amigo que protegias
 E tão rapidamente depões o pio encargo do dever?
 Sou um peso, admito, que, se fosse para ser abandonado 5
 Em momento tão difícil, não deverias tê-lo assumido.
 Deixas, Palinuro, minha nau em meio às ondas?⁴⁴⁸
 Não fujas, e não seja tua lealdade menor que tua arte!
 Acaso a presteza do fiel Automedonte deixou
 Os cavalos de Aquiles em meio a combates violentos?⁴⁴⁹ 10
 Nunca Podalírio deixou de levar o auxílio prometido

⁴⁴⁴ Alceste, a mais bela e piedosa das quatro filhas de Pélias (que teve também um filho, Acasto), aceitou morrer em lugar de seu marido Admeto (Grimal, 1997, p. 18a).

⁴⁴⁵ De acordo com o vaticínio de um oráculo, o primeiro grego que pisasse no litoral troiano seria o primeiro a morrer na guerra e foi o que aconteceu a Protesilau, marido de Laodamia. Este teve a possibilidade de retornar brevemente dos Infernos para encontrar sua esposa, a qual se matou após seu retorno (Grimal, 1997, p. 398ab; ver I, 6, 19-20).

⁴⁴⁶ Nestor, rei de Pilo, era considerado paradigma de longevidade por ter vivido mais de três gerações.

⁴⁴⁷ O destinatário desta elegia é desconhecido, mas alguns estudiosos consideram que seja endereçada a Cota Máximo, devido a sua semelhança com a elegia IV, 5 e com as *Pônticas* II, 3 (André, 1987, p. 144, nota 1 e Montero, 2002, p. 150, nota 26).

⁴⁴⁸ Palinuro, o exímio e fiel timoneiro da nau de Enéias, é célebre pela dedicação a seu ofício.

⁴⁴⁹ Automedonte é o condutor do carro de Aquiles e, por consequência, seu companheiro de combate (Grimal, 1997, p. 57b).

Promissam medicae non tulit artis opem.
 Turpius eicitur quam non admittitur hospes;
 Quae patuit, dextrae firma sit ara meae.
 Nil nisi me solum primo tutatus es, at nunc 15
 Me pariter serua iudiciumque tuum,
 Si modo non aliqua est in me noua culpa tuamque
 Mutarunt subito crimina nostra fidem!
 Spiritus hic, Scythica quem non bene ducimus aura,
 Quod cupio, membris exeat ante meis 20
 Quam tua delicto stringantur pectora nostro
 Et uidear merito uilior esse tibi.
 Non adeo toti fatis urgemur iniquis
 Vt mea sit longis mens quoque mota malis.
 Finge tamen motam: quotiens Agamemnone natum 25
 Dixisse in Pyladen improba uerba putas?
 Nec procul a uero est quin et pulsarit amicum:
 Mansit in officiis non minus ille suis.
 Hoc est cum miseris solum commune beatis,
 Ambobus tribui quod solet obsequium: 30
 Ceditur et caecis et quos praetexta uerendos
 Virgaque cum uerbis inperiosa facit.
 Si mihi non parcis, fortunae parcere debes:
 Non habet in nobis ullius ira locum.
 Elige nostrorum minimum minimumque laborum: 35
 Isto quod quereris grandius illud erit.
 Quam multa madidae celebrantur harundine fossae,

Da arte médica ao doente que uma vez tratou.⁴⁵⁰
 Mais vergonhoso é expulsar um hóspede que não recebê-lo;
 Que seja firme o altar que se mostrou para minha destra.⁴⁵¹
 Nada senão só a mim antes protegeste, mas agora 15
 Defende-me e igualmente a tua decisão,
 Se, todavia, não há em mim uma outra nova culpa
 E meus crimes não mudaram de súbito tua fidelidade!
 Esta alma, que mal respira os ares cítricos,
 Deixe, como desejo, meus membros antes 20
 Que teu coração se aflija com meu delito
 E te pareça ser, merecidamente, mais vil.
 Não tão completamente oprimido pelos fados iníquos estou,
 Que minha mente esteja atormentada por longos males.
 Imagina-a, contudo, atormentada: quantas vezes, julgas, o filho 25
 De Agamêmnon dirigiu palavras ofensivas contra Pílates?⁴⁵²
 Nem longe está da verdade que chegou a agredir o amigo:
 Mas ele não perseverou menos em seu dever.
 Só isto é comum aos miseráveis e aos afortunados,
 A ambos costuma-se ter deferência: 30
 Dá-se lugar aos cegos e também aos que tornam temíveis
 A toga pretexta e a vara imperiosa junto aos gritos.⁴⁵³
 Se não me perdoas, deves ao menos perdoar minha sorte:
 Contra mim, não cabe a raiva de ninguém.
 Elege o menor do menor de nossos males: 35
 Maior que este de que te queixas ele será.
 Quantos fossos pantanosos ficam cheios de caniço,

⁴⁵⁰ Podalírio é filho de Asclépio, patrono da Medicina. Ele e seu irmão Macáon, exímio cirurgião, desempenharam um importante papel na guerra de Tróia, como guerreiros e como médicos (Grimal, 1997, p. 380b).

⁴⁵¹ O altar é uma metáfora freqüente para caracterizar a ajuda oferecida pelos amigos (Lechi, 1993, p. 365, nota 4).

⁴⁵² Ovídio novamente alude à amizade exemplar entre Pílates e Orestes, filho de Agamêmnon (ver V, 4, 25-26 e nota).

⁴⁵³ Os litores, que carregavam sobre o ombro esquerdo as fasces, feixe de varas em torno de um machado, símbolo do poder de coerção do magistrado que eles acompanhavam, iam à frente dele nas ruas para lhe abrir caminho entre a multidão por meio de um grito de advertência (Fredouille, 1996, p. 137). A toga branca bordada no barrado de púrpura (*toga praetexta*) era característica dos altos magistrados (e também dos jovens patrícios até os dezesseis anos, cf. nota a IV, 10, 28).

Florida quam multas Hybla tuetur apes,
 Quam multae gracili terrena sub horrea ferre
 Limite formicae grana reperta solent, 40
 Tam me circumstat densorum turba malorum.
 Crede mihi, uero est nostra querela minor.
 His qui contentus non est, in litus harenas,
 In segetem spicas, in mare fundat aquas.
 Intempestiuos igitur compesce tumores 45
 Vela nec in medio desere nostra mari.

7

Quam legis, ex illa tibi uenit epistula terra,
 Latus ubi aequoreis additur Hister aquis.
 Si tibi contingit cum dulci uita salute,
 Candida fortunae pars manet una meae.
 Scilicet, ut semper, quid agam, carissime, quaeris, 5
 Quamuis hoc uel me scire tacente potes:
 Sum miser – haec brevis est nostrorum summa malorum –
 Quisquis et offenso Caesare uiuit, erit.
 Turba Tomitanae quae sit regionis et inter
 Quos habitem mores, discere cura tibi est? 10
 Mixta sit haec quamuis inter Graecosque Getasque,
 A male pacatis plus trahit ora Getis;
 Sarmaticae maior Geticaeque frequentia gentis
 Per medias in equis itque reditque uias.
 In quibus est nemo qui non coryton et arcum 15
 Telaque uipereo lurida felle gerat.

Quantas abelhas o Hibla florido alimenta,⁴⁵⁴
 Quantas formigas por galerias estreitas costumam levar
 Para os celeiros subterrâneos os grãos encontrados, 40
 Tamanho é o turbilhão dos inúmeros males que me cercam.
 Crê em mim, alguém da verdade está minha queixa.
 Quem não está satisfeito com elas, lance na praia
 Areia, na seara, espigas, no mar, água.
 Refreia, portanto, teus rancores intempestivos 45
 E não abandones minhas velas no meio do mar.

7

A carta que lês⁴⁵⁵ te chega daquela terra
 Onde o largo Istro⁴⁵⁶ se soma às águas do mar.
 Se te cabe uma vida com boa saúde,
 Radiante permanece uma das faces de minha sorte.
 Certamente perguntas, como sempre, que faço, caríssimo, 5
 Ainda que possas, sem que eu diga, sabê-lo:
 Sou um infeliz – esta é a síntese de meus males -
 E o será todo aquele que viver, tendo contrariado César.
 Preocupas-te em saber quem é o povo da região de Tomos
 E entre quais costumes eu vivo? 10
 Embora esta região seja uma mistura de gregos e getas,
 Ela comporta mais os getas, nada pacíficos.
 Um maior afluxo do povo sármata e gético
 Vai e vem pelas ruas a cavalo.
 Entre eles não se encontra ninguém que não porte aljava 15
 E arco e flechas, embebidas em víperino veneno.

⁴⁵⁴ Monte da Sicília afamado pela produção de mel, a qual era favorecida pela rica vegetação (sobretudo tomilho) que o cobria (André, 1987, p. 145, nota 1 e Lechi, 1993, p. 367, nota 8).

⁴⁵⁵ Destinatário desconhecido (André, 1987, p. 146, nota 1 e Montero, 2002, p. 151, nota 30).

⁴⁵⁶ Ver nota a V, 1, 21.

Vox fera, trux uultus, uerissima Martis imago;
 Non coma, non ulla barba resecta manu;
 Dexteram non segnis fixo dare uulnera cultro,
 Quem iunctum lateri barbarus omnis habet. 20
 Viuit in his, heu! nunc lusorum oblitus amorum,
 Hos uidet, hos uates audit, amice, tuus!
 Atque utinam uiuat non et moriatur in illis,
 Absit ab inuisis et tamen umbra locis!
 Carmina quod pleno saltari nostra theatro 25
 Versibus et plaudi scribis, amice, meis:
 Nil equidem feci – tu scis hoc ipse – theatris,
 Musa nec in plausus ambitiosa mea est.
 Non tamen ingratum est quodcumque obliuia nostri
 Impedit et profugi nomen in ora refert. 30
 Quamuis interdum, quae me laesisse recordor,
 Carmina deuoueo Pieridasque meas,
 Cum bene deuoui, nequeo tamen esse sine illis,
 Vulneribusque meis tela cruenta sequor,
 Quaeque modo Euboicis lacerata est fluctibus, audet 35
 Graia Capheream currere puppis aquam.
 Nec tamen ut lauder uigilo curamque futuri
 Nominis, utilius quod latuisset, ago.
 Detineo studiis animum falloque dolores,
 Experior curis et dare uerba meis. 40
 Quid potius faciam desertis solus in oris,
 Quamue malis aliam quaerere coner opem?
 Siue locum specto, locus est inamabilis et quo
 Esse nihil toto tristius orbe potest,
 Siue homines, uix sunt homines hoc nomine digni 45

Voz truculenta, violenta face, fidelíssima imagem de Marte;
 Nem o cabelo nem a barba foram aparados por mão alguma;
 A destra não hesita em golpear, cravando o punhal
 Que todo bárbaro traz junto ao flanco. 20
 Entre esses agora, ai de mim!, vive teu vate, ó amigo,
 Esquecido dos ternos amores, só eles vê e ouve!
 Oxalá viva, mas não morra entre eles,
 Que sua sombra fique longe deste lugar odioso!
 Sobre o que escreves, ó amigo, que se dançam meus poemas 25
 No teatro lotado e aplaudem meus versos:
 Nada, de fato, fiz – tu bem o sabes – para o teatro,
 Minha Musa não tem ambição de aplausos.⁴⁵⁷
 Não me é, entretanto, desagradável o que não me deixa cair
 No esquecimento e leva na boca o nome do prófugo. 30
 Embora, às vezes, meus versos e minhas Piérides,
 Que me prejudicaram, lembro, amaldiçoem,
 Quando as amaldiçoei bem, não posso, entretanto, viver sem elas,
 E os dardos com o sangue de minhas feridas persigo:
 Outrora lacerada pelas ondas eubéias, ousa 35
 A nau grega sulcar as águas do Cafareu.⁴⁵⁸
 Não perco, todavia, o sono para ser aclamado nem faço
 Conta de nome futuro: é melhor que ficasse oculto.
 Ocupo com os estudos o espírito e engano as dores,
 E procuro burlar as minhas preocupações. 40
 Que mais posso fazer, sozinho nestas ermas regiões,
 Ou que outra ajuda poderia buscar para meus males?
 Se atento ao lugar, o lugar é medonho, nada pode
 Em todo o mundo ser mais triste que ele.
 Ou se aos homens, mal são os homens dignos desse nome, 45

⁴⁵⁷ Ovídio, na elegia II, afirma ter escrito uma tragédia (cf. vv. 553-554 e nota); sabe-se que foi autor de uma *Medéia*, que não chegou até nós.

⁴⁵⁸ Cafareu é o promontório da costa meridional da Eubéia, onde naufragou a esquadra de Ájax ao voltar da guerra de Tróia (ver. I, 1, 83 e ss.).

Quamque lupi saeuae plus feritatis habent:
 Non metuunt leges, sed cedit uiribus aequum
 Victaque pugnaci iura sub ense iacent.
 Pellibus et laxis arcent mala frigora bracis
 Oraque sunt longis horrida tecta comis. 50
 In paucis extant Graecae uestigia linguae,
 Haec quoque iam Getico barbara facta sono.
 Vnus in hoc nemo est populo qui forte Latine
 Quaelibet e medio reddere uerba queat.
 Ille ego Romanus uates – ignoscite, Musae! – 55
 Sarmatico cogor plurima more loqui.
 En pudet et fateor, iam desuetudine longa
 Vix subeunt ipsi uerba Latina mihi.
 Nec dubito quin sint et in hoc non pauca libello
 Barbara: non hominis culpa, sed ista loci. 60
 Ne tamen Ausoniae perdam commercia linguae,
 Et fiat patrio uox mea muta sono,
 Ipse loquor mecum desuetaque uerba retracto,
 Et studii repeto signa sinistra mei.
 Sic animum tempusque traho, sic meque reduco 65
 A contemplatu summoueoque mali.
 Carminibus quaero miserarum obliuia rerum:
 Praemia si studio consequar ista, sat est.

Eles têm uma ferocidade mais selvagem que os lobos:
 Não temem as leis, mas cede a justiça à força,
 E sob a espada belicosa jaz vencido o direito.
 Com peles e largas bragas afugentam o frio terrível,⁴⁵⁹
 E as duras feições cobrem-se pelas longas comas. 50
 Em poucos ainda sobrevivem vestígios da língua grega,
 Mesmo essa já se tornou bárbara pelo acento gético.
 Não há um dentre este povo que talvez possa em latim
 Proferir qualquer palavra corriqueira que seja.
 Eu, aquele célebre romano, – perdoai-me, Musas! – 55
 Sou forçado a falar muitas coisas em sarmático.
 Envergonha-me e, confesso, por tanto tempo em desuso,
 A custo, ocorrem-me as palavras em latim;
 Não duvido que haja, e não poucas, neste livrinho, palavras
 Bárbaras: não por culpa do homem, mas do lugar. 60
 Contudo, para não perder contato com a língua ausônia
 E minha voz não ficar muda frente ao acento pátrio,
 Falo comigo mesmo e relembro palavras pouco usuais,
 E volto às funestas insígnias⁴⁶⁰ de minha vocação.
 Assim o espírito e o tempo ocupo, assim trago-me de volta 65
 E demovo-me de contemplar meu mal.
 Com a poesia, procuro esquecer minhas desventuras:
 Se este prêmio conquistar com tal paixão, é o bastante.

⁴⁵⁹ Sobre a vestimenta dos bárbaros, ver III, 10, 19 e nota.

⁴⁶⁰ Expressão militar (*repeto signa*) que se aplica a um soldado que volta para a linha de batalha após uma derrota, ou a um desertor.

Non adeo cecidi, quamuis abiectus, ut infra
 Te quoque sim, inferius quo nihil esse potest.
 Quae tibi res animos in me facit, improbe, curue
 Casibus insultas quos potes ipse pati?
 Nec mala te reddunt mitem placidumque iacenti 5
 Nostra quibus possunt inlacrimare ferae.
 Nec metuis dubio Fortunae stantis in orbe
 Numen et exosae uerba superba deae:
 Exigit a dignis ultrix Rhamnusia poenas.
 Imposito calcas quid mea fata pede? 10
 Vidi ego naufragium qui risit in aequore mergi,
 Et "Numquam, dixi, iustior unda fuit."
 Vilia qui quondam miseris alimenta negarat,
 Nunc mendicato pascitur ipse cibo.
 Passibus ambiguis fortuna uolubilis errat 15
 Et manet in nullo certa tenaxque loco,
 Sed modo laeta monet, uultus modo sumit acerbos
 Et tantum constans in leuitate sua est.
 Nos quoque floruimus, sed flos erat ille caducus,
 Flammaque de stipula nostra brevisque fuit. 20
 Neue tamen tota capias fera gaudia mente,
 Non est placandi spes mihi nulla dei,
 Vel quia peccaui citra scelus, utque pudore
 Non caret, inuidia sic mea culpa caret,

Não cai tanto, embora no chão, que esteja abaixo
 De ti, a quem nada pode ser inferior.⁴⁶¹
 Que coisa te suscita ódio contra mim, ó patife, ou por que
 Enxovalhas a queda que tu mesmo podes sofrer?
 Nossos males, que podem levar as feras às lágrimas, 5
 Não te tornam amável e benévolo com quem tombou.
 Não temes a vontade da Fortuna que está sobre a roda
 Incerta⁴⁶² e da deusa que odeia a soberba:
 Exige Ramnúsia vingadora o castigo a quem merece.⁴⁶³
 Por que esmaga sob os pés meus fados? 10
 Eu vi quem riu de um naufrágio ser engolido pelas águas,
 E disse “nunca uma onda foi mais justa”.
 Quem outrora negara aos miseráveis os alimentos mais baratos,
 Agora com comida mendigada ele próprio se apascenta.
 Com passos ambíguos erra a volúvel Fortuna 15
 E não permanece certa e estável em lugar algum,
 Mas ora alegre exorta, ora assume um aspecto feroz,
 E é apenas constante em sua volubilidade.
 Eu também floresci, mas era uma flor caduca,
 E o meu fogo foi de palha e breve. 20
 Mas, para que não sintas em toda a alma um júbilo cruel,
 Alguma esperança tenho de aplacar o deus,
 Seja porque cometi um erro sem crime, e, assim como não
 Está livre da vergonha, livre está minha culpa do ódio,

⁴⁶¹ Pelo fato de esta elegia ser endereçada a um inimigo de Ovídio, considera-se que o destinatário seja o mesmo de *Ibis* e dos *Tr.* III, 11 e IV, 9 (André, 1987, p. 149, nota 1; Lechi, 1993, p. 374, nota 1 e Montero, 2002, p. 154, nota 32).

⁴⁶² De acordo com Lechi (1993, 374, n. 2), a representação da deusa Fortuna de pé em cima de uma roda, provavelmente helenística, pode ser encontrada, nas fontes literárias latinas, a partir de Pacúvio (*apud* 366 ss. R²: *fortunam insanam esse et caecam et brutam prehibent philosophi / saxoque instare in globoso praedicant uolubile*: “os filósofos afirmam que a fortuna é insana, cega e feia, e dizem que está sobre uma pedra redonda, que facilmente rola”), e é muito recorrente nos poetas elegíacos.

⁴⁶³ Nêmesis, a personificação da “Vingança divina”, punia todo tipo de “desmesura”, p. ex., aqui, o excesso de soberba. Era cultuada em Ramnunte, cidade da Ática (Grimal, 1997, p. 326 ab).

Vel quia nil ingens ad finem solis ab ortu 25
 Illo, cui paret, mitius orbis habet.
 Scilicet ut non est per uim superabilis ulli,
 Molle cor ad timidas sic habet ille preces,
 Exemploque deum, quibus accessurus et ipse est,
 Cum poenae uenia plura roganda petam: 30
 Si numeres anno soles et nubila toto,
 Inuenies nitidum saepius isse diem.
 Ergo ne nimium nostra laetere ruina,
 Restitui quondam me quoque posse puta!
 Posse puta fieri lenito principe uultus 35
 Vt uideas media tristis in Vrbe meos
 Vtque ego te uideam causa grauiore fugatum!
 Haec sunt a primis proxima uota meis.

9

O tua si sineres in nostris nomina poni
 Carminibus, positus quam mihi saepe fores!
 Te canerem solum meriti memor, inque libellis
 Creuisset sine te pagina nulla meis.
 Quid tibi deberem tota sciretur in Vrbe, 5
 Exul in amissa si tamen Vrbe legor.
 Te praesens mitem nosset, te serior aetas,
 Scripta uetustatem si modo nostra ferunt.
 Nec tibi cessaret doctus bene dicere lector:

Seja porque o imenso mundo, do nascer ao pôr do sol, 25
 Nada tem mais indulgente que ele, a quem obedece.
 De fato, assim como ninguém o pode vencer pela força,
 Tem um coração sensível para as tímidas súplicas,
 E, a exemplo dos deuses, para junto dos quais ele próprio ascenderá,
 Procurarei, com o perdão da pena, coisas mais para pedir:⁴⁶⁴ 30
 Se numerares em todo o ano os sóis e as nuvens,
 Verás que dias claros foram mais freqüentes.
 Assim, para que não gozes em excesso de minha ruína,
 Imagina que algum dia eu também poderei ser repatriado!
 Imagina que pode acontecer de tu, abrandado o príncipe, 35
 Triste, chegares a ver minha face no meio da Cidade,
 E de eu te ver, por um motivo mais grave, desterrado!
 Estes são os votos que seguem aos meus primeiros.

9

Oh! se permitisses que teu nome fosse mencionado em meus
 Versos, quantas vezes eu o mencionaria!⁴⁶⁵
 Lembrado de teus favores, só a ti cantaria, e, em meus
 Livros, página alguma viria à luz sem ti.
 O que te devo seria conhecido em toda a Urbe, 5
 Se, exilado, todavia, sou lido na cidade que perdi.
 O presente saberia da tua brandura, e também o futuro,
 Se meus escritos, todavia, resistirem ao tempo.
 Nem deixaria de falar bem de ti o douto leitor:

⁴⁶⁴ O texto aqui é incerto. T. Faber, como apresenta Lechi (1993, p. 377, nota 6), propôs o verbo *dabit* em lugar de *petam* da tradição manuscrita; teríamos, então, “Junto com o perdão da pena, ele concederá muitas outras coisas que devem ser pedidas (muitas outras súplicas)”. Mas, como comenta ainda a tradutora na mesma nota, mesmo com a intervenção de uma restauração conjetural, o texto continua obscuro e há quem levantou, como Heinsius, a hipótese de que se perderam alguns versos entre o 29 e o 30.

⁴⁶⁵ O destinatário parece ser Cota Máximo, o mesmo da elegia V, 7, e, por consequência, o da IV, 5 e o das *Pônticas* II, 3 (André, 1987, 151, n. 1 e Montero, 2002, p. 155, nota 34).

Hic te seruato uate maneret honor. 10
 Caesaris est primum munus quod ducimus auras;
 Gratia post magnos est tibi habenda deos.
 Ille dedit uitam, tu, quam dedit ille, tueris
 Et facis accepto munere posse frui.
 Cumque perhorruerit casus pars maxima nostros, 15
 Pars etiam credi pertimuisse uelit
 Naufragiumque meum tumulo spectarit ab alto
 Nec dederit nanti per freta saeua manum,
 Seminecem Stygia reuocasti solus ab unda.
 Hoc quoque quod memores possumus esse tuum est. 20
 Di tibi se tribuant cum Caesare semper amicos!
 Non potuit uotum plenius esse meum.
 Haec meus argutis, si tu paterere, libellis
 Poneret in multa luce uidenda labor.
 Nunc quoque se, quamuis est iussa quiescere, quin te 25
 Nominet inuitum uix mea Musa tenet.
 Vtque canem pauidae nactum uestigia ceruae,
 Luctantem frustra copula dura tenet,
 Vtque fores nondum reserati carceris acer
 Nunc pede, nunc ipsa fronte lacessit equus, 30
 Sic mea lege data uincta atque inclusa *Thalia*
 Per titulum uetiti nominis ire cupit.
 Ne tamen officio memoris laedaris amici,
 Parebo iussis – parce timere – tuis.
 At non parerem, nisi me meminisse putares. 35
 Hoc quod non prohibet uox tua, gratus ero,
 Dumque – quod o breue sit! – lumen uitale uidebo,
 Seruiet officio spiritus iste tuo.

Tal honra, salvo o vate, te esperaria. 10

Se respiro o ar, é de César uma primeira dádiva;
 Depois dos grandes deuses, devo a ti render graças.
 Ele me deu a vida, tu, a que ele deu, defendes
 E fazes que possa gozar da dádiva recebida.

E, quando a maior parte tinha horror a minha ruína, 15
 Parte, ainda, queria que se acreditasse que muito temia
 E meu naufrágio contemplou de uma alta colina,
 E não deu a mão a quem nadava por ondas bravias;
 Tu sozinho me resgataste semimorto das águas estígias.
 Também isto, poder relembrar, é um dom teu. 20
 Que os deuses com César se mostrem a ti sempre amigos!
 Não pôde meu voto ser mais completo.
 Tudo isso, se tu permitisses, meu trabalho traria
 À luz para ser visto, em engenhosos livretos.

Agora também, embora com ordens para se calar, minha Musa 25
 Mal se contém para não te nomear contra a vontade.
 Como a corda resistente detém o cão que luta em vão,
 Ao encontrar o rastro da corça assustada,
 E como golpeia a cancela ainda não aberta do brete de largada⁴⁶⁶,
 Ora com o pé, ora com a própria cabeça, o feroso cavalo, 30
 Assim minha Talia, amarrada e presa por lei imposta,
 Deseja divulgar o nome que lhe é vetado.
 Mas, para que não te prejudique o dever do amigo agradecido,
 Obedecerei – deixa de temer – a tuas ordens.

Não obedeceria, entretanto, se pensasses que esqueci. 35
 Serei grato, isso não me proíbe tua voz,
 E, enquanto veja – ai! que seja breve! – a luz da vida,
 Este espírito te servirá pela tua dedicação.

⁴⁶⁶ O *carcer* era o lugar onde ficavam os cavalos antes de ser dada a largada nas corridas (cf. Saraiva, *sub uoce carcer*). Atualmente, tem-se a expressão “brete de largada” para indicar o lugar onde ficam os bois e os cavalos antes de saírem para a arena de apresentações nas festas de rodeios.

Vt sumus in Ponto, ter frigore constitit Hister,
 Facta est Euxini dura ter unda maris.
 At mihi iam uideor patria procul esse tot annis
 Dardana quot Graio Troia sub hoste fuit.
 Stare putes, adeo procedunt tempora tarde 5
 Et peragit lentis passibus annus iter.
 Nec mihi solstitium quicquam de noctibus aufert,
 Efficit angustos nec mihi bruma dies:
 Scilicet in nobis rerum natura nouata est
 Cumque meis curis omnia longa facit. 10
 An peragunt solitos communia tempora motus
 Suntque magis uitae tempora dura meae,
 Quem tenet Euxini mendax cognomine litus
 Et Scythici uere terra sinistra freti?
 Innumerae circa gentes fera bella minantur, 15
 Quae sibi non raptu uiuere turpe putant.
 Nil extra tutum est: tumulus defenditur ipse
 Moenibus exiguis ingenioque loci.
 Cum minime credas, ut aues densissimus hostis
 Aduolat et praedam uix bene uisus agit. 20
 Saepe intra muros clausis uenientia portis
 Per medias legimus noxia tela uias.
 Est igitur rarus rus qui colere audeat, isque
 Hac arat infelix, hac tenet arma manu.
 Sub galea pastor iunctis pice cantat auenis, 25
 Proque lupo puidae bella uerentur oues.
 Vix ope castelli defendimur et tamen intus
 Mixta facit Graecis barbara turba metum.

Desde que estou no Ponto, três vezes o Istro congelou-se pelo frio,
 Três vezes as águas do mar Euxino se solidificaram.
 Mas, para mim, já pareço estar longe da pátria há tantos anos,
 Quantos Tróia dardânia esteve em poder da hoste graia.
 Pensarias que o tempo parou de tão arrastado que corre 5
 E a passos lentos o ano completa seu curso.
 Para mim, solstício algum abrevia as noites,
 Nem o inverno torna-me curtos os dias:
 É claro que mudou em mim a natureza das coisas,
 Ela torna tudo, além de meus afãs, longo. 10
 Ou o tempo regular passa com velocidade costumeira
 E mais duros são os momentos de minha vida,
 Para mim, a quem detém o litoral com o falso nome de Euxino,⁴⁶⁷
 A terra verdadeiramente sinistra⁴⁶⁸ do mar cítico?
 Inumeráveis povos ao redor ameaçam feros ataques, 15
 Julgam que lhes é vergonhoso não viver da rapina.
 Nada lá fora é seguro: a própria colina é defendida
 Por exíguas muralhas e pela geografia do lugar.
 Quando menos esperas, a hoste em bando, como aves,
 Voa para a presa e, quase sem ser vista, a arreбата. 20
 Amiúde, dentro das muralhas, dardos envenenados, que chegam
 Mesmo com as portas fechadas, recolhemos pelas ruas.
 É raro, pois, quem ouse cultivar os campos, e este infeliz
 Com uma lavra e com a outra mão segura as armas.
 Sob o elmo, toca o pastor com caniços juntados com pez, 25
 E, diante do lobo, as trêmulas ovelhas temem os ataques.
 Mal somos protegidos pelas defesas do forte e, todavia, dentro,
 Uma turba bárbara com gregos misturada causa terror.

⁴⁶⁷ Sobre o sentido de “Euxino”, ver v. III, 13, 28 e nota.

⁴⁶⁸ Com relação ao adjetivo “sinistro”, ver I, 2, 83 e IV, 8, 42.

Quippe simul nobis habitat discrimine nullo
 Barbarus et tecti plus quoque parte tenet. 30
 Quos ut non timeas, possis odisse uidendo
 Pellibus et longa corpora tecta coma.
 Hos quoque, qui geniti Graia creduntur ab urbe,
 Pro patrio cultu Persica braca tegit.
 Exercent illi sociae commercia linguae: 35
 Per gestum res est significanda mihi.
 Barbarus hic ego sum, qui non intellegor ulli,
 Et rident stolidi uerba Latina Getae,
 Meque palam de me tuto mala saepe loquuntur,
 Forsitan obiciunt exiliumque mihi; 40
 Vtque fit, in me aliquid, si quid dicentibus illis
 Abnuerim quotiens adnuerimque, putant.
 Adde quod iniustum rigido ius dicitur ense,
 Dantur et in medio uulnera saepe foro.
 O duram Lachesin, quae tam graue sidus habenti 45
 Fila dedit uitae non breuiora meae!
 Quod patriae uultu uestroque caremus, amici,
 Atque hic in Scythicis gentibus esse queror,
 Vtraque poena grauis. Merui tamen urbe carere,
 Non merui tali forsitan esse loco. 50
 Quid loquor, a! demens? ipsam quoque perdere uitam
 Caesaris offenso numine dignus eram.

Pois, junto a nós habita, sem separação alguma, o bárbaro
 E, ademais, ocupa a maior parte das casas. 30
 Ainda que não os temas, terias aversão, vendo
 Seus corpos cobertos de pêlos e longa cabeleira.
 Também os que se crêem originários da cidade grega,
 Em vez do pátrio traje, a braga persa veste.
 Fazem uso de uma língua comum: 35
 É por gestos que me faço entender.
 Aqui o bárbaro sou eu, eu a quem ninguém compreende,
 E os getas estúpidos riem-se das palavras latinas;
 Em minha presença, amiúde falam mal de mim com tranqüilidade,
 Talvez atirem-me na cara o exílio; 40
 E, como acontece, sempre que aceno sim ou não
 Quando falam, interpretam-no contra mim.
 Acresce que a justiça é ditada injustamente pela rígida espada,
 E freqüentemente duelam em meio ao fórum.
 Ó cruel Láquesis⁴⁶⁹, que não teceu fios mais breves 45
 Para minha vida, detentora de tão funesta estrela!
 Carecer da imagem da pátria e da vossa, ó amigos,
 E me lamentar de estar aqui, entre o povo crítico,
 São ambas as penas duras. Mereci, contudo, não ficar na pátria,
 Não merecia, talvez, estar neste lugar. 50
 Insano, ai! que digo? Também de perder a própria vida,
 Por ofender a divindade de César, era merecedor.

⁴⁶⁹ Láquesis é uma das três Parcas (as outras são Átropo e Cloto), as fiandeiras do destino humano; é ela quem corta o fio, i. e., que dá fim à vida.

Quod te nescio quis per iurgia dixerit esse
 Exulis uxorem littera questa tua est.
 Indolui non tam mea quod fortuna male audit,
 Qui iam consueui fortiter esse miser,
 Quam quod, cui minime uellem, sum causa pudoris 5
 Teque reor nostris erubuisse malis.
 Perfer et obdura! multo grauiora tulisti,
 Eripuit cum me principis ira tibi.
 Fallitur iste tamen quo iudice nominor exul:
 Mollior est culpam poena secuta meam. 10
 Maxima poena mihi est ipsum offendisse priusque
 Venisset mallem funeris hora mihi.
 Quassa tamen nostra est, non mersa nec obruta nauis;
 Vtque caret portu, sic tamen exstat aquis.
 Nec uitam nec opes nec ius mihi ciuis ademit, 15
 Qui merui uitio perdere cuncta meo.
 Sed quia peccato facinus non adfuit illi,
 Nil nisi me patriis iussit abesse focus;
 Vtque aliis, quorum numerum comprehendere non est,
 Caesareum numen sic mihi mite fuit. 20
 Ipse relegati, non exulis utitur in me
 Nomine: tuta suo iudice causa mea est.
 Iure igitur laudes, Caesar, pro parte uirili
 Carmina nostra tuas qualiacumque canunt;
 Iure deos, ut adhuc caeli tibi limina claudant 25
 Teque uelint sine se, comprecor, esse deum.
 Optat idem populus, sed, ut in mare flumina uastum,
 Sic solet exiguae currere riuus aquae.

Que eu não saiba quem te chamou em uma discussão
 De mulher de um exilado queixa-se tua carta.
 Doe-me, não tanto porque minha sorte ouve calúnias,
 Já me habituei a ser um desgraçado com bravura,
 Quanto porque, a quem menos desejaria, sou motivo de pejo, 5
 E porque creio que te enrubesceste por minha desgraça.
 Tolerar e resistir!⁴⁷⁰ Suportaste coisas muito mais graves
 Quando a ti me arrebatou a cólera do príncipe.
 Engana-se, todavia, o tal que me julga um exilado:
 Mais branda é a pena que seguiu a minha culpa. 10
 O maior castigo para mim é tê-lo ofendido, preferiria
 Que antes me tivesse chegado a hora da morte.
 Minha nau está abalada, sim, mas não submersa ou em pedaços;
 Embora careça de um porto, está, todavia, sobre as águas.
 Nem a vida, nem os bens ou os direitos de cidadão ele me tirou, 15
 Eu que tudo isso mereci perder pela minha falta;
 Mas, porque não havia naquele erro intenção criminosa,
 Nada, senão que me afastasse dos fogos pátrios, ordenou;
 Como a outros, cujo número não se pode precisar,
 Foi-me branda a vontade de César. 20
 Ele próprio usa para comigo o nome de relegado, não exilado:
 Assegurada está minha causa por seu julgamento.
 Com justiça, pois, tuas glórias, ó César, conforme suas forças,
 Cantam os meus versos, como quer que sejam;
 Com justiça aos deuses imploro que te fechem ainda as portas 25
 Do céu e que te permitam ser um deus sem eles.
 Deseja o mesmo o povo, mas, como os rios ao vasto mar,
 Também costuma o regato de pouca água correr.

⁴⁷⁰ Ovídio usa aqui de imperativos que nos remetem ao v. 11 do *Carmen VIII* de Catulo: *sed obstinata mente perfer, obdura*.

At tu fortunam, cuius uocor exul ab ore,
 Nomine mendaci parce grauate meam. 30

12

Scribis ut oblectem studio lacrimabile tempus,
 Ne pereant turpi pectora nostra situ.
Difficile est quod, amice, mones, quia carmina laetum
 Sunt opus et pacem mentis habere uolunt.
Nostra per aduersas agitur fortuna procellas 5
 Sorte nec ulla mea tristior esse potest.
Exigis ut Priamus natorum funere plaudat
 Et Niobe festos ducat ut orba choros.
Luctibus an studio uideor debere teneri
 Solus in extremos iussus abire Getas? 10
Des licet in ualido pectus mihi robore fultum,
 Fama refert Anyti quale fuisse reo,
Fracta cadet tantae sapientia mole ruinae:
 Plus ualet humanis uiribus ira dei.
Ille senex, dictus sapiens ab Apolline nullum 15
 Scribere in hoc casu sustinuisset opus.
Vt ueniant patriae, ueniant obliuia uestri,
 Omnis et amissi sensus abesse queat,
At timor officio fungi uetat ipse quietum:
 Cinctus ab innumero me tenet hoste locus. 20
Adde quod ingenium longa rubigine laesum
 Torpet et est multo, quam fuit ante, minus.

Mas tu, por cuja boca sou chamado de exilado,
Deixa de agravar meu destino com um nome mentiroso! 30

12

Escreves-me⁴⁷¹ para que amenize com o estudo o deplorável momento,
Para que minha alma não pereça em vergonhoso abandono.
É difícil o que aconselhas, ó amigo, porque os versos são
Um trabalho alegre e exigem paz de espírito.
Nossa sorte é abalada por adversas procelas, 5
Nenhum destino pode ser mais triste que o meu.
Exiges que Príamo aplauda o funeral dos filhos
E Níobe, em sua privação, conduza danças festivas.⁴⁷²
É com os pesares ou com os estudo que achas que devo me ocupar,
Eu que ordenaram ir sozinho para junto dos longínquos getas? 10
Ainda que me atribuas um espírito munido de forte vigor,
Qual a fama narra ter tido aquele que Ânito tornou réu,⁴⁷³
Em frangalhos cairá meu talento sob o peso de tamanha ruína:
Mais forte é a ira do deus que o vigor dos homens.
Aquele velho, proclamado sábio por Apolo,⁴⁷⁴ obra 15
Alguma teria conseguido escrever em tal situação.
Mesmo que venha o esquecimento da pátria, o esquecimento de vós,
Que todo o sentimento de perda possa desaparecer,
O próprio temor, todavia, impede-me de realizar tranqüilo o trabalho:
Este lugar, cercado por inimigos inumeráveis, detém-me. 20
Acresce que o engenho, prejudicado pela longa inércia,
Entorpece-se e é muito inferior a antes.

⁴⁷¹ Destinatário desconhecido.

⁴⁷² Sobre Níobe, ver V, 1, 58 e nota.

⁴⁷³ Um dos acusadores de Sócrates (os outros dois são o poeta Meleto e Lícon).

⁴⁷⁴ Conta-se que Apolo, através do oráculo de Delfos, em resposta ao questionamento de um discípulo de Sócrates sobre quem seria o homem mais sábio, dissera-lhe que era o seu mestre (Lechi, 1993, p. 391, nota 4).

Fertilis, adsiduo si non renouetur aratro,
 Nil nisi cum spinis gramen habebit ager;
 Tempore qui longo steterit, male currit et inter 25
 Carceribus missos ultimus ibit equus;
 Vertitur in teneram cariem rimisque dehiscit,
 Si qua diu solitis cumba uacauit aquis.
 Me quoque despera, fuerim cum paruus et ante,
 Illi, qui fueram, posse redire parem. 30
 Contudit ingenium patientia longa malorum
 Et pars antiqui nulla uigoris adest.
 Saepe tamen nobis, ut nunc quoque, sumpta tabella est
 Inque suos uolui cogere uerba pedes:
 Carmina scripta mihi sunt nulla aut qualia cernis, 35
 Digna sui domini tempore, digna loco.
 Denique non paruas animo dat gloria uires
 Et fecunda facit pectora laudis amor.
 Nominis et famae quondam fulgore trahebar,
 Dum tulit antemnas aura secunda meas. 40
 Non adeo est bene nunc ut sit mihi gloria curae:
 Si liceat, nulli cognitus esse uelim.
 An, quia cesserunt primo bene carmina, suades
 Scribere, successus ut sequar ipse meos?
 Pace, nouem, uestra liceat dixisse, Sorores: 45
 Vos estis nostrae maxima causa fugae,
 Vtque dedit iustas tauri fabricator aeni,
 Sic ego do poenas artibus ipse meis.
 Nil mihi debebat cum uersibus amplius esse,
 Cum fugerem merito naufragus omne fretum. 50
 At, puto, si demens studium fatale retemptem,
 Hic mihi praebebit carminis arma locus.

O fértil campo, se não é constantemente renovado pelo arado,
 Nada, senão erva daninha e espinhos, produzirá.
 Pelo longo tempo que ficou inativo, corre mal o cavalo e, 25
 Entre os que saem do brete de largada⁴⁷⁵, chegará por último;
 Enche-se de tenros carunchos e abre-se em fendas,
 Se longo tempo ficar a barca longe das águas costumeiras.
 Também não espere, mesmo que não fosse grande coisa antes,
 Que eu possa voltar igual àquele que fora. 30
 Oprimiui meu engenho o longo sofrimento dos males
 E nada do antigo vigor resta.
 Amiúde, todavia, como agora, eu peguei a tabuinha,
 Onde quis encerrar as palavras no pé devido:
 Não escrevi verso algum, ou apenas tais quais vês, 35
 Dignos da situação do autor, dignos do lugar.
 Enfim, não poucas forças dá a glória ao espírito,
 E fecunda torna a alma o desejo de louvor.
 Outrora era atraído pelo brilho do renome e da fama,
 Enquanto conduziu meu mastro uma brisa benfazeja. 40
 Agora nada vai tão bem, que deva me preocupar com a glória:
 Se fosse possível, gostaria que ninguém me conhecesse.
 Ou, porque antes tiveram meus versos bom êxito, incitas-me
 A escrever para que eu mesmo persiga meu sucesso?
 Com vossa permissão, possa eu dizer, ó nove irmãs:⁴⁷⁶ 45
 Vós sois o principal motivo de meu desterro.
 Como sofreu justa punição o artífice do touro de bronze,⁴⁷⁷
 Assim eu também cumpro pena por minha arte.
 Não deveria ter mais nada com os versos;
 Com razão, sendo um náufrago, deveria evitar todo mar. 50
 Mas, julgo, se insanamente retomar aquela paixão fatal,
 Este lugar fornecerá armas para meus versos.

⁴⁷⁵ Sobre *carcer*, ver nota a V, 9, 29.

⁴⁷⁶ As Musas.

⁴⁷⁷ Perilo (para Perilo e Fálaris, ver nota a III, 11, 40).

Non liber hic ullus, non qui mihi commodet aurem
 Verbaque significant quid mea norit, adest.
 Omnia barbariae loca sunt uocisque ferinae, 55
 Omnia sunt Getici plena timore soni.
 Ipse mihi uideor iam dedidicisse Latine:
 Iam didici Getice Sarmaticeque loqui.
 Nec tamen, ut uerum fatear tibi, nostra teneri
 A componendo carmine Musa potest. 60
 Scribimus et scriptos absumimus igne libellos:
 Exitus est studii parua fauilla mei.
 Nec possum, et cupio non nullos ducere uersus:
 Ponitur idcirco noster in igne labor,
 Nec nisi pars casu flammis erepta doloue 65
 Ad uos ingenii peruenit ulla mei.
 Sic utinam, quae nil metuentem tale magistrum
 Perdidit, in cineres Ars mea uersa foret!

13

Hanc tuus e Getico mittit tibi Naso salutem,
 Mittere si quisquam, quo caret ipse, potest.
 Aeger enim traxi contagia corpore mentis,
 Libera tormento pars mihi ne qua uacet.
 Perque dies multos lateris cruciatibus uror, 5
 Saeua quod inmodico frigore laesit hiems.
 Si tamen ipse uales, aliqua nos parte ualemus;
 Quippe mea est umeris fulta ruina tuis.
 Quid, mihi cum dederis ingentia pignora cumque
 Per numeros omnes hoc tueare caput, 10
 Quod tua me raro solatur epistula, peccas

Não há livro algum aqui, nem quem me preste ouvido
 E saiba o que signifiquem minhas palavras.
 Todos os lugares estão cheios de barbárie e vozes bestiais, 55
 Todos cheios de medo do timbre gético.
 Eu mesmo acho que já desaprendi o latim:
 Já aprendi a falar em gético e sarmático.
 Minha Musa, todavia, para te confessar a verdade,
 Não consegue deixar de compor versos. 60
 Escrevo e, quando escritos, destruo no fogo os livrinhos:
 O resultado de meu esforço é um punhado de cinza.
 Não posso, mas desejo escrever mais alguns versos:
 Por isso atiro ao fogo meu trabalho,
 Nada de meu engenho, salvo a parte arrancada às chamas 65
 Por acaso ou engano, chegou a vós.
 Que minha *Arte* se tivesse transformado em cinzas a,
 A qual arruinou seu criador, pego desprevenido!

13

Teu Ovídio do país gético te envia este voto de saúde,
 Se alguém pode enviar o que ele próprio não tem.
 Pois, debilitado, contaguei meu corpo com os males da mente,
 Para que nenhuma parte minha ficasse livre de tormentos;
 Há muitos dias queimam-me os flancos de dor, 5
 Pois o rígido inverno, demasiado frio, me adoentou.
 Mas se passas bem, sinto-me de algum modo bem;
 Já que minha ruína foi sustentada por teus ombros.
 Embora tenhas dado grandes provas
 E de todas as formas protejas esta minha cabeça, 10
 Porque raramente alguma carta tua me consola, erras

Remque piam praestas, sed mihi uerba negas?
 Hoc, precor, emenda! quod si correxeris unum,
 Nullus in egregio corpore naeuus erit.
 Pluribus accusem, fieri nisi possit ut ad me 15
 Littera non ueniat, missa sit illa tamen.
 Di faciant ut sit temeraria nostra querela
 Teque putem falso non meminisse mei!
 Quod precor, esse liquet: neque enim mutabile robur
 Credere me fas est pectoris esse tui. 20
 Cana prius gelido desint absinthia Ponto
 Et careat dulci Trinacris Hybla thymo,
 Inmemorem quam te quisquam conuincat amici:
 Non ita sunt fati stamina nigra mei.
 Tu tamen, ut possis falsae quoque pellere culpaе 25
 Crimina, quod non es, ne uideare, caue;
 Vtque solebamus consumere multa loquendo
 Tempora sermoni deficiente die,
 Sic ferat ac referat tacitas nunc littera uoces
 Et peragant linguae charta manusque uices. 30
 Quod fore ne nimium uidear diffidere sitque
 Versibus hoc paucis admonuisse satis,
 Accipe quo semper finitur epistula uerbo,
 Atque, meis distent ut tua fata, uale!

14

Quanta tibi dederim nostris monumenta libellis
 O mihi me coniux carior, ipsa uides.
 Detrahat auctori multum fortuna licebit,

E me ofereces tua devoção, mas me negas tuas palavras?
 Repara isso, peço! Porque, se corrigires essa única falta,
 Nenhuma mancha haverá em teu magnífico ser.
 Censurar-te-ia mais, se não pudesse acontecer que tua carta 15
 Não chegasse até mim, embora tenha sido enviada.
 Façam os deuses que minha queixa seja infundada
 E que erroneamente ache que me esqueceras!
 É claro que é como desejo: pois não me é permitido crer
 Que a firmeza de teu coração seja inconstante, 20
 É mais fácil que os brancos absintos faltem ao gélido Ponto,
 E fique privado do doce tomilho o Hibla trinácrio,⁴⁷⁸
 Que alguém te convença a não se lembrar do amigo:
 Não são tão negros os fios de meu destino.
 Tu, entretanto, para que possas também rebater as acusações 25
 De uma culpa que não tens, evita pareceres o que não és.
 Tal como costumávamos passar muito tempo dialogando,
 Não bastando o dia para nossas conversas,
 Assim agora leve e traga a carta as tácitas vozes,
 E façam as vezes da língua a mão e o papiro. 30
 Para que não pareça desconfiar minimamente de que isso aconteça
 E seja o bastante o que te adverti nestes poucos versos,
 Recebe a palavra com que sempre se encerram as cartas,
 E, para que teu destino seja diferente do meu: “Fica bem!”

14

Que monumento te erigi em meus livrinhos,
 Ó esposa a mim mais cara que eu mesmo, tu própria vês.
 Poderá a fortuna muito arrebatrar ao autor,

⁴⁷⁸ Para o monte Hibla, ver V, 6, 38 e nota. O adjetivo trinácrio refere-se à Sicília, também chamada Trinácia por possuir três promontórios (cf. Saraiva, *sub uoce* **Trinácia**).

Tu tamen ingenio clara ferere meo,
 Dumque legar, pariter mecum tua fama legetur, 5
 Nec potes in maestos omnis abire rogos.
 Cumque uiri casu possis miseranda uideri,
 Inuenies aliquas quae, quod es, esse uelint,
 Quae te, nostrorum cum sis in parte malorum,
 Felicem dicant inuideantque tibi. 10
 Non ego diuitias dando tibi plura dedissem:
 Nil feret ad manes diuitis umbra suos.
 Perpetui fructum donauit nominis idque,
 Quo dare nil potui munere maius, habes.
 Adde quod, *ut* rerum sola es tutela mearum, 15
 Ad te non parui uenit honoris onus,
 Quod numquam uox est de te mea muta tuique
 Indiciis debes esse superba uiri.
 Quae ne quis possit temeraria dicere, persta
 Et pariter serua meque piamque fidem. 20
 Nam tua, dum stetimus, turpi sine crimine mansit
 Et *tantum* probitas inreprehensa fuit.
 Area de nostra nunc est tibi facta ruina:
 Conspicuum uirtus hic tua ponat opus!
 Esse bonam facile est, ubi quod uetet esse, remotum est 25
 Et nihil officio nupta quod obstet habet.
 Cum deus intonuit, non se subducere nimbo,
 Id demum est pietas, id socialis amor.
 Rara quidem uirtus quam non fortuna gubernet,
 Quae maneat stabili, cum fugit illa, pede; 30
 Si qua tamen pretii sibi merces ipsa petiti
 Inque parum laetis ardua rebus adest,
 Vt tempus numeres, per saecula nulla tacetur,
 Et loca mirantur qua patet orbis iter.

Tu, entretanto, serás aclamada célebre pelo meu engenho,
 E, enquanto for lido, junto comigo, ler-se-á teu renome, 5
 Não podes ir toda para a triste pira fúnebre.
 E, embora pareças digna de compaixão pela ruína do marido,
 Encontrarás mulheres que desejariam ser o que és,
 E que, por teres parte em meus infortúnios,
 Digam que és feliz e te invejem. 10
 Eu não teria dado mais, dando-te riquezas:
 Nada levará a sombra do rico a seus manes.
 Dei-te de presente os frutos do nome eterno e este,
 Dom maior não poderia te oferecer, o tens.
 Acresce que, como és a única proteção de minhas coisas, 15
 A ti coube o encargo de uma honra não pequena,
 Porque minha voz nunca ficou muda sobre ti,
 E deves ficar orgulhosa com o testemunho do marido.
 Para que ninguém possa dizer que é sem razão, persevera
 E igualmente preserva a mim e tua pia fidelidade. 20
 Pois tua integridade, enquanto estive em pé, permaneceu
 Sem mancha alguma e foi mais do que irrepreensível.
 Agora, a partir de minha ruína, abriu-se para ti um vasto campo:
 Que tua virtude edifique aqui uma obra que salte à vista!
 Ser virtuosa é fácil, quando está afastado o que impede sê-lo, 25
 Nada tem a esposa que crie obstáculo a seu dever.
 Não se furtar ao temporal quando o deus trovejou,
 Isso sim é lealdade, isso é amor conjugal.
 Rara, certamente, é a virtude que a fortuna não governe,
 Que permaneça em pé firme, quando esta foge; 30
 Mas se ela mesma é a recompensa que procura para si
 E é firme nas situações nada felizes,
 Ainda que calcules o tempo, por nenhum século é silenciada,
 E admiram-na, por onde se estende o caminho do mundo.

Aspicis ut longo teneat laudabilis aevo	35
Nomen inextinctum Penelopea fides?	
Cernis ut Admeti cantetur et Hectoris uxor	
Ausaque in accensos Iphias ire rogos?	
Vt uiuat fama coniux Phylaceia cuius	
Iliacam celeri uir pede pressit humum?	40
Morte nihil opus est pro me, sed amore fideque:	
Non ex difficili fama petenda tibi est.	
Nec te credideris, quia non facis, ista moneri:	
Vela damus, quamuis remige nauis eat.	
Qui monet ut facias, quod iam facis, ille monendo	45
Laudat, et hortatu comprobat acta suo.	

Vês como, por muitos anos louvável, mantém 35
 A fidelidade de Penélope seu nome inextinguível?
 Percebes como é cantada a esposa de Admeto, e a de Heitor,⁴⁷⁹
 E a filha de Ífis que ousou se lançar na pira ardente?⁴⁸⁰
 Como vive na fama a esposa filacéia, cujo marido
 Tocou o solo ilíaco com pé ligeiro?⁴⁸¹ 40
 Não precisa morrer por mim, basta teu amor e fidelidade:
 Não deves procurar fama em provações.
 Não creias que te advirta isso, porque não o fazes:
 Damos velas, mesmo que a nau navegue a remos.
 Quem te aconselha a fazer o que já fazes, ao aconselhar, 45
 Louva-te e, com sua exortação, aprova teus atos.

⁴⁷⁹ A esposa de Admeto é Alceste (ver V, 5, 55-56 e nota) e a de Heitor, Andrômaca (ver IV, 3, 29-30 e nota).

⁴⁸⁰ Evadne, ver IV, 3, 63-64 e nota.

⁴⁸¹ Para Laodamia e Protesilau (natural de Fílace, na Tessália), ver V, 5, 58-59 e nota.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

I. Textos latinos, traduções e comentários dos *Tristes*

- OVID. *Ovid's poetry of exile*. Translated into verse by David R. Slavitt. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1990.
- OVIDE. *Tristes*. Texte établi et traduit par Jacques André. Paris: Belles Lettres, 1987.
- OVIDIO. *Il Tristia*. Volume primo. Traduzione di Francesco Della Corte. Genova-Sestri: Tilgher-Genova, 1972.
- _____. *Tristezze*. Introduzione, traduzione e note di Francesca Lechi. Milano: Rizzoli, 1993.
- _____. *Tristium*. lib. I e II. Illustr. da G. Ferrara. S.1: Sn, 19-?.
- _____. *Tristes, Cartas del Ponto*. Introducción, traducción y notas de Rafael Herrera Montero. Madrid: Alianza, 2002.
- OVÍDIO. *Tristium*. Tradução de Augusto Velloso. Rio de Janeiro: Simões, 1952.
- _____. *Poemas da carne e do exílio*. Seleção, tradução, introdução e notas de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

II. Estudos sobre os *Tristes* e Ovídio

- BARCHIESI, A. "Problemi d'interpretazione in Ovidio: continuità delle storie, continuazione dei testi", in: *Materiali e discussioni per l'analisi dei testi classici*, 16, 1986, pp. 77-107.
- _____. "Insegnare ad Augusto: Orazio, Epistole 2,1 e Ovidio, Tristia II", in: *Materiali e discussioni per l'analisi dei testi classici*, 31, 1993, pp. 149-184.
- BONVICINI, M. *Le forme del pianto: Catullo nei "Tristia" di Ovidio*. Bologna: Pàtron, 2000.
- CICCARELLI, I. *Commento al II libro dei "Tristia" di Ovidio*. Bari: Edipuglia, 2003.

- CONTE, G. B. "Ovid", in: *Latin literature: a history*. Baltimore and London: The Johns Hopkins University, 1994.
- HARDIE, P (ed.). *The Cambridge companion to Ovid*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- _____. *Ovid's poetics of illusion*. Cambridge: Cambridge University, 2002.
- KLODT, C. "Verkehrte Welt: Ovid, Trist. 1,4", in: *Philologus*, 140 (2), 1996, pp. 257-276.
- LANDOLFI, L (a cura di). *Nunc teritur nostris area maior equis. Riflessioni sull'intertestualità ovidiana*. I Fasti. Palermo: Flaccovio Editore, 2004.
- LANDOLFI, L & MONELLA, P. (a cura di). *Ars adeo latet arte sua. Riflessioni sull'intertestualità ovidiana*. Italia: Flaccovio, 2003.
- LUISI, A. & BERRINO, N. F. *Culpa silenda. Le elegie dell'error ovidiano*. Bari: Edipuglia, 2002.
- OVIDIO. *I Tristia*. Volume secondo. Commento a cura di Francisco Della Corte. Genova-Sestri: Tilgher-Genova, 1973.
- MASSELLI, G. M. *Il rancore dell'esule. Ovidio, l'Ibis e i modi di un'invettiva*. Bari: Edipuglia, 2002.
- PIANEZZOLA, E. *Ovidio. Modelli retorici e forma narrativa*. Bologna: Pàtron, 1999.
- SMITH, R. A. *Poetic allusion and poetic embrace in Ovid and Virgil*. Michigan: The University of Michigan, 1997.
- VIDEAU-DELIBES, A. *Les Tristes d'Ovide et l'élegie romaine: une Poétique de La Rupture*. Paris: Klincksieck, 1991.

III. Estudos, textos latinos e traduções da *Eneida*

- ANDERSON, W. S. & QUARTARONE, L. N (ed.). *Approaches to teaching Vergil's 'Aeneid'*. New York: The Modern Language Association of America, 2002.
- CARTAULT. *L'art de Virgile dans l'Énéide*. Paris: Bibliothèque de la Faculté de Lettres de l'Université de Paris, 1926, v. I.
- CONINGTON, J.. *The works of Virgil*. Revised, with corrected orthography and additional notes by Henry Nettleship. Hildesheim: Georg Olms, 1963.
- GARRISON, D. H. *The language of Virgil: an introduction to the poetry of the 'Aeneid'*. New York: Peter Lang, 1993.
- GONÇALVES, M. A. *Tradução da "Eneida" de Virgílio* (livro primeiro e segundo). Rio de Janeiro: Livraria H. Antunes, s.d.
- HIGHET, G. *The speeches in Vergil's 'Aeneid'*. Princeton, New Jersey: Princeton University, 1972.
- HORNSBY, R. A. *Patterns of action in the 'Aeneid': an interpretation of Vergil's epic similes*. Iowa: University of Iowa, 1970.
- LYNE, R.O.A.M.. *Further Voices in Vergil's 'Aeneid'*. Oxford: Clarendon, 1992, pp. 100-144.
- MANZONI, G. *Pugnae maioris imago, intertestualità e rovesciamento nella seconda esade dell' 'Eneide'*. Milano: Vita e Pensiero, 2002.
- MAZZOCCHINI, P. *Forme e significato della narrazione bellica nell'epos virgiliano*. Fasano: Schena, 2000.
- ODORICO MENDES, M. *Virgílio brasileiro*. Tradução da Eneida. Rio de Janeiro: Garnier, 1858.
- PVBLII VERGILI MARONIS. *Aeneis*. Texto completo anotado pelo Pe. Arlindo Ribeiro da Cunha. Braga: Livraria Cruz, 1948.
- _____. *Aeneidos*. Liber Secundus. With a commentary by R. G. Austin. Oxford: Clarendon, 1964.
- RICOTTILLI, L. *Gesto e parola nell' 'Eneide'*. Bologna: Pàtron, 2000.
- VIRGILE. *Énéide*. Texte établi et traduit par Jacques Perret. Paris: Belles Lettres, 1981.

- VERGÍLIO. *Eneida*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Brasília: Universidade de Brasília/ São Paulo: A Montanha, 1983.
- VIRGILIO. *Aeneis*. Tradução, textos introdutórios e notas de Tassilo Orpheu Spalding. São Paulo, Círculo do Livro, s.d.
- _____. *Eneide*. Introduzione, commento e note di Remigio Sabbadini. Torino: Loescher, 1985.

IV. Outros textos clássicos e traduções utilizados

- CATULO. *Poèsies*. Texte établi et traduit par Georges Lafaye. Paris, Les Belles Lettres, 1958.
- _____. *O cancionero de Lésbia*. Introdução, tradução e notas de Paulo Sérgio Vasconcellos, São Paulo: HUCITEC, 1991.
- HORACE. *Épîtres*. Texte établi et traduit par François Villeneuve. Paris: Belles Lettres, 1955.
- OVIDE. *Les Metamorphoses*. Trois tomes. Texte établi et traduit par Georges Lafaye. Paris: Belles Lettres, 1928.
- OVÍDIO. *As Metamorfoses*. Tradução de António Feliciano de Castilho. Rio de Janeiro: Simões, 1959.
- OVIDIO. *Metamorfosis*. Edición e traducción de Consuelo Álvarez y Rosa M^a. Iglesias. 5. ed. Madrid: Cátedra Letras Universales, 2003.
- RES Gestae Diui Augusti*. Texte établi et commenté par Jean Gagé. Paris: Belles Lettres, 1950.
- _____. Edición, traducción y comentario de Juan Manuel Cortés. Madrid: Clásicas, 1994.
- PETRÔNIO. *Satyricon* (edição bilíngüe). Tradução direta do latim e posfácio de Sandra Braga Bianchet. Belo Horizonte: Crisálida, 2004.
- QUINTILIEN. *Institution oratoire*. Texte établi et traduit par Jean Cousin. Paris: Belles Lettres, 1975-1980, 7 vols.

V. Estudos sobre Intertextualidade e Arte Alusiva

- ALLEN, G. *Intertextuality*. London and New York: Routledge, 2000.
- BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- _____. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC/Brasília: Universidade de Brasília, 1987.
- BARCHIESI, A. “Otto punti su una mappa dei naufragi”, in: *Materiali e discussioni per l’analisi dei testi classici*, 39, 1997, pp. 209-226.
- BARROS, D. & FIORIN, J. (orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: Edusp, 1994.
- CHRISTOFE, L. *Intertextualidade e plágio: questões de linguagem e autoria*. Tese de doutorado defendida no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da UNICAMP, 1996.
- CONTE, G. B. *The rhetoric of imitation*. Genre and poetic memory in Virgil and other Latin poets. Ithaca and London: Cornell University, 1996.
- FOWLER, D. “On the shoulders of giants: intertextuality and classical studies”, in: *Roman constructions. Readings in postmodern Latin*. Oxford: Oxford University, 2000.
- GENETTE, G. *Palimpsestes. La littérature au second degré*. Paris: Seuil, 1982.
- HINDS, S. *Allusion and intertext: dynamics of appropriation in Roman poetry*. Cambridge: Cambridge University, 1998.
- KRISTEVA, J. *Introdução à semanálise*. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- PASQUALI, G. “Arte allusiva”, in: *Pagine stravaganti*. Firenze: Sansoni, 1968, v. II.
- VASCONCELLOS, P. S. de. *Efeitos intertextuais na “Eneida” de Virgílio*. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2001.
- WILLS, J. *Repetition in Latin poetry: figures of allusion*. Oxford: Clarendon, 1996.

VI. Outros estudos

- CHARTIER, R. "Figuras do autor", in: *A ordem dos livros*. Brasília: UnB, 1998.
- CHAUSSEURIE-LAPRÉE, J. P. *L'expression narrative chez les historiens latins: histoire d'un style*. Paris: Boccard, 1969.
- CONTE, G. B. *Latin Literature: a History*. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1994.
- CORTE, F. (della). *Enciclopedia Virgiliana*. Roma: Enciclopedia Italiana, 1987.
- FOUCAULT, M. (1969). "O que é um autor?", in: *O que é um autor?* Tradução de António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. /s. l./ Passagens, 1992.
- _____. (1970) *A ordem do discurso*. Aula inaugural pronunciada no Collège de France. Tradução de Sírio Possenti. Campinas, 1993.
- MANGUEL, A.. "O autor como leitor", in: *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MARTIN, R & GAILLARD, J. *Les genres littéraires à Rome*. Préface de Jacques Perret. Paris: Scodel, 1981.
- PETERSMANN, H. "Muerte, alma y más allá em la creencia popular de los griegos y los romanos desde el punto de vista lingüístico", in: *Los estudios clásicos ante el cambio de milenio. Vida, muerte, cultura*. Tomo II. Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, 2002, pp. 262-278.
- PRATA, P. "Questões de autoria na Roma antiga", in: *Cadernos de qualificações*. Campinas: IEL/Unicamp, 2005, n.1, pp. 221-235.

VII. Obras de referência

- ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa, 1940.
- AULETE, C. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Delta, 1958.

- AURÉLIO. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- BRANDÃO, J. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia e da religião romana*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1993.
- _____. *Mitologia grega*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1986 (v. I) e 1993 (v. II).
- CARDONA, F. L. *Mitología romana*. Barcelona: Edicomunicación, 1996.
- CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- ERNOUT, A. & MEILLET, A. *Dictionnaire etymologique de la langue latine*. Paris: Klincksieck, 1951.
- FIRMINO, N. *Dicionário latino português*. 4. ed. São Paulo: Melhoramentos, s.d.
- FORCELLINI. *Lexicon totius latinatis*. Italia: T. Seminarii, 1940.
- FREDOUILLE, Jean-Claude. *Diccionario de civilización romana*. Barcelona: Larousse, 1996.
- GRANT, M. *A Guide to the Ancient World. A dictionary of classical places names*. New York: Barnes & Nobles, 1997.
- GRIMAL, P. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Tradução de Victor Jabouille. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- LEWIS & SHORT. *A new Latin dictionary*. Oxford: Clarendon, 1945.
- MACHADO, J. P. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Confluência, 1952.
- MORAES. *Dicionário da língua portuguesa (recompilado)*. Lisboa: Typographia Lacérdina, 1813.
- GLARE, P. W. *Oxford Latin dictionary*. Oxford: Clarendon, 1969.
- SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. 10. ed. Rio de Janeiro: Garnier, 1993.
- SPALDING, T. O. *Dicionário da mitologia latina*. São Paulo: Cultrix, s.d.